

CARLOS TORRES PASTORINO

Diplomado em Filosofia e Teologia pelo Colégio Internacional S. A. M. Zacarias, em Roma – Professor
Catedrático no Colégio Militar do Rio de Janeiro e Docente no Colégio Pedro II do R. de Janeiro

SABEDORIA DO EVANGELHO



1.º Volume

Publicação da revista mensa1.

SABEDORIA

RIO DE JANEIRO, 1964

INTRODUÇÃO

Antes de penetrarmos no comentário dos Evangelhos, há necessidade de serem explicados certos termos técnicos e de fazer-se ligeiro apanhado histórico, para boa compreensão do que se vai ler .

EVANGELHO

A palavra grega Euaggélion significa “BOA NOTICIA” , e já era empregada nesse sentido pelos autores clássicos, desde Homero. Jesus a utiliza pessoalmente, segundo os testemunhos de Mateus (24: 14 e 26: 13) e de Marcos (1:15; 8:35; 10:29; 13:10; 14:9 e 16:15), Além dessas passagens, a palavra “Evangelho” aparece mais 68 vezes em o Novo Testamento.

TESTAMENTO

A palavra “Testamento”, em grego diathéke, apresenta dois sentidos: 1.0 o “testamento” em que alguém designa seus herdeiros; 2.0 a “aliança” que define os termos de um contrato, a que se obrigam as partes que se aliam. Neste sentido de “aliança entre Deus e os homens” é empregado, dividindo-se em duas partes: o VELHO ou ANTIGO TESTAMENTO, escrito antes da vinda de Jesus; e o NOVO, onde se reúnem os escritos a respeito de Jesus.

Essa distinção foi feita por Jesus: “este cálice é o NOVO TESTAMENTO em meu sangue, que é derramado por vós” (Lc.22:20) ; e Paulo também opõe o Novo ao Velho: “fez-nos ministros idôneos do NOVO TESTAMENTO” (2 Cor.3:6) e adiante: “até o dia de hoje, na leitura do VELHO TESTAMENTO, permanece o mesmo véu” (2 Cor. 3:14).

CÂNONE

A palavra cânone significa “regra “, e designa o exemplar perfeito e completo das Escrituras. O cânone do Novo Testamento é constituído de 27 obras, assim divididas:

A) Livros históricos:

1. Evangelho segundo Mateus (Mt)
2. Evangelho segundo Marcos (Mr)
3. Evangelho segundo Lucas (Lc)
4. Evangelho segundo João (Jo)
5. Atos dos Apóstolos (At)

B) Epístolas Paulinas (de Paulo de Tarso) :

6. Aos Romanos (Rm)
7. Aos Coríntios 1.1\ (1 Cor)
8. Aos Coríntios 2.1\ (2 Cor)

9. Aos Gálatas (Gal)
10. Aos Efesios (Ef)
11. Aos Filipenses (Fp)
12. Aos Colossenses (Co)
13. Aos Tessalonicenses 1.11 (1 Tes)
14. Aos Tessalonicenses 2.a (2 Tes)
15. A Timóteo 1.a (1 Tim)
16. A Timóteo 2.a (2 Tiro)
17. A Tito (Tt)
18. A Filemon (Fm)
19. Aos Hebreus (autoria discutida)

C) Epístolas Universais:

20. De Tiago (Ti)
21. De Pedro 1.a (1 Pe)
22. De Pedro 2.a (2 Pe)
23. De João 1.^a (1 Jo)
24. De João 2.a (2 Jo)
25. De João 3.a (3 Jo)
26. De Judas (Ju)

D) Livro Profético

27. Apocalipse

MANUSCRITOS

Os primeiros exemplares do Novo Testamento eram copiados em papiros (espécie de papel) , material frágil e facilmente deteriorável. Mais tarde passaram a ser escritos em pergaminho (pele de carneiro) , tornando-se mais resistentes e duradouros.

Os manuscritos eram grafados em letras “capitais” ou “unciais” (ou seja, maiúsculas) . Só a partir do 8.º século passaram a ser escritos em “cursivo”, ou letras minúsculas.

ROLOS

As cópias eram feitas em folhas coladas umas às outras, formando uma tira enorme, que era enrolada em “rolos” ou “volumes”.

CÓDICES

Quando as páginas permaneciam separadas e eram costuradas como os nossos livros atuais, por uma das margens, tinham o nome de “códices”.

COPISTAS

Os encarregados de copiar os manuscritos chamavam-se “copistas” ou “escribas”. Mas nem sempre conheciam bem a língua, sendo apenas bons desenhistas das letras. Pior ainda se tinham conhecimento da língua, porque então se arvoravam a “emendar” o texto, para conformá-lo a seus conhecimentos.

Não havia sinais gráficos para separação de orações, e as próprias palavras eram copiadas de seguida, sem intervalo, para poupar o pergaminho que era muito caro. Dai os recursos empregados, como:

ABREVIATURAS

ou reunião de várias letras numa SIGLA, por exemplo: **pq**, para exprimir porque. Algumas abreviaturas eram perigosas, como: OC, que significa “aquele que”. Mas se houvesse um pequenino sinal no meio do O, fazendo dele um “theta”, passaria a significar “Deus”, (cfr. I Tim. 3:16).

COLAÇÃO

A colação de códices é a comparação que se faz entre dois ou mais códices, escolhendo-se a melhor “lição” para cada “passo”.

CUSTOS LINEARUM

A expressão latina “custos linearum” (guarda das linhas) era empregada para designar uma letra que se escrevia no fim das linhas, para “encher” um espaço que ficasse vazio. Por vezes o “custos” era interpretado como uma abreviatura, e entrava como uma “interpolação”; doutras vezes era realmente uma abreviatura, e era interpretada como ‘custos’, não se copiando.

HAPAX LEGÓMENA

São duas palavras gregas que indicam uma palavra usada por um só autor, isto é, um neologismo criado pelo autor e desconhecido antes dele, e que vem empregado uma só vez na obra, como por exemplo a palavra “epiousion” em Mt. 6:1, que não foi traduzida na Vulgata.

HARMONIZAÇÃO

Tentativa que faziam os copistas para “harmonizar” o texto de um livro com o de outro, acrescentando ou tirando palavras.

INTERPOLAÇÃO

Quando um leitor anotava, na entrelinha ou na margem, um comentário seu, e o copista, julgando-o um “esquecimento” do copista “anterior”, introduzia esse comentário como parte do texto.

LIÇÃO

Diz-se da maneira específica de dizer uma frase, Isto é, da forma exata pela qual está escrita.

PASSO

É o “trecho” citado de um autor, por exemplo: “este passo de Mateus está diferente do de Marcos”.

SALTO

Quando o copista pula uma letra, uma sílaba, uma palavra ou até uma linha, por distração ou confusão.

SIGLAS

Abreviações usadas para poupar espaço e tempo.

VARIANTE

Quando existe uma diferença entre dois códices, diz-se que há uma “variante”.

PRINCIPAIS MANUSCRITOS

Os códices gregos unciais (ao todo, pouco mais de cem existem) , são bastante antigos. Os principais são:

A - (alef) ou Sinaítico, no Museu Britânico (séc. IV)

A - Alexandrino, no Museu Britânico (séc. V)

B - Vaticano, no Museu Vaticano, (Séc. IV)

C - É irem, na Biblioteca Nacional de Paris (séc. V)

D - Beza, na Universidade de Cambridge, (séc. VI)

D2 - Claromontano, na Bibl. Nac. de Paris (séc. VI)

Dos códices gregos cursivos ainda existem 1.825 cópias.

Os principais códices latinos, com o texto da “vetus latina”, isto é, da primitiva tradução anterior a Jerônimo, são:

a - Vercellensis (séc. IV) na catedral de Vercelli

b - Veronensis (séc. V) na Biblioteca de Verona

c - Colbertinus (séc V) na Bibl. Nac. de Paris

d - Beza (séc. V) na Univ. de Cambridge

e - Palatinus (séc. V) na Bibl. Nac. de Viena

f - Brescianus (séc. VI) na Bibl. de Brescia

h - Claromontanus (séc. IV/V) na Bibl. Vaticana n.o 7.223.

Quanto aos códices da Vulgata, existem mais de 2.500, remontando os mais antigos aos séculos VI e VU.

OS TEXTOS

Já no século II escrevia Orígenes: “Presentemente é manifesto que grandes foram os desvios sofridos pelas cópias, quer pelo descuido de certos escribas, quer pela audácia perversa de diversos corretores, quer pelas adições ou supressões arbitrárias” (Patrologia Grega, Migne, vol. 13, col. 1.293).

Quanto mais se avançava no tempo, mais crescia o número de cópias e de variantes, aumentando sempre mais o desejo de possuir-se um texto fixo e autorizado. Chegávamos ao 4.º século. Constantino

estabeleceu que o Bispo de Roma devia ser o primaz da Cristandade. O imperador Teodósio deu mão forte aos cristãos romanos, declarando o cristianismo “religião do Estado”, e firmando, desse modo a autoridade do Bispo de Roma. Ocupava o Bispado o então Papa Dâmaso (português de nascimento), devendo anotar-se que, naquela época, todos os Bispos eram denominados “papas”. Desejando atender ao clamor geral, Dâmaso encarregou Jerônimo de estabelecer o TEXTO DEFINITIVO das Escrituras. A tarefa era ingente, e Jerônimo tinha capacidade para desempenhá-la, pois conhecia bem o hebraico, o grego e o latim. Ele devia re-traduzir para o latim todas as Escrituras, já que as versões antigas (vetus latina) eram variadíssimas.

VULGATA

A tradução latina de Jerônimo é conhecida com o nome de Vulgata, ou seja, edição para o vulgo, e tem caráter dogmático para os católicos romanos.

LÍNGUA ORIGINAL

A língua original do Novo Testamento é o grego denominado Koiné, ou seja, comum, popular, falado pelo povo. Não é o grego clássico.

O grego do Novo Testamento apresenta um colorido francamente hebraísta, e bem se compreende a razão: todos os autores eram judeus, com exceção de Lucas, que era grego.

OS EVANGELISTAS

MATEUS (nome grego, Mathaios, que significa “dom de Deus”, o mesmo que Teodoro). Seu nome em hebraico era LEVI.

Diz Papias que “Mateus reuniu os “Logia” de Jesus (ou seja os discursos), e cada um os traduziu como pôde do hebraico em que tinham sido escritos”.

Todavia, jamais foi encontrada nenhuma citação de Mateus em hebraico, nem mesmo em aramaico. Com efeito, em hebraico é que não escreveu ele, já que desde 400 anos antes de Cristo o hebraico não era mais falado, e sim o aramaico, que é uma mistura de hebraico com siríaco. Parece, pois, que Papias não tinha informação segura.

Um argumento em favor do hebraico ou aramaico de Mateus original são seus numerosíssimos hebraísmos. Entretanto, qualquer tradutor teria o cuidado de expurgar a obra dos hebraísmos. Se eles aparecem em abundância, é mais lógico supor-se que o autor era judeu, e escrevia numa língua que ele não conhecia bem, e por isso deixava escapar muitos barbarismos.

Supõe-se que Mateus haja escrito entre os anos 54 e 62.

Dirige-se claramente aos judeus (basta observar as numerosas citações do Velho Testamento e o esforço para provar que Jesus era o Messias prometido aos judeus pelos antigos Profetas). Mateus mostra-se até irritado contra seus antigos correligionários.

MARCOS, ou melhor, JOÃO MARCOS, era sobrinho de Pedro. O nome João era hebraico, mas o segundo nome Marcos era puramente latino. Não deve admirar-nos esse hibridismo, sabendo-se que os romanos dominavam a Palestina desde 70 anos antes de Cristo, introduzindo entre o povo não apenas a língua grega, como os nomes latinos e gregos. (Os romanos impuseram a língua latina às conquistas do ocidente e a grega às do oriente, daí o fato de falar-se grego na palestina desde 70 anos antes de Cristo, por coação dos dominadores).

Marcos escreveu entre 62 e 66, e parece que se dirigia aos romanos, tanto que não vemos nele citações de profecias; apenas uma vez (e duvidosa) cita o Velho Testamento. Mais: se aparece algo de típico

dos costumes judaicos, Marcos apressa-se a esclarecer, explicando com pormenores o de que se trata, como estando consciente de que seus leitores, normalmente, não no perceberiam.

LUCAS, abreviatura grega do nome latino Lucianus, não tinha sangue judeu: era grego puro, de nascimento e de raça. Escreveu em linguagem correta, entre 66 e 70, interpretando o pensamento de Paulo a quem acompanhava nas viagens apostólicas, talvez para prestar-lhe assistência médica, pois o próprio Paulo o chama “médico querido” (cfr. 2.a Cor. 12:7) .

Todo o plano de sua obra é organizado, demonstrando hábito de estudo e leitura e de pesquisa.

JOÃO, chamado também “o discípulo amado”, e mais tarde “o presbítero”, isto é, o “velho”. Filho de Zebedeu, e portanto primo irmão de Jesus, acompanhou o Mestre no pequeno grupo iniciático, com seu irmão Tiago e com Pedro.

Clemente de Alexandria diz ter João escrito o “Evangelho Pneumático”. Sabemos que “pneuma” significa “Espírito”. Então, é o Evangelho espiritual. Em que sentido? Escrito por um Espírito? “Pneumografado”? Tal como hoje dizemos “psicografado”?

João escreveu entre 70 e 100, tendo desencarnado em 104.

Seu estilo é altaneiro, condoreiro e seu Evangelho está, repleto de simbolismos iniciáticos, tendo dado origem a uma teologia.

Linguisticamente, Lucas é o mais correto e Marcos o mais vulgar testando Mateus e João escritos numa linguagem intermediária.

OS SINÓPTICOS

Mateus, Marcos e Lucas seguem, de tal forma, o mesmo plano e desenvolvimento, que podem ser abarcados num só olhar (ópticos) de conjunto (sin) . Verifica-se com facilidade que Mateus foi o primeiro a publicar o seu, tendo Marcos resumido a seguir. Muitos outros seguiram o exemplo desses dois, tendo aparecido talvez uma centena de resenhas dos atos do Mestre. Foi quando Lucas resolveu, conforme declara, “organizar” uma narração escoimada de falhas.

A INSPIRAÇÃO

Aceitamos que a Bíblia, e de modo particular o Novo Testamento, tenham sido inspirados, direta e sensivelmente, por espíritos, se bem que nem todos com a mesma elevação.

Pedro, com toda a sua autoridade de Chefe do Colégio Apostólico, afirma categoricamente, referindo-se aos escritores do Velho Testamento: “homens que falaram da parte de Deus, e que **foram movidos por algum espírito santo**” (2 Pe. 1 :21) . E ainda: “o Espírito de Cristo, que estava neles, testemunhou” (1 Pe. 1: 11) .

E no discurso de Estêvão, narrado em Atos 7:53, o proto-mártir afirma: “vós que recebestes a Lei por ministério de anjos”, isto é, por intermédio de espíritos.

Tudo isso é normal e comum até nossos dias. Mas, desconhecendo a técnica, cientificamente estudada e experimentada por sábios e pesquisadores espiritualistas, a partir de Allan Kardec, os comentadores se perdem em divagações cerebrinas. Ao invés de admitir a psicografia (direta, mecânica ou semi-mecânica) e a psicofonia (total ou parcial), a audiência evidência, ficam a conjecturar “como” pode ter-se dado o fato, chegando a afirmar que “as pedras da Lei foram realmente escritas pelo dedo de Deus” (Dr. Tregelles, Introdução ao N.T.).

Mais modernamente, Joseph Angus (Hist. Doutr. e Interpr. da Bíblia), escreve: “notam-se, nas diversas partes da Bíblia, no conteúdo e no tom, diferenças evidentes; têm sido feitas distinções entre “inspiração de direção” e “inspiração de sugestão” (?) ; entre a iluminação e o ditado; entre “influência dinâ-

mica” e “influência mecânica”. Vê-se que já se está aproximando da realidade, mas o desconhecimento dos estudos modernos o faz ainda titubear.

Ainda a respeito da inspiração, perguntam os teólogos se a inspiração da Bíblia deve ser considerada VERBAL (isto é, que todas as suas PALAVRAS tenham sido inspiradas diretamente por Deus - naturalmente no original hebraico ou grego) , ou se será apenas IDEOLÓGICA. Faz-se então a aplicação: em Tobias, 11:9, é dito “então o cão que os vinha seguindo pelo caminho, correu adiante, e como que trazendo a notícia, mostrava seu contentamento abanando a cauda”. Pergunta-se: é de fé que “o cão abane a cauda quando está alegre”? E respondem: “não, mas é de fé Que. naquele momento, um cão abanou a cauda...

Não era assim que pensava Jesus, quando dizia que “o espírito vivifica, a carne para nada aproveita” (30. 6:63) ; nem Paulo, quando afirmava: “não somos ministros da letra (escravos da letra) , mas do espírito, pois a letra mata, mas o espírito vivifica” (2 Cor. 3:6). E aos Romanos: “de sorte que sirvamos na novidade do espírito, e não na velhice da letra” (Rum. 7:6.). E mais ainda: quando, em o Novo Testamento se cita o Velho, a citação é sempre feita **ad sensum** (isto é, pelo sentido) , e não **ad litteram** (literalmente) , e quase sempre pela tradução dos Setenta, e não pelo original hebraico, embora fossem judeus.

INTERPRETAÇÃO

Para interpretar com segurança um trecho da Escritura, é mister

- a) isenção de preconceitos
- b) mente livre, não subordinada a dogmas
- c) inteligência humilde, para entender o que realmente está escrito, e não querer impor ao escrito o que se tem em mente.
- d) raciocínio perquiridor e sagaz
- e) cultura ampla e polimorfa mas sobretudo:
- f) CORAÇÃO DESPRENDIDO (PURO) E UNIDO A DEUS.

Os quatro primeiros itens são pessoais, geralmente inatos, mas podem ser adquiridos por qualquer pessoa. O item e requer conhecimento profundo de hebraico, grego e latim, assim como de idiomas correlatos (árabe, sírio, caldaico. arameu. copto. egípcio. etc.) , Contato com obras de autores profanos da literatura greco-latina, dos “Pais” da igreja, etc. Noções seguras de história, geografia, etnografia, ciências naturais, astronomia. cronologias e calendários. assim como de mitologias e obras de outros povos antigos.

Mas há necessidade, ainda, de obedecer a determinadas regras:

1.ª regra - estudar o trecho e cada palavra **gramaticalmente**, dentro das regras léxicas, sintáticas e etimológicas, assim como do uso tradicional dos termos e das expressões.

Por exemplo, a título de ilustração:

a - existem freqüentes hendíades (isto é, emprego de duas palavras unidas pela preposição, em lugar de um substantivo e um adjetivo) , como: “obras de fé” por “obras fiéis”; “trabalho de caridade”, por “trabalho caridoso”; “paciência de esperança” por “paciência esperançosa”; “espírito da promessa” por “espírito prometido”. Ou então, duas palavras unidas pela conjunção “e”, ao invés de o serem pela preposição, como: “ressurreição E vida” por “ressurreição DA vida”; “caminho, verdade e vida”, por “caminho DA verdade e DA VIDA “, etc. Isto porque, em hebraico, eram colocados dois substantivos, um ao lado do outro, e isto bastava para relacioná-los;

b - a expressão “filho de” exprime o possuidor de uma qualidade (positiva ou negativa) : filho da paz significa “pacífico”; filho da luz quer dizer “iluminado” (cfr. Lc. 10:6 e Ef. 5:8) ;

c - expressões típicas, como “se alguém não aborrecer. . . “ (Lc. 14:26) , exprimindo: “se alguém não amar menos. . .”;

d - os números possuem sentido muito simbólico, assim:

10 - diversos

40 – muitos

7 - grande número

70 - todos, sempre

Então, não devem ser tomados à risca.

e - os nomes de cidade e de pessoas precisam ser observados com “atenção. Basta recordar que “César”, em Lc. 2:1 refere-se a Tibério, mas em At. 25:21 refere-se a Nero.

2.^a regra - Interpretar o texto de acordo com o contexto. Por exemplo, “obras” pode significar “boas ações”, como em Rom. 2:6, em Mt. 16:27; ou pode exprimir apenas “ritos, liturgia”, como em Rom. 3:20, 28, etc.

Neste campo, podemos explicar o texto segundo o contexto, quer por analogia, quer por antítese; ou então, por paralelismo com outros passos.

Não perder de vista, no contexto, que:

a - as palavras podem ser compreendidas em sentido mais, ou menos, amplo, do que o sentido ordinário;

b - as palavras podem exprimir o contrário (por ironia) , como em Jo. 6:68;

c - não havendo sinais diacríticos nem pontuação nos manuscritos e códices, temos que estudar a localização exata das vírgulas e demais sinais, especialmente dos parênteses;

d - podem aparecer diálogos retóricos, como em Rom. cap. 3.

3.^a regra - Quando há dificuldade, consideremos o objetivo do livro ou do trecho, e interpretemos o “pequeno” dentro do “grande”, o pormenor dentro do geral, a frase dentro do período. Por exemplo, em Romanos (14:5) Paulo permite aos judeus a observância de datas, enquanto aos Gálatas (4:10-11) proíbe que o façam; isto porque, entre estes, os judeus queriam obrigar os gentios à observância das datas judaicas.

4.^a regra - Comparar Escritura com Escritura, é melhor que fazê-lo com obras profanas.

Por exemplo, a expressão “ revesti0 o Cristo” (Gál. 3:27) é explicada em Rom. 13:14 e é descrita em pormenores em Col. 3:10.

DIVERSOS SENTIDOS

Cada Escritura pode apresentar diversas interpretações, no mesmo trecho. A vantagem disso é que, de acordo com a escala evolutiva em que se acha a criatura que lê, pode a interpretação ser menos ou mais profunda.

Os principiantes compreendem, de modo geral, a “letra” e a ela se apegam. Mas, além do sentido literal, temos o alegórico, o simbólico e o espiritual ou místico.

O sentido alegórico faz extrair numerosas significações de cada representação, compreendendo, por exemplo, a história de Abraão como uma alegoria das relações entre a matéria e o espírito.

A interpretação simbólica é mais elevada: dá-nos a revelação de uma verdade que se torna, digamos assim, “transparente” e visível, através de um texto que a recobre totalmente; basta-nos recordar a CRUZ, para os cristãos: é um símbolo muito mais profundo, que os dois pedaços de madeira superpostos.

A interpretação espiritual é aquela que dificilmente poderá ser expressa em palavras, mas é sentida e vivida em nosso eu mais profundo, levando-nos, através de certas palavras e expressões, à união mística com a Divindade que reside dentro de nós. Quase sempre, a compreensão espiritual ou mística da Escritura leva ao êxtase, e portanto à Convivência com o Todo.

Dadas estas notas introdutórias, iniciaremos um comentário dos Evangelhos, a começar pelo de João, pois procuraremos interpretar os Evangelhos num todo único, afim de evitar repetições. Fizemos, pois, uma “harmonia” dos quatro evangelistas, e iremos dando os textos para logo a seguir comentá-los.

ESQUEMA ETERNO DA MISSÃO DE JESUS

JOÃO, 1:1-18

- 1. No princípio era o Verbo e o Verbo .estava em Deus e o Verbo era. Deus.**
- 2. Ele estava no princípio em Deus.**
- 3. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada foi feito.**
- 4. O que foi feito nele, era. a Vida e a Vida era a Luz dos homens;**
- 5. e a Luz resplandece nas trevas e as trevas não prevaleceram contra ela.**
- 6. Houve um homem, chamado João, enviado por Deus.**
- 7. Veio ele como testemunha, para dar testemunho da Luz, a fim de que por meio dele todos os homens cressem.**
- 8. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da Luz.**
- 9. Havia. a Luz Verdadeira que ilumina a todo homem que vem ao mundo.**
- 10. Ele estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu.**
- 11. Veio entre os seus, e os seus não o receberam.**
- 12. Mas deu o poder de tornar-se filhos de Deus a todos os que o receberam, aos que acreditaram em seu nome,**
- 13. que não nasceram nem do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.**
- 14. E o Verbo se fez carne e construiu seu tabernáculo dentro de nós, cheio de graça e Verdade, e nós contemplamos sua glória, glória. igual à do Filho Unigênito do Pai.**
- 15. João dá testemunho e exclama: ..Eis aquele de quem eu dizia : O que vem depois de mim é maior do que eu, porque existia antes de mim”.**
- 16. De sua plenitude todos nós recebemos, e graça por graça,**
- 17. porque a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.**
- 18. Ninguém jamais viu Deus: o Filho Unigênito que está no seio do Pai é que O revelou.**

Neste preâmbulo do Evangelho de João, o mais altaneiro e Inspirado, temos revelada, em poucas mas profundas palavras, a teologia que Jesus ensinou a discípulos.

Não temos um tratado completo, mas as noções básicas para. que a humanidade possa compreender o assunto.

O evangelista define, desde o início, o que pretende: falar de Deus através de suas manifestações. Não só do ABSOLUTO (no sentido que os hindus emprestam à palavra BRAHMAN) .

A única idéia que nossa imperfeição pode fazer de Deus, é que o Absoluto, sem princípio nem fim, sem limitação alguma. Não uma pessoa, mas uma Força Infinita, uma Razão Ilimitada, a Mente Universal. Falando a respeito dessa Força (de Deus) , Jesus assim se expressa (Jo.4:24) : “Deus é ESPÍRITO”. Então, ESPÍRITO é a palavra que pode exprimir essa Inteligência Divina, essa Inteligência Uni-

versal, essa Força Cósmica, que está em toda parte, permeando e impregnando tudo: o Absoluto, o TODO inteligente, que faz brotar as plantas e impele ao nascimento os seres, e ao mesmo tempo, que regula o movimento dos astros nos espaços infinitos.

Mas, desde o princípio (e poderíamos dizer, desde o princípio sem princípio) , esse ESPÍRITO era ATIVO. Ora, a atividade fundamental da Inteligência é o pensamento, ou a PALAVRA (em grego Logos, em latim Verbo) .

Então, a primeira manifestação da Divindade é a PALAVRA, ou seja, o PODER CRIADOR, o PAI. Mas, toda palavra produz seu efeito, toda criação produz o ser no qual o criador se transforma. E isto está dito no versículo 14: “o Verbo se tornou carne”, isto é, produziu seu efeito, e apareceu o FILHO.

Eis, portanto, esboçada a teologia joanina, que, sem dúvida, devia representar a que Jesus lhe ensinou: DEUS, o Absoluto, junto ao qual e no qual se encontrava a própria manifestação que é sua PALAVRA, e logo a seguir o efeito dessa palavra, o FILHO. Daí a concepção da Trindade como DEUS ou ESPÍRITO - o VERBO ou PAI – o FILHO ou CRISTO.

Em outras palavras, poderíamos dizer:

DEUS - o Amor.

O PAI - o Amante.

O FILHO - o Amado.

Por causa da aproximação do versículo 1 com o 14, houve confusão, e acreditou-se que o Verbo era o Filho, não se reparando na contradição dos termos: Verbo é palavra ativa, ao passo que Filho é palavra **passiva**. Verbo é o Criador, Filho é o Criado.

Então, o Filho é o resultado do Verbo, o produto do Pai, embora esteja perfeitamente certo dizer-se que o “Verbo se tornou carne”. Isto - porque em Deus não há “pessoas” nem divisões possíveis: é o Absoluto, o Infinito, o Todo. Quer o denominemos Espírito, Pai ou Filho, tudo constitui o UM, o único.

Desde O princípio incriado existe em Deus o Poder Criador, o Verbo.

Por isso tem razão o evangelista quando diz: “no princípio havia o Verbo, ou Pai, que estava em Deus e que era o próprio Deus”. Esse Verbo, ao ser emitido, produziu o som, o seu efeito, a manifestação divina, que é o Espírito Divino (o Espírito Santo) em todos os Universos, ao qual chamamos o CRISTO, o FILHO UNIGÊNITO DE DEUS.

O homem, feito à imagem e semelhança de Deus, tem em si as mesmas propriedades: ele, o homem, a “centelha divina”, o “raio de luz que emanou da Fonte da Luz”, possui em si a Palavra Criadora” o Pensamento, que constitui a individualidade perene; mas esta, ao produzir seu efeito, torna-se a personalidade que busca a matéria para aperfeiçoar-se, surgindo então a personalidade, que é o Filho.

Deus é a Fonte da Luz, O ESPÍRITO; sua emissão é o VERBO ou PAI CRIADOR, que ilumina os raios luminosos que da Fonte partem constituem o Filho, o CRISTO, O Filho Unigênito do Pai. Então, CRISTO é a manifestação sensível de Deus, é a Força Divina que impregna tudo.

Tudo provém de Deus, tudo está EM Deus, e Deus está EM tudo, por sua manifestação cristônica. No entanto, erram os panteístas, quando afirmam que todas as coisas reunidas e somadas formariam Deus. Jamais poderia isto ocorrer. Mas tem razão o Monismo quando afirma que Deus está em todos e em tudo, conforme diz Paulo em Ef. 4:5 e em 1 Cor. 14:28. Deus é o substractum, a substância última de todas as coisas, de tudo o que existe, porque tudo o que existe, existe em Deus.

No versículo 3 esta dito: “tudo foi feito por ele”. Logicamente, tudo promana do Verbo, do Pai Criador, que é o Pai “nosso”, cujo poder é emprestado ao homem, imagem de Deus e centelha divina. “Nele estava a Vida”, porque a Vida é Deus, a Vida é a manifestação da Divindade.

A Luz resplandece nas trevas, e contra ela as trevas não prevaleceram”. O sentido literal é de absoluta clareza”; por maiores que sejam as trevas, elas não prevalecem nem mesmo contra um pequenino palito de fósforo que se acenda. Entretanto, observamos que há outro sentido, que pode deduzir-se das palavras anteriores. No versículo 4 está explicado: “A Vida é a Luz dos homens”. Se a Vida é a Luz dos homens, então as trevas exprimem a morte. Compreendemos, pois: a morte não prevalece contra a vida. Tudo o que nos parece morte, é apenas o desfazimento dos veículos materiais de que está revestido o espírito.

Nos versículos 6 a 8, encontramos uma pequena intromissão, falando a respeito de João Batista: “houve um homem, chamado João, ENVIADO por Deus”. A dedução lógica é evidente: se ele foi ENVIADO, é porque já existia. Com efeito, o evangelista não diz: houve um homem CRIADO por DEUS” mas ENVIADO por Deus... Observe-se: bem o sentido certo das palavras. Se foi enviado, é porque existia antes de nascer, e não apenas existia, como devia ser um espírito de rara inteligência, de grande elevação moral e de muito adiantamento espiritual, com profundo conhecimento da Luz, da qual devia dar testemunho. Deus o ENVIOU para que ele dissesse aos homens aquilo que ele conhecia, que havia visto, que podia testemunhar por experiência própria e direta.

Não estranhemos o modo de expressar-se do evangelista: quase a cada passo do Novo Testamento, encontramos uma referência clara ou velada à vida do espírito anterior ao nascimento na Terra, ao que chamamos reencarnação.

João Batista conhecia a Luz ANTES DE NASCER NA TERRA, porque tinha existência plenamente consciente, era dotado de inteligência, e podia testificar aquilo que vira. Podia, pois, afirmar: “eu sei, eu vi”. E os outros podiam crer nas palavras dele. Mas o evangelista não deixa de chamar a atenção dos leitores: “ele NÃO ERA a Luz”, apenas a conhecia.

Depois de falar nisso, o evangelista alça-se a falar na Luz Verdadeira, na Verdadeira Vida, que vivifica toda criatura, Vida que é uma das manifestações da Divindade nos seres criados. Essa manifestação divina está no mundo, mas o mundo não a reconhece, embora tire dela sua própria origem.

E dessa Luz, passa logo a falar na Luz que se materializou na Terra: a figura ímpar de Jesus, aquele de quem justamente João viera para dar testemunho. E o apóstolo diz que Jesus era “a verdadeira Luz que ilumina todos os homens que vêm à Terra”. E Jesus estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, ele estava entre “os seus” e “os seus não o reconheceram”...

Precisamos distinguir aqui entre JESUS, o homem, e o CRISTO, a força divina que impregna todas as coisas, todos os seres.

JESUS é um espírito humano, com uma evolução incalculável à nossa dianteira. Foi ele quem criou este globo terráqueo (senão todo o sistema solar). Ele mesmo, Jesus - habitante elevadíssimo de algum planeta divino - (“na casa de meu Pai há muitas moradas”, Jo. 14:2) teve o encargo de criar mais um planeta no Universo infinito.

Assim como determinamos a uma criança que, de um pedaço de madeira, faça uma espátula; ou encargamos a um mestre de obras a construção de uma casa; ou solicitamos de um engenheiro a construção de uma máquina eletrônica; assim Jesus foi o encarregado de construir um planeta. E ele o fez. Não num abrir e fechar d'olhos, como num passe de mágica; nem sozinho, mas com auxiliares diretos seus arquitetos divinos e de força transcendente. A Bíblia, no Gênesis, confirma isso, quando diz que o mundo (a Terra) foi feita pelos “elohim”. A palavra hebraica “elohim” é o plural de “elohá”, e exprime os espíritos. Todos os “elohim” estavam sob a direção de um Espírito-Chefe, que o Velho Testamento chama “Jeová” (YHVH).

Esse espírito Jeová foi o construtor ou criador da Terra; ele agora estava na Terra, a Terra foi feita por ele, e “os seus” não o reconheceram”... Vemos uma semelhança entre Jeová e Jesus; Jeová, o Espírito diretor das atividades da Terra, tomou o nome de Jesus quando reencarnou em nosso (melhor, em SEU planeta). Leia-se o que está escrito em Isaías, quando esse profeta fala ao povo israelita: “EM TI NASCERÁ JEOVÁ” (Is.60:2). Além disso, se dividirmos ao meio o tetragrama sagrado (YHWH) , e

no centro acrescentarmos um **schin**, a leitura será exatamente o nome YEH-SH-UAH, ou seja, JESUS em hebraico: **יְהֹשֻׁעַ**.

“Ele veio entre os seus, e os seus não o receberam”. Realmente, todos nós, na Terra, pertencemos a ele, que nos veio trazendo desde o início da evolução, acompanhando nossos passos com carinho e amor.

E o apóstolo prossegue: “deu o poder de tornar-se **filhos de Deus** a todos os que o receberam e acreditaram em seu nome”. Não por causa de privilégios, mas por evolução própria, veremos mais abaixo.

A expressão “filho de”, muitíssimo usada na Bíblia, é um hebraísmo que exprime o ser, que possui a qualidade do substantivo que se lhe segue. Por exemplo: “filho da paz” é o pacífico; “filho da luz” é o iluminado; então, “filho de Deus” é o ser que se divinizou, que se tornou participante da Divindade, que conseguiu ser “um com o Pai”. E todos os que nele acreditam e obedecem a seus preceitos, tornam-se divinos: “eu e o Pai viremos e NELE faremos morada” (Jo. 14:23).

Aí reside o segredo de a criatura tornar-se divina.

Mas esses seres que se divinizaram, “não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”. São três expressões claras: o sangue, a carne, o homem. Desses três não depende o tornar-se divino. O sangue exprime a alma, ou corpo astral, ou perispírito, conforme se lê “a alma da carne é o sangue” (Lev. 17:11); a carne representa o corpo físico, a matéria densa, acompanhada logicamente do duplo etérico; o homem simboliza o intelecto. Essas são as partes constituintes da PERSONALIDADE. E realmente não depende da personalidade o encontro com Deus, e sim da INDIVIDUALIDADE SUPERIOR. Tornam-se unidos a Deus aqueles que já vivem na individualidade, embora ainda encarcerados na matéria, presos à personalidade inferior e transitória da carne.

Continua o evangelista a explicar o mesmo assunto: “o Verbo se fez carne e **construiu seu tabernáculo dentro de nós** (verifique-se o sentido do original grego: ἐσθίημεν ἑν ἡμῖν . Precisamente o grande mistério revelado: o CRISTO, em que se transformou o Verbo, reside DENTRO de cada um de nós, dentro de nossa matéria, de nossa carne: o Verbo se tornou carne. E espera que vamos ao encontro dele, que nele acreditemos, porque ele aí está, “cheio de graça e de verdade”, ou seja, cheio da verdadeira graça que é a benevolência (χαρις) e o amor.

A glória do CRISTO dentro de cada um de nós ainda não se manifesta exteriormente, por causa de nossa imperfeição: somos como lâmpadas poderosíssimas e acesas, mas revestidas de grossa camada de lama, que não deixa transparecer a luz que existe internamente. Em Jesus, não: a limpeza era absoluta, sua transparência era mais límpida que a do mais puro cristal imaginável, e a luz interna do CRISTO era totalmente visível, a tal ponto que Paulo pôde escrever: “nele habitava TODA A PLENITUDE DA DIVINDADE” (Col. 2:9) . Por isso foi Jesus chamado “O CRISTO”, e dele disse o evangelista: “nós contemplamos a sua glória, glória IGUAL A DO FILHO UNIGÊNITO DO PAI”, ou seja, a glória de Jesus era igual à glória do Cristo Eterno, Filho de Deus, terceiro aspecto da Divindade.

Não podemos, pois, condenar aqueles que, durante tantos séculos, adoraram e adoram a Jesus como Deus: sim, Jesus é a manifestação plena da Divindade. Em todas as criaturas reside Deus no mesmo grau, mas em nós, imperfeitos, Deus se acha encoberto por nossa personalidade vaidosa; em Jesus, todavia, perfeitíssimo como era, o Cristo Eterno transparecia com assombrosa pureza. E todos os que “tinham olhos de ver”, reconheceram essa manifestação cristônica.

Não viram Deus EM SI, ou seja, o ESPÍRITO ABSOLUTO. O próprio evangelista esclarece: “Ninguém jamais viu Deus”. Mas “o Filho Unigênito (o Cristo) , que está no seio do Pai” o revelou, manifestando-se em Jesus. E está conclamando todos os homens para que o revelem. Paulo o descreve com palavras sentidas: “o Espírito vem em auxílio de nossa fraqueza... e intercede por nós com gemidos indizíveis” (Rom. 8:26) .

João Batista reconhecia que Jesus era maior e anterior a ele, Mas assim como em Jesus .habitava toda a plenitude da Divindade”. assim também NÓS TODOS recebemos de sua plenitude. Deus não faz acepção de pessoas. Dá tudo a todos igualmente. Mas cada um recebe de acordo com sua capacidade receptiva, com sua evolução.

Isto também afirma o evangelista: “De sua plenitude TODOS NÓS recebemos, e GRAÇA POR GRAÇA”. Sem dúvida, a cada passo que damos, aumentamos nossa capacidade evolutiva, ao que corresponde um acréscimo da manifestação divina em nós: a cada aumento do recipiente corresponde um pouco mais de conteúdo. Assim conosco: “todos nós recebemos DE SUA PLENITUDE, mas GRAÇA POR GRAÇA”.

Chegando ao fim desse intróito sublime, o evangelista acrescenta mais uma pérola: “porque a Lei foi dada por Moisés, mas a Graça e a Verdade vieram por Jesus, o Cristo”. Não percamos de mira que Graça (em grego **charis** ...) exprime o sentido de “benevolência, boa vontade”. Nem nos esqueçamos de que a construção grega “graça e verdade” pode formar uma hendíades. Então, o sentido que, legitimamente, pode deduzir-se daí é o seguinte: “A LEI foi revelada por Moisés” (a Lei de Causa e Efeito = dente por dente), mas a VERDADEIRA BENEVOLÊNCIA veio com Jesus o Cristo”, que nos ensinou a “misericórdia, isto é, o segredo para libertar-nos dessa Lei.

Realmente, Moisés foi o Legislador para a personalidade humana, estabelecendo numerosas restrições e proibições. Jesus foi o Legislador divino para a individualidade eterna, estabelecendo as bases para o contato do homem insignificante com o Cristo, da criatura com o Criador, na “gloriosa liberdade dos Filhos de Deus” (Rom. 8: 21) , porque 'onde há o Espírito de Deus, aí há liberdade” (2 Cor. 3:17).

Em todos os capítulos, em todas as palavras dos Evangelhos, encontramos chamamentos angustiosos do Cristo, para que o homem siga seu caminho infinito ao encontro do Pai.

E além das palavras, encontramos o magnífico exemplo de Jesus, nosso irmão primogênito, que segue à nossa frente, indicando-nos o caminho com sua própria vida, com seus atos, com seu amor, ensinando-nos que só no AMOR, semelhante ao dele, podemos encontrar a rota definitiva: “um novo mandamento vos dou, que vos ameis uns aos outros TANTO, QUANTO eu vos amei” (Jo. 34:13).

Como fecho sublime do intróito, a frase lapidar: “Ninguém jamais viu a Deus: O Filho Unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou.” Na realidade. Deus, o Pensamento ou Mente Universal, é invisível: é uma Força, é a Vida, é o Amor, é a Substância e a Essência de todas as coisas que existem. Ninguém pode vê-lo no sentido do verbo grego **oráo** (...), ou seja, “contemplar com os olhos”.

O “Filho Unigênito é o CRISTO, o terceiro aspecto da Divindade, o “produto do pensamento divino, que se encontra em todas as coisas”. O evangelista esclarece: “que está no seio do Pai”, o que é lógico: assim como o Pai (o Verbo) está com Deus, está em Deus e é Deus (vers, 1), assim também o Filho (Cristo) está com o Pai, está no Pai, e é o Pai (cfr.: “eu e o Pai SOMOS UM”, Jo. 10:30; e “Eu estou NO Pai e o Pai está EM mim”, Jo. 14:11). São apenas ASPECTOS (não “pessoas”) de UM SÓ DEUS, de UMA SÓ FORÇA CÓSMICA.

Então, o FILHO ou CRISTO, que está em todos e em tudo, é que revela, “ensina, explica” (grego **ex-egésato**, ...) o que seja DEUS. Sua Manifestação, por intermédio de Jesus, veio trazer-nos a verdadeira benevolência “ de Deus em relação a nós, seus filhos, para convidar-nos a voltar a ser UM com Ele.

O PRÓLOGO DE LUCAS

Luc. 1:1-4

1. **Tendo muitos empreendido fazer uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram,**
2. **como não-las transmitiram os que foram dele! testemunhas oculares desde o princípio e ministros da palavra,**
3. **também a mim - depois de haver investigado tudo cuidadosamente desde o começo - pareceu-me bem, excelentíssimo Teófilo, dar-te por escrito uma narração em ordem,**
4. **para que conheças a verdade das coisas em que foste instruído.**

Por este prólogo, ficamos sabendo que muitos haviam tentando escrever a história da vida de Jesus. Mas as obras eram desorganizadas, já que os autores não possuíam cultura. Lucas, por ser médico, estava acostumado ao estudo sistemático, tendo por isso competência para traçar um quadro numa ordem que era mais lógica que cronológica.

É o que ele tenta fazer. Habitado, porém, à pesquisa científica, antes de fazê-lo empreende a busca de pessoas que haviam conhecido de perto o Mestre e acompanhado Sua vida, já que o médico grego não chegara a encontrar-se pessoalmente com Jesus.

Pelo que narra, e por suas viagens ao lado de Paulo, passando por Éfeso, chegamos à conclusão de que uma das pessoas ouvidas foi Maria, a mãe de Jesus, que passou os últimos anos de sua vida nessa cidade, em companhia de João (o Evangelista).

Lucas deseja começar “desde o princípio” (ἀποθεν). Esse advérbio grego pode ter dois sentidos principais: “**do alto**” (donde o sentido de “desde o começo”, isto é, “do ponto mais alto no tempo”), e também o sentido de “**de novo**”. Ambos podem caber aqui: “**depois de haver investigado tudo cuidadosamente de novo**”, ou seja, sem fiar-se ao que apenas lera nos muitos escritos anteriores.

A obra é dedicada a Teófilo, palavra grega θεόφιλος que significa “amigo de Deus”. De modo geral, afirmam os comentadores tratar-se de uma personagem real e viva àquela época, por causa do título “excelentíssimo” que lhe é anteposto. E deduzem ser o “Teófilo” convertido por Pedro em Antióquia, e do qual fala a obra **Recognitiones** (Patrologia Grega, vol. 1, col. 1453), dizendo-se “o mais elevado entre todos os poderosos da cidade”.

Entretanto, parece-nos dirigir-se Lucas aos cristãos que realmente fossem “**amigos de Deus no mais sublime ou excelente sentido**”. Não confundamos o sentido atual do título “excelentíssimo”, aplicado habitualmente às pessoas de condição social elevada, com o sentido etimológico da palavra, ainda usado por nós, quando dizemos: “**esta pintura está excelente**”. A época de Lucas, não nos consta ser corrente o título honorífico; mas é indubitável que o sentido etimológico existia.

Compreendamos, então: “ó amigo excelente de Deus”.

O mesmo tipo de prólogo lemos no início dos “Atos dos Apóstolos”, obra também do mesmo autor Lucas, e que serviria de continuação natural ao Evangelho que ele escrevera. Nos Atos lemos: “em minha primeira narrativa, ó Teófilo, contei”...

Se pois, os cristãos, a quem se dirigia Lucas, eram “excelentes”, no mais elevado grau (excelentíssimos), o evangelista tinha a intenção de dedicar-lhes uma obra com revelações profundas, alegóricas e

simbólicas, que pudessem trazer algo mais didático quanto à espiritualização; e não apenas o relato “histórico e cronológico”.

Queixam-se os comentadores profanos de que não há datas nos Evangelhos, e que portanto os fatos não podem ser situados “cronologicamente na História”. Mas eles não escreveram para a personalidade transitória: trouxeram ensinamentos para a individualidade eterna, transitoriamente de passagem pela Terra (“enquanto estou nesta TENDA DE VIAGEM”, 2 Pe. 1:13). E por isso, o essencial era o sentido profundo, que se escondia nas entrelinhas, e que hoje precisa ser lido mais com o coração do que com o intelecto.

RESUMO DA TEORIA DA ORIGEM E DO DESTINO DO ESPÍRITO

Os cristãos, pelo menos os que eram, “excelentíssimos amigos de Deus”, deviam ter conhecimento do sentido profundo (digamos “oculto”) que havia nos ensinamentos e nas palavras de Jesus, assim como nos de toda a Antiga Escritura (da qual dizia Paulo que, àquela época, “ainda não fora levantado o véu”, 2 Cor. 3:14) com referência à origem e destino da criatura humana.

Cada ensinamento e cada fato constituem, por si mesmos, uma alusão, clara ou velada, à orientação que Jesus deu à Humanidade, para que pudesse viajar com segurança pela Terra.

Afastados de Deus, da Fonte de Luz (não por distância física, mas por frequência vibratória muito mais baixa), o Espírito tinha a finalidade de tornar a elevar sua frequência, para novamente aproximar-se do Grande Foco de Luz Incrível.

Note-se bem que, estando Deus em toda parte e em tudo (Ef. 4:6) e em todos (1 Cor. 15:28), ninguém e nada pode jamais “separar-se” de Deus, donde tudo provém e no qual se encontram todas as coisas, já que Deus é a substância última, a essência REAL de tudo e de todos. Tudo o que “existe”, EST EX, ou seja, está de fora, exteriorizado, mas não “fora” de Deus, e sim DENTRO DELE.

Assim, a centelha divina, o “Raio de Luz”, afastando-se do Foco - não por distanciamento físico, mas - por abaixamento de suas vibrações, chegou ao ponto ínfimo de vibrações por segundo, caindo no frio da matéria (de 1 a 16 vibrações por segundo). Daí terá novamente que elevar sua frequência vibratória até o ponto de energia e, continuando sua elevação, até o espírito, e mais além ainda, onde nosso intelecto não alcança.

A criatura humana, pois, no estágio atual - a quem Jesus trouxe Seus ensinamentos - é uma Centelha-Divina, porque provém de Deus (At. 17:28, “Dele também somos geração”). Mas está lançada numa peregrinação pela Terra, numa jornada árdua para o Infinito. Na criatura, então, a essência fundamental é a Centelha-Divina, a Mônada: isso constitui nosso EU PROFUNDO ou EU SUPREMO, também denominado CRISTO INTERNO, que é a manifestação da Divindade.

Entretanto, um raio-de-sol, por mais que se afaste de sua fonte, nunca pode ser dela separado, nunca pode “destacar-se” dela (quem jamais conseguiu “isolar” um raio-de-sol de sua fonte? qualquer tentativa de interceptá-lo, faz-lo retirar-se para trás, e só permanecemos com a sombra e as trevas). Assim o ser humano, o EU profundo, jamais poderá ser “destacado” nem “separado” de sua Fonte, que é Deus; poderá afastar-se aparentemente, por esfriamento, devido à baixa frequência vibratória que assumiu.

Ora, acontece que esse Raio-de-Sol (a Centelha-Divina) se torna o que chamamos um “Espírito”, ao assumir uma individualidade. Esse espírito apresenta tríplice manifestação (“à imagem e semelhança dos elohim”, Gên. 1:26):

- 1 - a Centelha-Divina - o EU, o AMOR;
- 2 - a Mente Criadora - o Verbo, o AMANTE
- 3 - o Espírito Individualizado - o Filho, o AMADO, que é sua manifestação no tempo e no espaço.

Encontramos, pois, o ser humano constituído, fundamental e profundamente, pela Centelha-Divina, que é o EU profundo (o “atma” dos hindus); a mente criadora e inspiradora, que reside no coração (há 86 passagens no Evangelho que o afirmam categoricamente), e a individualização, que constitui o Espírito, iluminado pela Centelha (hindu: “búdico”) , com sua expressão “causal”, porque é a causa de toda evolução.

Essa tríplice manifestação da Mônada é chamada a INDIVIDUALIDADE ou o TRIÂNGULO SUPERIOR do ser humano atual.

Entretanto, ao baixar mais suas vibrações, esse conjunto desce à matéria (“torna-se carne”, Jo. I: 14), manifestando-se no tempo e no espaço, e constituindo a PERSONALIDADE ou o QUATERNARIO INFERIOR, para onde passa sua consciência, enquanto se encontra “crucificada” no corpo físico.

É chamado “quaternário” porque se subdivide em quatro partes:

- 1 - o Intelecto (também denominado mente concreta, porque age no cérebro físico e através dele);
- 2 - o astral, plano em que vibram os sentimentos e emoções;
- 3 - o duplo etérico, em que vibram as sensações e instintos;
- 4 - o corpo físico ou denso, que é a materialização de nossos pensamentos, isto é, dos pensamentos e desejos do Espírito, acumulando em si e exteriorizando na Terra, todos os efeitos produzidos pelas ações passadas do próprio Espírito.

Entre a Individualidade e a Personalidade, existe uma PONTE de ligação, através da qual a consciência “pequena” da Personalidade (única ativa e consciente no estágio atual das grandes massas humanas), pode comunicar-se com a consciência “superior” da Individualidade (que os cientistas começam a entrever e denominam, ora “superconsciente”, ora “inconsciente profundo”) . Essa ponte de ligação é chamada INTUIÇÃO.

Temos, então, no processo mental, três aspectos:

- 1 - o **Pensamento criador**, produzido pela Mente Inspiradora;
- 2 - o **Raciocínio**, produzido pelo cérebro físico, e que é puramente discursivo;
- 3 - a ligação entre os dois, que se realiza pela **Intuição**.

Podemos portanto definir a INTUIÇÃO como “**o contato que se estabelece entre a mente espiritual (individualidade) e o intelecto (personalidade)**”.

Em outras palavras: “**é o afloramento do superconsciente no consciente atual**”.

Todas essas explicações são indispensáveis para a compreensão dos símbolos e alegorias que se encontram nos fatos evangélicos, nos ensinamentos de Jesus, assim como no de todos os demais mestres da Humanidade.

Como toda Escritura “divinamente revelada”, isto é, trazida à Humanidade para ajudá-la a encaminhar-se na senda evolutiva, o Evangelho apresenta DOIS sentidos principais:

- 1 - um sentido para a personalidade (sentido literal, único que pode ser percebido por aqueles que só trabalham com raciocínio, e não realizaram ainda, por meio da intuição, sua ligação com a consciência profunda);
- 2 – um sentido para a individualidade (que é o alegórico, o simbólico, e o místico ou espiritual).

Ambos são REAIS e produzem seus efeitos, cada qual em sua escala própria na fase evolutiva em que se encontra o leitor.

Quando aprendemos a descobrir, num FATO, o sentido simbólico, ou quando vemos que uma PERSONAGEM representa um simbolismo, isto NÃO significa que o fato não se tenha realizado, nem que a personagem não tenha tido existência REAL. Não. Há que atentar continuamente para isto: os FATOS REALIZARAM-SE; as PERSONALIDADES EXISTIRAM.

Desses fatos, porém, e dessas personagens (que AMBOS tiveram existência REAL) , deduzimos e compreendemos um sentido profundo alegórico, simbólico ou místico, um ensinamento oculto, que só pode aparecer a quem tenha “olhos de ver, ouvidos de ouvir e coração de entender” (cfr. Mr. 8:17-18, “não compreendes ainda nem entendeis ? tendes vosso coração endurecido? tendo olhos não vedes, tendo ouvidos não ouvís?” e também Deut. 29:4, “Mas YHWH não vos deu até hoje coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir”).

Uma coisa, porém, é essencial: NÃO PERDE O EQUILÍBRIO. Nada de exageros, nem para um lado (vendo só a parte e o sentido literal), nem para o outro (interpretando o Evangelho apenas como simbolismo e negando o sentido literal) . Os dois TÊM que ser levados em conta. AMBOS são REAIS e instrutivos.

Assim, verificamos que todas as personagens citadas são reais, físicas, existentes na matéria, mas constituem, além disso, TAMBÉM, um símbolo para esclarecer a caminhada evolutiva do Espírito através de suas numerosas vidas sucessivas, iniciadas no infinito da eternidade e que terminarão na eternidade do infinito, embora, no momento presente, estejam jornadaando através do tempo finito e do espaço limitado.

A fim de dar um pequeno e rápido exemplo, num relancear d'olhos, daremos em esquema os símbolos mais acentuados das personagens evangélicas. A pouco e pouco chamaremos a atenção de nossos leitores sobre outras personalidades e fatos que forem ocorrendo.

	O que é	O que faz
TRÍADE SUPERIOR ou INDIVIDUALIDADE eterna, que reencarna em muitas vezes até total libertação de todos os desejos, conquistada através das experiências de prazer e dor.	Centelha-Divina, Atma, Mônada, EU profundo - CRISTO INTERNO.	Envolve-se e desenvolve, sem já mais errar nem sofrer, porque é perfeita e onisciente, como emanção da Divindade.
	Mente-espiritual (Manas) Vibra no plano mental, criando idéias e formas e individualizando o Espírito, lançando-o à personalidade para fazê-lo evoluir .	Criador de Idéias e inspirador, que transmite os impulsos e chamados do EU profundo, forçando a evoluir. Mas, desligado da personalidade pela supremacia do intelecto, com ele só se comunica por lampejos, pela intuição.
	Espírito - Vibra no plano causal, registro das causas e experiências e impulsor dos efeitos.	Involui e evolui, errando e aprendendo, através da dor e das experiências adquiridas em sua imensa jornada evolutiva.

INTUIÇÃO - ponte de ligação entre a mente e o intelecto, ou seja, entre a individualidade e a personalidade.

QUATERNÁRIO INFERIOR ou PERSONALIDADE transitória que se renova a cada nova encarnação, assumindo novo nome e tendo consciência (menor) apenas desse nome da existência “em ato”, que permanece durante sua vida na Terra e continua após desencarnação, até o renascimento seguinte, quando outra personalidade e outro nome são adquiridos (“ao homem foi ordenado que morra uma só vez”, Heb. 9:27). A personalidade, pois, é “O HOMEM”.	Intelecto ou mente concreta	Manipula as idéias que se transformam em pensamentos e raciocínios discursivos; necessita desenvolver-se a cada novo nascimento, porque O cérebro físico é novo; filtra as idéias da mente de acordo com a capacidade do cérebro. Se nem isso consegue, limita-se a receber idéias alheias através de livros e mestres, até aprender a ligar-se à mente pela intuição.
	Corpo astral.	Sede dos sentimentos e emoções, desejos e ambições, prazeres e dores morais.
	Duplo etérico sempre ligado ao	Sede das sensações chamadas “físicas” (dor, calor, prazer etc.), que criam os impulsos, os quais, tornando-se habituais, formam os instintos.
	Corpo físico ou denso.	Condensação do corpo astral na matéria densa, onde repercutem todos os pensamentos, pois o corpo físico é apenas a materialização do pensamento do Espírito que ainda busca sensações e alimenta desejos (de qualquer espécie).

Figuras que são ou simbolizam as diversas escalas evolutivas.	PAI NOSSO que estás nos céus (na individualidade).
CRISTO, o Filho Unigênito de Deus, manifestado em toda a Criação (veja explicação abaixo).	Santificado seja Teu Nome (Tua essência, existente em todas as coisas criadas) .
	Venha a nós o Teu reino (é o que pede a Mente, que se afastou da Fonte, e que está ansiosa a voltar a ela a reunificar-se).
JESUS, o Espírito humano em seu estágio de maior evolução (pelo menos relativamente à Terra).	Seja feita a Tua vontade {do Pai através do Cristo), na Terra (na personalidade) assim como no céu (na Individualidade) .

MARIA DE NAZARÉ.

ISABEL, mãe de João Batista.

JOSE DE NAZARÉ. ZACAIUAS, pai de João Batista.	O pão nosso sobressubstancial (não apenas o do corpo, nem só o do conhecimento intelectual livresco e externo. mas o que provém do Cristo interno) dá-nos hoje (agora, não no futuro remoto).
MARIA MADALENA. PEDRO O APÓSTOLO.	Perdoa nossas dívidas (cármicas) como perdoamos aos nossos devedores.
HERODES. JUDAS ISCARIOTES.	Não nos induzas em tentação (ou seja, não nos submetas a provações e experiências fortes demais).
	Mas liberta-nos do Mal (isto é, liberta-nos da matéria que nos prende e asfixia).

O CRISTO

CRISTO, a terceira manifestação de Deus, o Filho Unigênito do Pai (ou Verbo), está **integralmente** em todas as coisas criadas, embora nenhuma coisa criada seja O CRISTO senão quando souber anular-se totalmente, para deixar que o Cristo se manifeste nela.

Há exemplos que poderão esclarecer esta verdade.

Apanhe um espelho grande: ele refletirá o sol. Quebre esse espelho num milhão de pedacinhos: cada pedacinho de per si refletirá o sol. Já reparou nisso? Se o desenho estivesse NO espelho, e ele se partisse, cada pedacinho ficaria com uma parte minúscula de um só desenho grande. Mas com o sol não é isso que se dá: cada pedacinho do espelho refletirá o sol todinho.

Ora, embora não possamos dizer que o pedaço de espelho SEJA o sol, teremos que confessar que ali ESTÁ o sol, todo inteiro, com seu calor e sua luz. E quanto mais puro, perfeito e sem jaça for o espelho, melhor refletirá o sol. E as manchas que o espelho tiver, tornando defeituosa e manchada a imagem do sol, deverão ser imputadas ao espelho, e não ao sol que continua perfeito. O reflexo dependerá da qualidade do espelho; assim a manifestação Crística nas criaturas dependerá de sua evolução e pureza, e em nada diminuirão a perfeição do Cristo.

Outra comparação pode ser feita: um aparelho de televisão. A cena representada no estúdio é uma só, mas as imagens e o som poderão multiplicar-se aos milhares, sem que nada perca de si mesma a cena do estúdio. E no entanto, em cada aparelho receptor entrará a imagem TOTAL e INTEGRAL. Se algum defeito houver no aparelho receptor, a culpa será da deficiência do aparelho, e não da imagem projetada. E podemos dizer que a cena ESTÁ toda no aparelho receptor, embora esse aparelho NÃO SEJA a cena. Assim o Cristo ESTÁ em todas as criaturas, INTEGRALMENTE, não obstante cada criatura só manifestá-lo conforme seu estágio evolutivo, isto é, com a imagem distorcida pelas deficiências DA CRIATURA que o manifesta, e NÃO do Cristo, cuja projeção é perfeita.

O rádio é outro exemplo, e muito outros poderiam ser trazidos.

Da mesma forma que, quanto melhor o espelho, a televisão ou o aparelho de rádio, tanto melhor poderão manifestar o sol, a imagem e o som, assim ocorre com a manifestação da força cristônica em cada criatura.

Por isso é que JESUS, a criatura mais perfeita e pura (pelo menos em relação à Terra), pode integralmente e sem Jaça. E por faze-lo. justamente, é que foi denominado Jesus, o CRISTO.

E porque o Cristo é a manifestação integral de DEUS, foi com razão que a Humanidade o confundiu com o próprio Deus. Tanto mais que, em se tratando da encarnação de Jeová (YHWH), conforme predissera Isaías (60:2), e sendo Jeová considerado como Deus, mais do que justo era que Jesus fosse considerado Deus; não Deus O ABSOLUTO, o Pai, mas o FILHO DE DEUS, Sua manifestação entre os homens, “aquele que é” (YHWH = Jeová), como Jesus mesmo se definiu: “antes que Abraão fosse feito, EU SOU” (Jo. 8:58). Ora, “EU SOU” é exatamente o sentido de YHWH (YAHWEH ou Jeová). Então o próprio Jesus confirmou que Ele era Jeová, a encarnação de Jeová.

Na realidade, em relação a nós tão pequenos e imperfeitos, a manifestação divina em Jesus foi total, e bem pode Ele ser dito Deus (embora não em sentido absoluto); da mesma forma que podemos dizer que o reflexo do sol num espelho de cristal puríssimo seja O SOL; ou que a música reproduzida por ótimo aparelho de rádio ou de vitrola, seja A ORQUESTRA. Nesse sentido, Jesus é indubitavelmente Deus, porque “Nele reside a PLENITUDE DA DIVINDADE” (Col. 2:9). Entretanto, TODAS AS CRIATURAS também têm em si essa mesma plenitude (“da PLENITUDE DELE TODOS NÓS RECEBEMOS”, Jo. 1:16), apesar de não na manifestarem por causa das próprias deficiências e defeitos. Foi nesse sentido que Jesus pode confirmar o Salmista (Ps. 81:6) e dizer: “vós SOIS deuses” (Jo. 10:35), da mesma forma que podemos afirmar que cada pequenino reflexo do sol num espelho é o sol; embora em sentido relativo, já que o sol, em sentido absoluto, é UM só; e também DEUS, em sentido absoluto, é UM só, se bem que esteja manifestado integral e plenamente em TODOS (1 Cor. 15:28) e em TUDO (Ef. 4:6).

MANIFESTAÇÃO CRÍSTICA

Aproveitando o assunto que ventilamos, procuremos dizer de modo sumário e sucinto, simplificando ao máximo (para poder ser compreendidos por todos), COMO essa Manifestação Divina ESTA em todas as coisas e COMO, através da evolução, as criaturas irão manifestando cada vez mais e melhor o CRISTO INTERNO.

Comparemos o fato ainda ao sol (O ser que melhor representa, para nós da Terra, a Divindade - e que por isso foi apresentado antigamente como a maior manifestação divina). Um raio-de-sol, sempre ligado à sua fonte, afasta-se, no espaço e no tempo, de seu foco. Após caminhar durante oito minutos, atravessando 150 milhões de quilômetros, chega a nós, sofrendo várias refrações ao entrar na atmosfera terrestre. Sua luminosidade é diminuída e seu calor abrandado, por causa desse afastamento. No entanto o raio-de-sol, que perdeu luz e calor, não perdeu sua essência íntima.

Da mesma forma, a Centelha-Divina, sem jamais separar-se nem destacar-se de seu Foco, afasta-se dele, não espacial nem temporalmente, mas **VIBRACIONALMENTE**, isto é, baixando suas vibrações, envolvendo-se em si mesma, concentrando-se, contraindo-se, e chega ao ponto mais baixo que conhecemos, solidificando-se na matéria. Proveniente da vibração mais alta que possamos imaginar, o raio luminoso que partiu da Fonte de Luz Incrriada vai gradativamente baixando o número de suas vibrações e diminuindo a frequência por segundo, de acordo com o princípio já comprovado pela ciência da física. No entanto, jamais chega a zero (ao nada), porque a energia jamais se destrói.

Esse fato científico de que a energia não pode ser criada nem destruída, mas apenas “transformada”, é perfeitamente certo. A mesma quantidade de energia que existia, neste globo, há milhões ou bilhões de anos, continua a mesma, sem crescer nem diminuir. Perfeito: porque essa energia é exatamente a manifestação divina; e sendo infinito Deus, nada pode ser-lhe acrescentado nem tirado: o infinito não pode sofrer aumento nem diminuição de qualquer espécie.

Então, o FOCO-DE-LUZ-INCRIADA é Deus, que irradia por Sua própria natureza, assim como o sol. Sendo luz, TEM que iluminar; sendo calor, TEM que aquecer; sendo energia, TEM que irradiá-la, e tudo por NECESSIDADE INTRÍNSECA E INEVITAVEL.

Mas à medida que sua irradiação se afasta, vai baixando sua frequência vibratória, segundo o “efeito de Compton” que diz: “quando uma radiação de frequência elevada encontra um elétron livre, sua frequência diminui” (além de outras consequências, que não vêm ao caso no momento).

Portanto, à proporção que se afasta do Foco (sem dele destacar-se jamais), sua frequência espiritual baixa para ENERGIA, e daí desce mais para a MATÉRIA. (Consulte-se, a propósito, a “Grande Síntese” de Pietro Ubaldi). Entretanto, permanecera sempre a vibrar, porque, no Universo, tudo o que existe **é vibração** e tem movimento. A frequência vibratória pode chegar ao mínimo, mas nunca atingirá o zero (o nada), segundo a “teoria dos limites”: por mais que aumente o divisor ou denominador ($1/10^{n+1}$), mesmo aproximando-se do infinitamente pequeno, jamais chegará a zero.

Ora, quando o Raio Espiritual, dotado de Mente Inteligente - o que é natural, por causa da Fonte de onde proveio que é a Inteligência Universal - parte de seu Foco, automaticamente esse Raio baixa suas vibrações e se torna INDIVIDUAL (ESPÍRITO).

Esse Espírito, pelo movimento inicial da partida (Lei de Inércia) vai descendo suas vibrações até o ponto máximo, sendo então a Centelha-Divina envolvida pela matéria, na qual o Espírito se transforma, ou melhor, da qual o Espírito se reveste. O Raio-de-Luz se concentra, contrai, condensa e cristaliza, solidificando-se.

O processo é claro: o Raio-Divino tem EM SI, potencialmente, a matéria (já que o MAIS contém o MENOS) e a vibração mais elevada contém em si, potencialmente, a vibração mais baixa. Não havendo diferença outra, entre espírito e matéria, senão a da escala vibratória, se o espírito baixa demais suas vibrações, ele chega à materialização, ou seja, congela-se, na expressão de Albert Einstein. Mas o oposto é também verdadeiro: a matéria contém EM SI, potencialmente, o espírito: bastar-lhe-á fazer elevar-se sua frequência vibratória, para retornar a ser espírito puro.

A essa descida vibratória do raio-de-luz, chamaram outrora os teólogos, por falta de melhor expressão, de QUEDA DOS ANJOS. E a prova de que tinham noção do que estavam dizendo, é que chamaram ao pólo oposto do espírito (a matéria) de “adversário” do espírito (ou seja, DIABO, que em grego significa “opositor” ou “adversário”); e mais ainda: o “guia e chefe” do adversário era chamado LUCIFER, palavra latina que significa “portador da luz”. Observe-se bem: se a matéria era o opositor do espírito (porque em pólos opostos), e se o “chefe” personificado era “Lúcifer” (portador da luz), isto demonstra que, pelo menos inconscientemente, se sabia que a MATÉRIA TINHA A LUZ EM SI, era “portadora da luz”, isto é, do espírito-divino.

OBJEÇÕES

Antes de prosseguir, vamos responder a algumas objeções:

1.^a - Se O Raio-de-Luz possui MENTE DIVINA (portanto consciente e onisciente e perfeita), como se torna capaz de erros?

R. - O Raio-de-Luz, a Centelha-Divina, jamais erra, nem sofre, nem involui: sua tarefa é envolver-se, concentrar-se, contrair-se, para impulsionar à evolução a individualização que dele mesmo surgiu. Essa individualização, ou Espírito, é um NOVO SER, que surge “simples e ignorante” (resposta n.º 115 de “O Livro dos Espíritos” de Allan Kardec). E o próprio espírito que responde, esclarece: “ignorante no sentido de não saber”, de não ter colhido ainda experiências.

Há, pois, uma diferença fundamental entre a Centelha-Divina e o Espírito.

O Espírito é criado pela (por ocasião da) individualização da Centelha. Como se dá isso?

A Centelha é a irradiação da Divindade, do Princípio Inteligente Universal e Incriado; é Sua manifestação, com a Mente própria de origem divina. Mas o Espírito é a individualização que nasce dessa Centelha, e por isso é “obra de Deus, filho de Deus”. (resposta n.º 77, idem ibidem).

O Espírito, portanto, pelo menos logicamente tem um princípio, embora a Centelha, por ser emanção direta de Deus, seja ETERNA quanto ao próprio Deus.

Mas, como a irradiação é uma NECESSIDADE INTRÍNSECA da Divindade, assim também a individualização da Centelha é uma NECESSIDADE INTRÍNSECA dessa mesma Centelha. **Toda Centelha que parte do Foco Divino inexoravelmente se individualiza.** Donde pode afirmar-se que o Espírito não tem princípio, porque é o resultado necessário e inevitável da própria essência da Divindade. Allan Kardec recebeu na resposta 78 quase que essas mesmas palavras: “podemos dizer que não temos princípio, significando que, sendo eterno, Deus há de ter criado sempre, ininterruptamente”. E na resposta 79, vem a definição clara e insofismável de tudo o que asseveramos acima, confirmando a nossa tese: “**os Espíritos são a individualização do Princípio Inteligente**”; é esse “Princípio Inteligente” que chamamos DEUS, que se manifesta necessária e inevitavelmente pelas Centelhas-Divinas que Dele se irradiam, pelos Raios-de-Luz que Dele partem.

Então a Centelha-Divina (que tem a mesma essência do Princípio Inteligente) jamais erra nem sofre nem involui, porque, tal como sua Fonte-Incriada (DEUS) é inatingível a qualquer força finita, temporal ou espacial, e isto por sua própria natureza, que é divina. E como tudo o que é de essência divina é REAL, sua individualização é REAL e constitui UM ESPÍRITO REAL. Mas esse Espírito, como individualidade, ainda é “simples e ignorante”. Então a Centelha-Divina, que o anima, impulsiona-o a descer até a matéria, e permanece dentro dele através de todos os passos de seu aprendizado experimental, ou seja, de sua evolução, a fim de que, individualizado como está, conquiste conhecimento e sabedoria, através das experiências por ele mesmo vividas, e finalmente atinja POR SI, o estado de perfeição em que foi criado, mas já então PERFEITO E SÁBIO. A Centelha-Divina jamais o abandona. DE DENTRO DELE impulsiona-o evoluir, dirigindo-lhe, todos os movimentos e aspirações, mas sem forçá-lo nem coagi-lo: é uma força natural e constante que o atrai a si, à sua própria perfeição intrínseca e divina.

Resumindo: por que é da natureza da Centelha a individualização de um Espírito? Porque NÃO PODE DEIXAR DE FAZÊ-LO. Sendo a Centelha um Raio-de-Luz que parte do Foco-Incriado, que é Deus, o Princípio Inteligente, e portanto, possuindo ela também a ESSÊNCIA DIVINA, ela tem, EM SI MESMA, como NECESSIDADE INTRÍNSECA E INEXORÁVEL, a objetividade concreta, a realidade objetiva. Em consequência, essa Centelha é UM EU, um ser objetivo e real, e NÃO PODE deixar de produzir um SER OBJETIVO. E como o Princípio Inteligente ou Foco-de-Luz-Incriado irradia “sempre e ininterruptamente”, assim “Deus há de ter criado sempre e ininterruptamente” e continua criando até hoje: “meu Pai até agora trabalha (produz com seu trabalho = ἐργάζεται) como ensinou Jesus em Jo. 5:17) .

A Centelha, então, É NOSSO VERDADEIRO “EU”, que apenas se envolve e desenvolve, se contrai e descontraí, impelindo nosso Espírito à evolução. O Espírito, aprisionado na matéria (involuído) é que terá que evoluir, pelo impulso da Centelha (nosso EU) que está INCLUÍDO e em nosso Espírito.

Firmemos ainda o fato de que a Centelha possui MENTE SÁBIA E PERFEITA, mas o Espírito recebe o influxo desse atributo como **uma potencialidade**, e ele deverá desenvolver-se (evoluir) aprendendo a custa própria, até chegar a sintonia total, à união absoluta com o CRISTO INTERNO (que é a Centelha-Divina, nosso verdadeiro EU). Só nesse ponto pode a MENTE de nosso EU agir livremente através do nosso Espírito. Recordemos as palavras do CRISTO (o EU profundo) de Jesus: “Eu e o PAI somos UM” (Jo. 10:30); e referindo-se a seus discípulos, acrescenta: “para que como Tu, Pai, és em mim (Cristo), e eu em TI, também sejam eles em nós” (Jo. 17:21); e ainda: “para que sejam UM, assim como nós SOMOS UM, eu (Cristo) neles (Espíritos) e Tu (Pai) em mim (Cristo)” (Jo. 17:22-23).

A sabedoria da Centelha, do Cristo-Interno, ou seja, de nosso EU, é total e plena, mas só pode ser recebida por nosso Espírito gradativamente, aos poucos, de acordo com a capacidade que nosso espírito for conquistando através de seu esforço próprio. Assim, à proporção que o Espírito evolui, a Mente de nosso EU poderá expressar-se com maior amplitude.

Recordemos, ainda, que o Espírito, à medida que se vai aperfeiçoando, vai “construindo para si” veículos materiais cada vez mais aperfeiçoados. Começou na escala mais baixa da matéria - o MINERAL - e Jesus ensinou: “meu Pai pode suscitar **destas pedras** filhos de Abraão” (Mat. 3:9 e Luc. 3:8), coisa que já fora explicada no Gênesis (2:7) quando está dito que a origem do homem é o pó da terra, isto é, o MINERAL. Mas o EU irá forçando o aperfeiçoamento dos veículos, fazendo aparecerem qualidades maiores, com o desenvolvimento do DUPLO ETÉRICO, passando a manifestar-se no reino-vegetal; depois desenvolverá o CORPO ASTRAL, e penetrará o reino-animal. Em outras palavras poderíamos dizer: o mineral desenvolve a sensação física, quando então atinge o reino-vegetal (e hoje está cientificamente comprovado que os vegetais “sentem”); e o faz enviando seus átomos, em serviço, para ajudar a formar o corpo dos vegetais, animais e homens, em conta to com os quais os átomos minerais adquirem experiência. Continuando a evolução, desenvolver-se-á a **sensibilidade**, como a têm os animais.

Até aí, a Mente da Centelha (do EU profundo) age sem embaraços, e por isso vemos que a LEI funciona sem distorções nesses reinos, e o vegetal e o animal não “erram” nem são responsabilizados.

Quando entretanto surge a **racionalização** do intelecto, que começou a desenvolver-se no reino-animal, o Espírito passa a servir-se dos veículos do reino-hominal, com cérebro muito mais evoluído. Começa a verificar-se a “independização” do Espírito, que se desliga do Mental (do EU profundo) para poder aprender a discernir, a decidir-se e a escolher POR SI a estrada que deverá percorrer em seu progresso lento mas infalível. A Mente (o EU profundo) limita-se a dirigir os veículos inferiores (as células, os órgãos, o metabolismo etc.) e deixa ao Espírito a tarefa de dirigir-se externamente, por meio do raciocínio, a fim de adquirir experiência própria, com sua responsabilidade pessoal. Aí sentem-se melhor as dualidades da Individualidade e da Personalidade.

O Espírito, nesse ponto, julga que é o verdadeiro eu, e CRESCE, abafando a voz do EU REAL, que só quer agir por lampejos, através da voz silenciosa das intuições, para deixar ao Espírito inteira liberdade e total responsabilidade.

Nesse ponto é que o Espírito “expulso do paraíso” (Gên. 3:24), penetra o mundo da responsabilidade, “comendo com o suor de seu rosto” (Gên. 3:19) e “conhecendo o bem e o mal” (Gên. 3:22). O intelecto, “mente concreta” da personalidade, e que já evoluiu após tantos milênios de milênios de jornadas pela Terra nos planos inferiores, assume a liderança, para DECIDIR POR SI, tendo pois a responsabilidade total de todos os seus atos, suas palavras e seus pensamentos.

2.^a - Sendo onisciente a Força Cósmica ou Princípio Inteligente, por que lança seus raios divinos para que atravessem, com o Espírito, uma evolução longa e trabalhosa, de afastamento e reaproximação? Não lhe seria mais fácil dar, de imediato, o conhecimento e a sabedoria a todos os Espíritos que surgem de seus Raios divinos, sem fazê-los percorrer tão árdua jornada?

R - A radiação da Luz é LEI. Ninguém poderá conceber um Foco de Luz que não irradie luz. A individualização desse raio num Espírito é NECESSIDADE inexorável. A realidade objetiva é inevitável, por ser divina a essência.

Começemos, então, por não imaginar Deus como UMA PESSOA semelhante a um homem (embora em proporções infinitas), que faça caprichosamente isto ou aquilo e que tenha preferências e predileções pessoais. NÃO! Deus é A FÔRÇA CÔSMICA, é a INTELIGÊNCIA (ou o Princípio Inteligente) UNIVERSAL, é a MENTE RACIONAL INFINITA E INCRIADA. Mas também é tão NATURAL quanto a Natureza toda, que é a manifestação Dele. Deus é A LEI, igual em todos os tempos e lugares, e igual mesmo fora do tempo e do espaço, e vibra em todos os planos: espiritual, moral, mental e físico.

Consideremos ainda que Deus é A LIBERDADE, embora Deus NÃO SEJA LIVRE. Um homem pode escolher entre O bem e o mal. Deus não pode fazê-lo: por sua própria natureza essencial, SÓ PODE FAZER O BEM E O CERTO. A Onipotência divina só existe na direção do BEM e do AMOR, porque a Força Cósmica é **IMPLACAVELMENTE BOA E AMOROSA**.

Ora, a LEI estabeleceu que tudo o que surgisse de si passasse pelos mesmos passos de aprendizado, SEM PRIVILÉGIOS. E é isso O que ocorre.

Ninguém pode saciar sua fome se outra pessoa comer por ele. Ninguém aprenderá uma língua, se outra pessoa estudar por ele. Donde deduzimos que todo aprendizado tem que ser PESSOAL. Qualquer experiência é, pois, um aprendizado INTRANSFERÍVEL.

Desta maneira, o Espírito que se individualiza é “simples e ignorante”, isto é, AINDA nada sabe. E terá que aprender. Como o fará? Através das experiências vividas por ele mesmo. Eis a razão da necessidade dessa evolução árdua, trabalhosa e de duração infinita.

Mas então, argumenta-se, POR QUE esse Espírito, que NASCE DA Centelha-Divina perfeita e onisciente, não é desde logo perfeito e onisciente? Um filho é sempre da mesma natureza, família, gênero e espécie que seu pai e sua mãe...

Não há dúvida que sim. Como não há dúvida de que o Espírito é da MESMA NATUREZA E ESSÊNCIA do Raio-de-Luz. No entanto, pela lei que vige nos planos que conhecemos, nós deduzimos as Leis dos Planos desconhecidos. Assim como o que nasce da planta é uma SEMENTE que terá que desenvolver-se e não uma árvore já grande; assim como de um animal adulto nasce um filhote minúsculo, que terá que crescer; assim como do homem nasce uma criancinha pequenina, que terá que desenvolver-se e aprender (e não outra criatura adulta), assim também (a LEI é a mesma em todos os planos), compreende-se que foi estabelecido que o Espírito fosse criado “simples e ignorante” para então, por si mesmo, desenvolver-se.

Agora se nos perguntarem “POR QUE Deus fez assim e não diferente”? - responderemos: NAO SABEMOS. Mas quem somos nós para tomar satisfações de Deus (Rom. 9:21) ? Se assim é, é porque assim é o MELHOR. Quando evoluirmos mais, compreenderemos. Tenhamos paciência. No curso primário, não podemos pretender o conhecimento de demonstrações abstrusas próprias do curso universitário. Aceitemos o que a professora nos diz: tensão se escreve com S, e atenção com ç. O aluno

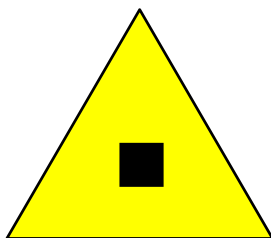
pode perguntar: “por quê?” Ela responderá: “porque vem do latim”, e nada mais. No ginásio, o aluno aprenderá que a primeira palavra provém de **tenSionem**, com S, e a segunda de **attenTionem**, com T, que passa ao português para C ou ç. Mas só quando o aluno chegar à Faculdade, é que poderá descobrir O PORQUÊ de uma ser assim e outra diferente no próprio latim, quando estudar a etimologia da língua latina e penetrar os segredos do etrusco e do sânscrito. Até lá, terá que contentar-se com ACEI-TAR sem discutir, sabendo que deve haver para isso razões que ele desconhece AINDA, mas que um dia conhecerá. Assim nós. Se não podemos penetrar todos os SEGREDOS, aceitemos, por enquanto. Mais tarde, se evoluirmos bastante, nós o compreenderemos.

A CURVA INVOLUÇÃO-EVOLUÇÃO

Podemos tentar apresentar graficamente esse imenso ciclo de involução-evolução. Representaremos aparte espiritual (tríade superior), ou seja, a Centelha-Divina, a Mente e o Espírito, por um triângulo.

Representaremos o quaternário inferior por um quadrado, sendo: o traço horizontal inferior, a matéria densa; o traço vertical à esquerda de quem olha, o duplo etérico; o traço vertical à direita de quem olha, o corpo astral. E o traço horizontal por cima dessas linhas verticais, o intelecto. Temos aí a personalidade completa.

Vejamos, então, o triângulo, que tem, incluso em si, potencialmente, o quadrado, isto é, uma futura personalidade. O quadrado está representado em preto, porque o espírito ainda se encontra nas “trevas” da Ignorância (do não-saber) :



Numa projeção linear, esse triângulo torna-se achatado, formando uma linha horizontal: dentro dela, porém, está contida, “incluída” ou “envolvida”, a Centelha-Divina, o EU profundo, acompanhado de Sua mente e do Espírito recém-individualizado. Essa linha, portanto, que contém a Centelha-Divina, é Lúcifer, é “portadora da Luz”; é o pólo oposto do Espírito, é o adversário (ou diabo) que teremos que vencer pela evolução, e que tantas vezes foi “personificado” nos Evangelhos. A Centelha-Divina, o EU profundo, comandará toda a evolução do Espírito, através desse e de todos os demais veículos materiais que forem sendo paulatinamente formados por ele, para poder expressar-se cada vez melhor.

Representemos assim essa projeção:



Por aí compreendemos que, tendo baixado suas vibrações até o átomo material, daí se iniciará a subida, através do reino-mineral, do reino-vegetal, do reino-animal, do reino-hominal, até voltar ao reino-divino ou, como dizia Jesus, ao “Reino-de-Deus”, embora passando, acima do homem, por outros reinos, que desconhecemos em virtude de nossa pequenez e atraso (como reino-angélico, reino-arcangélico, reino-seráfico etc.) .

Verifica-se, assim, a realidade palpável do ensino de Jesus, quando dizia: “O REINO DE DEUS ESTÁ DENTRO DE VÓS” (ἡ βασιλεία α τοῦ θεοῦ ἐντός ὑμῶν ἐστίν, Luc. 17:21).

Essa Verdade pode ser dita a qualquer das fases evolutivas, porque dentro de TODAS e de CADA UMA DELAS, está, REAL e ESSENCIALMENTE, o Reino-de-Deus, potencialmente contido. Firmemos mais uma vez: Reino-de-Deus tem o mesmo sentido de nossas expressões: reino-vegetal ou reino-animal. E por isso pôde Jesus afirmar (Jo.10:34) , sublinhando o Salmista (Ps. 81:6) : “Vós SOIS deuses”.

Da mesma maneira, dirigindo-nos a uma semente, poderíamos dizer: “a árvore ESTA dentro de ti”. E falando a um vegetal, poderíamos repetir: “o REINO-ANIMAL ESTA dentro de ti”.

Comprovamos, assim, que Reino-de-Deus (ou reino-dos-céus, isto é, reino-da-individualidade), não é um paraíso EXTERNO, onde ficaríamos a gozar de algo EXTERIOR a nós; mas, ao contrário, reino-de-Deus é UMA EVOLUÇÃO NOSSA, à qual DEVEMOS CHEGAR, por força natural de nosso progresso interno.

E quando para lá não formos espontaneamente, iremos obrigados pela dor e pelo sofrimento, que nos impelem para a frente e para o alto, qual agulhão que açoda bois vagarosos. Todavia, a dor não é indispensável: dentro de cada ser está o impulso para a evolução, dado pela Centelha-Divina ou EU profundo, e o Espírito poderá escolher caminhos de perfeição espontaneamente, sem precisar ser agulhado. Com efeito, todos os seres querem “progredir”. Mas enquanto não compreendem o verdadeiro sentido da evolução CERTA, buscam o progresso em atalhos enganosos (riquezas, prazeres, poder, gozos etc.) e por isso vem a dor para corrigir o Espírito, até que ele, mais amadurecido e experiente, aprenda POR SI quão falsas são essas estradas largas, que só levam ao desgosto, ao tédio e à dor. Volta-se, então, de modo geral, para a busca ansiosa de outros progressos (nobreza, posição, cultura, intelectualismo, religião), até descobrir que NÃO É nenhum desses caminhos externos, por mais nobre e elevado que seja, que constitui o Reino-de-Deus: este só pode ser encontrado, como disse Jesus, DENTRO DE SI MESMO (ἐντός ὑμῶν ἐστιν).

No gráfico representativo desta teoria, procuraremos esclarecer o pensamento.

Partindo do ponto em que a Centelha-Divina, o Eu profundo, está no SEIO de Deus, apenas iniciado o afastamento vibratório do FOCO INCRIADO, com a matéria potencialmente contida dentro de si, vemos que daí a Centelha parte, natural e necessariamente (inexoravelmente), por efeito da irradiação inevitável do Foco de Luz, e por força da Lei de Inércia, dirigindo-se ao pólo oposto, e congelando-se na matéria.

Dai então, a Centelha ou EU profundo, faz que a matéria vá desenvolvendo através dos milênios, o duplo-etérico, o corpo-astral, e o intelecto, até constituir a personalidade completa e desenvolvida. Já pode, então, a Mente Divina do EU profundo, por meio da INTUIÇÃO, agir sobre o intelecto, até que obtenha o predomínio da MENTE DIVINA (isto é, da individualidade). Continua, então, a caminhada: a individualidade ABSORVERÁ a PERSONALIDADE em si, e o Espírito voltará ao estado primitivo, mas JÁ COM EXPERIÊNCIA E SABEDORIA, conquistadas por si mesmo através da longa linha evolutiva. Por isso o quadrado interno (que representa a personalidade) já é apresentado, no fim do ciclo, não mais em preto (“trevas” da ignorância), mas branco, exprimindo a Luz da Sabedoria.

Aí está a RAZÃO de toda nossa evolução, e o PORQUÊ, de nossa , existência.

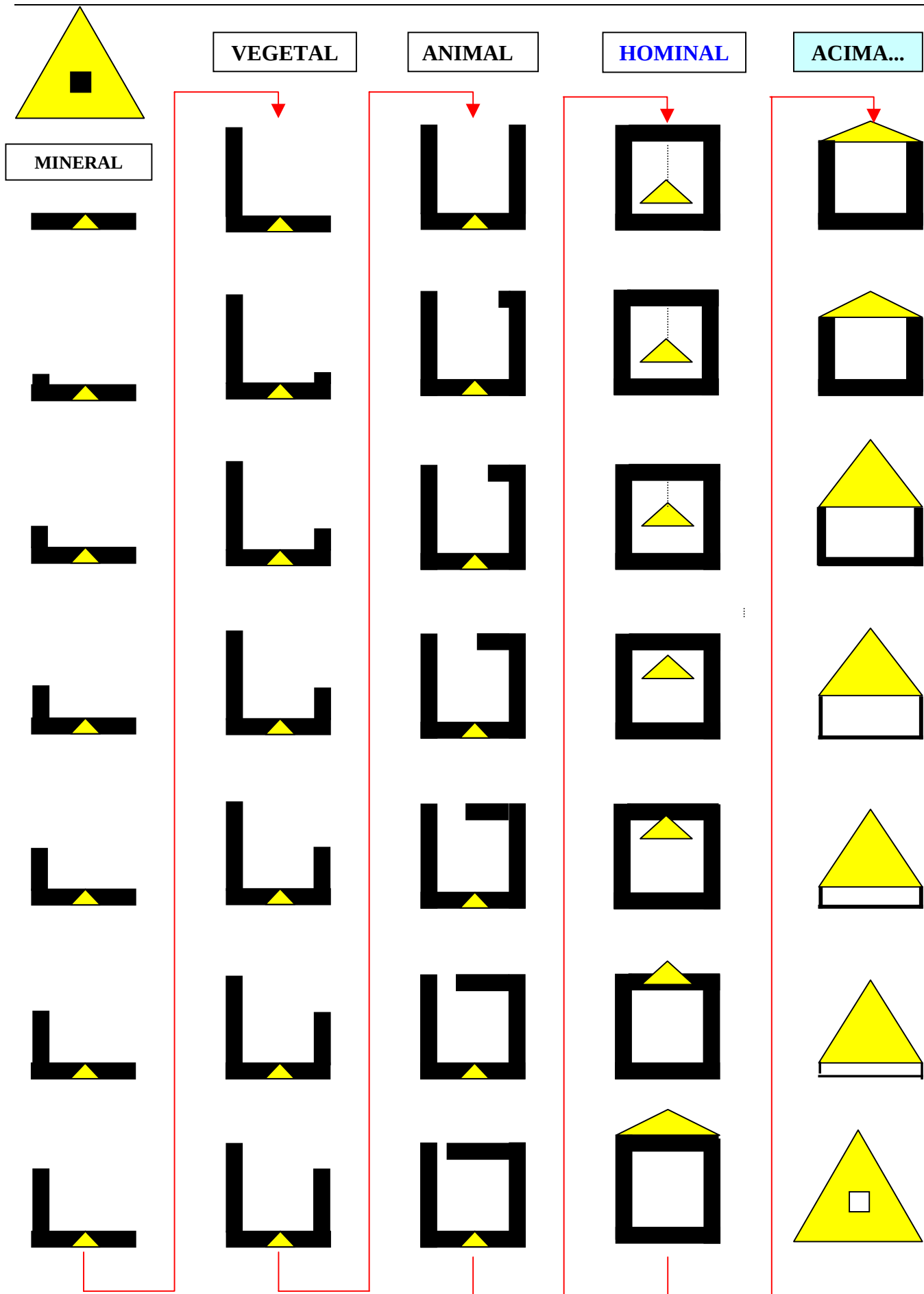
Resumindo tudo: partindo a Centelha do Foco de Luz (por necessidade intrínseca), esta, também por necessidade intrínseca (ou seja, porque é de essência divina, sua existência é uma essência real e objetiva, um EU real), causa a individualização de um Espírito, de um SER com existência também real e objetiva, e participante da Essência Divina.

Em outras palavras: ao afastar-se do Foco de Luz, que a irradia por necessidade intrínseca, a Centelha Divina (EU profundo) causa a individualização de um Espírito. também por necessidade intrínseca. Isto é, sendo de ESSÊNCIA DIVINA, a existência do EU é uma essência real e objetiva, que SE RE-VESTE de um Espírito, individualizando-o e fazendo-o copartícipe de sua Mente. Mas, atuando por meio de um Espírito ainda “simples e ignorante”. (não-sábio), o EU profundo PRECISA fazê-lo evoluir, para poder expressar-se por seu intermédio. Começa então a evolução a partir do átomo, para fazê-lo chegar ao ponto máximo, ao estado crístico (“até que TODOS cheguemos ... à medida da estatura da

plenitude DE CRISTO”, Ef. 4: 13). E a confirmação: “tudo se encadeia em a natureza desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo” (resposta 540 de “O , Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec).

Ao chegar à “medida da estatura da plenitude de Cristo”, o Espírito já evoluiu o bastante, para permitir ao EU profundo ou Cristo Interno, a manifestação plena da Divindade, tal como ocorreu a JESUS, (“Nele habita TODA A PLENITUDE DA DIVINDADE”. Col. 2:9), embora “DA PLENITUDE DELE TODOS NÓS recebamos (Jo. 1:16).

Entre o estado inicial (“simples e ignorante”) do Espírito e seu estado final (perfeito e sábio), a distância é inimaginável. No estágio último, o Espírito já conquistou SABEDORIA e AMOR. Então a Centelha-Divina, o EU profundo, já POSSUI UM VEÍCULO pelo qual pode manifestar-se total e completamente: chegou ao fim de sua evolução (qual a podemos conceber em nossa pequenez e atraso), embora esse final jamais atinja o fim, porque, por mais que evolua, JAMAIS ALCANÇARA O INFINITO, que é sua meta. Quem conhece matemática, compare esta nossa afirmativa à assíntota da hipérbole, e verá que estamos com a razão. (Por aí entrevemos que a Ciência - e a matemática, que é a ciência-exata por excelência - é a PESQUISA DA DIVINDADE que está contida em todas as coisas. E por isso, a Ciência constitui a verdadeira e única RELIGIÃO, para levar a criatura - dentro do limite dos possíveis - ao conhecimento de Deus.) Paulo, o grande Apóstolo, ao comentar o versículo 18 do Salmo 68, “subindo às alturas, levou cativo o cativo”, escreve, resumindo todo esse processo: “que significa subiu, senão que também desceu às regiões (vibrações) mais baixas da Terra? aquele que desceu é o mesmo que subiu muito além de todos os céus, para encher todas as coisas” (Ef. 4:9-10). O Salmista revela-nos que o Espírito, ao subir, leva cativa a matéria, que fora o seu cativo, durante tantos milênios. Para uma idéia muito pálida, observe-se o gráfico, na página seguinte.



ZACARIAS E ISABEL

Luc. 1:5-7

5. **Nos dias de Herodes, rei da Judéia, houve um sacerdote, chamado Zacarias, da turma de Abia; sua mulher era descendente de Arão, e chamava-se Isabel;**
6. **Ambos eram justos perante Deus, andando irrepreensíveis em todos os mandamentos e preceitos do Senhor.**
7. **E não tinham filhos, porquanto Isabel era estéril, e ambos (estavam) em idade avançada.**

Temos um fato REAL, que se passou logo antes da chegada de Jesus a este planeta: o nascimento do precursor João, denominado “o Batista”, cuja ocorrência havia sido predita por vários médiuns (profetas), com muita antecedência.

Lucas situa o fato historicamente, apresentando ao leitor a época do acontecimento, o pai de João, seu nome, idade e profissão, e a mãe, dando-lhes inclusive a filiação. Temos, pois, que Herodes era rei da Judéia (nomeado pelo Senado em 40 AC, tomou Jerusalém em 37 AC e morreu no ano 4 antes da era cristã), quando o sacerdote Zacarias teve a revelação do nascimento de um filho, embora já fora das possibilidades humanas.

Os fatos são claros e não necessitam de explicação.

Muitos ensinamentos, todavia, transparecem dessa narrativa singela. Estudemo-los.

Herodes, o Grande (como toda sua linhagem), não era israelita de raça: era idumeu, convertido à religião judaica. Não fazia parte, pelo sangue, do povo hebreu.

Herodes representa o homem ainda animalizado, a força material, despótica, que apenas busca conforto (reino mineral), as sensações físicas (reino vegetal) e as emoções (reino animal), preocupando-se somente com a matéria terrena transitória, para ele a única realidade, porque é palpável aos sentidos físicos.

Diz o evangelista que Herodes era “rei da Judéia”.

Observemos: Judéia significa “louvor a YHWH”, fase típica da personalidade, ainda sujeita a ritos e liturgia exteriores da religião. Notemos ainda que em O Novo Testamento aparece com frequência a oposição entre as duas localidades: Judéia e Galiléia. Galiléia significa “região cercada”; exprime, pois, o ambiente da individualidade, o “horto florido”, ou seja, a região inacessível ao vulgo, “cercada” para que os profanos nela não possam penetrar.

Logicamente, Herodes só podia ser rei (dominador, déspota) da Judéia, isto é, da personalidade inferior, já que só as coisas terrenas e materiais constituíam seu domínio absoluto.

A expressão “nos dias de Herodes” demonstra-nos que o simbolismo que nos vai ser apresentado sob a capa dos fatos (que se realizaram), deve ser procurado na época em que a humanidade era preponderantemente materialista, cogitando tão só dos interesses dos corpos físico, sensitivo e emocional.

Nessa época e nesse ambiente, viveu na Terra, um sacerdote - por mais baixas que sejam as condições ambientais, pode elevar-se o espírito, tal como o lírio que pode florescer, num pântano - A palavra sacerdote, tradução latina do grego ἱερέως, exprime o homem que “se dedica.” (dos, dotis = dote, doação) às coisas sagradas (sacer, sacra, sacrum). Sacerdote é, portanto, a criatura dedicada e devotada a Deus, a Ele consagrada.

Zacarias (cujo nome significa “lembrança” ou “recordação” de YHWH) é o protótipo do INTELECTO que, neste caso, já está voltado para as coisas espirituais e divinas, pois “se lembra de Deus”, tanto que “se dedicou” às coisas sagradas.

E, uma das provas de que tinha Deus, conscientemente, como Pai, é a notícia que dele nos chegou: segundo Lucas, ele era filho de Abia (Abijah, cfr. 2 Crôn., 24:10), que significa “Deus é meu Pai”.

Com essas características tinha, forçosamente, que procurar ouvir a INTUIÇÃO, representada por Isabel. Em hebraico, o nome é Elisheba, isto é, “adoradora de Deus”, ou “obra de YHWH”. Com efeito, a intuição está “ligada” ao EU Superior e Divino de cada criatura.

Escreveu o evangelista que Isabel “era descendente de Arão”. Ora, mesmo em nossos dias (com registros de nascimento) raramente conhecemos nossos ascendentes além da 3.^a geração (pais, avós, bisavós). Só excepcionalmente chegamos à 6.^a ou 7.^a geração, ou seja, a. 200 ou 300 anos para trás. No entanto, o tempo transcorrido entre Arão e Isabel era de 1.500 anos! Que diríamos, atualmente, de um homem moderno, que afirmasse ser descendente de uma personagem do ano 500 depois de Cristo? ... Se isto hoje é impossível na prática, que não seria - dadas as proporções - naquela recuada época? Como poderia ser feito o controle? Donde concluímos que, no caso, existe em tudo isso uma alegoria, um símbolo. Arão significa “o iluminado”. Quer dizer que Isabel (a intuição) já se encontrava “iluminada” pela luz do Eu Supremo, da Centelha Divina; mas não se havia ainda unido a ela. A tentativa, entretanto, estava sendo feita: Zacarias (o intelecto) já se unira em matrimônio a Isabel (a intuição) na busca. intensa dessa união com o Eu Superior.

Prossegue o evangelista: “ambos eram justos perante Deus, andando irrepreensíveis em todos os mandamentos e preceitos do Senhor” - excluindo, por omissão, os preceitos “dos homens”, exprimindo assim que viviam mais na individualidade do que na personalidade. E a “justiça” neles exaltada, é aquela que vige perante Deus, não perante os homens.

Vem a seguir um versículo interessante: “e não tinham filhos, porque Isabel era estéril e ambos (estavam) em idade avançada”. Humanamente, um fato natural, embora tivesse que ser dividido em duas partes:

- a) a esterilidade feminina (porque “dela” e não dele?);
- b) a idade avançada.

A primeira, compreendemos, justifica a falta de filhos nas idades juvenis e na maturidade. A segunda apenas comprova que, na idade já avançada, nada mais podia esperar-se.

Dai ser imprescindível, para o fato “material”, algo que fugisse ao normal. Para a personalidade aparece a intervenção divina, e portando o “milagre”, e tudo pára aí.

Na interpretação mais profunda aparecem as razões claras.

Apesar de estar iluminada a intuição (Isabel descendente de Arão) e apesar de voltado para Deus o intelecto (Zacarias sacerdote), e apesar de os dois se haverem unido para o encontro supremo, os dois ainda não tinham conseguido essa união: “não tinham filhos”, ou seja, não haviam chegado a um resultado. As razões procedem: a intuição era “estéril” porque ao intelecto faltava o elemento fecundador, e isto não obstante estarem buscando há muito tempo - “ambos” estavam “em idade avançada”.

Nesse momento, entra em campo novo elemento de ação, ou seja, aparece um “guru”, um mestre (porque o discípulo estava preparado), e dá-se o acontecimento tão desejado: nasce um filho, chega-se à união total.

Ve-lo-emos no trecho seguinte.

PREDIÇÃO DO NASCIMENTO DE JOÃO

Luc.1:8-25

- 8. Estando Zacarias a exercer diante de Deus as funções sacerdotais na ordem de sua turma, coube-lhe por sorte,**
- 9. segundo o costume, entrar no santuário do Senhor e queimar o incenso.**

As turmas sacerdotais de serviço, cada semana - em número de 24 - eram sorteados segundo a Lei Moisaica. A de Zacarias era a oitava, de Abijah (cfr. 1 Crôn., 24:3-18). A cerimônia realizava-se pela manhã, antes do “sacrifício”, no santuário, ou seja, no “Santo” (sala que antecedia o “Santo dos Santos”, onde só o Sumo Sacerdote penetrava uma vez por ano) . Consistia em renovar o braseiro, deitando-lhe em seguida Incenso e óleos perfumados.

Observamos que Zacarias (o intelecto) ainda se encontrava agindo na personalidade, a praticar ritos externas (queimar incenso, proferir orações verbais, observar liturgias, etc.), e isso no recinto anterior ao Santo dos Santos (que é o santuário mais íntimo, o “coração”, onde só os “Sumos Sacerdotes”, ou seres realizados, podem penetrar).

- 10. E toda a multidão estava orando da parte de fora, à hora do incenso.**

Quando o sacerdote começava o rito, tocavam as trombetas do Templo, e o povo, que se achava espalhado no átrio dos homens e das mulheres, se recolhia em prece.

O evangelista alerta-nos para o fato de que a “massa popular” (a multidão do povo) ainda não atingiu nem sequer esse primeiro santuário: está “do lado de fora”, no momento da prece. É o que geralmente se denomina “reza” (derivado de “recitar”), ou seja, a prece recitada com os lábios, repetindo-se 50 ou mais vezes as mesmas fórmulas decoradas. São os “profanos”.

- 11. E apareceu a Zacarias um anjo do Senhor, em pé, à direita do altar do Incenso,**
- 12. Zacarias, vendo-o, ficou perturbado e o temor o assaltou,**
- 13. Mas o anjo disse-lhe: “Não temas, Zacarias, porque tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher te dará à luz um filho, a quem chamarás João,**
- 14. e terás gozo e alegria, e muitos se regozijarão por causa do seu nascimento,**
- 15. porque ele será grande diante do Senhor e não beberá vinho nem bebida forte; já desde o ventre de sua mãe será cheio de um espírito santo,**
- 16. e convertera muitos dos filhos de Israel ao Senhor Deus deles.**
- 17. Ele irá diante do Senhor com o espírito e o poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e converter os desobedientes, de maneira que andem na prudência dos justos, a fim de preparar para o Senhor um povo dedicado”.**

Na interpretação literal, temos que chamar a atenção para diversos fatos.

A Zacarias aparece um anjo. Que é “anjo”? A palavra grega ἄγγελος significa, simplesmente, “noticiador, arauto, mensageiro, anunciador”. O termo era empregado para designar qualquer mensageiro, encarnado ou desencarnado, que transmitia um recado. Na Bíblia a palavra refere-se quase sempre a um espírito desencarnado, quando traz alguma mensagem. Esse espírito é um ser humano, pois é sempre descrito como um homem (sentado, de pé, vestido de branco, etc. etc.), o que também ocorre neste caso. Não era um ser “etéreo”, mas tinha forma e volume, igual à de um homem, e falava.

Para que um espírito desencarnado se torne visível, uma de duas condições são indispensáveis: a primeira depende da criatura encarnada: precisa ela ser “médium” vidente ou audiente (em hebraico Ro'eh ou Hôzêh, tendo também o poder de “interpretar”, ou seja, Nâbi', que significa profeta ou médium; com efeito, profeta, do grego προφητεύω “falar por meio de”, e médium palavra latina que significa “intermediário” entre o desencarnado e o encarnado). A segunda condição depende do desencarnado, quando a criatura encarnada não é médium: precisa o espírito “materializar-se”, tomando forma fluídica, para aparecer ao não-vidente. Uma das provas de que o anjo que apareceu a Zacarias era um espírito desencarnado de homem, é o nome que ele tem: Gabriel, que significa “HOMEM DE DEUS”.

Apareceu do lado mais nobre do altar, o direito, que ficava na direção sul, onde estava o candelabro de sete velas, símbolo místico da luz.

Zacarias assusta-se ao vê-lo, e depois permanece temeroso diante do acontecimento. Mas o mensageiro o tranquiliza, dando o recado de que fora incumbido: “tua prece foi ouvida”, e Zacarias verá o nascimento de um filho, ao qual imporá o nome de JOÃO.

João, em hebraico YEHOHANAM, significa “Iahô foi favorável”.

A forma “Iahô”, abreviatura de YHWH (YHayWeH) é a mesma que deu origem ao vocábulo JÚPI-TER (Iahô-pater) e a que entra na formação da palavra DEUS (D-YAO-S), com o sentido de LUZ, cujo feminino formou a palavra DIA.

O nascimento de João trará alegria ao casal, pelo término da esterilidade (considerada “castigo” entre os judeus), mas essa felicidade se estenderá a muito mais gente. Isto porque João será grande aos olhos de Deus.

Não beberá jamais vinho nem bebidas fortes (fermentadas), o que revela que João será NAZIREU (ou nazareno). E, embora nada se diga no Evangelho, também não poderá cortar os cabelos. Eram estas as condições do nazireato (veja o capítulo 6 do Livro “Números”). O nazireu era o homem que fazia um voto especial, consagrando-se a Deus, e esse voto foi criado por YHWH, por intermédio de Moisés.

Firmemos mais uma vez o princípio, de que YHWH era o mesmo espírito que encarnou com o nome de JESUS (cfr . pág. 4). E mais uma prova pode ser dada aqui. Quando se trata de DEUS O ABSOLUTO, sem forma, jamais criatura alguma poderá “vê-lo”, como está escrito em Êxodo (33: 20): “não poderás ver minha face, porque o homem não poderá ver minha face e viver”. Mas com YHWH é diferente. Falando a Moisés, Aarão e Miriam, YHWH diz-lhes: “se entre vós houver profeta (médium), eu, YHWH, a ele me faço conhecer em visão, falo com ele em sonhos. Não é assim com meu servo Moisés: ele é fiel em toda a minha casa (a Terra). Boca a boca falo com ele, claramente e não em imagens, *e ele contempla a forma de YHWH*” (Números, 12:6-8). Como uma espécie de retribuição, quando YHWH estava encarnado, Moisés também chega ao encontro de seu Mestre e Senhor, de seu “Deus”, e lhe aparece, na transfiguração (Mat. 17: 3), ao lado de seu precursor João Batista (Elias).

Prosseguindo em nosso trecho, verificamos que o anjo ou espírito de Gabriel afirma a Zacarias que João é um “espírito já santificado”, mesmo antes de nascer. Após dar-se a concepção, ainda no ventre materno, ele (o homem) estará cheio (vivificado) por um espírito que é santo. Note-se que no original grego não há artigo, o que demonstra a indeterminação: “UM espírito santo”, e não “O” Espírito Santo.

Então, esse espírito santo que se encarnará em Isabel terá gloriosa missão: preparar as criaturas para a “conversão”. As palavras usadas no Evangelho de Lucas repetem as da profecia de Malaquias (note-se que a palavra Malaquias, em hebraico, significa exatamente ‘mensageiro’ ou ‘anjo’...). Malaquias

escreveu (3:23) “Eis que *vou enviar Elias o profeta* antes que chegue o dia de YHWH (JESUS) , grande e terrível, e ele (Elias) converterá o coração dos pais aos filhos”, etc. As expressões de Gabriel constituem uma citação evidente do antigo profeta israelita.

A frase seguinte é digna de nota: “converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor Deus DÊLES”, isto é, ao Deus PARTICULAR do povo israelita, que era YHWH (o mesmo espírito que Jesus). YHWH se definia, de fato, como o DEUS PARTICULAR dos hebreus: “Eu sou YHWH, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó”. Não se refere o evangelista, portanto, ao DEUS ABSOLUTO, mas ao Deus DELES, a Jesus.

No sentido literal, não há sofisma que permita escapar da conclusão de que João era a reencarnação de Elias. Leiam-se os trechos nacionalista) Van Hoonacker, em sua obra “LES Petis Prophètes”, página 741, escreve: “pela grandeza de sua missão, deveria tratar-se de qualquer maneira de uma nova encarnação do espírito e do poder de Elias”.

Mais ainda: a expressão grega ἐν πνεύματι καὶ δυνάμει ἡλίου, revela isso mesmo. O emprego da preposição en, com o sentido da preposição hebraica be (ב), que se encontra, por exemplo, em Marcos 5:2, quando diz “um homem NO espírito imundo”, significando o reverso: “um espírito imundo NO homem”, era comum. O jesuíta M. Zerwick (in “Graecitas Biblica”, 4.^a edição, Roma, 1960, números 116 a 118) estuda a questão do EN grego com o sentido associativo ou de companhia. que será sempre melhor traduzir por “com”, ao invés de por “em”. Assim, segundo o estudioso jesuíta, é melhor dizer-se: “ele (João) iria diante do Senhor COM o espírito e poder de Elias”. E isso confirma a tese da reencarnação de Elias na personalidade de João Batista, coisa que Jesus afirmará categoricamente, o que estudaremos a seu tempo.

Várias lições aprenderemos aqui.

Quando o intelecto está preparado e unido à intuição (Zacarias - e Isabel “casados”), aparece o Mestre, para revelar-lhe o segredo da obtenção dos frutos (do nascimento do “filho”). Esse Mestre pode ter o aspecto de um espírito desencarnado (Guia, Mentor) ou de um ser encarnado. Não importa. Sua tarefa, porém, e apenas a de revelar o caminho, e jamais de provocar milagres ou de evoluir “em lugar” do homem. Trata-se pois, rigorosamente, de um “anjo”, de um “mensageiro”, que anuncia alguma coisa, que abre uma porta e mostra os passos que se têm que dar para obter o fruto ambicionado (o filho).

Esse filho que nascerá, há de chegar ao intelecto por intermédio da intuição: “Isabel te dará a luz um filho”.

O fruto da união com Deus, o “filho” em sentido alegórico, será - chamado João, isto é, “ Iahô foi favorável”. Sabemos todos que a criatura tem que iniciar e persistir na busca do Eu Supremo. Mas o encontro só se dará quando vier, do próprio EU Supremo ou Cristo Interno, a resposta (a descida da graça), ou seja, quando “Deus for favorável”. Assim nascerá o fruto (o filho) no encontro da criatura com o Criador que vive dentro dela: a subida do ser humano e a descida do ser divino.

A alegria e a felicidade serão totais, não só para o próprio, quanto para todas as criaturas, mormente para aquelas que, embora ainda em estado celular, constituem nosso veículo denso.

Depois de nascido o filho, depois de “realizada” a criatura, depois de terminado o “segundo nascimento” e surgido o “homem novo”, que substitua o “homem velho”, o ser não buscará mais coisas terrenas físicas, nem as do mundo astral (vinho e bebidas forte, isto é, emoções e sensações).

No entanto, desde o primeiro momento, desde o primeiro contato com o Cristo Interno, a criatura fica na plenitude da graça, “cheia de um espírito santificado”, e bastará sua presença para atuar sobre as outras criaturas, promovendo a paz e a harmonia em todos. Então mesmo aqueles que não puderam alcançar a altitude do encontro, mesmo eles se converterão aos seus “deuses particulares”, nos diversos ramos religiosos “humanos”, com seus pequenos deuses antropomórficos que se combatem uns aos outros, apelidando-se mutuamente de “diabos”. Mas é esse, exatamente, o início da caminha-

da: compreender que “existe” um caminho espiritual, por mais primitivo que seja. E é assim que “o povo que está de fora” se tornará aos poucos “dedicado ao Senhor”.

- 18. Perguntou Zacarias ao anjo: “Como terei certeza disso? porque eu sou velho e minha mulher já é de idade avançada”.**
- 19. Respondeu-lhe o anjo: “Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e trazer-te estas boas notícias;**
- 20. e tu ficarás mudo e não poderás falar até o dia em que essas coisas acontecerem, porque não deste crédito às minhas palavras, que a seu tempo se. cumprirão”.**
- 21. O povo estava esperando Zacarias e maravilhava-se enquanto ele demorava no santuário.**
- 22. Quando ele saiu, não lhes podia falar, e perceberam que tivera uma visão no santuário: e ele lhes fazia acenos e continuava mudo.**
- 23. Cumpridos os dias de seu ministério, retirou-se para sua casa.**
- 24. Depois desses dias, Isabel, sua mulher, concebeu e ocultou-se por cinco meses, dizendo:**
- 25. “Assim me fez o Senhor nos dias, em que pôs os olhos sobre mim. para acabar com meu opróbrio entre os homens”.**

Eram tão grandes as promessas feitas a Zacarias, que ele pede ao anjo um sinal, uma prova, de sua veracidade. Já outros profetas anteriormente tinham agido assim: Abraão (Gên. 15:8), Gedeão (Juízes, 6:36-37), Moisés (.tx. 3:12), Ezequias (2.º Reis, 20:8), e, tal como ocorreu com Zacarias, foram todos atendidos.

Em resposta, o anjo “apresenta suas credenciais”, dando o nome de Gabriel (o HOMEM de Deus) e dizendo que faz parte dos sete que assistem diante do trono de Deus (cfr. Tob. 12:15 e Dan. 9:21), ou seja, do trono de YHWH.

Depois, como segunda. prova, fã-lo emudecer, embora temporariamente. E essa mudez não foi como a de Daniel (10: 15) que emudeceu pelo susto produzido pela aparição, mas sim como resposta à prova pedida. E além de perder a fala, perdeu o sentido da audição, pois é “por sinais” (Luc., 1 :62) que lhe perguntarão, mais tarde, qual o nome que porão no menino que nasceu.

O povo admira-se da demora exagerada de Zacarias no santuário; e ao sair, vendo que não proferia as palavras rituais de hábito, de bênção aos fiéis, compreende, pelos gestos do sacerdote, que ele tivera uma visão.

Orígenes (“Patrologia Graeca”, vol 13, col. 1812) e Ambrósio (“Patrologia Latina”, vol, 15, col. 1550) comentam que o mutismo de Zacarias era um símbolo do mutismo em que ficaria a religião mosaica ao ser promulgado O Evangelho.

Ao terminar suas funções sacerdotais, Zacarias se recolhe à sua residência, na localidade de ‘Ain-Karim.

Depois disso, dá-se a concepção de Isabel, a qual permanece oculta do público durante cinco meses, louvando a Deus por haver-lhe concedido a bênção de um filho.

Admirável é todo o simbolismo deste trecho.

O intelecto (Zacarias} tem como função precípua a dúvida (Descartes) , a indagação por experiências. O objetivo primordial do intelecto é o raciocínio discursivo, plano, que só caminha por meio de dúvidas e provas, para ter base para suas conclusões. A intuição “vê” diretamente, num átimo, e não

pergunta razões nem pede provas: SABE. O intelecto indaga, procura, pesquisa, pondera, discerne, julga e só depois é que deduz e conclui.

Era pois inevitável e justo segundo sua natureza que, diante do aparecimento de uma visão espiritual, o intelecto não se conformasse de imediato, e iniciasse o estudo objetivo da questão.

Verificado, porém, pelas palavras do mestre que lhe surge à frente em pessoa, que o grande objetivo de sua busca se aproxima, o intelecto resolve obedecer submisso.

O anjo diz-lhe, em primeiro lugar, que é de origem divina, que já obteve o contato com o Deus Interno, e que já se tornou, por isso, um “homem de DEUS” (Gabriel), um homem “divinizado” (filho de Deus).

Mas acrescenta que, para Zacarias (o intelecto) consegui-lo, ele deverá emudecer em meditação, nada ouvindo e nada falando, profundamente recolhido em si mesmo.

Zacarias primeiro termina seu mandato sacerdotal, como homem reto e justo, e depois se afasta, não dando mais atenção ao bulício do mundo, ao “povo que estava de fora”. O povo admira-se de sua demora: ainda hoje, quando qualquer criatura se afasta dentro de si mesma em oração, mais tempo do que a “obrigação de uma vez por semana”, o “povo” se admira e não entende.

Superada essa fase, “vai para sua casa”, isto é, recolhe-se a seu íntimo. Lá encontra-se com a intuição (Isabel), une-se a ela intimamente, e ela concebe a idéia que o intelecto lhe transmite, e também “se oculta”, para que possa dar-se o nascimento do filho, ou seja, o contato com o Eu Supremo, pelo qual nascerá uma nova criatura, o “homem novo”.

Ambos (intelecto e intuição - Zacarias e Isabel), recolhidos durante cinco meses em louvor a Deus (Judéia), ocultos a todas as vozes e chamamentos do mundo, mudos e surdos a tudo o que é da Terra, preparam-se para o grande evento.

Não há outro caminho que conduza ao Cristo Interno (nós o veremos em outros passos à frente) senão o da meditação solitária, que poderá, quando muito, receber a visita do Mestre.

ANÚNCIO A MARIA

LUC.1:26-38

26. No sexto mês, foi enviado da parte de Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré.

27. a uma virgem prometida a. um homem que se chamava José, da casa do David, e o nome da. virgem era Maria.

A comunicação do anjo a Maria ocorre seis meses após a concepção de Isabel. O mensageiro é o mesmo que falou a Zacarias, isto é, Gabriel. No entanto, o fato não mais ocorre em Jerusalém, sim numa cidadezinha desconhecida da Galiléia, Nazaré, onde morava uma mocinha que estava noiva.

A cidade de Nazaré só nos é conhecida através das citações dos Evangelhos. Nem no Velho Testamento, nem em nenhum autor profano aparece esse nome. Também não o temos escrito em hebraico, mas apenas sua transcrição para o grego, e com seis variantes: Nazaré, Nazaret, Nazareth, Nazará, Nazarat e Nazarath.

Lucas frisa com insistência que Maria não estava ainda casada: era noiva, ou seja, “prometida” (em grego ἐμνηστευμένη, particípio aoristo 2.º do verbo μνηστεύω, que tem o sentido de “prometer em casamento” ou “contratar matrimônio”). O matrimônio só se completava quando, a noiva ia morar na casa do noivo, que então se tornava marido. Tanto que Lucas só dá a José o título de “pai”, quando fala da apresentação de Jesus ao Templo (Luc. 2:33,41,43 e 48).

Entre os judeus, porém, desde que se contratava o casamento, a noiva era considerada ligada ao noivo de tal forma, que um erro dela era catalogado como adultério (Deut. 22:23).

Todo o nosso sistema terráqueo está constituído na base setenária. Não se trata de misticismo nem de cabalismo, é uma verificação fácil de fazer-se. Conhecendo os antigos esse fato, todos os acontecimentos e o simbolismo eram baseados no número sete.

Como o sete era a etapa final, o penúltimo passo representava-se pelo número seis. Daí lermos “no sexto mês. Isto significa que o símbolo que vai ser dado aos leitores, exprime a penúltima etapa dessa fase do desenvolvimento.

Nessa penúltima do etapa, o discípulo acha-se preparado e o mestre aparece, o “homem de Deus”, Gabriel, a fim de anunciar-lhe a última etapa.

O aparecimento do “anjo” ou “anunciador” dá-se na Galiléia, a “região cercada” do íntimo da criatura. A cidade tinha o nome de Nazaré. Que o nome constitui um símbolo, compreendemo-lo por não constar ter havido, na época, nenhuma cidade real com esse nome. A palavra “Nazaré” parece derivar-se do radical hebraico Nâzir, que significa “separado, consagrado”, ligando-se ao nazireano instituído por Moisés (Núm. cap. 6.º).

Vemos, pois, que o “mestre” aparece no lugar separado da região cercada”, ou seja, no CORAÇÃO, falando através da voz silenciosa.

Anota o evangelista que a aparição se deu “a uma virgem”, e que ela estava “prometida a um homem”. A intuição está sempre ligada ao intelecto. E, mormente quando no caminho espiritual, quase sempre se filia a uma pessoa humana, que a guia, intelectualmente, pela estrada da evolução.

O sentido da palavra José “(Deus) acrescenta”, ou seja, “Deus dá por acréscimo de misericórdia”, coincide com o título “filho de David”, já que David significa “o Amado”.

Daí compreendermos que o intelecto, quando se dedica às coisas divinas, aos estudos das realidades espirituais, se torna “amado”, e a ele “Deus acrescenta” sabedoria. Isto, não por privilégios, mas por simples efeito de sintonia vibratória: se um rádio é sintonizado com uma estação transmissora, recebe-lhe as ondas não por “predileção” da estação, mas porque as condições de sintonia favoreceram a receptividade. Deus' dá igualmente (infinitamente) a todos, mas cada um recebe segundo sua capacidade. No oceano divino vogam o pequeno caíque e o grande transatlântico, mas cada um mergulhando de acordo com o calado de sua quilha.

A conversa de Gabriel com Maria difere da havida com Zacarias. Com este, temos a representação do “mestre” que fala ao intelecto, suscitando dúvidas (segundo a característica própria do intelecto). Com Maria, temos a representação do “mestre” que se dirige à intuição, e é aceito, porque a intuição “sente” a verdade da manifestação.

28. Aproximando-se dela, disse-lhe: “Alegra-te, altamente favorecida, o Senhor é contigo”.

29. Ela, porém, ao ouvir essas palavras, perturbou-se muito e pôs-se a pensar que saudação seria essa.



FIGURA “Anúncio a Maria”

A saudação do anjo a Maria é concisa. A fórmula grega Χαίρε significa “alegra-te”, Observe-se: que, na saudação, os gregos auguravam alegria, enquanto os orientais desejavam paz (shalôm) e os latinos faziam votos de saúde (salve, ave, vale) .

O perfeito grego *κεχαριτωμένη* indica a posse permanente (não transitória) de graça, de perfeição, de beleza, tanto física quanto moral. Usado na saudação de Gabriel, em tom de vocativo, esse perfeito assume quase o papel de um adjetivo substantivo: “ó perfeitíssima”, “ó altamente favorecida”, que a vulgata interpretou “cheia de graça”.

A seguir uma afirmativa: “o Senhor está contigo”. Não se trata, como em Rute (2:4) do desejo de que “o Senhor esteja contigo”, mas de uma afirmação categórica a respeito de um fato conhecido por Gabriel.

Maria perturba-se não tanto pela presença de um homem jovem a seu lado (e Gabriel devia apresentar extraordinária beleza física), mas pelas palavras de saudação proferidas; por ele, por aquele elogio inesperado da parte de um estranho.

A mente transmite sempre com imensa alegria, quando anuncia a presença divina dentro da criatura: “o Senhor está (é) contigo”, vive dentro de ti, habita em ti, é a vida que pulsa em ti. Quando o homem ouve essas palavras silenciosas dentro do coração, invariavelmente se perturba: que palavras estranhas são essas, dirigidas a criaturas tão cheias ainda de defeitos?

A voz íntima, no entanto, diz a todos: “alegra-te, filho de Deus, és altamente favorecido pela divindade, pois Deus habita em ti” !

30. Disse-lhe o anjo: “Não temas, Maria., pois conquistaste benevolência da parte de Deus,

31. e conceberás em teu ventre e darás à luz um filho a quem chamarás JESUS.

32. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David,

33. e ele reinará no futuro sobre a casa de Jacob, e seu reino não terá fim.

Gabriel exorta Maria a não temer porque ela “conquistou a benevolência de Deus”.

O anjo não se apresenta a Maria dando nome e posição como o fez com Zacarias. Ao evangelista basta revelar que o mensageiro foi o mesmo nos dois casos.

Conquistar benevolência é expressão já muito usada no Velho Testamento, com as palavras “achar graça” (cfr. Gên. 6:8; X;x. 33:12; Juízes, 6: 17)

O anúncio da próxima maternidade de Maria é feito com expressões semelhantes às que foram ditas por outros espíritos, para anunciar o nascimento de Ismael (Gen. 16:11) e de Sansão (Juízes, 13: 3-5).

O nome que o anjo impõe é JESUS (em hebraico IEHOSHUA' γωιπ que se Abrevia Ἰησ ou ἰωι , mas que também pode transliterar-se ... , com o sentido de “Iahô salva”. Na previsão de Isaías, era-lhe dado o nome de HIMMANU-EL, isto é, “Deus conosco”.

“Jesus”, diz o anjo “será grande, será chamado de Filho do Altíssimo”, título que era dado aos reis na antiguidade (cfr. 2.º Reis, 7:14 e 1 Crôn. 22: 1C).

O menino receberá o “reino de David”, que ele ocupará “no futuro”, (εἰς τοὺς αἰῶνας) e seu reino “não terá fim”. A palavra αἰών tem o mesmo sentido que seu derivado latino “aevum” (em português “evo”, ou seja século, uma “vida”) e era empregado no sentido lato de futuro, e não no de “eterno”. Eterno é o que não tem princípio nem fim. Além disso, a segunda parte do versículo esclarece bem a idéia, quando diz “e seu reino não terá fim”, Se a palavra “aíónas” tivesse o sentido de “eterno”, não havia razão para a segunda parte do versículo, nem mesmo invocando-se a técnica da repetição, na poesia hebraica.

Com Zacarias, o anjo se apresenta, porque o intelecto quer saber de tudo, pede “credenciais”; ao passo que a intuição não repara no intermediário: sente a verdade em suas palavras, não lhe interessando quem a diz, mas sim o que diz.

A resposta do “mestre” à indagação aflita da criatura que, humildemente, se julga indigna de receber tão grande graça - embora não duvide da própria graça - vem trazer maior certeza da realidade: “conquistaste benevolência da parte de Deus”. Não é, propriamente, o “merecimento”, no sentido de haver a criatura dado algo mais do que devia, com isto merecendo uma recompensa, ou “comprando” a benevolência. Não. Trata-se da sintonia natural da criatura, que lhe possibilita receber as emissões (a benevolência) divinas, dadas a todos indistintamente: bons e maus, sábios e ignorantes, santos e criminosos. E essa sintonia é obtida pelo que a criatura É (não pelo que sabe, nem pelo que faz).

Tendo conseguido essa sintonia, a criatura pode “conceber em seu ventre” (recebe em seu coração) um “filho”, que é sua “salvação”: JESUS, isto é, Iahô salva. Esse “nascimento” é uma expressão que usamos por falta de outro vocábulo mais exato. Assim como, ao nascer, a criança aparece, é vista, tocada e sentida (embora não tenha começado a existir nesse momento, pois inclusive seu corpo já existia no ventre EU Supremo consiste apenas na verificação de nossa parte de que ele existe. Realmente ele já existia dentro de nós, mas ainda oculto e não sentido. Ao revelar-se, ao tornar-se “sensível”, nós dizemos que ele “nasceu”: isto é, que se manifestou; quando nós o DESCOBRIMOS, dizemos que ELE NACEU ...

Esse EU Supremo será grande e é o Filho do Altíssimo porque é a Centelha que emanou Dele (do Foco Incriado); e terá, por todo o resto de sua existência o “trono de seu Pai” o AMADO (David).

Vimos (pág. 2) que Deus (o AMOR) se manifesta como o Verbo Criador (o AMANTE) e como o Criador, o Filho (o AMADO). Ora, o EU Supremo, que é a individualização de um Raio-Divino, isto é, o “Filho do Cristo” (o AMADO), pode ser, por isso, chamado “filho do Amado” ou “filho de David”.

Seu reino não terá fim sobre a casa de Jacob. Jacob significa “o que suplanta” (ou “o que segura pelo calcanhar”). Exprime, então, a personalidade, que durante milênios “suplanta” a individualidade abafando-a totalmente. Quando JESUS surge, ele assume o trono de David, e reina sobre a “casa de Jacob” sem fim isto é nunca mais a individualidade sofrerá o domínio da personalidade.

34. Então Maria perguntou ao anjo: “como será isso, uma vez que não conheço homem”?

35. Respondeu-lhe o anjo: “um espírito santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te envolverá. com sua sombra; e por isso o nascituro será chamado santo, Filho de Deus.

36. Isabel, tua parenta, também ela concebeu um filho na sua velhice, e já está no sexto mês aquela que era chamada estéril,

37. porque, vindo de Deus nada será impossível”.

38. Disse Maria: “Eis aqui a escrava do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra”. E o anjo retirou-se.

A pergunta de Maria difere da de Zacarias. O sacerdote pergunta: “como saberei que isto é verdade”?, o que exprime dúvida a respeito das afirmativas de Gabriel. Maria indaga: “Como se dará isso, se não conheço homem”? O que constitui um pedido de explicação: ela crê verdadeiras as palavras, mas deseja saber o modo de agir para resolver o caso.

“Conhecer homem ou mulher” é eufemismo usado entre os judeus para designar as relações sexual, empregando-se o vocábulo γυνή. Maria, jovem noiva, não tinha ainda (por isso usa o presente do indicativo: “não tenho”) comércio sexual. E Gabriel parece esclarecer que a concepção se deverá dar de imediato, sem esperar que o casamento se realize.

O anjo explica que ela conceberá um espírito santo (já santificado). Em grego, aqui também não aparece o artigo, denotando a indeterminação: UM, espírito santo. Esse espírito santificado descenderá sobre ela (ἐπελεύσεται do verbo ἐπέρχομαι) e acrescenta que “a força ou poder do Altíssimo a envolverá com sua sombra”. Parece uma alusão clara à shekinah da mística judaica. Nesses casos, qualquer contato

sexual, mesmo fora do casamento, será abençoado. Deus não está sujeito às leis “humanas”, nem das sociedades nem dos Estados. O casamento é um ato instituído pelos homens, a fim de evitar abusos e manter organizada a humanidade. Mas Deus simplesmente criou as plantas, animais e homens dotados de sexo para que se unissem, produzindo filhos, a fim de que Sua obra não perecesse: Qualquer restrição é humana e não divina. No caso em apreço, isso está claro. Tanto assim que, mesmo fora do casamento Maria receberá, em seu ventre, um espírito santo, que será chamado Filho de Deus

E logo a seguir acrescenta, a título de comprovação, que Isabel, parenta de Maria (não se sabe qual o grau de parentesco) também terá um filho, apesar da idade e de ter sido estéril, já estando no sexto mês de gravidez.

E aduz: “vindo de Deus, nada é impossível”. A expressão do texto original: “nenhuma palavra” (πάνρημα) é o equivalente do hebraico dābār (דָּבָר), que tem muitas vezes (cfr. Gên. 18:14) o sentido de “coisa”. Ora, “nenhuma coisa” é o mesmo que “nada”.

A resposta de Maria é uma aceitação plena, uma conformação total: “eis a escrava (δουλη) ao Senhor”. E mais: faça-se em mim conforme dizes”. A expressão “faça-se” (γένοιτο) é muito mais forte que o γενήθητο usado no “Pai Nosso” (Mat. 6:10). Neste, exprime-se o desejo de que “se faça”, mas deixando livre quanto à época em que se realize. No caso presente, o “faça-se” de Maria expressa o desejo e quase a ordem de que se faça já.

Cumprida a missão, o anjo retirou-se.

A própria intuição, sobretudo levada pelo intelecto, supõe e deseja que alguém lhe dê a iniciação. Espera o milagre, certa de que o grande encontro se realizará por meio de uma palavra mágica ou de um gesto cabalístico, com um rito exótico. Essa é a estranheza manifestada por “Maria (simbolizando a intuição) quando diz que “não conhece homem”, que não está em contato com um iniciado ou adepto.

O “homem de Deus” (Gabriel) esclarece (por omissão) que não é disso que se trata: que não há homem que possa resolver esse caso. O Espírito Santo que está dentro dela (“o Senhor é contigo”), é que se manifestará, e ela será envolvida por sua sombra. Trata-se da “shekinah”, tão conhecida pela mística judaica.

Todas as experiências do encontro com o EU Supremo (segundo o testemunho dos que o conseguiram, em qualquer das correntes religiosas), tem um ponto em comum: a criatura se sente envolvida por intensa luminosidade, que é comparada a um relâmpago, a um incêndio, enquanto ela mesma se expande ao infinito, mergulhando e desfazendo-se na luz. O mergulho na luz é a descida da “shekinah”.

Por essa razão, o “homem novo” que daí nasce é chamado “Santo, Filho de Deus”.

Para incentivá-la a dar o último passo, Gabriel cita-lhe o exemplo de Isabel, sua parenta (ou seja, de todos os seres, parentes nossos, que atingiram o grau de “adoradores de Deus” - Elisheba), que se encontra no mesmo ponto evolutivo, no penúltimo degrau, “no sexto mês”, aguardando a iluminação, embora desta ninguém mais esperasse nada, pois não era julgada capaz de consegui-lo, após tantos anos de tentativas infrutíferas (esterilidade). E como coroamento, conclui: “nada é impossível a Deus”.

Vencida e convencida, Maria submete-se com máxima humildade à vontade divina, A humildade real, na qual a criatura se entrega qual escrava para obedecer em tudo e sempre, sem reconhecer nenhum direito para si, é o caminho único que leva ao encontro com o EU profundo.

Mas essa humildade precisa querer que se realize o ato, precisa entregar-se total e plenamente, sem condições nem reservas. Isto porque, embora sendo, como é, a causa de tudo, Deus é a humildade máxima: jamais se mostra, jamais assina Suas obras, jamais pede retribuição de nenhum dos benefícios prestados, e Sua vida toda se resume em SERVIR a todos, dando tudo de graça, sem distinção alguma de pessoas.

Por isso, quando a criatura atinge o grau de perfeita humildade, encontra Deus em si, por sintonia vibratória, e passa a viver UM com DEUS.

Isso mesmo ocorreu com Maria: no momento em que se conformou plenamente com a vontade do Pai, aniquilando a sua vontade pequenina, anulando sua personalidade, nesse momento concebeu JESUS, encontrou DENTRO DE SI (em seu coração) o Filho de Deus, o CRISTO, que nasceu virginalmente, ou seja, sem obra nem intervenção de homem.

Esse o sublime simbolismo que aprendemos desse trecho de Lucas, deduzindo-o dos fatos reais, que ocorreram na Palestina há quase dois mil anos. Lições de inestimável valor para nosso aprendizado.

VISITA A ISABEL**Luc. 1:39-56**

- 39. Naqueles dias, levantando-se Maria foi apressadamente à região montanhosa, a uma cidade de Judá,**
- 40. e entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel.**
- 41. Apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança deu saltos no ventre dela, e Isabel ficou cheia de um espírito santo,**
- 42. e exclamou em alta voz: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!**
- 43. Como é que me vem visitar a mãe de meu Senhor?**
- 44. Pois logo que a voz de tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança deu saltos de alegria em meu ventre;**
- 45. bem-aventurada aquela que creu que se hão de cumprir as palavras que lhe foram ditas da parte do Senhor”.**

A expressão “levantando-se” é usada por Lucas (Evangelhos e Atos) sessenta Vezes. Portanto, locução típica do autor.

Maria parte para visitar sua parenta, movida não pela curiosidade de verificar as palavras de Gabriel (o que estaria em contradição com a fé que nelas depositara espontaneamente), mas por espírito de humanidade: ir em sua ajuda.

Qual a cidade de Judá ? Diz uma tradição do século V que foi Ai'n-Karim, a sete quilômetros de Jerusalém. A viagem de Nazaré a Ai'n-Karim levava de quatro a cinco dias. Como teria feito a viagem? Sozinha? Nada é revelado.

Após a saudação natural da visitante, Isabel sente que o filho em seu ventre “dá saltos de alegria”. Rebeca (Gên. 25: 22) interpretou como mau presságio a “luta dos gêmeos” em seu ventre.

Logo fica “cheia de um espírito santo”. Novamente sem artigo. Repisamos: a língua grega não possuía artigos indefinidos. Quando a palavra era determinada, empregava-se o artigo definido “ho, he, to”. Quando era indeterminada (caso em que nós empregamos o artigo indefinido), o grego deixava a palavra sem artigo. Então quando não aparece em grego o artigo, temos que colocar, em português, o artigo indefinido: UM espírito santo, e nunca traduzir com o definido: O espírito santo.

Cheia, em grego ἐπλήσθη, aoristo passivo do verbo do πίμπλημι. Sendo passivo, significa que o “encher-se” não dependeu dela (seria então empregado a voz média), mas sim de um elemento externo; esse agente da passiva está expresso: um espírito. Todavia esclarece-se que era bom, era santo. Entre espirítistas, interpretamos com um vocábulo moderno: incorporou um bom espírito.

Então levanta a voz gritando, o que evidencia não ser ela mesma quem fala; se o fora, falaria com sua voz normal.

Que espírito se incorporaria mais naturalmente em Isabel nessa circunstância? Dada a grande evolução espiritual de Elias, era-lhe possível manter a consciência desperta mesmo durante a formação de seu corpo físico no ventre de Isabel. E incorporar-se nela não lhe trazia nenhuma dificuldade, pois ela já lhe estava servindo de médium de materialização de seu veículo físico denso.

Ora, o espírito de Elias sabia de tudo o que estava ocorrendo, e tinha visão espiritual ampla, ao passo que Isabel não podia, humanamente, descobrir a gravidez de Maria, que não tinha nem um mês, e portanto não aparecia externamente. Segundo o princípio teológico, uma explicação simples e natural deve sempre ser preferida a outra complicada e milagrosa, ou seja, jamais deve recorrer-se a um “milagre”, nos casos em que pode dar-se uma explicação natural. Ora, é mais simples e natural a explicação da incorporação de Elias (confessada pelo evangelista, quando diz “ficou cheia de um espírito santo”), do que termos que recorrer a revelações divinas excepcionais e a milagres.

Falamos aqui em espírito de “Elias”, e não de “João Batista” porque, na realidade, esse espírito ainda não assumira a nova personalidade de João, pelo novo nascimento: e Gabriel, ao falar a Zacarias, diz claramente: “irá COM o espírito DE ELIAS” (vers. 17).

Esta explicação da consciência do espírito ainda no seio materno é dada por Tertuliano, por Orígenes, por Irineu, por Ambrósio, e o teólogo Suarez (in III, q, XXVII, disp. IV, sect. VII, n. 7) diz mesmo que, desde esse momento, o espírito tinha o “uso da razão”. Isso tudo é mais lógico e natural do que recorrer a uma “intervenção” divina, como faz Agostinho .

O espírito de Elias, conhecedor dos fatos, saúda Maria como “bendita entre as mulheres”, e acrescenta: “bendito é o fruto que está em teu ventre” . Depois, numa exclamação de suprema alegria, reconhecendo o espírito de Yahweh, encarnado no ventre de Maria, tem aquela pergunta que revela sua humildade, e também o reconhecimento do “Deus de Israel”: “como é que me vem visitar a mãe de meu Senhor”?

Isabel, consciente das palavras que tinham sido ditas por sua boca, comenta o fato, dizendo que, logo que ouviu a voz de Maria, a criança deu saltos de alegria em seu ventre. E conclui abençoando Maria, porque nela se cumpriram as promessas antigas de Yahweh, e também porque ela deu crédito ao anjo que lhe participara a notícia.

Depois de recebido o aviso do próximo encontro com a Divindade, a criatura se afasta precipitadamente de seu “habitat” normal: vai às montanhas, para ficar em meditação silenciosa, ou seja, sobe ao nível mais alto de vibrações que lhe seja possível, esquecendo tudo o que é “de baixo”, da Terra, da planície. Nesse nível extra-material, encontra espíritos de igual elevação, e com eles se comunica em palavras de louvor a Deus.

Observemos desde já que, todas as vezes que as Escrituras querem assinalar uma elevação de vibrações, por meio da prece ou da meditação, elas o fazem com a expressão “subiu a um monte”. Exatamente o que se faz aqui: foi para a região montanhosa de Judá. E como a Judéia representa a personalidade (assim como a Galiléia exprime a individualidade, já o vimos) , compreendemos que a criatura “esquece” os corpos físico, sensitivo e emocional, jogando apenas com a parte mais elevada, o intelecto.

Ao encontrar-se com outro espírito, este lhe manifesta a alegria, por ver que dentro de si está Deus, o Cristo Vivo que em todos nós habita.

46. E disse Maria: “Minha alma engrandece o Senhor

47. pois meu espírito alegrou-se em Deus meu Salvador,

48. porque pôs os olhos na pequenez de sua escrava. Pois de ora em diante todas as gerações me chamarão de bem-aventurada;

49. porque o Poderoso me fez grandes coisas. Santo é Seu nome.

50. e Sua misericórdia se estende de geração em geração sobre os que O temem.

51. Manifestou poder com seu braço, dissipou os que tinham pensamentos soberbos no coração,

52. depôs os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes.

53. encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos.

54. Socorreu Israel, seu servo. lembrando-se da misericórdia.

55. (como falou a nossos pais) para. com Abraão e sua posteridade para sempre”.

56. E Maria ficou cerca de três meses com ela, depois voltou para sua casa.

Em resposta a Isabel, Maria entoou um cântico maravilhoso, que muito nos ensina. Conhecidíssimo em toda a cristandade por sua primeira palavra latina, o “Magnificat”.

Todo o cântico reproduz pensamentos do Velho Testamento, sobretudo dos Salmos .

Logo no primeiro versículo temos preciosa lição: “Minha ALMA engrandece o Senhor, pois meu ESPÍRITO alegrou-se em Deus meu Salvador”.

Temos, portanto, nítida distinção entre alma (psyché = ψυχή) e espírito (pneuma = πνεῦμα), que Paulo também distingue, de acordo com a filosofia platônica. Por exemplo, em 1.^a Tess. 5:23, quando suplica a Deus que “nos santifique o *espírito* (pneuma) , a *alma* (psyché) e o corpo (soma)”. Na filosofia paulina, a psyché é o princípio das emoções sensíveis (o que hoje chamamos “corpo astral” ou “perispírito”, isto é, o princípio agente ou “eu” da personalidade); e pneuma é o elemento espiritual (ou “eu” consciencial da individualidade). Em Hebreus (4:12) também lemos que “a palavra de Deus é viva e eficaz e mais cortante que qualquer espada de dois gumes, e penetra dividindo até os nervos e as ligações da alma com o espírito, discernindo as disposições e os pensamentos do coração”.

Há ainda outros passos escriturísticos que confirmam esse ponto de vista: “Louvai-O espírito e almas dos justos” (Dan. 3:86); “Em sua mão está a alma de todos os vivos e o espírito de todos os homens” (Job, 12:10) . “Se há o corpo *psíquico* (de alma), ... o há também o corpo espiritual (de espírito)”, (1 Cor. 15 :44); “O homem de alma e o de espírito (1 Cor. 2: 14-15); “Estes são os que se separam a si mesmos, que têm alma, mas não têm espírito” (Judas, 19).

Maria, pois com toda a clareza filosófica (podia não ter cultura, mas era sábia) , emprega corretamente os tempos dos verbos e afirma: “Minha alma (personalidade) engrandece (no presente do indicativo, μεγαλύνει) o Senhor, porque meu espírito (individualidade) *se alegrou* (no aeristo, ἡγαλλίασεν) em Deus meu Salvador”.

A razão da alegria é o prêmio recebido da descida do Grande Espírito em seu ventre; manifestação espontânea de humildade verdadeira. Maria transfere toda a benevolência à Graça divina, que “baixou seus olhos à pequenez de sua escrava”, e de tal forma a exaltou “que todas as gerações a denominarão bem-aventurada”. Ela mesma, porém, não se diz humilde (quem se julga humilde, revela o orgulho ou a vaidade de se julgar virtuoso), mas apenas *pequena*, sem-valia (ταπεινωσις); cfr. o Salmo 31:7 que diz: “vibrarei de alegria e gozo por causa de tua bondade, pois olhaste minha miséria”.

“Porque o Poderoso (ὁ Δυνατός) me fez grandes coisas “:era habitual ser designada a divindade por um de Seus atributos.

Outro motivo de louvor: Deus exerce Sua misericórdia nas sucessivas encarnações dos que O temem, ou seja, dos que são fiéis à Sua lei e O servem. Leia-se, por exemplo, o Salmo 103:17 ou melhor, Deuteronômio 7:9, onde está: “Yahweh ... mantém Sua misericórdia *aos que O amam* e Lhe cumprem Seus mandamentos, até mil gerações”; claramente entendemos que se trata de “mil” (no sentido de muitas) encarnações do próprio, e não se refere absolutamente a filhos, netos, etc. Tanto assim que, no versículo seguinte, se acrescenta: “retribui *diretamente* aos que O odeiam, não retardará o pago ao que O odeia, retribuir-lhe-á *diretamente*”. Logo, só pode tratar-se de mil re-nascimentos da própria criatura que O ama (O teme) e Lhe cumpre os mandamentos.

Continua Maria: Deus “dispersa pela força de Seu braço (repetição do eufemismo do Salmo 119:16) os que têm pensamentos soberbos no coração” . Conforme verificamos (mais uma vez, o coração é a sede dos pensamentos. Realmente, sendo Deus a humildade máxima, os orgulhosos jamais podem sintoni-

zar com Suas vibrações. Daí dizer-se mediante uma imagem: “Deus não ama os orgulhosos” (Cfr. 1.º Reis 2:3 e Job, 38:15).

E prossegue: fez descer os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes” (Cfr 1.º Reis 2:5-7; Ecli. 10:14, Salmo 148:6; e Job 5:11; 12: 19 e 22: 9); encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos” (Cfr. Salmos 34:10-11 e 107:9).

Queremos uma vez mais chamar a atenção para a afirmação clara, embora implícita, das vidas sucessivas ou reencarnações. Raciocinando diante dos fatos, verificamos que, numa mesma existência, os poderosos raramente perdem seus tronos e os humildes não são exaltados; da mesma forma que os famintos muito dificilmente enriquecem e pouquíssimos são os ricos que perdem a fortuna. Ora, as afirmativas de Maria e dos demais textos supra-citados do Velho Testamento apresentam esses fatos como *normais e habituais*. Então concluímos que se referem às vidas sucessivas: quem teve um trono numa existência, regressará à Terra na vida seguinte em posição humilde e vice-versa; quem transcorreu uma existência a lutar contra a fome, voltará na seguinte cheio de bens, mas os ricos “serão despedidos” da vida espiritual para a Terra “vazios” de bens. Esta é a única interpretação que podemos dar às palavras citadas; se o não fizermos, verificaremos que os fatos reais que observamos todos os dias desmentem as afirmativas categóricas das Sagradas Escrituras.

Maria cita a seguir a manifestação da misericórdia de Yahweh para com Jacob (Israel), segundo a promessa feita a Abraão. Anotemos que a esposa de Abraão era Sara e, a seu respeito, diz a Cabala: “Fica sabendo que Sara, Hannah a Sunamita e a viúva de Sarepta, cada uma delas possuiu por seu turno a alma de Eva” (Yalkut Reubeni, n. 8).

E o Evangelista encerra o episódio com a notícia de que Maria ficou “cerca de três meses” com Isabel, regressando depois para sua casa. Embora Lucas narre o episódio do nascimento de João após ter dado notícia do regresso de Maria, é de supor-se que ela tenha permanecido ao lado da parenta até depois do nascimento de João; quando lá chegou já estava no sexto mês, e lá ficou cerca de três meses, certamente não sairia às véspera do grande evento. Mas o procedimento é típico desse evangelista: terminar um episódio antes de começar outro (por exemplo, falará da prisão de João Batista, em 13:19-20, antes de começar a narrativa do batismo em 13:21-22).

Note-se que Maria regressou para *sua* casa, e não para a casa de José. Isto porque, a essa época ainda não estava casada.

Sob o aspecto profundo, aprendemos que a intuição (Maria) glorifica o Senhor pela descida da graça, convicta da pequenez de sua realidade subjetiva, diante da magnificência divina em atender às criaturas. Inspirada pelo Eu Supremo, canta a alegria da próxima Unificação com o Cristo interno, a Manifestação cósmica da Divindade. Estende seu louvor pelos benefícios recebidos em vidas anteriores, assim como pela felicidade que fruirá nas porvindouras. Relembra que só os humildes e pequenos receberão a ventura do Grande Encontro, pois os ricos (cujo deus é o dinheiro) e os soberbos (cujo deus é o próprio “eu” pequenino e transitório), não conseguem penetrar no recinto humilde e oculto do coração, o que só pode ser feito quando há renúncia total a tudo, inclusive ao “eu” personalístico.

Maria permanece com Isabel, ajudando-a com sua presença a realizar o mergulho, e depois novamente se recolhe em seu íntimo (regressa a sua casa), para, em meditação profunda, aguardar o Supremo Acontecimento.

NASCIMENTO DE JOÃO

LUC. 1:57-80

57. **Chegado o tempo de dar à luz, Isabel teve um filho.**
58. **Seus vizinhos e parentes, sabendo da grande misericórdia que o Senhor manifestava para com ela, participavam de seu regozijo.**
59. **No oitavo dia vieram circuncidar o menino, e iam dar-lhe o nome de seu pai: Zacarias.**
60. **Sua. mãe, porém. disse: “Não, mas será chamado João”.**
61. **Disseram-lhe: “Ninguém há entre teus parentes que tenha esse nome”.**
62. **E perguntavam por acenos ao pai que nome queria que lhe pusessem.**
63. **Ele, pedindo uma tabuinha, escreveu: “João é seu nome”. E todos se maravilharam.**
64. **Imediatamente lhe foi aberta a boca e solta a língua, e começou a falar, bendizendo a Deus.**
65. **O temor apoderou-se de todos os seus vizinhos e divulgou-se a notícia de todas essas coisas por toda a região montanhosa da Judéia;**
66. **e todos os que delas souberam, as guardavam no coração dizendo: “Que virá a ser então, esse menino”? Pois na verdade a mão do Senhor estava com ele.**

A expressão “chegado o tempo de dar à luz” é repetição de Gên. 25:24, e a atribuição do fato à misericórdia divina reproduz Gên. 19:19. O acontecimento causou grande alegria e alvoroço entre a parentela e a vizinhança.

O evangelista passa então a narrar a cena da circuncisão, de acordo com a lei (Gên. 17:12; 21:4 e Lev. 12:3). O rito da circuncisão não era atribuição sacerdotal: qualquer israelita podia desempenhá-lo, mesmo na residência dos pais; em todas as localidades havia (e ainda hoje existe) o MOHEL, pessoa habilitada para essa delicada operação no recém-nascido.

O fato de Lucas citar a presença de Isabel demonstra que a operação se realizou em sua residência, pois a mulher que dava à luz só podia sair de casa quarenta dias depois do parto.

No ato da circuncisão, rito pelo qual o menino era oficialmente incluído no povo israelita, era-lhe imposto o nome. Causa estranheza o fato de quererem colocar no filho, o nome do pai, o que contrariava o costume israelita. Mas, em vista da idade proecta do pai, não haveria futuramente possibilidade de confusão entre os dois.

Nesse ponto intervém Isabel, que quer dar ao menino o nome de João. Os parentes não aceitam a sugestão porque fugia aos hábitos judeus não só ser o nome escolhido pela mãe, como ainda que se impuser se um nome que já não houvesse na família. Por isso interrogam Zacarias “por acenos” (demonstrando sua surdez temporária). Este pede uma tabuinha recoberta de cera e com um estilete escreve o nome de João, confirmando o que dissera Isabel. O evangelista anota a admiração de todos e a divulgação que teve a notícia nas redondezas.

A expressão “guardar no coração” é típica do hebraico (Cfr. 1.º Reis, 21:12 e Iso 57:1) e exprime refletir, tomar em grande consideração. Outra expressão idiomática aparece em “a mão do Senhor”, significando a proteção divina (Cfr. Atos 11:21 e 13:11).

Logo que o Sublime Encontro se verifica, nascendo o Homem-Novo temos a passagem direta da Luz do mental, que não necessita mais da mediania da intuição, chegando em cheio ao intelecto e tornando-o iluminado (Buddha). A intuição (Isabel), ponte entre os dois, uma vez que apresentou ao intelecto (Zacarias) o resultado da busca (o filho), se retraio O intelecto, ao verificar a Verdade e a Realidade, digamos ('palpável", explodirá em palavras de alegria incontida e de elevação espiritual (cujo exemplo o evangelista nos dará no "Cântico de Zacarias", logo a seguir).

Temos, pois, que o intelecto saiu da contemplação, da meditação silenciosa (da surdez e mudez de vários meses) e quase não acha palavras para agradecer o prodígio. Descendo dessas alturas, voltará a "sentir" os veículos físicos, que estavam esquecidos durante a meditação.

Não admite (como a intuição já sugerira) que produto tão divino seja chamado simplesmente "lembrança de YHWH"; não: o nome só pode corresponder à realidade do ocorrido: "YHWH foi favorável".

Ao retomar contato com seus veículos de manifestação, trazendo consigo o "filho", há uma alegria indescritível entre todos os "parentes e vizinhos", ou seja, em todas as células e órgãos, tanto os do corpo perispiritual ou astral, como de suas correlatas no físico denso: todas vibram de intenso regozijo, eliminando males e mazelas e participando plenamente da Vida.

A circuncisão simboliza o corte de todos as prazeres emocionais, que daí por diante não terão mais expressão nem atrativo para ele. E o "temor que se apodera de todos os vizinhos" exprime o choque traumático, produzido em todos os órgãos e células, que se sentem aniquiladas, quando o espírito imerge no infinito. Esse choque e o respectivo temor se estendem por "toda a região montanhosa da Judéia", isto é, por toda a personalidade. A anotação "região montanhosa" refere-se à personalidade em sua parte mais elevada, em sua manifestação mais alta, que é o intelecto, o qual se sente minúsculo, pequeno, insignificante, perante a grandeza e infinitude do fenômeno experimentado.

Todas essas sensações, entretanto, são "guardadas no coração", isto é, são mantidas secretas, e não contadas a todos indiscretamente. Apenas a criatura se pergunta a si mesma: "que me ocorrerá agora"? Porque, realmente, ela sabe e sente que "o Senhor, o Cristo Cósmico, Está com ela".

O CÂNTICO DE ZACARIAS

LUC. 1:67-80

67. Zacarias. seu pai, ficou cheio de um espírito santo e profetizou dizendo:
68. “Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque veio visitar e trazer resgate a seu povo,
69. e nos suscitou um Libertador poderoso na. casa de David seu servo,
70. (como anunciara. desde tempos imemoriais pela boca de seus santos profetas),
71. para nos livrar de nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam;
72. para usar de misericórdia com nossos pais e lembrar-se de sua santa aliança,
73. do juramento que fez a Abraão nosso pai
74. de conceder-nos que, livres da mão de nossos inimigos, o servíssemos sem temor,
75. em santidade e justiça, diante dele, por todos os nossos dias.
76. Sim, e tu, menino. serás chamado profeta do Altíssimo, porque irás ante a face do Senhor preparando os seus caminhos;
77. para dar a seu povo o conhecimento da salvação, que consiste na rejeição de seus erros,
78. devido ao amor misericordioso de nosso Deus, pelo qual nos visitam o Sol do Alto,
79. para iluminar os que estão sentados nas trevas e na sombra. da morte, para dirigir nossos passos no caminho da paz”.
80. Ora, o menino crescia e se fortificava em espírito, e habitava nos desertos, até o dia de sua manifestação a Israel.

Aqui de novo aparece a expressão “cheio de um espírito santo”, ou seja, incorporado por um bom espírito (em grego sem artigo). E mais se acentua a incorporação, por causa do verbo utilizado em grego: ἐπροφήτευσεν (de προφητεύω), que significa “profetizou”, isto é, falou como intermediário, como médium (em grego profeta).

Divide-se o cântico em duas partes: 1.^a) louvor a Deus pela era messiânica iniciada (68-75); 2.^a) o papel do precursor (76-79) .

As primeiras palavras repetem a doxologia que se encontra no final de três, dos livros dos Salmos: 41:13; 72:13 e 106:48, isto é: “Bendito seja o Senhor DEUS DE ISRAEL. Logo após cita as razões: “porque veio visitar seu povo”. O sentido do verbo ἐπεσιενεπατο (aoristo médio de ἐπισιέπτομαι) é exatamente “ir visitar, ir examinar” (um amigo, um doente) , donde “levar socorro” (cfr. Salmo 106:4). Temos, pois, mais uma confirmação da visita de YHWH (Yahweh) na pessoa de Jesus. E o objetivo da visita é “trazer resgate para seu povo”, ou seja., libertá-lo. Para isso, faz surgir um “libertador poderoso”: é a interpretação do grego κέρας que, literalmente, significa “chifre, promontório, ala de exército, braço de rio”, enfim, qualquer coisa que se projete à frente. Essa expressão é empregada em relação a YHWH no Salmo 18:3 (Cfr. também Salmo 132:17 e Ezeq. 29:21).

O parêntese do versículo 70 fala do anúncio à os profetas ἀπαίωνος, ou seja, desde *muito tempo*, sentido que é mister gravar para a palavra (αἰών) que, já o vimos, não significa “eterno”, mas sim “de longa duração”, isto é, a duração de um evo. O anúncio é feito “pela boca dos profetas”, porque *não são eles*

que falam, mas é por *meio deles* que são ditadas as palavras, que é o significado técnico do verbo do verbo προφητεύω. Por isso salientamos que profeta tem sua tradução exata na palavra moderna “médiu”, neologismo criado por Allan Kardec.

O juramento feito a Abraão foi de dar-lhe numerosa posteridade, na qual seriam abençoadas todas as nações da Terra (Gên. 22: 16-18; 24:7; e Hebr. 6:13).

Na segunda parte, Zacarias dirige-se a seu filho, apostrofando-o e afirmando que ele será chamado “profeta do Altíssimo”. Repete, então, resumindo-as, as palavras de Malaquias (3: 1): “eis que vos envio meu mensageiro, que aplainará o caminho diante DE MIM (é Yahweh quem fala!)” e de Isaías (40:3) “uma voz grita: abri, no deserto, o caminho de Yahweh”.

Realmente, está tudo certo. Jesus é a encarnação de Yahweh e João a reencarnação de Elias, como esclarece o mesmo Malaquias (4:5) : “eis que eu *vos enviarei o profeta* Elias, antes que venha o grande e terrível dia de Yahweh”.

O precursor dará ao povo o conhecimento da salvação, que consiste “ἐν ἀφέσει ἁμαρτιῶν αὐτῶν”, isto é, “na rejeição dos erros deles”.

Examinemos a frase, geralmente traduzida como “o conhecimento da salvação *na remissão de seus pecados*”. Conhecimento (γνῶσις) é a palavra que exprime “saber profundo”, ou “conhecimento real”. Salvação corresponde ao grego σωτηρία que apresenta os dois sentidos (como em latim *salus*, *salutis* e em francês *salut*) e tanto se refere à parte física “saúde”, como à parte espiritual “*salvação*”. A preposição em tem aqui função instrumental “salvação que se obtém por meio de”, ou “que consiste em”. O dativo ἀφέσει (regido pela preposição) exprime o ato de “jogar fora, mandar embora, despedir”; portanto *rejeição*, *expulsão*. O genitivo ἁμαρτιῶν αὐτῶν significa “dos erros deles”, erros que, no campo teológico, são denominados “pecados ou quedas”. Mas o vocábulo grego exprime idéia mais ampla: todo e qualquer erro.

A “salvação” ou libertação da criatura da constante descida à matéria, ou seja, do ciclo reencarnatório, é obtida pela “rejeição dos erros”, e não apenas pela remissão dos pecados”, isto é, por meio de fórmulas ritualísticas ou palavras mágicas. Também não é conseguida mediante atos de outra pessoa, por mais categorizada que seja: depende única e exclusivamente de cada um. Só se “salvará” quem rejeitar seus erros, mudando o rumo de sua vida e renovando-se interiormente.

Tudo isso pode realizar-se “pelo coração ou pelo amor misericordioso de nosso Deus (Yahweh, o Deus dos Israelitas), pelo qual amor nos visitará o Sol do Alto. Aqui Jesus é comparado ao Sol Sublime, que do Alto vem a nós para iluminar “os que estão sentados nas trevas e nas sombras da morte”, ou seja, os que estão encarnados no cárcere da carne, nas trevas da matéria, sujeitos à sombra triste da morte inexorável. E é esse Sol, já tão cultuado em outros povos como a manifestação da natureza que melhor nos revela os atributos divinos, e ele que “dirigirá nossos passos no caminho da paz”.

Lucas encerra o episódio numa penada simples, em que nos mostra o menino a crescer e fortalecer-se “em espírito”, permanecendo nos desertos, até o momento do início de sua missão de precursor.

No sentido esotérico aprendemos muito.

O intelecto compreendeu finalmente a realidade da Vida Maior. Após o Encontro achou-se repleto do Espírito Santo, do Cristo Cósmico que lhe permeou todas as células até o âmago do ser, e enalteceu os acontecimentos percebidos durante o “mergulho” (batismo) na profundidade abismal do Infinito Eterno.

Reconhece, então, que Deus o veio visitar, a ele e “a todo o seu povo”, a todos aqueles seres que constituem seu corpo astral (perispírito) e sua contraparte física, e que, embora em estado inicial de vida, formam “um povo” que futuramente constituirá os seres de um planeta ou de um sistema planetário.

Meditemos a esse respeito.

Cada criatura humana é constituída de trilhões de células. Cada célula é um ser espiritual, individualizado da Centelha Divina, e que já ultrapassou os estágios mineral e vegetal, iniciando-se na fase animal. Compreendamos bem que, nesse estágio, a célula é um vórtice energético animado por um ser espiritual, que se reveste de matéria física para constituir o corpo denso da criatura. Repisemos: o corpo astral ou perispírito, no ventre materno, não “se materializa” em bloco: sua materialização é o resultado da materialização parcelada de cada uma de suas células.

Avancemos. Cada ser, ao sair do estado monocelular, vai crescendo pela lei das Unidades Coletivas (Pietro Ubaldi, em a “Grande Síntese”), e vai necessitando de “auxiliares” para desempenhar suas funções que se multiplicam. Vai então agregando a si outros seres monocelulares, que o acompanham durante todo o curso evolutivo.

Ao chegar ao estado humano, o número de suas células está mais ou menos fixado, e a criatura se vai elevando na escala servido sempre pelas células servis, como auxiliadoras preciosas de sua evolução. As células são AS MESMAS vida após vida, embora o envoltório físico dessas células varie de vida para vida e até dentro de uma mesma existência da criatura, elas “morrem” e “renascem”, isto é, perdem a matéria física e retomam outra. A prova de que a parte espiritual das células é a mesma, e de que só seu “corpo” ,se refaz, é que as cicatrizes profundas da infância se mantêm até a velhice, embora a ciência tenha confirmado que, após cada sete anos, todas as células se renovam (menos as nervosas, que pertencem ao corpo etérico e não ao físico). Então, elas se renovam, sim, mas só no corpo físico, que é a contrapartida, a materialização de seu corpo perispiritual ou astral. E as cicatrizes profundas afetam o corpo astral das células, e por isso não desaparecem, pois atingem o vórtice energético. No entanto, as pequenas e leves cicatrizes, que só atingiram o corpo físico das células, essas desaparecem quando as células tomam outro corpo físico.

Ora, essas células, seres espirituais com mente própria (tanto que “sabem” sua função específica e a executam a rigor) evoluirão também. Enquanto permanecem no corpo humano, possuem a chamada “alma grupo”, constituída por nosso próprio espírito, e são governadas por nossa mente subconsciente. Tanto assim que, se nos desequilibra e aparecem os distúrbios e enfermidades.

Mas, ascendendo lentissimamente pela escala animal, atingirão após milênios de milênios, a escala humana. A esse ponto, a criatura humana que foi servida por essas células (hoje criaturas humanas) já atingiu grau evolutivo elevadíssimo e terá sob sua responsabilidade todo esse conglomerado humano, que constituirá “o seu povo”.

Aqui temos uma explicação do grande motivo que impeliu Yahweh (Jesus) a criar o planeta (ou todo o sistema planetário), para acolher-nos em nossa evolução: esta humanidade, que aqui vive, é constituída das antigas células que, em épocas imemoriais, formaram os corpos de Jesus durante sua passagem pela escala hominal em outros planetas. Ajudamo-lo em Sua evolução hominal e Ele agora amamos entranhadamente, até o sacrifício, e veio entre nós “o que era Seu”, para ajudar-nos a libertar-nos do jugo da matéria. (Esclareçamos, todavia, que não nos referimos ao corpo de Jesus materializado em sua última passagem pela Terra há dois mil anos. Não. O que dizemos ocorreu há bilhões de anos atrás) .

Como é maravilhoso e sublime o encadeamento de todos os seres do Universo, nessa sucessão constante para a Divindade, através do Serviço e do Amor!

Zacarias, pois, o intelecto que compreendia essas verdades, bendiz o Senhor Deus de Israel, pois realmente para nós, as antigas células de Seu corpo, Jesus é um Deus, é “o nosso Deus”.

Percebendo isto ao “mergulhar” no Profundo de si mesmo unindo-se ao Cristo Interno, o intelecto vê que surgiu para ele o Libertador da “casa de David”, ou seja, do plano do AMADO. Relembremos que Deus, o Absoluto (o AMOR), quando se manifesta é o Pai ou Verbo (o AMANTE), e Sua manifestação é o Filho ou Cristo (o AMADO) que nos liberta. É pois “da casa do AMADO” (significado do nome “David”) que surge o Libertador.

Todo esse sistema de penetração no âmago, para encontrar o Cristo Interno ou EU Supremo, foi anunciado desde a mais remota antiguidade por todos os profetas, que eram apenas “intermediários”

de Yahweh, não apenas junto aos israelitas, mas a todos os povos, pois todos têm a mesma origem e filiação divinas. A cada povo, a manifestação esteve de acordo com sua capacidade, dando-nos a idéia de que cada raça constitui um órgão diferente do mesmo corpo (Cfr. Paulo, Rom. 12:4-5 “pois assim como temos muitos membros em um só corpo (e todos os membros não têm a mesma função), assim nós, sendo muitos, SOMOS UM SÓ CORPO EM CRISTO, mas individualmente somos membros um dos outros”, e mais: “não sabeis que Vossos corpos são MEMBROS DE CRISTO”? (1 Cor. 6:15); e ainda: “assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, constituem um só corpo, ASSIM TAMBÉM É CRISTO” (1 Cor.12:12); e adiante: “ora, vós saís CORPO DE CRISTO, e individualmente UM DE SEUS MEMBROS” (1 Cor. 12:27); e em outro passo: “porque SOMOS MEMBROS DE SEU CORPO”, de Cristo (Ef. 5:30) . E que todas as raças formam esse corpo, também é afirmado por Paulo (1 Cor.12:13) ; “em um só Espírito (de Cristo) fomos todos mergulhados em um só corpo - quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres – e a todos nós foi dado de beber dum só Espírito: também o corpo não é um só membro, mas muitos”).

Depois de acenar à liberdade que obterá com esse mergulho no infinito, o intelecto se dirige ao homem-Novo que nasceu, e o apostrofa, prevendo que, de ora em diante, será ele o precursor da União Definitiva da Unificação, conseguida pelo Amor Misericordioso.

Também nessa Aventura Santa o intelecto viu que a “salvação” consiste na rejeição total de seus erros, ou seja, na convicção absoluta de que o “eu” não é o corpo físico, nem as sensações, nem as emoções, nem os pensamentos, nem o chamado “espírito”, mas é na realidade o EU Supremo, o Cristo Interno. compreendeu que tudo o que é externo a ele” é transitório, e portanto ilusão dos sentidos, e só Deus, a única realidade Objetiva, é Eterno, e esse está DENTRO DÊLE (Cfr. (‘Não sabeis que VOSSO CORPO é santuário do Espírito Santo QUE HABITA EM VÓIS’)? 1 Cor, 6:19). Compreendeu que tempo e espaço são criações mentais, e que só o Infinito e o Eterno são realidades. Compreendeu finalmente que, quando a União for conseguida, ele será UM com Cristo, assim como Cristo é UM com Deus(Cfr. Jo. 17:23) porque “aquele que SE UNE ao Senhor, é UM ESPÍRITO COM ELE (1 Cor. 6.17).

Tantas coisas percebeu, quando penetrou na Luz Incrível do Sol do Alto, que se sente totalmente aniquilado em sua personalidade, iluminado plenamente, embora “ainda sentado nas trevas e na sombra da morte”, ou seja, ainda mergulhado na matéria do corpo físico. Mas agora confia no Sol Divino: seus passos seguirão invariavelmente a estrada da PAZ.

E o evangelista tem o cuidado de alertar-nos para o fato de que o Grande Acontecimento não parou aí, mas prosseguiu desenvolvendo-se, crescendo “em Espírito” e fortalecendo-se pelo exercício contínuo, não no meio das multidões citadinas, mas no deserto silencioso da meditação solitária, até que, bem amadurecido, pudesse manifestar-se.

REVELAÇÃO A JOSÉ

Mat. 1:18-25

18. Ora, a concepção de Jesus Cristo ocorreu desta maneira: sendo Maria, sua mãe, noiva de José, antes que se juntassem ela rol achada. grávida de um espírito santo.
19. E José, seu noivo, sendo reto e não querendo infamá-la. resolveu deixá-la secretamente.
20. Tendo, porém, meditado nessas coisas, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos dizendo: “José, filho de David, não temas receber em casa Maria como tua mulher, pois o que nela. foi gerado é de um espírito;
21. ela dará à luz um filho a. quem chamarás JESUS, porque ele salvará seu povo dos pecados deles”.
22. Ora. tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que dissera o Senhor pelo profeta:
23. “eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho e ele será chamado Emanuel, que quer, dizer Deus conosco”.
24. Tendo José despertado do sono, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu sua mulher.
25. e não a conheceu enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de JESUS.

Encontramos duas narrativas a respeito do mesmo fato, em Mateus (1:18-25) e em Lucas (2:1-20). Havendo diferença entre os dois textos, comentá-los-emos em separado.

Após a genealogia (que estudaremos depois), Mateus inicia: “ora, a concepção (ἡ γένεσις) de Jesus Cristo Ocorreu desta maneira”. E passa a narrar.

Sendo Maria noiva (μνηστευθείσας; participio aoristo passivo, noiva, prometida em casamento) de José, antes que se juntassem, ela se achou grávida de um espírito santo”.

Os judeus distinguiam nitidamente o noivado e o casamento (Deut. 20:7), que o original grego distingue também com os verbos μνηστεύω (noivar), comprometer-se) e παραλαμβάνειν (receber em sua casa), o que tinha como resultado o “coabitar, morar juntos”: συνέρχομαι.

Então, ainda durante o noivado, José verificou a gravidez (εὐ-ρέθη ἐν γαστρὶ ἔχουσα). O fato só pode ter ocorrido depois que Maria regressou da casa de Isabel Ai'n-Karim, para sua aldeia de Nazaré. Mateus silencia a esse respeito, fazendo que o leitor suponha que eles normalmente habitavam em Belém. Tanto que, mais tarde (2:23) diz que, quando José regressava do Egito para sua casa (Belém) , ao saber que Arquelau, filho de Herodes, é que lá reinava, resolveu ir morar na Galiléia, a conselho do anjo, na cidade de Nazaré, “para que o menino pudesse realizar a profecia e ser chamado nazareno”. Portanto, para Mateus, Nazaré era um lugar ainda desconhecido de José e de Maria, ao passo que, par Lucas, Nazaré era a residência normal dos dois.

Mateus não fala da viagem de Maria. Mas José só podia “descobrir” a gravidez quando desta aparecessem sinais externos, o que só ocorre no 4.º ou 5.º mês, isto é, exatamente quando do regresso de Maria da casa de Isabel.

José é dito ἀνὴρ de Maria. Essa palavra (tal como o latim *vir*) tem o sentido de “varão”, em oposição a γυνή (latim *mulier*). O termo ἀνθρωπος, correspondente ao latim *homo*) , exprime genericamente o ser humano, macho ou fêmea indistintamente. José, pois, era o “homem” (que podia ser o noivo ou mari-

do) de Maria. Aqui trata-se evidentemente de noivo, pois ainda não se tinham casado, já que José não na havia levado para sua casa e não coabitara com ela.

Sendo *bom*, José não quis infamá-la. Os direitos dos noivos eram equiparados aos dos já casados, tanto que: a) a noiva infiel devia ser apedrejada, como se já fora esposa (Deut. 22:20-27); b) a noiva podia ser despedida com uma “carta de divórcio”; c) a criança nascida na época do noivado era considerada legítima; e d) se o noivo morria, ela era tratada como viúva, devendo, pela lei do “levirato” coabitar com o irmão do noivo, para que tivesse filhos dele.

Diz Mateus que José, na dúvida entre acusá-la perante o Sinédrio, difamando-a, ou repudiá-la com uma “carta de divórcio”, optou pela segunda hipótese, pois para isso bastava uma carta assinada por ele diante de duas testemunhas, o que não provocava escândalo.

Tendo meditado nessas coisas e tomado sua resolução, deitou-se para dormir. Foi quando, em sonhos, recebeu a visita de um “anjo do Senhor” ou, na linguagem moderna, um “espírito bom”. Aparece aqui a mediunidade “onírica” ou de sonhos, confirmada como existente em José, logo a seguir, em mais quatro passos (2:12, 13, 19 e 22). Parece que José só possuía esse tipo de sensibilidade psíquica. Mateus não revela o nome do espírito, em nenhum dos cinco trechos.

Nossa tradução do versículo 20 difere das traduções correntes, porque seguimos o texto original grego. Assim: 1) em lugar de “pensava”, colocamos “tendo meditado”, tradução melhor para o particípio do aoristo ἐνθυμηθέντος; 2) “receber em casa” que exprime o ato do casamento, traduzindo παραλαβεῖν; 3) “receber Maria *como* tua mulher”, porque se trata da construção de “duplo acusativo” (por exemplo, receber alguém como hóspede); 4) “o que foi gerado nela é de um espírito”, porque em grego não há artigo, (logo é indefinido) e nem sequer aparece o adjetivo “santo”, que só foi introduzido no texto latino da Vulgata.



FIGURA “Revelação a José”

Ao aceitar Maria sua noiva, embora já grávida de vários meses, como sua esposa, José assumia automaticamente a paternidade legal o nascituro.

O espírito que fala a José, no sonho, repete-lhe as palavras que Gabriel dissera a Maria, quanto ao menino, impondo-lhe o mesmo nome. E Mateus traz, em apoio, uma citação do profeta Isaías (7:14).

A formula empregada por Mateus: “o que disse o Senhor pelo profeta”, ou seja, “*o que falou o espírito pelo órgão*” ("רִמָּה") do profeta (em grego *διὰ* , em latim *per*) vem confirmar a tese da mediunidade, demonstrando que o “profeta”, como intermediário ou médium, apenas serve de *aparelho* ou *órgão* de um espírito.

A profecia de Isaías afirma que “uma virgem conceberá e dará à luz um filho”. O termo “virgem” merece estudo.

Em hebraico há duas palavras: *betulân*, que especificava a virgindade como certa; e *almâh* que exprimia uma oposição, sem garanti-la. Ora, Isaías escreve exatamente *almâh*. E verificamos que, em Deut. 22:23, a noiva, e mesmo a esposa recém-casada era chamada *ne'arah betulâh*.

Em grego a palavra *παρθένος* exprime o mesmo: virgem, mas em sentido genérico tanto que as moças noivas e também as recém-casadas eram assim chamadas, e isso na própria Bíblia (cfr. Deut. 22:23; 1 Reis 1:2; Ester 2:3). Em todas essas passagens, a palavra *virgem* designa a moça que é dada a alguém para *deitar-se com ele*, supondo-se que se trata de uma virgem, isto é, de moça ainda não ligada pelo casamento a um homem.

A mesma designação é atribuída a Maria, demonstrando que, ao lhe ser dada como noiva, era virgem, o que é natural e normal. No entanto, em nenhum local dos Evangelhos se diz, nem se supõe, que Maria continuou Virgem *depois*. Ela era virgem *quando concebeu*, o que de modo geral ocorre com todas as moças.

Esses nossos esclarecimentos não visam a diminuir o respeito e a veneração que todos temos pela Mãe Santíssima de Jesus, pois o fato da virgindade nenhuma importância apresenta diante da espiritualidade.

A IMPOSIÇÃO DIVINA do uso do sexo para manutenção e multiplicação de Sua criação, nos diversos estágios evolutivos (plantas, animais e homens) vem provar que o sexo é SANTO. Não podemos admitir que Deus, Sábio e Bom, tivesse imposto obrigatoriamente as Suas criaturas uma condição que, ao cumpri-la, as tornasse imperfeitas. Se no ato sexual houvesse uma leve imperfeição sequer, ou um sinal de atraso espiritual, esse Deus seria monstruosamente mau, pois teria obrigado Sua criação a ser imperfeita e atrasada, afim de manter e multiplicar Suas obras. Portanto, compreendendo o ato sexual em si e a maternidade como *perfeições altamente espiritualizantes* (porque são o cumprimento de uma Lei Divina), achamos que Maria se engrandece perante Deus com a maternidade normal, porque assim dá demonstração de ser fiel e obediente cumpridora da Vontade Divina. Compreendendo bem esse problema, o jesuíta padre Teilhard de Chardin atribui à sexualidade um sentido cósmico e afirma que “o mundo não se diviniza por supressões, mas por sublimação”, e ainda: “que o homem e a mulher tanto mais se unirão a Deus, quanto mais se amarem”, não vendo apenas “o objetivo admirável mas transitório da reprodução”, mas “o de dar plena expansão à quantidade do amor, liberado do dever da reprodução”. E diz claramente, sem subterfúgios: “a mulher é, para o homem, o termo susceptível de impulsionar esse progresso para a frente. Pela mulher, e só pela mulher, pode o homem escapar ao isolamento, no qual sua própria perfeição se arriscaria prendê-lo” (*L'énergie humaine*, édition Seuil, pág. 93 a 96). Realmente a união sexual dentro do amor é a imagem mais fiel da união do homem com a Divindade, e por isso os místicos denominam essa unificação do homem com Deus de “Esponsalício”.

Na profecia de Isaías, o menino seria chamado *חִמְמָנוּ-אֵל*. Himmanu-El, que significa “Deus conosco”, exprimindo a grande verdade de que Deus ESTA REALMENTE DENTRO DE NÓS, está CONOSCO.

Despertando de seu sono, José recebe Maria em sua casa, na qualidade de sua esposa, mas, atesta o evangelista, “não a conheceu até que ela deu à luz um filho”. Nada pode deduzir-se, com segurança, do que ocorreu posteriormente ao nascimento do filho. A frase não no autoriza. As expressões latina *donec*, grega *έώς ού*, e hebraica *'ad ki*, negam a ação até aquele momento, mas não obrigam a supor-se o contrário daí por diante. Por exemplo: “O corvo não regressou à arca *até que* as águas secassem” (Gên. 8:7) não obriga a acreditar que ele aí tenha regressado depois que se secaram. Então, o que ocorre depois não é afirmado.

Sob a figura dos fatos que narra, revela-nos Mateus o que normalmente ocorre com o intelecto (José) quando recebe o impacto da revelação por parte da intuição (Maria;): assusta-se, raciocina, pequire, medita, e não consegue ter outra saída senão a de recusar o que lhe traz a intuição.

Muito bem apresentado o fato, para descrever a luta intelectual das criaturas e sua resolução final: repudiar as “loucuras” da intuição. Na realidade, vemos, pela narrativa dos “fatos”, que a intuição recebeu a revelação do espírito (Eu interno), ANTES de unir-se ao intelecto: foi ela a primeira a “conceber” a idéia. E a “concebeu” virginalmente, por obra do Espírito (Eu interno) e não por intermédio de outro qualquer homem.

No entanto, quando há real sinceridade intelectual (sendo “justo”), aparece um auxílio, e por vezes de modo imprevisto. Com José deu-se o fato fora do corpo denso. Quando à noite se achava o intelecto desprendido do cárcere da caixa craniana no cérebro, e portanto estando ampliada sua visão compreensiva, ele intelecto vê, e aceita, porque compreende que a intuição foi iluminada e concebeu “pelo espírito”, e não por divagações traiçoeiras. Ao verificar esse fato de suma importância, o intelecto aceita unir-se à intuição, aceitá-la “como esposa” isto é, na maior intimidade e fusão de dois em um, até que possa nascer o fruto anunciado.

Todavia a união não é ainda total e perfeita. Só o será quando aparecer a realidade do filho; por isso diz o evangelista: “não a conheceu enquanto não lhe nasceu o filho”. Só aí é que o intelecto se unifica à intuição, para que ambos usufruam da felicidade incomensurável da presença de “DEUS CONOSCO”, do Cristo interno manifestado às criaturas.

Não há negar que os segredos revelados pelos Evangelhos, como por todos os livros sagrados da Humanidade, são feitos através de fatos reais e de narrativas maravilhosas. As palavras são escritas de tal forma, os pormenores descritos com tal cuidado, que o leitor desprevenido apenas lê e compreende o que está realmente escrito, e não avança para o sentido profundo e místico que essas palavras querem ensinar. Por isso Jesus ensinava “em parábolas”, e seus discípulos lhe seguiram fielmente os ensinamentos, para que a profundidade dos conhecimentos não atordoasse nem atordoasse aqueles que “não podiam suportar” (João, 16:12), e pura que só fossem revelados quando “os tempos fossem chegados” (Mat. 24:33). Mas é mister não perder de vista que as palavras dele “são espírito e vida” (Jo. 6:63).

NASCIMENTO DE JESUS

Luc. 2:1-20

1. **Naqueles dias foi expedido um decreto de César Augusto, para que todo o mundo fosse recenseado.**
2. **Este recenseamento foi primeiro (antes) do que se fez no tempo em que Quirino era governador da Síria.**
3. **E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade.**
4. **José também subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Nazaré, à Judéia; à cidade de David, chamada Belém, por ser ele da casa e família de David,**
5. **para alistar-se, acompanhado de Maria, sua noiva, que estava grávida.**
6. **Estando eles ali, completaram-se os dias de dar à luz,**
7. **e teve um filho primogênito, e o enfaixou e o deitou em uma mangedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.**

Voltemos ao episódio, que comentamos em Mateus, observando as divergências do texto de Lucas. Este começa por situar historicamente o fato: estávamos sob o reinado de *Herodes*, que faleceu no ano 4 A.C., ou seja, no ano 750 de Roma (A.U.C.) conforme narram Josefo (Antiquit. Jud., 17,8,1 e 17,9,213 e Bellum Jud. 1,33,1 e 8; e 2.6.4) isto é, nos primeiros meses do ano 4 A.C. Pois sabemos que faleceu dias após um eclipse da lua {Antiq. Jud. 17.6.4 § 187}, que ocorreu entre 12 e 13 de março de 4 AC. (cfr. Scheirer, l.c. pág. 416). Estaríamos, portanto, à época da narração de Lucas, *no máximo* no ano 5 A. C. ou 749 de Roma. Precisaremos mais a data, verificando tratar-se do ano 7 A.C. (ou 747 de Roma).

Outra referência histórica é o recenseamento ordenado por um edito de César Augusto (Otávio) que se iniciou no Egito no ano 10-9 A.C. (cfr. Grenfell & Hunt, Oxyril/Chus papyri, tomo 2, pág. 207-214), continuado na Gália (cfr. Dion 53, 22, 5) e na Síria, por Quirino {cfr. Corpus Inscript. Lat. 3, 6687} no ano 7 depois de Cristo. Trata-se, pois, aqui, de outro recenseamento anterior, realizado por Sentius Saturninus, Legado imperial na Palestina, de 8 a 6 A.C. {cfr. Tertuliano, Patrol. Lat. vol. 2, col. 405, e Schurer, *Geschichte des judischen Volkes*, tomo 1, pág. 321). Isto fortalece a hipótese do ano 7 A.C. para o nascimento de Jesus.

Diz Lucas que “todos iam alistar-se, cada um à sua cidade”, e por isso José e Maria seguiram viagem para Belém de Judá, cidade de David. Esse princípio não vigorava do Direito Romano, embora Gaius Valeri us Máximus, em 103 (depois de Cristo) tivesse ordenado no Egito (cfr. Pap. Lond. 3, pág. 125), que os cidadãos “se dirigissem para a sede do município a fim de alistar-se”. Mas é diferente: é a sede do município, e não a cidade de origem. Ora, não era esse o caso de José, porque Belém não era a sede do município de Nazaré.

O fato de ter-se feito acompanhar de Maria (ainda noiva, segundo Lucas, já sua esposa, segundo Mateus) pode explicar-se por ser ela também da “casa e família” de David.

Em Belém completa-se o tempo de Maria, tendo-lhe nascido o filho primogênito. A notificação de que Jesus é o primogênito não implica na necessidade de que posteriormente viesse a ter outros filhos. A expressão é autônoma e tem em mira salientar que Jesus era o *bekor*, que pertencia a Deus, devendo-lhe ser consagrado desde o nascimento (cfr. Êx. 13:2 e 34:19).

O evangelista diz que o menino “foi colocado em uma mangedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria”. A hospedaria, ou kân, era um abrigo rústico para os viajantes.

O termo φύτνη (mangedoura) refere-se à mangedoura fixa, que podia estar instalada numa gruta (segundo a tradição oral e o “proto-evangelho” de Tiago, n.º 18), ou o estábulo interno da habitação, onde, no rigor do inverno, se guardavam os animais; consistia num quarto construído em continuação da casa, numa “puxada”, em que podiam abrigar-se também pessoas com relativo conforto; e realmente isso ocorria, quando os lugares da casa já estavam todos tomados.

A tradição (por falar-se em estábulo e mangedoura) enriqueceu a narrativa de Lucas com o pormenor lendário de que Jesus foi colocado entre um boi e um jumento. Inspirou-se a tradição também em Isaías (1:3) e em Habacuc (3:2), de acordo com o texto dos Septuaginta e da Itália: “serás conhecido no meio de dois animais”, (cfr. Orígenes, Patrol. Graeca, vol. 13, col. 1832 e Jerônimo, Patrol. Lat. vol. 22, col. 884).

De acordo com os comentários acima, não era praxe romana a exigência de que os cidadãos se locomovessem para ser recenseados na cidade de seu nascimento. Eminentemente práticos, desejando sempre eficiência e rapidez nos resultados, não podiam ficar sujeitos a grandes movimentações de massas populares, que retardariam os negócios. Pequenos comerciantes e agricultores não poderiam abandonar seus campos e suas lojas para transladar-se (com que recursos?) a localidades por vezes distantes, para simplesmente submeter-se a um censo. Seria uma exigência impraticável até mesmo na época moderna, com a facilidade de transportes. Imaginemos uma ordem dessas em nossos dias: quase a totalidade dos brasileiros teria que transladar-se para a Europa ou a África, para serem recenseados... Não seriam os juristas (e que juristas!) romanos que determinariam esse absurdo, há dois milênios. José teria que viajar três dias a pé, abandonando seus afazeres, e isso só porque um de seus ascendentes nascera em Belém, havia mais de MIL ANOS! E por que não teria de ir a Ur, na Caldéia, onde nascera seu ascendente Abraão?

De tudo isso, deduzimos que o fato narrado pela frase do evangelista oculta um símbolo altamente místico e expressivo.

Com efeito, na cidade de Belém havia uma escola iniciática de grande elevação espiritual, mantida pelos essênios, e tradicional no profetismo judaico. Era Belém, de acordo com o significado etimológico da palavra, a “Casa do Pão”, mas do Pão Espiritual, que o candidato a união com Deus devia frequentar antes do Encontro Sublime. Para essa escola dirigiu-se o intelecto (José) acompanhado da intuição (Maria), que já estava “grávida” do espírito, pejada de idéias e sensações espirituais a fim de preparar-se devidamente em Belém para que se desse o “nascimento do menino”.

Notemos que o nascimento se dá pela intuição, só mais tarde atingindo o intelecto.

Belém de Judá, diz o evangelista, era a cidade de David, ou seja, traduzindo o sentido das palavras: “a casa do pão (espiritual) de louvor a Yahweh, era a cidade do “Bem-Amado” (David), o Santuário do Amor feito homem.

Observemos, entretanto, que a “ida de José a Belém”, cidade dos antepassados, exprime uma rememoração das vidas anteriores, uma visão de conjunto de todo o caminho evolutivo já percorrido pelo espírito, que, antes do passo final, deve remontar às suas origens mais remotas a partir do momento em que penetrou o reino-hominal. Essa interpretação será confirmada pouco mais adiante, quando o falarmos da genealogia de Jesus.

Estando, então, José e Maria (o intelecto e a intuição) no ambiente propício, dá-se finalmente o primeiro encontro com Deus dentro de nós (Emanuel = Deus conosco). Mas notemos que eles estavam sós, pois não haviam encontrado lugar nas estalagens. Para dizer que ninguém, nenhum agrupamento humano, pode ajudar à eclosão de união mística. Somente no isolamento da solidão consegue a criatura unir-se ao Criador. Por isso, o intelecto e a intuição se afastam de todos, penetram no santuário do Pão Espiritual, e se recolhem aí num ambiente simples: a um estábulo. Por que “estábulo”? Exatamente aí reside outra lição. O estábulo é local próprio de animais. E o encontro se dá quando o es-

pírito se encontra no corpo animal, isto é, o corpo denso, constituído de células, que são verdadeiros “animais” para o espírito, para o Eu Profundo.

Quando se dá a união, quando nasce o menino (o “homem novo”), a intuição o deita na “mangedoura”, ou seja, coloca-o no lugar em que os animais se alimentam. E onde se alimentam de compreensão os animais-homens, senão no cérebro, sede do intelecto? É O cérebro de fibras nervosas que alimenta de idéias o homem, ainda animalizado, até que ele atinja as culminâncias da mente, através da intuição.

A intuição, pois, deita o menino no intelecto (Maria entrega o filho a José), e a criatura vê descer até sua pequenez o Infinito de Deus.

Símbolos maravilhosamente descritos, com sublime transcendência e objetividade singela, jamais alcançados em qualquer livro simbolista da literatura mundial.

Por causa desse simbolismo, compreendemos a ânsia das igrejas tradicionais em defender a tese da virgindade de Maria. O que de início se queria demonstrar, porque é a realidade, é que o encontro com Deus só pode dar-se virginalmente, isto é, sem interferência de quem quer que seja. Nenhum mestre pode produzir no discípulo o encontro místico: só a Centelha Divina, só o Espírito da própria criatura, é que realiza o nascimento. Então, a concepção é realmente “virginal” e produto de “um espírito”, não por obra de homem. Para defender essa idéia real e sublime, e fazê-la permanecer límpida e clara através dos séculos, as igrejas (mesmo que tivessem perdido a percepção do sentido íntimo) tinham que forçar o simbolismo através dos fatos, para deixar bem cristalino para as gerações futuras o ensinamento contido no Livro Santo. Em vista disso, “carregaram” as cores do quadro, para que O ensinamento se não perdesse nem maculasse através dos séculos. E dessa forma, todos os que tivessem “olhos de ver, ouvidos de ouvir e coração de entender” pudessem ser esclarecidos: não adiantaria buscar “fecundação” em nenhum mestre, porque o nascimento é virginal (“quando vos disserem eis aqui o Cristo ou ei-lo ali, não acrediteis”, Mat. 24:23-26).

Evidentemente, o nascimento só poderá dar-se “quando se completarem os dias”, isto é, quando o amadurecimento tiver chegado a termo; e o “filho” é sempre o “primogênito”, já que, realizado numa existência, permanecerá o mesmo durante toda a eternidade (seu reino não terá fim. Luc. 1:33).

ANJOS E PASTORES

Luc.2:8-14

8. **Naquela região havia pastores que viviam nos campos e guardavam seus rebanhos durante as vigílias da noite.**
9. **Um anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor brilhou ao redor deles, e encheram-se de grande temor.**
10. **Disse-lhes o anjo: “não temais, pois vos trago uma boa notícia de grande alegria, que o será para todo o povo,**
11. **e é que hoje vos nasceu, na cidade de David, um Salvador, que é Cristo Senhor;**
12. **e eis para vós o sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada numa mangedoura”.**
13. **De repente apareceu com o anjo uma multidão da milícia celeste, louvando a Deus e dizendo:**
14. **“Glória a Deus nas maiores alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade”.**

Diz o evangelista que os pastores estavam “no campo”, onde “viviam”. Realmente, em torno da cidade de Belém havia numerosas pastagens, onde era hábito viverem os pastores em tendas, a cuidar dos rebanhos. Todavia, após as grandes chuvas de novembro e no rigor do inverno, já nos fins de dezembro, não era provável que lá permanecessem: já deviam ter recolhido os rebanhos aos currais desde novembro. Daí deduz-se que o nascimento de Jesus não deve ter ocorrido em dezembro.

Sabemos, com efeito, que só muito mais tarde, em Roma, para “aproveitar” a festa de Mitra (*natalis invicti solis*), nascimento do Sol invicto (ou seja, a entrada do sol no solstício do inverno) festejado em 25 de dezembro, é que a igreja de Roma, por volta de 354 A.D. vulgarizou essa data a toda a cristandade, contrariando muitas outras tradições locais que festejavam o natal em datas diferentes. (Cf. *Calendarium Philocalus*, publicado por Theodor Mommsen, *no Abhandlungen d Sachs Alcad. d. Wissensch* em 1850). Nessa época os bispos da Síria e da Armênia acusaram os romanos de “admiradores do sol” e “idólatras”.

O anunciador é chamado “anjo”, e o verbo empregado por Lucas ἐφίστημι, é muito usado nos autores profanos para exprimir a aparição dos espíritos (a que eles chamavam “divindades” ou “deuses”, tal como o sânscrito os chama “devas”, da mesma raiz).

O anjo dá-lhes uma “boa notícia”, o que corresponde ao verbo grego εὐαγγελίζομαι, frequentemente usado por Paulo e por Lucas, mas que só aparece uma vez em Mateus (11:5) numa citação dos LXX. Aí também apresenta o mesmo sentido (cfr. 2 Sam. 1:20; 1 Crôn. 10:9; Isaías, 40:9; 52:7; 60:1).

Também a palavra Salvador Σωτήρ é a primeira vez que aparece em o Novo Testamento. Mateus e Marcos não na empregam. Lucas emprega-a aqui e em Atos (5:31 e 13:23) e João em 4:42. Entretanto é muito frequente em Paulo. No Velho Testamento a palavra se refere sempre a Yahweh.

Aparece, a seguir, aos pastores, um grande grupo (“milícia”) de anjos, que cantam o célebre versículo, sobre o qual se estabelecem discussões.

Trata-se de um dístico em cuja primeira parte se celebra a glória de Deus nas maiores alturas, e na segunda parte a paz, na Terra, aos homens de boa-vontade. A polêmica nasceu de uma variante dos códices, pois o Sinaítico, o Alexandrino, o Vaticano, o de Beza, e as versões latinas e góticas trazem o ge-

nitivo εὐδοίας, ao passo que o Régio, o de Wolfenbuttel, o de Tischendorf, o Sangalense, o de Oxford e muitas versões orientais trazem o nominativo εὐδοία. Os que seguem a segunda lição, lêem: “Paz na Terra e Boa Vontade aos homens”. Mas essa leitura quebraria o ritmo do dístico, além do que seria indispensável, no grego, a partícula καί (et), antes do terceiro membro do já então tríptico. Preferível, então, a lição tradicional, mesmo porque Deus tem boa-vontade para com todas as Suas criaturas, pois “não tem acepção de pessoas”; mas só lhe podem receber paz, aqueles que têm boa-vontade e se voltam para Ele. É o exemplo que tantas vezes demos: a água jorra indistintamente para todos, mas o copo que estiver emborcado jamais se encherá, ao passo que se o virarmos de boca para cima, ele se encherá da água. Deus dá a todos igualmente, mas só recebem aqueles que “se colocarem em posição de receber”. A Lei Divina é a mesma em todos os planos e não tem exceções.

O ensinamento é de grande profundidade.

Verificado o Encontro, que se realiza no mais oculto do coração, embora este ainda esteja mergulhado no corpo animal de carne (na estrebaria), o recém-nascido é colocado no intelecto, que alimenta de luzes o corpo animal (na mangedoura), e daí expande suas luzes para todo o corpo. Nessa “região” há pastores que guardam o rebanho, isto é, há o sangue (“o sangue é a vida”, Deut. 12:23); com efeito, é o sangue que guarda e alimenta todo o metabolismo e a vida no microcosmo, como um “bom pastor” que custodia seu rebanho (as células do corpo físico). Ao sangue aparece, por meio do sistema nervoso, o “anúncio” do extraordinário e divino fato. No primeiro momento, o sangue se retrai aterrorizado (a criatura empalidece), mas depois que recebe o aviso, se acalma, porque vem a saber que na Casa do Amado (na “cidade de David”) - o coração - nasceu o Cristo que é o Salvador, e que lá se encontra sob a forma de uma criança envolta em faixas. Realmente, o Encontro se dá na “célula-mônada” que está fixa no ventrículo esquerdo do coração (exatamente no nó de Kait-Flake e His). Ora, o sangue poderá dar-se conta desse nascimento, ao encontrar o “menino” espiritual, envolto em faixas (envolto em matéria), cercado do intelecto (José) e da intuição (Maria), que descem ao coração, na meditação profunda, mergulhando em si mesmo. Só quando a mente desce ao coração pode encontrar o Eu Profundo, a Centelha Divina, que lá permanece em estado latente, mas que nascerá um dia.

Ao entrar nesse local sagrado, depois de percorrer outros caminhos, e já purificado pela hematose nos pulmões, o sangue se regozija com o louvor a Deus, que ali jaz “aniquilado em forma humana”, o infinito dentro de uma célula, o Verbo feito carne, e que se manifesta aos homens, que visita “seu povo”. Aqueles que experimentaram o “Encontro Supremo” percebem, com iniludível clareza que sua circulação sanguínea se acelera e “responde” ao apelo de louvar a Deus. De modo geral, é nessas circunstâncias que percebemos a diferença entre um corpo comum e o corpo de um asceta, totalmente espiritualizado, embora ainda sujeito a todas as vicissitudes e necessidades carnis. De qualquer forma, no entanto, o próprio corpo do místico irradia, através da carne, a espiritualização interna.

Por isso o fato tem também repercussão externa. Qualquer pessoa que tenha a intuição desenvolvida, mesmo que não seja no grau máximo, percebe, sente, que aquela criatura teve o encontro, vive em união com Deus. E a criatura que experimentou essa felicidade não precisa convocar discípulos, adeptos e sequazes: todos a procuram espontaneamente, porque a intuição lhes avisa: “os anjos do Senhor” lhes revelam, sobretudo “durante as vigílias da noite”, isto é, nas horas penumbrosas da meditação, e enquanto eles “guardam os rebanhos”, ou seja, enquanto pacificamente cuidam de seus afazeres. Avisa-os intuitivamente. Os “pastores” inicialmente temem que possa tratar-se de um equívoco. Mas a insistência e a clareza do aviso os alerta de tal forma que eles resolvem abandonar, nem que seja por curtas horas, os negócios terrenos, para ir também em busca do recém-nascido, do homem novo que surgiu na Terra, Luz para o mundo, Salvação para todos.

Entoa-se, então, o hino místico da Glória a Deus que nasce nas criaturas, e de Paz às criaturas que foram visitadas pelo “nascimento” de Deus em seus corações.

Convém aqui salientar que esse “nascimento” corresponde, simplesmente a um DESPERTAMENTO. O Cristo interno, a Mônada Divina, existe em tudo e em todos, no mineral, no vegetal, no animal, no homem, mas em estado latente, impulsionando-o à evolução, mas sem ser percebido pela própria cri-

atura. Quando esta descobre o caminho e “entra” no “reino-de-Deus” DENTRO de seu coração, aí descobre a Mônada Divina, e a ela se unifica no Encontro Sublime. Diz-se que “nasceu” o Cristo interno, secretamente, oculto aos olhos da multidão, colocado num estábulo que é o corpo de carne, e depois deitado na mangedoura, que é o intelecto, alimentador par excelência do homem-animal.

A VISITA DOS PASTORES

Luc. 2: 15-20

- 15. Quando os anjos se haviam retirado deles para o céu, diziam os pastores uns aos outros: “vamos até Belém e vejamos o que aconteceu. o que o Senhor nos deu a conhecer”.**
- 16. E foram a toda pressa e acharam Maria e José e a criança deitada numa mangedoura;**
- 17. e vendo isso, divulgaram o que se lhes havia dito a respeito desse menino.**
- 18. Todos os que o souberam admiravam-se das coisas que lhes referiam os pastores.**
- 19. Maria, porém, guardava todas essas coisas, meditando-as em seu coração.**
- 20. Os pastores voltaram glorificando e louvando a Deus, por tudo quanto tinham ouvido e visto, como lhes fora anunciado.**

Logo que a visão desaparece de seus olhos - uma verdadeira sessão espírita de materialização coletiva em pleno campo aberto - os pastores, fortemente impressionados, confabulam entre si, resolvendo ir à procura do menino, a fim de confirmar as palavras dos anjos.

Não o encontram logo: procuraram mas acabaram encontrando o casal a cuidar do recém-nascido, segundo a descrição que lhes fora feita.

Digno de notar-se a palavra céu (οὐρανός) que exprime o mesmo sentido de nossa palavra atual “céu” quando queremos exprimir a atmosfera, o ar. Os anjos se retiram “para o céu”, isto é, suas formas materializadas se dissolvem no ar .

A narração do que ocorrera com eles maravilhou a todos. Maria, impressionada com esses fatos (ρήματα no sentido de כִּדּוּ os fixava na memória profunda, conservando-os em seu *coração* (ἐντὶ καρδία αὐτῆς). Ainda uma vez verificamos que a sede da mente superior e da memória superconsciente (da individualidade) reside no coração, porque são atributos do Eu Interno, do Cristo de Deus. Um dia a própria ciência profana o descobrirá.

Depois do impacto do encontro, todos os glóbulos sanguíneos, os “pastores”, apressam-se a ir a Belém (a Casa do Pão Espiritual), isto é, ao Coração, para visitar a Mônada Divina, o Eu Real que ali reside no Ventrículo Esquerdo, e que se expande em manifestações de Luz. E todo o sangue se apressa e em poucas horas, passa por esse ventrículo, homenageando o novo residente que se manifestou, e que antes estava adormecido no ventre (ventrículo) materno, e que agora despertou para a atividade viva, que NASCEU na luz da ação do homem novo.

No ardor da visita, após o encontro, o sangue, que primeiro se retirara aterrorizado, começa a agitar-se. As pulsações se aceleram e aparece a taquicardia típica que, no entanto, não incomoda: é a mesma que se experimenta nos grandes momentos da união sexual, que é a imagem mais aproximada e semelhante da união divina.

Logo após a passagem pelo coração (no estábulo), o sangue vai ao cérebro (a mangedoura) e lá encontra o homem-novo”, as novas idéias que lá fervilham. O sangue se maravilha da transformação da criatura, de sua “conversão” e apressa-se a “contar a novidade” a todos os órgãos, a todas as células do corpo; e estas se admiram do que lhes traz o sangue, das novidades que são anunciadas em ondas de alegria e vibrações harmônicas de paz, confirmando a palavra do anjo: “uma grande alegria, que o será para todo o povo” (vers. 10).

Em linguagem científica moderna diríamos que as vibrações das células sanguíneas, ao modificar suas próprias vibrações em contato com o coração, que se transformou pelos novos pensamentos surgidos, vai elevar as vibrações de todas as demais células, fazendo que estas se modifiquem para melhor, sintonizando com o Homem-Novo, expulsando as aflições e mazelas do corpo físico.

A intuição, porém, (Maria) guarda ciosamente todas essas coisas no âmago de si mesma, e nunca jamais se esquecerá das experiências vividas, e frequentemente medita sobre elas.



FIGURA “OS PASTORES COM JESUS” - Pintura de Guido Reni, gravura de H.B.Hall

GENEALOGIA DE JESUS

Mat. 1:1-17

1. Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de David, filho de Abraão.
2. Abraão gerou a Isaac; Isaac gerou a Jacob; Jacob gerou a Judá e seus irmãos;
3. Judá gerou de Tamar a Farés e a Zará; Farés gerou a Esrom; Esrom gerou a Arão;
4. Arão gerou a Aminadab; Aminadab gerou a Naasson; Naasson gerou a Salmon;
5. Salmon gerou de Raab a Booz; Booz gerou de Ruth a Jobed; Jobed gerou a Jessé;
6. e Jessé gerou ao rei David; David gerou a Salomão, daquela que fora mulher de Urias;
7. Salomão gerou a Roboão; Roboão gerou a Abia; Abia gerou a Asá;
8. Asá gerou a Josafá; Josafá gerou a Jorão; Jorão gerou a Ozias;
9. Ozias gerou a Joatão; Joatão gerou a Acaz; Acaz gerou a Ezequias;
10. Ezequias gerou a Manassés; Manassés gerou a Amon ;Amon gerou a Josias,
11. e Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos, no tempo do exílio da Babilônia.
12. Depois do exílio da Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel; Salatiel gerou a Zorobabel;
13. Zorobabel gerou a Abiud; Abiud gerou a Eliaquim; Eliaquim gerou a Azor;
14. Azor gerou a Sadoc; Sadoc gerou a Aquim; Aquim gerou a Eliud ;
15. Eliud gerou a Eleazar; Eleazar gerou a Matan; Matan gerou a Jacob,
16. e Jacob gerou a José. esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, o chamado Cristo.
17. Assim todas as gerações desde Abraão até David são catorze; também desde David até o exílio de Babilônia, são quatorze gerações; e desde o exílio em Babilônia até o Cristo, catorze gerações.

Luc. 3:23-38

23. [Ora. o mesmo Jesus, ao começar seu ministério, tinha cerca de trinta anos] sendo filho, como e pensava, de José, filho de Heli,
24. de Matat, de Levi, de Meiqui, de Janal, de José,
25. de Matatias, de Amos, de Naum, de Esli, de Nagal,
26. de Maath. de Matatias, de Semei, de Josee, de Jodá,
27. de Joanan, de Résa, de Zorobabel, de Salatiel, de Neri,
28. de Melqui, de Adi, de Cosam, de Elmadan, de Er,
29. de Jesus, de Eliezer, de Jorim, de Matat, e Levi,
30. de Simeão. de Judá, de José, de Jonam, de Eliaquim,
31. de Melca, de Mená, de Matata, de Natan, de David,
32. de Jessé, de Jobed, de Booz, de Sala, de Naasson,

-
33. de Aminadab, de Admim, de Arni, e Esrom, de Farés, de Judá,
 34. de Jacób, de Isaac, de Abraão, de Tará, de Nacor,
 35. de Seruc, de Ragaú, de Falec, de Eber, de Sala,
 36. de Cainam, de Arfaxad, de Sem, de Noé, de Lamec,
 37. de Matusalém, de Enoc, de Jared, de Maleleel de Cainam,
 38. de Enos, de Seth, de Adão, de Deus.

Conforme observamos, não é só a ordem inversa que faz diferir as duas genealogias. Os nomes variam. Para termos uma idéia real, vamos alinhar em colunas as genealogias, dando primeiro a de Lucas, e ao lado a de Mateus:

Deus,	-	Mená	Abia
Adão	-	Meleá	Asá
Seth	-	Eliaquim	Josafá
Enos	-	Jonam	Jorão
Cainam	-	José	Osias
Maleleel	-	Judá	Joatão
Jared	-	Simeão	Acaz
Enoc	-	Levi	Ezequias
Matusalém	-	Matat	Manassés
Lamec	-	Jorim	Amon
Noé	-	Eliezer	Josias
Sem	-	Jesus	Jeconias
Arfaxad	-	Er	
Cainam	-	Elmadan	
Sala	-	Coram	
Eber	-	Adi	
Falec	-	Melqui	
Ragaú	-	Neri	
Seruc	-	Salatiel	Salatiel
Nacor	-	Zorobabel	Zarobabel
Tara	-	Aminadab	Aminadab
Abraão	Abraão	Naasson	Naasson
Isaac	Isaac	Sala	Salmon
Jacob	Jacob	Booz	Booz
Judá	Judá	Jobed	Jobed
Farés	Farés	Jessé	Jessé
Ersom	Ersom	David	David
Arni	Arão	Natan	Salomão
Admim	-	Matata	Roboão
Résa	Abiud	Naum	-
Joanan	Eliaquim	Amós	-
Jodâ	Azor	Matatias	-
Josec	Sadoc	José	-
Semei	Aquim	Janai	-
Matatias	Eliud	Melqui	-
Maat	Eleazar	Levi	-
Nagai	Mathan	Mathat	Jacob
Esli	-	Heli	José
			JESUS

Na lista genealógica de Mateus encontramos a divisão em três séries, salientadas pelo próprio autor, de 14 nomes cada uma (embora a terceira só chegue ao número 14 se contarmos na série o nome de Maria). Isso forma o total de 42 gerações, ou seja, 6×7 (Note-se que as letras hebraicas do nome de David somam $4 + 6 + 4 = 14$).

Na lista de Lucas (cuja primeira parte do versículo 23 será comentada mais tarde) há grande divergência de nomes, chegando-se a um total de 76 nomes (entre Abraão e Jesus, Lucas nos dá 56 nomes isto é, mais 14 do que Mateus). É verdade que dois desses nomes, Matat e Levi, são repetidos duas vezes na mesma ordem, nos versículos 24 e 29, podendo tratar-se de engano de copista, Tanto assim que Júlio Africano (Patrol. Graeca vol. 20 col. 93) Eusébio (Patrol. Graeca, vol. 22 col. 896) e Ambrósio (Patrol. Lat. vol., 15 col. 1594) assim como o manuscrito C, não trazem essa repetição.

Por que essa divergência entre os dois evangelistas? Explicam alguns exegetas que Lucas reproduziu a genealogia de Maria, pois desde o início é dito: “Jesus, filho como se pensava de José, (era) filho de Reli” ... por intermédio de Maria; embora seja, neste caso, estranho que não tivesse o evangelista citado o nome da mãe de Jesus.

É de notar-se que, de Abraão (1921 A.C.) a David (1078 A.C.) passaram-se 843 anos, o que corresponde a cerca de 28 gerações, e não 14; de David (1078 A.C.) ao cativo de Babilônia (606 A.C.) passaram-se 472 anos, isto é, cerca de 15 gerações, e não 14; e do cativo de Babilônia (606 A.C.) até Jesus passaram-se 600 anos, ou seja, cerca de 20 gerações, e não 14. Qual a razão dessa divisão “cabalística” de Mateus?

Observamos, ainda, que Mateus suprimiu diversos nomes que constavam das “listas oficiais” dos Rabinos e mesmo do texto bíblico. Por que?

O estudo que acabamos de fazer, e que nos deixa tantas perguntas sem resposta lógica nem histórica, leva-nos a conclusões mais profundas.

Antes de atingir o grau de elevação indispensável ao Grande Encontro Interno, a criatura humana necessita haver passado por numerosas experiências terrenas, em vidas sucessivas sem conta.

De qualquer forma, o número 42, para o qual Mateus chama nossa atenção, e que nada em de histórico, revela-nos a divisão de 3 séries de 14, ou seja, de 6 séries de 7, divididas de dois em dois. Podemos interpretar como a evolução (depois que atingimos o reino-hominal) dos dois primeiros graus (corpo físico e duplo etérico), em sete períodos cada um; dois dos segundos graus (corpo astral ou de emoções e intelecto), cada um com sete períodos; e dois dos terceiros graus (corpo mental e causal) com sete períodos cada um. Depois que tudo está em ponto, é que pode a criatura atingir o grau supremo, o sétimo, no qual ainda permanecerá por mais sete estágios, completando a série mística de 49 (7×7) para passar ao grau superior de libertação final das encarnações no mundo animal de provações evolutivas.

De qualquer modo são numerosas e variadas as vidas que PRECISAM ser vividas.

O mais interessante é o versículo final da série, na qual está resumida a fase final da evolução:

Jacob	o homem comum
gerou a José	o intelecto
esposo de Maria	ligado à intuição
da qual nasceu Jesus	a Individualidade,
o chamado Cristo	o Eu Interno

Com essa explicação, não queremos dizer, em absoluto, que Jesus tenha encarnado nesses elementos que são citados como seus ascendentes. Nada disso. O que aí está é apenas um simbolismo para nós, a fim de compreendermos que um espírito imaturo, não desenvolvido ainda, não poderá penetrar o pór-

tico do encontro; antes disso DEVE passar por toda a escala evolutiva humana. Daí o cuidado de todos os mestres, inclusive de Jesus, de “não dar aos cães o que é santo, nem pérolas aos porcos” (Mat. 7:6), e de “revelar estas coisas aos pequeninos (humildes) escondendo-as dos “sábios” (Mat. 11:25). Quem julga saber tudo ou saber muito, está tão inchado de vaidade que não consegue perceber a voz de Deus, o Espelho e Exemplo da Humildade Máxima que possamos conceber.

Nessas vidas que vivemos, experimentamos todas as situações dentro do nosso Raio específico, da riqueza à pobreza, da posição elevada à humildade, da atuação virtuosa às quedas que ensinam a humildade, passando, por vezes, a corpos masculinos e femininos. Por isso, nos ascendentes de Jesus, encontramos todas as castas: reis e mendigos, mulheres virtuosas e meretrizes, senhores e escravos. A experiência tem que ser completa. Seria possível, mas nos alongaríamos demais, aprofundar o estudo, examinando e analisando o significado de cada um dos nomes citados e suas posições históricas.

Vejamos apenas alguns.

Mateus cuidou de sublinhar as divisões com nomes extraídos da história. Assim, dá-nos o ponto de partida, ou seja, os primeiros passos da Centelha Divina no homem, em ABRAHM, primitivo nome que significa “pai da exaltação”, mas que posteriormente foi mudado para ABRAHAM, isto é, “pai da multidão”. (Observe-se, em A-BRAHM o radical de BRAHMA, no induísmo; e se dividirmos AB-RHAM, o significado de PAI RAHM, o conhecido RA dos Egípcios).

Pai da multidão, ou seja, a origem da matéria que se multiplica na separatividade, onde se inicia a evolução, desenvolvendo-se o corpo físico e o duplo etérico (o mineral e o vegetal).

O segundo grupo é iniciado com DAVID, cujo nome significa “o bem-amado”: é o princípio e o desenvolvimento do corpo astral (animal), sede das emoções (do amor) e do intelecto (homem), fazendo chegar ao clímax as emoções e o raciocínio. Recordemo-nos do início da vida de David, que foi como PASTOR, amando os animais e vivendo entre eles, e a final de sua vida como REI da criação (Homem intelectualizado), autor lírico dos Salmos, em que canta intelectivamente a glória de Yahweh.

O terceiro período retrata o espírito nos dois últimos passos, quando, desejando libertar-se, ainda se vê preso no “Cativeiro de Babilônia” ... Babel significa “confusão”. São os estados de dúvida, de inquietação, de hesitação do intelecto, que sente não ter capacidade de compreender nem de explicar o que é divino, quando descobre que tudo aquilo em que acreditou há milênios como sólida e duradouro na matéria, é, de fato, ilusório e passageiro...

O “cativeiro da Babilônia” só chega no final da “era de David”, isto é, quando, estando bem desenvolvidas as emoções e o intelecto, o espírito pode descobrir que se acha “em cativeiro”. Até então “adorava” sua gaiola dourada, seu corpo físico, sua intelectualidade ... Mas, feita essa descoberta fundamental, passa a “sentir” a prisão e a querer libertar-se dela. O espírito volta, então, a viver na Terra Prometida, e, embora ainda prisioneiro do corpo e das sensações físicas, sabe que pode escapar de seus domínios, abandonando conscientemente os veículos inferiores, e vivendo na luz gloriosa dos veículos da individualidade. Começa, aí, sua preparação mais minuciosa para o Encontro e a Libertação Final. Atingido esse grau (a mente e o corpo causal), que é o sexto, já estará a criatura apta para o passo definitivo, para o nascimento de Jesus, o chamado CRISTO, podendo dizer finalmente: “Eu e o Pai somos Um”.

Passemos a Lucas. Dá-nos ele 76 gerações, de Adão a Heli.

Recordemos que a palavra Adão (em hebraico ADAM) tem simplesmente o sentido do substantivo comum HOMEM. Não é nome próprio.

Então, diz-nos Lucas que, assim que a criatura sai do reino-animal para o reino-hominal, atingindo a fase humana (adâmica), ele se encontra na contingência de ter que subir a escala evolutiva, superando sete graus de 11 passos. São os mesmos sete passos de Mateus, apenas fazendo-nos notar que, cada um desses sete passos compreende MUITAS (10) encarnações e mais uma ... Inclusive o sétimo grau, que Mateus ensina desenvolver-se após o encontro, e que Lucas diz só se dar após mais dez (muitas) encarnações, com buscas intensivas.

De tudo isso, que pode parecer cabalístico, mas que corresponde à realidade interna de nosso complicado microcosmo, deduzimos que o Caminho a seguir é exatamente o que JESUS veio ensinar-nos com Seu exemplo, e que tão bem foi interpretado e ensinado a nós, sob o véu da letra, nos livros sagrados. Logicamente os caminhos são muitos (“quem pode marcar o caminho da águia no céu”?, Prov. 30:19), e assim também as lições variam ligeiramente de autor a autor. Isso, porém, não significa contradição a não ser para aqueles que, não conseguindo alçar vôo, permanecem agarrados à letra como a tábuas de “salvação”. Adverte-nos Paulo que “até o dia de hoje, na leitura do Antigo Testamento, permanece o mesmo véu, não lhes sendo revelado que em Cristo ele é tirado: contudo, até hoje, sempre que lêem a Moisés, está posto um véu sobre o coração deles; mas todas as vezes que algum deles se “converter” ao Senhor, o véu lhe é tirado (2 Cor. 3:14-16). E isso porque somos “ministros não da letra, mas do espírito, pois a letra mata, mas o espírito vivifica” (2 Cor. 3:6). Isto tentamos fazer, agora, para o grande público: levantar uma ponta do véu da letra, que encobre tantas belezas que estavam ocultas sob os hierogramas dos primeiros discípulos de JESUS, o Mestre por excelência, o CRISTO manifestado, o Filho de DEUS em forma humana. E assim esperamos que esse mesmo CRISTO desperte de seu sono milenar em cada um de nós, fazendo-nos Seus instrumentos fiéis, para que O manifestemos entre os homens, quais “cartas de Cristo, escritas nas tábuas de carne de nossos corações” (2 Cor. 3:3).

CIRCUNCISÃO

Luc. 2:21

21. Completados os oitos dias para ser circuncidado o menino, deram-lhe o nome de Jesus, como fora chamado pelo anjo antes de ser concebido no ventre de sua mãe.

Interessante observar que Lucas não afirma ter sido Jesus circuncidado: aproveita-se da citação da lei da circuncisão no oitavo dia (Gên. 17:12; 21:4; Lev. 12:3), para dizer que, nessa época foi dado ao menino o nome de JESUS, de acordo com a anterior indicação do anjo.

Essa é uma das provas irrefutáveis da preexistência dos espíritos, e, por conseguinte, da reencarnação: “antes de ser concebido no ventre de sua mãe”, já existia, já tinha nome. Essa existência anterior é qualidade inerente a todas as criaturas, pois Jesus é apenas nosso irmão mais velho, “o primogênito entre muitos irmãos” (Rom. 8:29).

Todos aqueles que penetraram em seu âmago e tiveram contato com a realidade, precisam “circuncidar-se”, ou seja, “cortar em redor” de si todas as excrescências, todo APÊGO às coisas passageiras e ilusórias, a “mayâ” temporária. Essa circuncisão, que corta o APÊGO e a preocupação, não tira, entretanto, o contato e o interesse pelas outras criaturas de Deus - racionais, irracionais, vegetais e minerais - mas elimina apenas a cobiça e o agarramento invigilantes a pessoas, animais e coisas. Mister a renúncia ao mundo material. Não com a fuga cenobítica para o isolamento. Mas ter, como se não tivesse; possuir, sem ser possuído; usar, como de empréstimo; gerir, como em mordomia; utilizar, como administrador que prestará contas; recordando-se sempre que tudo deixaremos aqui e de que “nada o trouxemos para este mundo e, sem dúvida, nada dele podemos levar” (1 Tim. 6:7). Renúncia de coração, destacando-nos das coisas, embora continuando a servir-nos delas; desapegando-nos das criaturas, embora continuando a amá-las e a servir a elas.

APRESENTAÇÃO

Luc. 2:22-39

- 22. Quando se completaram os dias da purificação segundo a lei de Moisés, levaram-no & Jerusalém para apresentá-lo ao Senhor,**
- 23. (como está escrito na lei do Senhor: “Todo primogênito macho será consagrado ao Senhor”),**
- 24. e para oferecer um sacrifício, segundo o que está dito na lei do Senhor: “um casal de rolas ou dois , pombinhos”. ,**

Segundo a Lei (Lev. 12:2-5), todas as mães que tivessem seu primeiro filho macho deviam apresentar-se ao templo, no quadragésimo dia após o parto. Por outra lei, quando esse filho era o primogênito (bekor), a mãe o deveria levar ao templo pessoalmente, para apresentá-lo e consagrá-lo a Deus (Êx. 13: 2 e 12). Entretanto, como os da tribo de Levi é que tinham como função oficial o sacerdócio judaico (Núm. 3: 12-13), os primogênitos das outras tribos eram “resgatados” com a oferta de cinco “ciclos” de prata (Núm. 18:15-16) . Sendo Jesus da tribo de Judá, fez Maria a oferta legal por ele, isentando-o do sacerdócio oficial.

Em vista disso, Lucas não distingue as duas cerimônias: a purificação de Maria e a consagração de Jesus, mas engloba-as numa só palavra: *o resgate deles*.

Segundo a citação feita por Lucas de Êx. 13:2 e 12, onde se lê textualmente: “todo macho que abrir a vulva será chamado santo para o Senhor”, há uma declaração bastante clara de que o nascimento de Jesus foi normal, não havendo a “virgindade durante nem pois do parto”, como desejam alguns. Se realmente os fatos tivessem sido anormais, estaria a Mãe de Jesus dispensada da lei.

Para sua purificação, Maria devia oferecer também um sacrifício Lev. 12:8), que consistia em um casal de rolinhas ou de dois pombos jovens (borrachos). Essa oferta era uma concessão aos pobres, para substituir o cordeiro, prescrito aos que tinham posses para comprá-lo.

Após o “corte em redor’ de si (circuncisão), há necessidade de na “purificação”, de uma limpeza, em que o iniciante se livra de todas as impurezas de seu passado milenar, de todos os fluídos pesados que lhe ficaram aderidos à aura durante as vidas anteriores. E é então que a nova personalidade recém-nascida poderá ser “apresentada” ao Senhor e a Ele consagrada, como o “primogênito” da individualidade.

Realmente, tendo vivido milhares (ou milhões) de vidas em veículos materiais, a individualidade está carregada de fluídos materiais densos gestando como que o feto do futuro “Filho do Homem”. E ao obter o “nascimento do filho”, consegue fazer vir à luz o seu primogênito, e deve “consagrá-lo a Deus”, como “nazireu”. Daí em diante será chamado “santo”, ou seja, “purificado”, dedicado a Deus.

Essa apresentação é acompanhada de uma oferta simbólica: um cordeiro, ou para os pobres, um casal de pombos ou de rolas. Demonstra que aquele que obtém a graça do “Encontro” deverá oferecer a Deus em sacrifício a “parte animal” do homem, seus corpos da personalidade, como sacrifício ao Espírito.

Uma vez purificados os veículos físicos (material, etérico, astral e intelectual), são eles apresentados ao templo interno, como oferenda agradável a Deus. Pois não se conceberia que o novo ser, o Homem-Novo, desprezasse e abandonasse esses veículos que o serviram durante milênios sem conta.

Terminada a tarefa deles, de ajuda à evolução do Espírito, nada mais justo que eles sejam oferecidos a Deus e consagrados como recompensa pelo bem que prestaram. Daí por diante, só o espírito vale; e a criatura espiritualizada passará a viver no corpo, mas não para o corpo. Viverá no corpo como em um hotel ou um barraco temporário. Já dizia Cícero (De Senectute, XXIII:84) “saio desta vida como de uma hospedaria, e não como de minha casa, porque a natureza nos dá um abrigo de passagem, e não um domicílio” . E Paulo: “enquanto estamos nesta tenda de viagem, gememos aflitos” (2 Cor.5:4) . E Pedro: “É justo, enquanto estou nesta tenda de viagem, despertar-vos com recordações” (2 Ped. 1:13) .

Essa “hospedaria”, o veículo animal, é ofertado a Deus, continuando o Homem-Novo a tratá-lo bem e com gratidão, embora esteja vivendo no espírito, pelo espírito e para o espírito.

CÂNTICO DE SIMEÃO

- 25. Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão, homem esse justo e piedoso, que esperava a consolação de Israel, e estava sobre ele um espírito santo,**
- 26. pelo qual espírito santo lhe fora revelado que não morreria antes de ver o Cristo do Senhor.**
- 27. E com o espírito foi ao templo; e quando os pais trouxeram o menino Jesus, para fazer por este o que a lei ordenava,**
- 28. Simeão tomou-o nos seus braços e louvou a Deus dizendo:**
- 29. “Agora tu, Senhor, despedes em paz teu escravo, segundo tua palavra,**
- 30. porque meus olhos já viram a salvação**
- 31. que preparaste ante a face de todos os povos:**
- 32. luz para revelação aos gentios, e glória de teu povo de Israel”.**
- 33. Seu pai e sua mãe maravilharam-se do que dele se dizia.**
- 34. E Simeão os abençoou e disse a Maria, mãe do menino: “Este é posto para queda e para levantamento de muitos em Israel. e para sinal de contradição,**
- 35. (e também uma espada traspassará tua própria alma), para que os pensamentos de muitos corações sejam revelados”.**

Limita-se o evangelista a dizer que Simeão era “um homem justo e piedoso”, nada mais esclarecendo a seu respeito. Entretanto, o “Evangelho de Nicodemos” (apócrifo) o chama “grande sacerdote” e a traição o situa como “muito idoso”, embora dizendo que é filho de Hillel (70 A.C. a 10 A.D.) e pai de Gamaliel, o que contradiria a tradição a idade propecta. Se aceitássemos essa versão, à época do nascimento e Jesus, Simeão teria de 40 a 50 anos, no máximo.

No versículo 25, Lucas assinala que Simeão aguardava a παρά-λειτουργία, isto é, a “consolação” de Israel, como seus compatriotas. Todavia, sobre ele estava um espírito santo ou bom (em grego, sem artigo) o qual lhe revelou (observe que, na repetição, aparece o artigo, como se disséssemos em português: “vi UM- menino; O menino corria” ...) que não desencarnaria sem ver o Cristo de Deus.

Continua Lucas: “e *com o espírito* foi ao templo”: καὶ ἦλθεν τὸ πνεῦμα εἰς τὸ ἱερόν.

A expressão grega “no espírito” - já o vimos quando comentávamos Luc. 1:17 (veja pág., 32, 2.º parágrafo) - tem o sentido associativo ou de companhia. Devemos pois entender “ele foi COM O espírito” ou “o espírito foi NELE para o templo”.

Em sua outra obra importantíssima (“Analysis Philologica Novi Testamenti Graeci”, editada pelo Pontifício Instituto Bíblico, Roma, 1960), o mesmo sacerdote jesuíta Zerwick diz que, *neste passo*, o en é causal, isto é: “foi ao templo por causa de um espírito”, ou seja, “*impelido* por um espírito”.

De qualquer modo, quer consideremos o *en* “associativo” (foi *com* um espírito) quer o aceitemos “causal” (foi impelido por um espírito), o sentido é o mesmo: trata-se de um fenômeno psíquico (mediunismo) em que se manifesta um espírito desencarnado a agir sobre Simeão, revelando-lhe o momento em que José e Maria levariam o menino Jesus ao templo, para que lá os encontrasse.

Prossegue Lucas (vers. 27): “ao levarem os pais o menino Jesus” confirmando que, a essa altura, já estavam casados, e portanto José reconheceu legalmente o filho como seu.

Para que fique bem claro o pensamento do jesuíta padre Maximiliano Zenwick, com o qual concordamos, porque esclarece o texto bíblico de acordo com nossa teoria citamos suas palavras originais, com a tradução ao lado:

117. Res alicuius momenti est volentibus nobis intellegere, quomodo Paulus modo dicat nos in Christo (vel in Spiritu) esse, modo Christum (vel Spiritum) in nobis esse. De facto tam parva, ne dicam tam nulla, videtur ex mente Pauli distinctio esse inter utrumque modum dicendi, ut unum altero explicet et quasi definiat: R 8,9 “vos autem in carne non estis, sed in spiritu, si tamen spiritus Dei habitat in vobis”. Ergo, “in spiritu” est ille, in quo spiritus est, vel etiam - sicut Apostolus prosequitur - ille qui “spiritum habet”: “si quis autem spiritus Christi non habet, hic non est eius”. Etiam apud Io Dei (Christi) in nobis et nostra in Dei (Christo) permanens sunt ejusdem rei duo aspectus correlativi et inseparabiles cf I Io 10 4, 13, 15, 16; Io 6, 56; 15, 4, 5; Io 8, 44b de santana dicitur “in veritate non est, quia non est veritas in eo”. Ita illud en (non sine influxu semitico) reducitur fere ad ideam generalem associationis vel comitatus, quam latine potius redimus per praepositionem “cum”: “homo cum spiritu immundo”, “mulier cum fluxu sanguinis”, (Graecitas Biblica, edita a Pontificio Instituto Bíblico, Romae, 1960).

É coisa de certa importância para nós compreender como Paulo ora diga estarmos nós em Cristo (no Espírito) ora Cristo (ou o Espírito) estar em nós. De fato parece ser pequena, para não dizer tão nula, a distinção na mente de Paulo entre um e outro modo de dizer, que explica um pelo outro e quase define: “vós não estais na carne, mas no espírito, se é que o espírito de Deus habita em vós” (Rom. 8:9). Então “no espírito” está aquele em quem o espírito está, ou também - como prossegue o Apóstolo - aquele que “tem o espírito” “se alguém, todavia, não tem o espírito o Cristo, esse não é dele”. Também em João a permanência de Deus (Cristo) são dois aspectos correlativos e inseparáveis da mesma coisa. Cfr. I João 4:13, 14, 16; João 6:5, 15:4, 5; João 8:44b diz-se de satanás: “não nele”. Assim esse en (não sem influxo semita) reduz-se quase à idéia geral de associação ou companhia que melhor traduzimos em latim (em português) pela preposição “com”: “homem com espírito imundo”, “mulher com fluxo de sangue”.

Simeão segura o menino em seus braços e entoia o “cântico” que é um dos mais belos. Dizendo-se “escravo” (δούλος), ele se dirige a Deus, dando-lhe o título de “Senhor dos escravos”, ou seja, Δέσποτα, e diz-lhe que “agora pode libertá-lo, despedi-lo em paz, porque seus olhos contemplaram a salvação, preparada diante de todo o povo; e dá a Jesus o título de LUZ para a revelação (ἀποιάλυψις = levantamento de um véu) dos gentios e glória de Israel”.

No versículo 33, Lucas dá a José, taxativamente, o título de PAI, revelando sua admiração, e a de Maria, diante do que estavam ouvindo.

Simeão (vers. 34), voltando-se para eles, os abençoa; e dirigindo-se a Maria, revela-lhe o que ocorrerá com o menino: “ele foi colocado (cfr. Fil. 1:16 e 1 Tess. 3:3) para queda e levantamento (ressurreição) de muitos, provocando discussões e formando partidos pró e contra (cfr. Is. 8:14-15), e que lhes revelara o “coração”, isto é, o pensamento íntimo. Acrescenta a seguir que “uma espada de dor traspassará o coração de Maria”: a dor de ver que seu filho seria recusado, não se lhe reconhecendo a missão divina, e depois caluniado, perseguido, surrado e assassinado.

Todas as vezes que uma criatura se alçou a essa elevação espiritual, encontra irmãos que lhe percebem a grandeza de alma, a profundidade do mergulho (batismo), a seriedade do contato. Homens ou mulheres, geralmente já bastante evoluídos (“de idade provecta”) SENTEM e se tornam felizes por encontrar o novo Homem. Tomam o menino em seus braços - lindo eufemismo para exprimir a intimidade do amplexo - e louvam a misericórdia divina.

Sabem, também, e muitas vezes o dizem, que o espírito da criatura que teve o Sublime Encontro será “traspassado por uma espada de dor”, atacado pelos que ainda vivem para a matéria, sem sequer conhecerem que existe o Espírito, ou mesmo pelos que, teoricamente crendo na imortalidade, vivem enclausurados no dogmatismo estreito, julgando-se donos absolutos da verdade total, e perseguem os que “não lêem pela mesma cartilha”. Maria sofreu, por parte do clero de sua época, ao ver seu filho assassinado; outros sofrerão a mesma coisa em tempos posteriores, porque os homens são os mesmos fanatizados, enquanto não descobrem a liberdade dos filhos de Deus. Ainda não aprenderam que “o Senhor é Espírito, e onde está o Espírito do Senhor, aí HÁ LIBERDADE” (2 Cor. 3:17).

As perseguições vêm, não há duvidar. E a dor daquele que já viu, sentiu, “apalpou” a Realidade é imensa, ao verificar que os “cegos” que se debatem na angústia das ilusões não conseguem perceber e, por isso, não aceitam a palavra e o testemunho dos que “sabem”.

Daí o silêncio de que se rodeiam os que têm esse contato: os capazes sabem, sem que ninguém lhes diga; aos outros, não adianta dizer: “não se dão pérolas a porcos nem coisas santas aos cães” (Mat. 7:6) O exemplo de Simeão e Ana é típico, para mostrar que os “capazes” sentem a verdade, ou por intuição própria ou pela revelação de espíritos amigos.

- 36. Havia também uma profetisa, de nome Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser (era ela de idade avançada, tendo vivido com seu marido sete anos, desde a sua virgindade)**
- 37. viúva de oitenta e quatro anos, que não deixava o templo, mas adorava noite e dia em jejuns e orações.**
- 38. Esta, chegando na mesma hora deu graças a Deus e falou a respeito do menino a todos os que esperavam o resgate de Jerusalém.**
- 39. Quando se tinham cumprido todos os preceitos de acordo com a lei do Senhor, regressaram para a Galiléia, para a sua cidade de Nazaré.**

Aparece agora em cena outra figura, da qual o evangelista procura dar os traços mais característico. Ana, filha de Fanuel, viúva de oitenta e quatro anos, que estivera casada apenas sete anos, e que permanecia no templo em jejuns e orações, como era hábito das pessoas piedosas, quando de idade provelta (cfr, 1 Tim, 5: 5). Ana era médium (profetisa) e percebeu a identidade de quem ali se achava. Dirigiu-se ao pequeno grupo que louvava a Deus e depois saiu a narrar a todos o aparecimento do Messias, tão ansiosamente aguardado.

Cumpridas as leis Mosaicas, a família regressa à sua cidade de Nazaré, na Galiléia .

O caso de Ana chama-nos a atenção para a dedicação que, depois à e certa idade, as criaturas fazem de suas vidas a Deus. Embora durante a juventude vivam a “vida do mundo”, depois de algum tempo, sentindo-lhe o vazio, se dedicam à vida de “orações e jejuns”, aguardando o Messias. Todo o simbolismo da vinda do Messias é assim compreendido: é o nascimento do Cristo Interno (do Cristo de Deus) que vem resgatar “o povo de Israel”, isto é, as criaturas que, mesmo pertencendo a Deus, estão mergulhadas na matéria “combatendo a Deus” (sentido etimológico da palavra “Israel”). Aspiração comum a toda a humanidade, é mais sentida e mais forte depois que chegaram as decepções da vida terrena, com o afastamento de tudo o que se tem de mais caro: bens, riquezas, situações, amores, mocidade, cultura. Quando tudo aparece realmente como é - ilusório - então o espírito se volta para Deus e fica ansiosamente aguardando o aparecimento do Messias DENTRO DE SI MESMO.

*

* *

Essa narração discorda da de Mateus que veremos a seguir. O que há de comum entre ambas é o nascimento em Belém e a posterior moradia em Nazaré, embora Lucas a coloque de imediato e Mateus a situe bem mais tarde.

No entanto, observamos que:

a) Mateus ignora a homenagem dos pastores:

a circuncisão,
a purificação,
a apresentação ao templo,
o encontro com os dois profetas;

b) Lucas desconhece a homenagem dos magos:

o massacre das crianças,
a fuga para o Egito.

A que atribuir essas divergências? à diversidade das fontes? Se a fonte de Lucas foi Maria, como admitir a omissão de fatos tão importantes?

E quando se terão realizado esses acontecimentos narrados por Mateus? Não há dúvida de que só depois da apresentação, porque nos quarenta dias entre esse fato e o nascimento, não haveria tempo, dado que Maria não poderia ter saído de casa.

Como conciliar o regresso a Nazaré, que em Lucas aparece natural (regressaram “para sua casa”) e em Mateus como a ida a um lugar desconhecido, por indicação de um anjo?

As explicações simbólicas dar-nos-ão as razões.

O Eu Profundo ou Cristo Interno é o mesmo Cristo de Deus em todas as criaturas. Entretanto o caminho para alcançá-lo varia de pessoa a pessoa.

A experiência de um pode ilustrar o que com ele ocorreu, mas não pode ser tomada qual modelo a imitar, porque as estradas da periferia ao centro são tantas, quantos os raios possíveis dentro de um círculo.

Cada individualidade se plasmou através de milênios, na constituição dos próprios hábitos, diferentes dos demais. E a evolução conduzirá cada um por seu caminho especial. Não é de admirar, pois, que, escrevendo sobre o mesmo assunto, Lucas divirja de Mateus nos fatos, que, para o Espírito, pouca ou nenhuma importância têm. Não são livros “históricos” que estamos lendo, mas obras que ensinam, através dos fatos, realidades concretas e objetivas do modo pelo qual poderá alguém atingir Deus dentro de si.

Assim, Mateus escolhe fatos e narra acontecimentos que esclarecerão certos pormenores da árdua e longa busca do abismo do Eu, enquanto Lucas prefere outros que, embora levando ao mesmo objetivo, perlustram outras sendas.

Mais acidentado, porque mais externo e glorioso, em Mateus; mais sereno, porque mais interno e singelo, em Lucas. Mais “terreno” e “ativo” no primeiro (magos, massacre, fuga); mais “celestial” e “místico” no segundo (anjos, lei, templo, profetas).

Para o sentido esotérico e profundo, simbólico e místico, nada importam essas divergências superficiais de personalidade, e sim o significado oculto que se depreende das palavras veladas.

Verificamos, pois, que aquele que se aventura na estrada abismal que leva às profundidades altíssimas do Eu Supremo, pode trilhar várias sendas.

Uma (ensinada por Mateus) se dirige através do movimento personalístico, atraindo a atenção de magnatas e dignitários que se assustam com a novidade e começam a mover perseguições e a buscar a eliminação da nova força que, na sua humildade (a palha do presépio) ameaça a segurança dos tronos e os privilégios dos potentados. Há necessidade, então, de buscar-se um refúgio no silêncio da solidão, exilando-se para outros ambientes.

A outra (revelada por Lucas) caminha pelo lado mais ascético, menos mundano, e encontra na oração (anjos do Senhor, templo, profetismo ou psiquismo) a sua máxima expansão. Aí não há perseguições nem necessidade de fuga. A jornada é mais tranquila pelos atalhos do espírito, cortando-se logo o

apego à matéria (circuncisão) e consagrando-se a vida a Deus (apresentação) onde se encontram os “arautos do céu” (médiuns ou profetas) que lhe apresentam palavras de conforto e de advertência.

VISITA DOS MAGOS

Mat. 2:1-12

1. Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, vieram do oriente alguns magos a Jerusalém,
2. perguntando: “onde está o recém-nascido Rei dos Judeus? porque vimos seu astro no oriente e viemos adorá-lo”.
3. O rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e com ele toda Jerusalém.
4. E convocando todos os principais sacerdotes, os escribas (e os anciãos} do povo, perguntava-lhes onde havia de nascer o Cristo.
5. E eles lhe disseram: “em Belém da Judéia, porque assim está escrito pelo profeta :
6. “E tu Belém, terra de Judá, não és de modo algum o melhor entre os lugares principais de Judá, porque de ti sairá um condutor que há de pastorear meu povo de Israel”.
7. Então Herodes chamou secretamente os magos e deles indagou com precisão o tempo em que o astro havia aparecido.
8. E enviando-os a Belém disse-lhes: “Ide informar-vos, cuidadosamente acerca do menino, e quando o tiverdes encontrado, avisai-me para que eu também vá adorá-lo”.
9. Os magos, depois de ouvirem o rei, partiram; e que o astro que viram no oriente os guiou até que vindo, parou sobre o lugar onde estava o menino.
10. Ao avistarem o astro, ficaram grandemente alegres.
11. E entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe; e prostrando-se o adoraram; e abrindo se cofres, fizeram-lhe ofertas de ouro, incenso e mirra
12. E recebendo (eles) a resposta no sono, que não voltassem a Herodes, seguiram por outro caminho para sua terra.

Para Mateus, Jesus nasceu em Belém e aí ficou até posterior “fuga” para o Egito. Tanto que a ligação é direta. Não houve a viagem Jesus com seus pais a Jerusalém, para apresentação ao templo, acordo com a lei mosaica.

Mas, examinemos os pormenores.

Jesus nasceu “no tempo do rei Herodes”, o qual (já vimos) faleceu no início do ano 4 A.C. Então, o nascimento ocorreu, *no mínimo*, no ano 5 A.C. (749 de Roma). Mais abaixo continuaremos o raciocínio ao falarmos do “astro”.

Trata-se de um aceno histórico (raro em Mateus) que só se preocupa com o registro dos fatos que sirvam de apoio às profecias do Velho Testamento - já que a finalidade exotérica de seu evangelho é provar aos israelitas que, em Jesus, se cumpriram as predições, e, portanto, que ELE é o Messias esperado.

Jesus nasceu em Belém (*beith-léhem* == a casa do pão), cidade já citada desde a época de Josué, localizada entre Thecua, Etam, Karem, Baither (cfr, Josué 15:59, segundo os LXX). Era bastante conhecida popularmente por causa do idílio entre Ruth e Booz, e pelo nascimento de David que lá ocorreram.

Chamada Belém “de Judá” para distingui-la de Belém “da Galiléia”, na tribo de Zábulon (Jos. 19:15) e que ainda hoje existe.

A seguir vem a notícia dos magos, que a tradição popular elevou à categoria de “reis”. Dividamos o estudo em itens:

1 - QUEM ERAM. Os historiadores gregos Herodoto e Xenofonte dizem-nos que os “magos” constituíam uma casta sacerdotal muito conceituada entre Medos e Persas, ocupando-se sobretudo de medicina, astronomia (astrologia) e ciências divinatórias. A palavra é atestada no grego (μάγος e μέγας): no latim: *magus* e *magnus*; no hebraico *magh*, no pehlvi *mogh*; e no sânscrito *mahat* “grande” (cfr. Mahatma “= grande alma”).

Por intermédio de Jeremias (39:13) sabemos que Nabuzardan, oficial superior de Nabucodonozor, era *rab magh*, isto é, chefe dos magos. São citados em Daniel (1:20; 2:2, 10, 17 etc.). Nos Atos dos Apóstolos há dois magos: Simão (8:9) e Elymas (13:8), que mais parece terem sido “mágicos”.

Mateus deixa entrever neles personagens estrangeiras de importância, como sábios a quem honrava o título de magos. Interessante notar que nas pinturas cristãs dos primeiros séculos (Santa Priscila, em Roma, 2.º século, e o mosaico frontal da Basílica de Belém, 4.º século) os magos são representados com bonés frígios, quais sacerdotes persas.

2 - DONDE VIERAM. O fato do serem “magos” os sacerdotes persas, faz supor que tenham vindo da Pérsia. Mas, por serem astrólogos, supõe-se que eram da Caldéia. No entanto, para a Palestina, o Oriente” era a Arábia, ao passo que a Mesopotâmia (Pérsia e Caldéia) ficava antes ao norte. Tanto que em Joel (2:20) o inimigo tradicional assírio era chamado “o nortista”.

Os presentes trazidos também falam a favor da Arábia: Isaías (10:10) cita o *ouro* e o *incenso* de Sabá; Jeremias (6:20) do *incenso* da Arábia; a rainha de Sabá traz ouro em quantidade (1 Reis, 10:2) os navios de Salomão trazem ouro de Ofir (1 Reis, 9:28). A mitra, isto é, a resina do *Balsamodendron*, provinha da Arábia. De lá os supunham Justino, Orígenes e Epifânio, que viveram na Palestina, embora outros pais da igreja digam terem eles vindo da Pérsia.



Figura “OS REIS MAGOS” - Pintura de Doré, gravura de Pannemaker

3 - NOMES E NÚMERO. São desconhecidos. Beda (escritor inglês nascido em 673 e desencarnado em 735) é que os batizou de Gaspar, Melchior e Baltazar. Também não sabemos quantos eram: a tradição da igreja latina os limita a três, por causa dos presentes; mas nas igrejas sírias e armênias julga-se que eram doze. Tudo no terreno das conjecturas.

4 - ÉPOCA DA CHEGADA. Também é incerta. A pergunta a respeito de um “recém-nascido” faz supor que se trata de menos de um ano a partir do nascimento de Jesus. O mesmo se deduz da ordem de Herodes, mandando sacrificar todas as crianças de dois anos para baixo (aumentando o limite da idade, para estar certo de que apanharia na rede a criança visada) .

5 - O ASTRO. Os magos dirigiram-se a Jerusalém para indagar do nascimento do Messias, por causa do “astro” que haviam visto no “oriente”. Que espécie de “astro”? Supõem alguns ter-se tratado de um cometa. Improvável, porque os cometas não desaparecem para aparecer mais tarde.

Em 1603, o grande astrônomo Kepler observou uma conjunção de Júpiter e Saturno no mês de dezembro. Na primavera seguinte, Marte aproximou-se desses dois planetas e, no outono, surgiu entre os três uma “estrela nova” de grande brilho. Kepler supôs que assim devia ter ocorrido na época do nascimento de Jesus. Fez os cálculos matemáticos e concluiu que no ano 747 de Roma (7 A.C.) Júpiter e Saturno se reuniram na constelação de Peixes (lembremo-nos de que, nessa época, a Terra estava a sair da constelação de Aries para entrar na de Peixes, tal como agora sai da de Peixes para entrar na de Aquário, recuando sempre de um signo a cada dois mil anos. Recordemos ainda que o símbolo da época de Abraão a Jesus era o CORDEIRO, e, na época de Jesus começou a ser o peixe, utilizado pelos cristãos como emblema para identificar-se).

Na constelação de Peixes, a Júpiter e Saturno uniu-se Marte na primavera de 748 de Roma (6 A.C.). Para um estudo mais minucioso, veja-se: Kepler, *Opera Omnia*, Frankfurt, 1858, tomo 4, pág. 346 e seguintes.

Ora, os caldeus eram bons astrônomos e sobre eles escreveu Cícero *De Divinatione*, I, 19): “Os caldeus observam os sinais do céu, anotam os cursos das estrelas com seus números e movimentos ... e possuem em seus registos observações seguidas durante 470.000 (é isso mesmo: quatrocentos e setenta mil) anos”. E Diodoro de Sicília (II,) atesta que esses registos tinham 473.000 anos seguidos.

Daí deverem saber os magos que essa conjunção revelava, segundo as predições proféticas, a primeira vinda do Messias, não lhes sendo difícil localizar seu nascimento na Palestina, porque Peixes era o signo peculiar desse país .

Ora, verificamos que houve tríplice conjunção de Júpiter e Saturno: em maio, agosto e dezembro do ano 747 de Roma (7 A.C.), segundo nossas atuais tábuas astronômicas. Alertados pela primeira conjunção (maio de 747) prepararam-se para a longa viagem até a Palestina, devendo ter chegado a Jerusalém nos primeiros meses de 748. E exatamente de março a maio desse ano aos dois planetas Júpiter e Saturno uniram-se Marte, Vênus, Mercúrio e o Sol, o que fez os magos “reencontrarem” o “astro do Messias” ao saírem de Jerusalém.

Fica então, como época mais provável para o nascimento de Jesus, o ano 747 de Roma, ou seja, o ano 7 A.C.

Quanto à data, a primeira vez que, com certeza histórica se fala em 25 de dezembro, é no Calendário Philocalus (do ano 354 A.D.), que foi publicado por Theodor Mommsen no “*Abhandlungen der sächsischen Akademie der Wissenschaft*”, em 1850.

Clemente de Alexandria (200 A.D.) menciona várias especulações em torno da data do nascimento de Jesus: 19 ou 20 de abril, 20 de maio, 28 de agosto (estas duas últimas coincidem com as conjunções 1.^a e 2.^a) e 17 de novembro. Até então (3.^o século) não se falava em dezembro. Quando em Roma se

transferiu o Natal para 25 de dezembro, festa oficial de Mitra (divindade persa), ou Natalis Invicti Solis (nascimento do Sol invicto, isto é, entrada do Sol no solstício do inverno) os Sírios e armênios acusaram os romanos de “idólatras adoradores do sol”. Entretanto, a data se foi aos poucos fixando e conquistando mais adeptos de tal forma que, já no século 7.^o, todo o ocidente aceitava o dia 25 de dezembro como a data oficial do nascimento de Jesus.

Ao saber da notícia da chegada a Jerusalém dos magos orientais, em busca de novo rei dos judeus, Herodes, o velho idumeu, perturbou-se: não queria concorrência ao trono. Já assassinara muitos competidores e ainda cinco dias antes de sua morte mandou executar seu próprio filho Antípater, por temer que lhe roubasse o título. Convocou, então, às pressas as autoridades e os sábios, isto é, o SINÉDRIO, para saber onde deveria nascer o Messias de acordo com os textos bíblicos.

O Sinédrio de Jerusalém ou Consistório (também chamado Conselho), era a autoridade mais alta, tanto civil quanto religiosamente. Compunha-se de 71 membros, ou seja, um presidente (NASI) geralmente sumo-sacerdote, e setenta conselheiros assim divididos :

- a) os principais (grandes) sacerdotes que eram o próprio sumo-sacerdote e os ex-ocupantes do cargo, bem como os chefes das 24 classes sacerdotais;
- b) os escribas ou doutores da lei (*sopherim*), a classe mais culta, que passava seus dias a transcrever a Torah, a ensinar, dissertar e discutir;
- c) os anciãos do povo (isto é, presbíteros) que eram os leigos notáveis, escolhidos entre as principais famílias.

A convocação do Sinédrio foi total, havendo no texto a omissão de uma palavra, por “salto” do copista: em vez de *escribas do povo*, cargo que não existia, deve ler-se: escribas e *anciãos* do povo.

O Sinédrio respondeu prontamente, sem hesitação, citando o versículo de Miquéas (5:1): “E tu, Belém de Efrata, pequena quanto à tua situação entre as clãs de Judá, de ti virá um que será soberano em Israel e suas origens serão antigas, da longínquo passado”. Mateus cita apenas o sentido, modificando o texto, coisa habitual entre os evangelistas. São Jerônimo (*Patrologia Latina*, vol. 22, col. 576) diz que eles “procuravam o sentido, não as palavras” (*sensum quaesisse, non verba*), e “não cuidavam da ordem e das palavras, quando as coisas eram compreensíveis” (*nec magnopere de ordinatione sermonibusque curasse, cum intellectui res paterent*).

De posse do fato e do local, Herodes interroga sobre a época do aparecimento do astro, dizendo-lhes que continuassem a pesquisa, porque “também ele” desejava adorar o novo Messias. Cuidava ser-lhe fácil suprimir no berço o recém-nascido, sem provocar protestos.

A viagem de Jerusalém a Belém podia consumir mais ou menos duas horas, na direção sul. Sua localização não foi descoberta até hoje nas buscas arqueológicas.

Tem trazido discussões a frase: “o astro os guiou” (grego: *προή-γεν αὐτοῦς*), que geralmente é traduzido “caminhou à frente deles”, com o sentido dado ao emprego intransitivo. Mas aqui está empregado transitivamente (cfr. Dict. Grec-Français de A. Bailly, in verbo). A idéia de que os astros “guiam” os navegantes é antiga e comum. No entanto ninguém jamais supôs que os astros, para guiarem os navegantes, precisavam “caminhar à frente deles”. Ao chegarem à porta de Jerusalém, viram novamente a conjunção no lado sul, e compreenderam que estavam certos. Naturalmente, por mais que caminhassem, jamais o “astro” lhes ficaria ao norte. Se alguém caminha na direção da lua, esta parecerá também avançar à frente na mesma direção, como que “guiando”. Mas quando a criatura pára, o astro pára também. E foi o que ocorreu ao encontrarem a casa em que Jesus estava.

Há muita discussão a respeito da “casa” ou “gruta” em que se acharia Jesus, na visita dos magos. O texto fala explicitamente em “casa”. Lógico que, mesmo admitindo-se a idéia do nascimento na gruta, José não deixaria a esposa e o filho em local tão impróprio, e providenciaria acomodações. José não é citado nesse passo.

Segundo o hábito oriental, a saudação aos soberanos era feita mediante o prostrar-se até o chão. Foi o que eles fizeram diante do menino.

Após a homenagem das pessoas, a oferta dos bens materiais: abrindo seus cofres, deram-lhe ouro, incenso e mirra .

De acordo com a interpretação usual, o ouro exprime a confissão , reconhecimento da realeza de Jesus, o incenso de sua divindade e a mirra de sua humanidade .

Terminada a cerimônia, recolheram-se e consultaram os oráculos (em linguagem moderna, realizaram uma sessão mediúnica). É o que se depreende dos vers. 12: *καὶ ἠρηματισθέντες* , “e recebendo a resposta” do espírito a quem haviam interrogado, *κατόναρ* = no sono (ou no transe?) para não voltar a Herodes. Resolveram, então, regressar à sua terra por outro caminho. A vinda a Jerusalém deve ter sido o normal das caravanas: de Ma'an e Petra, atingindo, pela plataforma de Moab o vale do Jordão, e subindo de Jericó a Jerusalém. O regresso “por outro caminho” supõe as escalas Hebron, Ziph e Maon, o uádi Zueira, o djeb-el Usdum ou então, com maior segurança, a pista vizinha do deserto por Thecua, Bir Allah, a garganta de Engadi e a margem ocidental do Mar Morto, até chegar aos altiplanos de Moab e as seguras estradas da Arábia.

O estudo deste trecho é bastante fértil para nosso aprendizado.

No vers. 1, lemos que Jesus nasceu “em Belém”. Já sabemos que em Belém, a duas horas de Jerusalém pouco mais ou menos, funcionava uma “escola iniciática de profetismo” (isto é, um centro de desenvolvimento das faculdades psíquicas). Aqueles que se aproximavam da meta, para lá se dirigiam, colocando-se sob a direção dos essênios para darem o “mergulho” (Batismo) em si mesmos. Nada de estranho, pois, que o evangelista nos advirta que “Jesus nasceu em Belém”. É no centro de desenvolvimento que se consegue apurar a sensibilidade, sob a orientação de pessoas experimentadas.

Os essênios habitavam realmente em grutas nos arredores da cidade (como ainda há poucos anos ficou confirmado com as descobertas dos manuscritos de QUMRAN ou do Mar Morto). Se, historicamente, não nos importa saber “onde” nasceu, simbolicamente o ensinamento é de alcance enorme: para o Encontro Sublime a retirada a um lugar apropriado é, senão essencial, pelo menos de incalculável ajuda.

Continua o esclarecimento, de que o nascimento místico ocorreu “no tempo do rei Herodes”, o que exprime que os fatos a nós ocultamente ensinados se passaram durante a permanência do Eu no arcabouço de carne. Herodes representa o domínio (é o “rei”) da matéria: é o materialismo egoísta e interesseiro, que só visa ao ganho e se preocupa com a “realidade” menor e transitória, isto é, pelo que cai sob os sentidos físicos. Trata-se do homem “que tem alma, mas não tem espírito” (Judas, 19), e que busca apenas posições sociais, riquezas, prazeres e domínio.

Logo que uma criatura se apresta para o Encontro e este se dá, sua luz espiritual se irradia e é percebida por aqueles que “podem” vê-la. Os “mestres” (adeptos) estão neste caso. E a luz do novo felizardo é observada “no oriente”, ou seja, no momento de surgir (a palavra “oriente” é o participio presente do verbo latino orior, e se traduz “o que nasce”). Os mestres dirigem-se então ao encontro do Homem-Novo recém-nascido, a fim de ajudá-lo a desenvolver-se.

Os Mestres (magos = grandes) podem comunicar-se psíquica ou espiritualmente, ou por outro qualquer meio. Se a tarefa ou missão do Novo Homem for pública (como era o caso de Jesus) talvez seja dada preferência à publicidade. Por isso, utilizando-se de seus veículos carnaís, empreenderam a viagem, indo diretamente à autoridade dominante (matéria) e referindo os fatos às criaturas.

Os materialistas reagem imediatamente. Perturbam-se todos (... “e como ele toda Jerusalém” ...). A verdade que lhes é trazida - em que dizem não acreditar - os deixa de tal modo transtornados (porque ecoam no seu “inconsciente” ou Eu Profundo, que lhes segreda ao coração que são verdades “certas”) que eles buscam destruí-las e aniquilar os veículos por que elas se manifestam: nada deve atrapalhar-lhes a posse pacífica de seus bens e de suas posições.

Neste caso, há “saídas” estratégicas. Eles, que não dão a menor importância ao clero organizado, a ele recorrem pressurosos, ansiando por um desmentido ou por um esclarecimento que lhes faça voltar à paz. Nessas situações é-lhes essencial demonstrar humildade e boas intenções, revelando submissão e até subserviência hipócritas, que lhes mascarem os desígnios recônditos. Como eles não vêem o espírito, julgam ter capacidade de ludibriá-lo com esperteza matreira. (Jesus assim os classifica, em Luc. 13:32, quando lhe dizem que Herodes (descendente do outro) queria matá-lo; Jesus responde: “ide dizer àquele raposo” ...). Se o Poder lhes fora deixado nas mãos, conseguiriam destruir; mas como só possuem o poder material, só atingem os que o merecem; aos verdadeiros, nada fazem, a não ser na hora preestabelecida .

Essa a razão pela qual os mestres reais não se deixam engodar por promessas de auxílio e ajudas políticas ou financeiras de poderes constituídos. No caso de dúvida consultam os céus pela prece e obtêm resposta à sua sinceridade.

No vers. 6 fala-se no “povo de Israel”. O nome foi imposto a Jacob pelo anjo que com ele lutou (Gên. 32:28). Jacob significa “sagaz”. Após a luta com um espírito materializado, já pela madrugada, o “anjo” não conseguia libertar-se das mãos de Jacob. Tocou-o então no tendão femural (que o fez ficar coxo) e deu-lhe o nome de “Israel”, formado do verbo shrebet que significa “surrar”, introduzindo duas modificações: no início um iod, e no fim a palavra El, completando a idéia: “o homem” (ish) “que luta” (shra) “com Deus” (el). Se observarmos sob outro prisma, a palavra Israel contém em si a idéia do Deus único sob três formas: a Mãe Divina, IS (de Isis); o Pai Supremo, RA (venerado ambos no Egito); e o Espírito Criado, Deus: EL, adorado entre os judeus.

Após a consulta, os magos recebem a resposta de que não mais devem avistar-se com Herodes (a matéria), isto é, não mais contatos com o mundo e suas ilusões transitórias. Mas regressam “por outro caminho” a vida espiritual. Mas já aí a notícia do Homem-Novo fora dada a público.

Segundo o entendimento mais profundo, o ouro representa a Luz, e, portanto, a Sabedoria; o incenso é a devoção, que espalha o “bom odor” do espírito às criaturas; e a mirra é o consumir-se para beneficiar. No entanto, a sabedoria consagrada a Deus e consumida em benefício dos homens, traz sofrimento porque obriga a criatura a permanecer no cárcere da matéria; a mirra sugere o sacrifício e a renúncia total de todos os bens, inclusive do próprio eu personalístico.

Então, temos o simbolismo:

ouro - Luz e Sabedoria

incenso - Devoção pessoal a Deus e aos homens

mirra - sacrifício e renúncia ao próprio eu

Essas as características do Homem Novo, dos Missionários que estando em contato com o Eu Profundo ou Cristo Interno, deverão renunciar a tudo o que seja transitório, devotando-se integralmente a Deus e servindo às criaturas, para conseguir a iluminação final da verdadeira sabedoria irradiada pelo Foco de Luz Incruiada.

FUGA PARA O EGITO

Mat. 2:13-15

- 13. Depois de haverem partido, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, dizendo: “levanta-te, toma contigo o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e fica aí até que eu te chame; pois Herodes há de procurar o menino para matá-lo”.**
- 14. José levantou-se, tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito,**
- 15. e ali ficou até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que dissera o Senhor pelo profeta: “Do Egito chamei a meu filho”.**

Novamente José é advertido em sonhos por um espírito (anjo do Senhor), ordenando-lhe este a fuga para o Egito. Nesse país havia duas grandes e florescentes colônias israelitas, em Alexandria e em Heliópolis.

O Egito distava cerca de seis dias de viagem (perto de 250 milhas, a maioria das quais através de terras desertas). Era, porém, local seguro e lá também se refugiaram Jeroboão (pretendente ao trono de Salomão), o profeta Jeremias, Onias IV fundador do Templo Israelita de Leontópolis e outros.

Mateus não dá pormenores da viagem, que aparecem numerosos nos evangelhos apócrifos (Pseudo-Mateus, 18 a 24; Pseudo-Tomé, texto latino, cap. 1; evangelho árabe da infância, 10 a 25).

Não se sabe o local em que ficou a família de Jesus. Uma tradição antiga copta indica o Cairo. Nada de certo, porém.

Aí ficaram os três até a morte de Herodes. Sabemos que este faleceu sete dias antes da Páscoa, em março-abril do ano 4 A. C., ou seja, 750 de Roma.

Nascido em 747 (7 A.C.), Jesus teria então permanecido cerca de 3 anos no Egito, o que coincide com os dados de certos apócrifos (Pseudo-Mateus cap. 26; Pseudo-Tomé, texto latino, cap. 4; evangelho árabe da infância cap. 25 e 26).

A frase “Do Egito chamei meu filho” está no texto hebraico de Oséas (11:1).

Diversas anotações podem ser feitas em torno da viagem de Jesus ao Egito.

A “fuga” se dá à noite. O intelecto (José), iluminado pelo Alto (anjo) leva consigo a intuição (Maria) e o recém-nascido Homem-Novo (Jesus) e adentra-se pela noite do isolamento, a fim de favorecer o crescimento da “criança”. Esta, enquanto nova e indefesa, não deve, não pode, permanecer no bulício das cidades: tal como a semente, que para germinar mergulha na noite do solo, assim o recém-manifestado Cristo necessita da solidão e do silêncio para desenvolver-se. Era mister fugir do “mundo” (Herodes) que desejava matá-lo, para que não fosse sufocada a plantinha ainda tenra e frágil.

Outra interpretação: todos os espíritos, na senda evolutiva, necessitam passar alguma (ou “algumas”) fases na Terra, enclausurados, longe do bulício, treinando a meditação e o mergulho em si mesmos. Daí a existência de eremitérios e mosteiros, mantidos pelas religiões, para ajudar a esses que se encontram nessa fase. Sob esse aspecto, a viagem de Jesus pode ter significado a necessidade de isolamento entre irmãos que não fossem do próprio sangue (exatamente o que ocorre nos mosteiros e conventos). Essa reclusão temporária (relativamente à vida eterna do espírito) serve para educá-lo a sair do egoísmo familiar (consanguíneo) exercitando-se no amor aos não consanguíneos. (Não nos

referimos, aqui, à pessoa de Jesus: estamos falando que o exemplo de Jesus ao fugir para o Egito, pode representar a fuga de nossos espíritos para longe da família carnal).

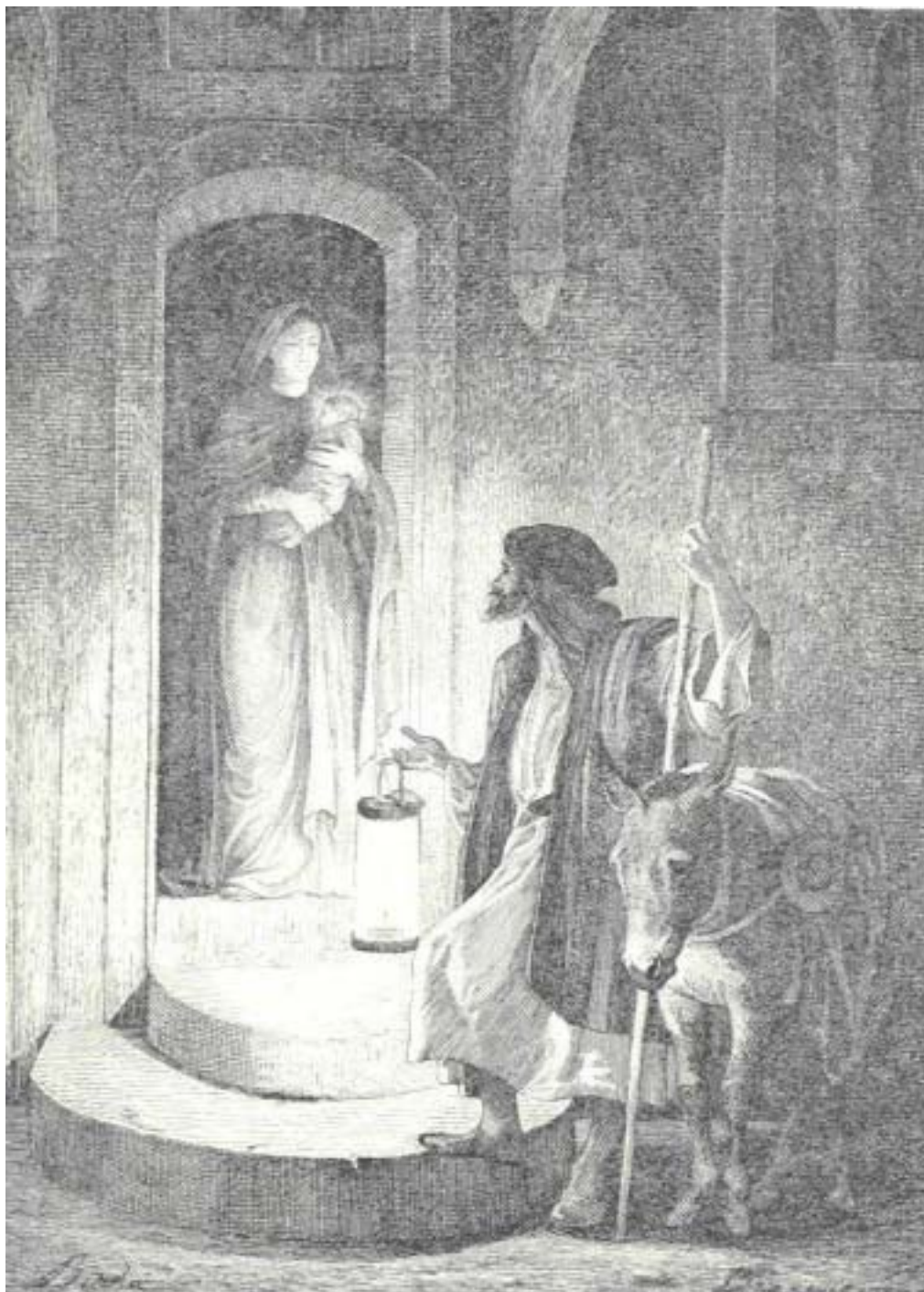


FIGURA “A FUGA PARA O EGITO” - Pintura de Bida, gravura de Braequemond

Há outro ensinamento.

Após a permanência na escola de profetismo de Belém (mediunismo), o espírito precisa ir além, para sintonizar não mais com outros espíritos (sobretudo do plano astral), mas para vibrar em uníssono com as noúres divinas.

Então, depois da estada em Belém, e de ter passado pelo exame dos “magos”, e de ter sofrido perseguição da matéria e do mundanismo (Herodes), o espírito, vitorioso nessas provas, dá um passo além e segue, promovido, para outro santuário mais avançado.

Exatamente na cidade de Heliópolis havia outro templo iniciático, onde os candidatos de “envergadura” se exercitavam no espiritualismo mais profundo.

O novo ser, nascido do Encontro Deslumbrante, é ainda dirigido pelo intelecto (José) que recebe as ordens do Alto. A intuição (Maria), embora desenvolvida, ainda é fraca (mulher) e não chega ao ponto de poder agir sozinha. E o Homem-Novo, recém-nascido, é muito criança para poder andar por si. O intelecto (o órgão mais desenvolvido na anterior evolução, no estágio “homem”) é que recebe o encargo de levá-los e dirigí-los até que, “morto Herodes” (isto é, liquidados os carmas materiais) possa ele caminhar pelos próprios pés e governar-se; e isso ele o fará já na qualidade de “Filho do Homem”. Verificamos que é assim, porque o primeiro a desaparecer da cena do Evangelho é José o intelecto - e também a intuição é deixada de lado e admoestada quando quer intervir. Então, o Filho do Homem, agindo por si, manifesta o Cristo em toda a Sua plenitude e assombra o mundo.

Esse trajeto tem que ser seguido por todas as criaturas, através de suas vidas sucessivas. Jesus foi o EXEMPLO e o MODÉLO, e Sua vida na Palestina é um resumo vivo do que são, e do que serão, nos futuros milênios, as nossas vidas.

Assim como o homem revive, em cada vida, todas as suas anteriores etapas evolutivas, para só então recomeçar um novo passo na jornada do aperfeiçoamento, assim a última vida de Jesus nos apresenta, em uma só encarnação, o modelo de todas as nossas presentes e futuras etapas evolutivas.

EVOLUÇÃO ANIMAL-HOMINAL

Com efeito, quando o homem desce ao plano da matéria para nova experiência reencarnatória, sua ligação primeira se faz no óvulo, ainda na trompa ou Canal de Falópio. Note-se, porém, que o espírito NÃO ENTRA no óvulo: apenas SE LIGA, permanecendo de fora, a ele preso apenas pelo “cordão de prata” (Eccl. 12:16).

Do óvulo, ele irradia suas vibrações que vão atrair o espermatozóide: e exatamente AQUELE espermatozóide que é portador dos genes que sintonizam vibratoriamente com o espírito, e que portanto lhe poderá fornecer um corpo especificamente apropriado a essa etapa evolutiva desse espírito: com as qualidades e deficiências requeridas pelo estado evolutivo do espírito. Dizemos ATRAÍ, no mesmo sentido em que poderíamos afirmar que um aparelho de rádio, sintonizado nos 800 kilociclos, atrai as ondas hertzianas da Rádio Ministério da Educação e Cultura. “Atrai”, pois, tem o sentido preciso de “sintonizar e receber”.

Mas o espermatozóide, “alimentado” por essas vibrações sintônicas, recebe as energias indispensáveis para progredir em sua viagem, até o óvulo, passando à frente de seus concorrentes.

Dizíamos que o espírito “se liga” ao óvulo e, desde esse momento, passa a relembrar, ou melhor, a “refazer” todas as fases evolutivas por que haja passado desde seu ingresso na fase animal.

Começa como célula simples (protozoário unicelular = óvulo) e se vai desenvolvendo na mesma ordem sucessiva que há seguido durante milhões e milhões de anos. Logicamente sua evolução foi aquática, e por isso ele a revive mergulhado no líquido amniótico.

Mas essa revivescência, embora nos pareça lenta, é relativamente relampejante: o espírito revive em cada segundo de vida intra-uterina, milênios de vidas remotas, enquanto atravessava as fases animais, sem fixar, no entanto, exatamente as diversas formas da espécie.

Na fase correspondente à sua entrada na família dos sáurios, surge no feto o “olho pineal”, como fase inicial da futura glândula do mesmo nome, e que lhe assinala a caracterização como individualidade personificada.

Terminada a “revisão” de toda a sua evolução animal, a criança rompe as barreiras da animalidade pura e passa ao estado hominal: nesse ponto preciso ocorre o nascimento.

Surge o novo Adão (ADAM = homem) que é “expulso do paraíso” da irresponsabilidade animal (veja pág. 19, último parágrafo) e começa a ter que “comer o pão com o suor de seu rosto”: respiração e alimentação não são mais “aproveitadas” da mãe. A criança é que tem que “esforçar-se” por si mesma. Vimos que, quando no estágio animal, o espírito era ainda irresponsável, agindo em perfeita harmonia com a Mente Cósmica Universal, porque o intelecto não intervinha para atrapalhar. Na “revisão” dessa fase, o feto vive em perfeita simbiose com a mãe, da qual tira tudo.

“Expulso desse paraíso” animal, o recém-nascido chega ao reino hominal. Mas ainda não ao estado atual de “homo sapiens”: vai antes reviver todo o desenvolvimento, desde o plano de homóide, ao homúnculo, ao “pithecâthropus erectus” (quando passa do engatinhar ao caminhar erecto), até chegar ao “homo sapiens” e às últimas vivências na Terra.

Quando atinge os sete anos, mais ou menos - a idade da razão - é que, então, recordada toda a escala evolutiva, o espírito penetra integralmente o novo corpo e inicia a nova jornada que se lhe abre ante o horizonte. Até então, o espírito permanece fora do corpo, comandando através do “cordão de prata” todo o desenvolvimento de seu veículo físico. Por esse motivo é que a criança manifesta as características de primitivismo: egoísmo, destrutibilidade, etc.

Uma comprovação de tudo isso é o que se passa com espíritos mais evoluídos.

Realmente, quanto mais adiantado o espírito na escala, mais rapidamente percorre as etapas anteriores. E se, em suas recentes vivências na Terra esses espíritos revelaram desenvolvimento de genialidade em qualquer ramo, aparecem as “crianças-prodígio”, revivescência clara da última ou das últimas encarnações. Daí verificarmos que esses “prodígios” se revelam sempre antes do uso da razão. Ao atingirem essa idade, em que se inicia a fase “atual”, pode o espírito fazer florescer e progredir suas qualidades, e até desenvolvê-las mais ainda. No entanto, pode dar-se que a atual existência não apresente possibilidades de evolução maior. E vemos que, com frequência, a criança prodígio não atinge, em sua vida posterior, o que dela se esperava: não conseguiu adiantar-se com o mesmo ritmo. E na idade madura é pessoa “comum”. Quebrou o ritmo ascensional, quer por cansaço, quer por falta de ambiente propício, quer por motivos cármicos. Não houve, porém, regresso, mas diminuição ou afrouxamento (“rallentissement”) na caminhada.

Compreendendo assim as coisas, descobrimos que a vida de Jesus em Sua última romagem terrena, foi o modelo que teremos que seguir, no estado posterior de “Filhos do Homem”, verdade que já foi revelada por Paulo ao Efésios (4:13) “até que TODOS CHEGUEMOS à plenitude da estatura de Cristo”.

MASSACRE DOS INOCENTES

Mat .2:16-18

- 16. Herodes, vendo-se iludido pelos magos, ficou irado, e mandou matar todos os meninos em Belém e em todo o seu termo, de dois anos para baixo, conforme o tempo que tinha com precisão indagado dos magos.**
- 17. Então cumpriu-se o que foi dito pelo profeta Jeremias:**
- 18. “OuvIU-se um clamor em Ramá, choro e grande lamento: Raquel chorando a seus filhos, e não querendo ser consolada porque eles se foram”.**

Irritado, por não poder por suas mãos em Jesus, Herodes manda degolar todos os meninos de menos de dois anos. Não se limitou a Belém, mas foi a todo o território adjacente, embora não seja provável que tivesse atingido a outras aldeias circunvizinhas.

Quantas crianças? Os melhores cálculos estatísticos asseguram que não devem ter sido muito mais do que 20 (vinte) crianças. Que era isso, para quem já mandara assassinar seu genro, seus filhos Alexandre e Aristóbulo, sua esposa Mariana, e que, pouco depois, mandaria matar o outro filho Antipater, tendo ordenado que, à sua morte, fossem assassinados no anfiteatro de Jericó os homens notáveis da cidade, afim de que houvesse lágrimas em seus funerais?

Esses meninos, segundo revelações espirituais modernas, seriam a reencarnação dos homens que, sob as ordens de Elias (o futuro João Batista, que também morreria à espada) haviam degolado os 450 sacerdotes de Baal junto à torre de Kishon (1 Reis, 18:40 e 19:1). Elias, o responsável, morreria adulto, para sentir o peso de seu erro, ao passo que os que lhe obedeceram pereceram também à espada, mas ainda crianças, sem terem consciência “atual” do que estava a ocorrer e, portanto, com sofrimento muito menor. A Lei de Causa e Efeito é de funcionamento rigoroso e justiceiro, conforme a descreve Moisés: “vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe” (Êx. 21:23-25).

A frase de Jeremias (31:15) constitui uma figura de retórica {prosopopéia}, em que o profeta evoca a lembrança de Raquel, mãe de José e de Benjamin, a chorar quando os israelitas, séculos depois, estavam prisioneiros de Nabucodonozor, na cidade de Ramá, (da tribo de Benjamin) a cerca de 10 quilômetros ao norte de Jerusalém. Jeremias a imagina a chorar pelos filhos, tendo em vista que a tradição colocava ali o túmulo de Raquel.

O fato nada tem que ver com o massacre dos pequenos betlemitas, não sendo propriamente uma profecia. Simples coincidência que ele aproveita, pela semelhança dos fatos.

A matança das crianças de menos de dois anos pode demonstrar-nos que, quando o espírito não se encontra suficientemente fortalecido, pode sucumbir diante das tentações e perseguições da matéria (Herodes). Muitos dos que ingressaram entusiasticamente na senda evolutiva, são tentados pelo mundo ilusório de mayá e perdem o rumo ou se demoram nos portais da espiritualidade em busca de curiosidades que lhes retêm os passos e lhes cortam a caminhada.

Há muitos obstáculos na senda.

Ora são os ritos externos que distraem a criatura levando-a “para fora”, quando o caminho certo seria para dentro de si mesma. Mas a pompa ritualística termina por envolver o homem, que perde a direção: não está ainda maduro.

Ora são as buscas intelectuais, os “sentidos” das palavras, a hermenêutica, a teologia ou teosofia, e o espírito se perde em cerebrinas elucubrações personalísticas, distanciando-se do rumo certo no profundo do próprio coração e exteriorizando-se para a periferia intelectual da personalidade transitória.

Ora são as comunicações com espíritos desencarnados, sobretudo do mundo astral (muitos mais atrasados que nós), que passam a governar (a “guiar”) a criatura; e esta acaba julgando “fim” o que apenas constitui um meio de progresso, e se desvia da rota, exteriorizando-se em direção a outras criaturas (embora desencarnadas) ao invés de darem o mergulho em busca do Cristo Interno.

Ora são os exercícios de desenvolvimento e domínio do corpo perecível, por meio dos quais espera a obtenção da estrada certa: quer atingir o espírito pela matéria, quer subir ao céu através da terra, e o corpo físico se torna a preocupação máxima, desviando a atenção do centro do espírito, que é o coração.

Todos esses óbices aparecem com objetivo certo: não deixar entrar aqueles que não estejam maduros. Por isso, há tantas tentações no portal da espiritualidade, a fim de experimentar a “maturidade espiritual” de cada ser. Se a criatura ainda se encontra imatura para o salto em profundidade, ela se detém nesses umbrais e se encanta com ritos, com intelectualismo, com palavras de “guias”, com exercícios para a saúde do corpo, com atos de magia, e aí permanece o tempo indispensável para que possa amadurecer o próprio espírito.

Se ao invés está madura (ou mesmo, quando consegue amadurecer), abandona todas as ilusões externas e avança intemorata para as profundezas abismais do próprio coração. Liberta-se de todas as peias, foge de Herodes e entra, de noite, no Egito do isolamento, onde encontrará a CIDADE DO SOL (Heliópolis) e lá desfaz a personalidade na Imortalidade infinita da Luz Eterna e Criadora.

Todos aqueles são os “inocentes” (crianças) que são “massacrados”, pelo mundo, pelas vaidades, pelas ambições ou paixões, pelo intelectualismo ou pelas riquezas e até mesmo pelo próprio espiritualismo mal dirigido.

REGRESSO DO EGITO

Mat. 2:19-23

19. Mas, tendo morrido Herodes, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, no Egito,
20. dizendo: “Levanta-te, toma contigo o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel, pois já morreram os que procuravam tirar a vida do menino”.
21. Levantando-se tomou o menino e sua mãe e voltou para a terra de Israel.
22. Tendo ouvido porém que Arquelau reinava na Judéia, em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá; e avisado em sonhos, retirou-se para os lados da Galiléia,
23. e foi morar numa cidade chamada Nazaré, para cumprir o que foi dito pelos profetas: “ele será chamado nazoreu”.

Após a morte de Herodes, novamente funciona a mediunidade onírica de José: em sonhos um “anjo” manda-o regressar à “terra de Israel”, como ainda hoje se diz: מִפֶּן שְׂרָאָךְ José obedeceu de imediato e (segundo Mateus) dispunha-se a regressar a Belém, quando “ouve dizer” que lá governava Arquelau, filho de Herodes. Instala-se nele o medo. Realmente, à morte de Herodes (4 A. C.) Arquelau tinha 18 anos; mas como os judeus se opuseram a seu reinado, revoltando-se por não ter sido deposto o sumo-sacerdote Joasar, ele mandou matar 3.000 judeus (Josefo, Ant. Jud. XVII, 9, 1). Mas à noite, outro sonho esclarece-o, indicando-lhe que se dirija à Galiléia, “a uma cidade chamada Nazaré”. Como estamos vendo, essa cidade constituía para Mateus uma “novidade” absoluta. Parece que José e Maria nem a conheciam. Como conciliar com as palavras de Lucas, de que eles *eram da cidade de Nazaré*, isto é, que lá tinham nascido e residiam normalmente? Teria sido mais fácil dizer que do Egito regressaram à *sua cidade de Nazaré* ... pois lá eles possuíam casa, a oficina de carpinteiro de José, os parentes e amigos. Entretanto, Mateus desconhece tudo isso, mostra-o desejoso de ir para Belém (fazer o quê?) e só o aviso “em sonho” o faz dirigir-se para Nazaré, como se fora um local que eles pisassem pela primeira vez. E ainda explica: “para que se cumprisse a profecia, que o chama NAZOREU”. Nem é “nazareno”...

Esse gentílico é usado quatro vezes por Marcos e duas vezes por Lucas. Mas o próprio Mateus emprega duas vezes *nazoreu*, que é utilizado uma vez por Lucas, três vezes por João, e sete vezes por Atos.

Eram assim chamados (nazoreus) os cristãos por volta do ano 60 (At. 24:5). O Talmud denomina Jesus o NOZRI, e chama os cristãos NOZRIM.

Notemos que não há profecia alguma que diga dever o Messias ser chamado “nazareno” nem “nazoreu”. A única frase que poderia ser aplicada seria a de Isaías (11:1) quando diz que “do tronco de Jessé sairá um rebento, e de suas raízes sairá um renovo (= nezêr) que frutificará. E o Espírito de YHWH se deterá nele”. Tendo Mateus apresentado Jesus como o último rebento (o renovo) na genealogia, pode ter feito mentalmente uma aproximação, embora forçada.

Depois de viver algum tempo no isolamento da meditação, fora de seus consanguíneos e amigos, o Homem-Novo galgou mais alguns passos no aprendizado espiritual, e precisa voltar à atividade entre o povo, a fim de aproveitar o que aprendeu, ensinando-o e exemplificando-o.

No entanto, o regresso à multidão ignara e materialista, viciada e incompreensiva, ainda não é aconselhável a quem não esteja suficientemente amadurecido e firme nos novos rumos. É-nos isso ilustrado com os fatos ocorridos com Jesus.

Iluminado pelo Alto (avisado pelo anjo) o intelecto (José) resolve ir para o meio religioso do próprio povo (Judéia = louvor a Deus). Mas percebe que lá ainda domina a intransigência religiosa, talvez perseguidora. Já não é mais aquele materialismo cego e perverso que procurava sufocar e matar o espiritualismo puro: já é “filho”; isto é, já avançou um pouco e está acima do vulgo (Arquelau = arché + laós = “chefe do povo”), mas assim mesmo constitui perigo para o iniciante porque, mesmo no ambiente religioso, conserva as características da intolerância e do fanatismo estreito, que não pode perceber as luzes intensas da espiritualidade crística, mas apenas vê o lado externo e popular do espírito da religião.

Entra o intelecto novamente em oração e, ainda uma vez, recebe a inspiração de não afrontar o oficialismo religioso com sua presença. Resolve, pois, refugiar-se nas “regiões fechadas” (Galiléia), entre aqueles que praticam o espiritualismo não oficial, e vai estabelecer sua morada na cidade de Nazaré, isto é, na dedicação a Deus (nazireato), para que se realize o que é predito por todos os conhecedores “será chamado nazoreu ou nazireu”, ou seja, homem consagrado a Deus, de corpo e alma, vivendo no mundo e em prol do mundo, mas sem ligar-se ao mundo.



Figura “A VOLTA DO EGITO” - Pintura de Bidu, Gravura de Edouard Girardot

VISITA AO TEMPLO

Luc. 2:40-52

40. E o menino crescia e fortificava-se, enchendo-se de sabedoria, e a benevolência de Deus estava sobre ele.
41. Seus pais iam anualmente a Jerusalém, pela festa da Páscoa.
42. Quando o menino tinha doze anos, subiram eles, conforme o costume da festa;
43. e findos os dias da festa, ao regressarem, ficou o menino Jesus em Jerusalém. sem que o soubessem seus pais.
44. Mas estes, julgando que ele estivesse entre os companheiros de viagem, andaram caminho de um dia, procurando-o entre os parentes e conhecidos;
45. e não no achando, regressaram a Jerusalém à procura dele.
46. Três dias depois o encontraram no Templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os;
47. e todos os que o ouviam, muito se admiravam de sua inteligência e de suas respostas.
48. Logo que seus pais o viram, ficaram surpreendidos, e sua mãe perguntou-lhe: “Filho, por que procedeste assim conosco? Teu pai e eu te procuramos aflitos”.
49. Ele lhes respondeu: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar no que é de meu Pai”?
50. Eles porém não compreenderam as palavras que ele dizia.
51. Então desceu com eles e foi para Nazaré e estava-lhes sujeito. Mas sua mãe guardava todas estas coisas em seu coração.
52. E Jesus progredia em sabedoria, em maturidade e em benevolência (amor) diante de Deus e dos homens.

Lucas coloca o regresso a Nazaré logo após a apresentação ao Templo, ignorando por completo qualquer outro acontecimento. Diz-nos ele que o menino crescia e fortificava-se (na parte física) enchendo-se de sabedoria (na parte intelectual). Alguns manuscritos acrescentam “fortificava-se em espírito”. O interessante a notar é que o evangelista salienta que o desenvolvimento da personalidade de Jesus se processava normalmente: não *possuía* a sabedoria total infusa, mas a adquiria aos poucos. Essa opinião é acatada por certos autores, como Cirilo de Jerusalém (*Patrol. Graeca*, vol. 75, col. 1332) e Tomás de Aquino (*Summa Theologica*, III, q. XII, a. 2). Explicam que, como “homem” (como personalidade) Jesus progrediu segundo as leis naturais, crescendo seu conhecimento concomitantemente com o corpo.

A lei mosaica ordenava que todos os homens que chegassem à idade da puberdade deveriam visitar o Templo de Jerusalém três vezes por ano: na Páscoa, no Pentecostes e na festa dos Tabernáculos (Ex. 23:14-17; 34:23 e Deut. 16:16), preceito que não incluía as mulheres. A ida de Jesus aos doze anos não era ainda obrigatória, de vez que só aos quinze o homem se tornava realmente “israelita” ou “filho do preceito” (*bar misheváh*).

A festa da Páscoa durava sete dias, finalizando com grande solenidade (Ex. 12:15 ss; Lev. 23:5 ss; e Deut. 16:1 ss). O menino, com doze anos e muita inteligência, não era vigiado. Assim, ao organizar-se o primeiro acampamento à noite, na viagem de regresso, José e Maria deram por falta dele. Não o acharam entre os parentes e amigos.

No dia seguinte regressaram a Jerusalém, observando outros grupos que saíam da cidade e não no encontraram durante todo aquele dia, nem mesmo na casa de conhecidos. No terceiro dia, resolveram ir ao Templo, e lá o descobriram, sentado entre os doutores (ou melhor, entre os “mestres” - *didaskaloí*). As perguntas que lhes fazia, e as respostas que lhes dava, encheram os velhos mestres de admiração e estupor, em vista da sabedoria muito acima de sua idade, que ele revelava.

Os pais também ficaram atônitos, tanto pela cena que presenciavam, como pelo modo de agir com eles. Vem a frase de repreensão de Maria, que, falando a Jesus a respeito de José (única vez que isto acontece) lhe dá o título de “pai”: “teu pai e eu”.

Jesus responde. São as primeiras palavras *Suas* que este Evangelho reporta.

A resposta é incisiva e esclarecedora: ele precisava estar no que era de Seu pai. Há três interpretações da expressão grega ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς . 1.^a) no que é de meu Pai; 2.^a) na casa de meu Pai; 3.^a) nos negócios de meu Pai.

Ao regressar a Nazaré, Jesus estava sujeito a seus pais (obediência), desenvolvendo-se gradativamente na parte intelectual (sabedoria), na parte psíquica e emocional (maturidade) e na parte moral e espiritual (benevolência ou amor) .

A anotação de Lucas (prescindindo das particularidades narradas por Mateus) ensina-nos que o Homem-Novo se recolhe à Galiléia (“jardim fechado”) consagrando-se ao Senhor. Nesse ambiente, o espírito, embora “menino”, cresce e se fortifica, enchendo-se de Sabedoria e aprofundando-se cada vez mais em seu coração, conquistando (“tomando de assalto”, Mat. 11:12) o Reino de Deus, e imergindo na benevolência divina que o envolve.

Ao completar doze anos de consagração íntima a Deus, e preparação pessoal, o menino vai pela vez primeira enfrentar o grande centro religioso.

Por que aos “doze anos”? O arcano 12 tem profundo significado: no plano superior simboliza os messias ou enviados; no plano humano exprime o holocausto, o sacrifício de si mesmo em benefício da coletividade. O sacrifício é sempre feito no plano da matéria (os 12 signos zodiacais), que é especializado para a experimentação e provação dos espíritos, único plano em que estes recebem o impulso indispensável para a subida.

O evangelista anota que Jesus SUBIU para Jerusalém (que significa “visão da paz”). Se é verdade que Jerusalém estava construída no alto de um monte, não o é menos que para “ver-se a paz” verdadeira é mister subir vibracionalmente ao plano do espírito.

Seus pais José e Maria (isto é, os que conseguiram o “nascimento do menino”, o intelecto e a intuição) são chamados aos seus afazeres, e DESCEM de Jerusalém para o mundo de lutas (plano adversário, ou diabólico). Repentinamente, “dão por falta” do Cristo, de quem perderam o contato. Aí começa ansiosa busca entre parentes e conhecido (talvez voltando ao antigo hábito de orações a santos e guias). Mas não no encontram.

São então forçados a voltar a Jerusalém, a reingressar na “visão da paz”, e só depois de algum tempo (três dias) de permanência nesse estado de meditação, é que o surpreendem novamente “no Templo”, ou seja, no local sagrado onde habita a Centelha Divina: o coração, “templo de Deus”, “Tabernáculo do Espírito Santo”.

O intelecto e a intuição alegram-se ao reencontrá-lo, e o recriminam por haver desaparecido. A resposta é exata: “onde me encontraríeis, senão neste templo interior do coração, senão no que é de meu Pai”? Então, para que procurar? Já sabemos todos onde encontrá-lo.

Depois, mais firmes na fé, unidos mais do que nunca ao Cristo Interno, compreendem que deverão voltar ao “mundo” levando-o consigo, sem distrair-se com “parentes e conhecidos”. Lidando no mundo sem perder contato com Deus em nossos corações. E é isso o que faz a intuição, que tudo percebeu, e “guardou tudo o que ocorreu em seu coração”, em seu registro íntimo.

E no versículo final está resumida toda a ascensão sublime: Jesus progredia no tríplice aspecto: da individualidade (sabedoria), da personalidade (maturidade) e da divindade (benevolência = amor), não só em relação a Deus, como em relação aos homens. É o progresso que temos que perلustrar: avançar sempre, conquistando cada vez mais nos três campos.

SIMBOLISMO CÓSMICO

Acenamos (Visita dos Magos, 5 – O Astro) que O nascimento de Jesus passou a ser comemorado a 25 de dezembro, para conformar-se à data do “nascimento” do sol no solstício do inverno. Aprofundemos as observações - atentos a que estamos sempre referindo-nos ao hemisfério NORTE.

Jesus é comparado ao SOL (que exprime fogo, produzido pela fricção da madeira - era filho de um “carpinteiro” - e, qual o fogo, produz Luz). Eis algumas das datas escolhidas além dessa citada e seu cotejo com os fatos astronômicos:

1. - A concepção de Maria (Virgem) é colocada a 8 de dezembro, quando a constelação Virgo surge nos céus do hemisfério boreal, antes do solstício de inverno.
2. - Nove meses após, o nascimento de Maria é comemorado a 8 de setembro (signo de Virgo), quando a lua surge nessa constelação.
3. - A 25 de março, signo de Aries (Carneiro), festeja-se a anunciação (à concepção de Jesus), exatamente no início da primavera, estação da fecundação geral na Terra, quando em Roma se celebrava à festa de Anna Perenna (recordemos que, pela tradição a mãe de Maria era chamada Ana) ; Anna Perenna era representada pela lua, que se renovava todos os meses. No mês de março também eram comemoradas as concepções em Devanaguy (mãe de Krishna) e em Isis (mãe de Hórus).
4. - Três meses após, recorda-se a visita de Maria a Isabel, a 2 de julho, época em que Maria se oculta, para só reaparecer no nascimento de Jesus. Aí exatamente, no signo de Câncer (Carangueijo) a constelação de Virgo se oculta anualmente sob o horizonte do hemisfério norte, não sendo vista.
5. - A 25 de dezembro, signo de Capricórnio, após haver chegado ao horizonte a constelação de Virgo a 8 de dezembro, comemora-se o nascimento de Jesus (assim como o de Krishna, de Hórus e de Apolo), correspondendo a data à entrada do Sol no solstício do inverno (natis Solis invicti). O hemisfério boreal celeste apresenta, nessa época, a seguinte configuração: aos pés de Virgo, a cabeça da constelação da Serpente (“a mulher te ferirá na cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar”. Gên. 3:15). A oeste a constelação do Touro e de Orion, com suas três estrelas em fila, em direção a Virgo, representando os “três reis magos”. Completa o quadro a constelação do Carneiro, que lembra a homenagem dos “pastores”. E justamente o sol inicia sua nova eclíptica na constelação de Virgo (daí Jesus filho da Virgem Maria).
6. - O mês de maio era consagrado, entre os egípcios, a Isis, mãe de Hórus. e entre os romanos a Maia (donde tirou o nome) a deusa da fecundação primaveril do planeta, senão, por isso, entre eles, o mês preferido para os casamentos.
7. - Quando a Terra ingressou no signo de Aries, 2.000 anos antes de Cristo, o sacrifício religioso típico era o do cordeiro, salientado também na festa da Páscoa. Na época de Jesus ingressou a Terra no signo de Peixes. A palavra “peixe”, em grego ΙΧΘΥΣ, contém as iniciais da frase “Jesus Cristo, filho de Deus. Salvador” (Ιησους Χριστος θεου Υιος Σωτηρ). E a figura do “peixe” simbolizou Jesus entre os primitivos cristãos. Com Sua vinda, cessaram também os sacrifícios cruentos de cordeiros: pedia-se aos que acreditavam Nele, que se sacrificassem, corrigindo seus vícios. E o ritual para indicar a mudança de vida, a passagem do “homem-velho” (signo de Aries) ao “homem-novo, signo de Peixes), era exatamente imitar a vida dos peixes, mergulhando dentro d'água (batismo). Aos apóstolos diz Jesus que os fará “pescadores de homens” Mat. 4:19, Marc. 1:17). E o batismo permaneceu na Terra durante toda a era dos Peixes, oficialmente, como símbolo de admissão na “barca” de Pedro.

MINISTÉRIO DO PRECURSOR

Luc. 3:1-6	Mat. 3:1-6	Marc.1:1-6
1. No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia. Herodes tetrarca da Galiléia, seu irmão Felipe tetrarca da região da Ituréia e Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene, 2. sendo sumos sacerdotes Anãs e Caifás, veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto. 3. E ele percorreu toda a circunvizinhança do Jordão, pregando o mergulho da reforma mental para a rejeição dos erros, 4. como está escrito no livro das palavras de Isaías: “Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai suas I veredas; 5. todo o vale será aterrado e todo monte e couteiro será arrasado, os caminhos tortos far-se-ão direitos e os escabrosos, planos, 6. e todo homem verá a salvação de Deus”.	1. Naqueles dias apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia: 2. “Reformai vosso pensamento, porque se aproxima de vós o reino dos céus”. 3. Porque é a João que se refere o que foi dito pelo profeta Isaías: “Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas”. 4. Ora, o mesmo João usava uma veste de pelo de camelo e uma correia em volta da cintura; e alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. 5. Então ia ter com ele o povo de Jerusalém, de toda a Judéia e de toda a circunvizinhança do Jordão. 6. E eram por ele mergulhados no rio Jordão, confessando seus erros.	1. Princípio da Boa Nova de Jesus Cristo. 2. Conforme está escrito no profeta Isaías: “Eis aí envio eu meti anjo ante a tua face, que há de preparar o teu caminho; 3. Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas”, 4. apareceu João Batista no deserto, pregando o mergulho da reforma mental para a rejeição dos erros. 5. E saíam a ter com ele toda a terra da Judéia e todos os moradores de Jerusalém. e eram por ele mergulhados no rio Jordão, confessando seus erros. 6. Ora João usava uma veste de pelo de camelo e uma correia em volta. da cintura, e comia gafanhotos e mel silvestre.

Depois de adiantado o trabalho, já no capítulo 3.º, Lucas dá-nos finalmente apontamentos mais precisos para estabelecermos uma cronologia da vida de Jesus. Estudemos os vários dados históricos fornecidos.

1.º - “No 15.º ano do reinado de Tibério César”

Tibério sucedeu a Augusto, à morte deste, no dia 19 de agosto de 767 de Roma, 14 de nossa era (Dion, 56, 31). Nessa ocasião, assumiu o título de “César”, e começou de fato a “reinar”.

Segundo essa cronologia, o 15.º ano de seu *reinado*, na qualidade de *César*, ocorre de 19-8-28 a 19-8-29 de nossa era (781 a 782 de Roma). O início da pregação de João ter-se-ia dado nesse ano de 28; o mergulho de Jesus (que contaria então 35 anos) teria ocorrido antes da Páscoa de 29, e sua morte na Páscoa (14 de nisan) do ano 31 de nossa era (784 de Roma) contando Jesus 37 anos de idade.

Há duas variantes na interpretação dessa data:

- a) diz-se que, de fato, Tibério foi “associado” ao governo de Augusto no ano 11 (764 de Roma).

No entanto, não usava o título de César, nem tampouco assumiu as rédeas do governo, porque não permaneceu em Roma. Com efeito, no ano 7 Tibério partiu para a Dalmácia, levando reforço de tropas a Germânico (Dion, 55, 31); no fim do ano 8 regressa a Roma (Dion, 56: 11) aonde chega no início do ano 9, assistindo aos jogos triunfais em sua homenagem (Dion, 56, 1). Na primavera (maio), volta à Dalmácia (Suet., Tib., 16) dirigindo-se, no outono (outubro-novembro) ao Reno (Germânia). No ano 10 Tibério está novamente em Roma, e no dia 10 de janeiro faz a dedicação do Templo da Concórdia (Mommsen, Hist. Rom., 10, pág. 60). Logo após segue para o Reno, assumindo o comando das tropas romanas e passa nessa região todo esse ano e o ano 11 (Mommsen, Hist. Rom. 9, pág. 61) assim como o ano 12 (Hermann Shulz, Quaestiones Ovidianae, pág. 55). No ano 13 (Schulz, *ibidem*), em Roma, celebra a 16 de janeiro o triunfo pela guerra da Panônia, recebendo de Augusto, novamente, o poder tribunicio sem limite de tempo (Dion, 65, 28). Nessa época e no início do ano 14, Augusto faz o recenseamento *ajudado* por Tibério (Suet., Oct. 27). A 19 de agosto de 14 Tibério assume o governo, começa a reinar no lugar de Augusto (Dion, 56, 29-31 e Suet., Oct., 100).

Nem para Roma, nem mesmo para as províncias, poderiam ser consideradas essas atividades de Tibério, sobretudo *extra urbem*, como “reinado de Tibério César”.

Esta 2.ª interpretação anteciparia todas as datas do Evangelho de dois anos, ou seja: a pregação de João e o mergulho de Jesus (que contaria 33 anos) seriam no ano 27, e sua morte no ano 29, tendo Jesus 35 anos (Cfr. Hieron., De Viris, 5; Catálogo Filocaliano e Libri Paschales do 5.º século, in Patrizi, De Evangelis, III, pág. 515).

Essa interpretação foi aceita pelo catolicismo romano, pois em 1929 comemorou com um “Ano Santo” o 19.º centenário da morte de Jesus.

- b) Ponderam alguns estudiosos que o ano, na Síria, é computado a partir de 1.º de outubro. E raciocinam que talvez fosse considerado o primeiro ano do reinado o período de 19-8-14 a 1-10-14 (um mês e meio), sendo o período de 1-10-14 a 1-10-15 considerado como o segundo ano de reinado.

Essa interpretação daria um resultado intermediário às datas evangélicas, fixando-se a pregação de João e o mergulho de Jesus (que teria 34 anos) no ano 28, e Sua morte do ano 30 (tendo Jesus 36 anos). Cfr. Fouard, Vie de Jésus, II, pág. 445-448; Wieseler, Chronologische Synopse, pág. 334 e Cáspari, Einleitung, pág. 44; Piro, Saint Jean Baptiste, pág. 123-127.

Difícil, porém, que um rápido período de pouco mais de um mês tivesse sido considerado como o “Primeiro ano”.

2.º - “Sendo Pôncio Pilatos Governador da Judéia”

Pôncio Pilatos foi nomeado “procurador” da Judéia, em substituição a Valério Grato, no ano 26 (Josefo, Ant. Jud., 18, 4, 2). No ano 36, Lúcio Vitélio, legado imperial na Síria, enviou Pilatos a Roma, por causa de acusações, cuja defesa não foi aceita por Calígula (Josefo, Ant. Jud., 18, 6, 10), que nomeou Marulo para substituí-lo. A cidade de residência dos procuradores romanos era Cesaréia de Filipe.

3.º - “Herodes, tetrarca da Galiléia,

*seu irmão Filipe, tetrarca da região de Ituréia e Traconites,
e Lisânias, tetrarca de Abilene”*

O título de “tetrarca” havia muito não designava mais o governador de um reino dividido em quatro, tanto que Antônio conferiu esse título, em 41 A.C., a Herodes o Grande, governador único da Palestina. Todavia, à morte deste (4 A.C.), a região resultou mesmo dividida em quatro partes, sendo seus governantes:

I - *Arquelau*, filho de Herodes o Grande e da samaritana Maltace. Recebeu, com o título de “etnarca”, a Judéia, a Iduméia e a Samaria. que ele governou só dez anos: em vista de sua crueldade, foi exilado no ano 6 de nossa era para a cidade de Viena nas Gálias. Por seu afastamento, seu território passou a ser governado pelo procurador romano.

II - *Herodes Antipas* (ou Antípater), irmão do precedente, foi feito herdeiro por seu pai, com o título de tetrarca da Galiléia e da Peréia, que governou até cerca do ano 39, quando foi exilado com sua esposa Herodiades, por Calígula, para Lyon, nas Gálias, tendo falecido na Espanha (Josefo, Ant. Jud., 18,7,2).

III - *Herodes Felipe*, filho de Herodes o Grande com Cleópatra de Jerusalém, foi, de 4 A.C. até 32 A.D., tetrarca da Batanéia, Traconites, Auranítides, Gaulanítides e Panéias, cidade que ele reconstruiu com o nome de Casaréia de Felipe. Lucas cita apenas as duas regiões extremas.

IV - *Lisânias*, filho de Lisânias I, que reconquistou sua tetrarquia à morte de Herodes o Grande, governando Abilene, no Anti-Líbano, a oeste de Damasco, limite extremo-norte do ministério de Jesus.

4.º - “*Sendo sumos sacerdotes Anás e Caifás*”

Anás (Hannah ou Ananus) era sumo-sacerdote desde o ano 6 A.C. e foi deposto em 15 A.D. por Valério Grato, governador da Judéia, que nomeou em seu lugar Ismael, filho de Fabi; em 16, Eleazer, filho de Anás, sucede a Ismael; em 17 é sumo sacerdote Simon, filho de Kamit; e em 18 sucede-lhe José, chamado Caifás, genro de Anás. Caifás manteve o cargo ininterruptamente, até 36, quando foi deposto por Vitélio. Como sogro de Caifás, Anás ter-se-lhe-ia agregado, exercendo grande influência sobre ele, a ponto de Lucas citar os dois como Pontífices Supremos, quando, por lei, deveria haver um.

Entramos, agora, nos textos equivalentes dos sinópticos, com pequeníssimas variantes.

“Veio a João a palavra de Deus”, ou seja, chegou-lhe a inspiração do Alto. O deserto de Judá (Juízes 1:16) estendia-se ao sul de Arad, a leste de Bersabé. Mas o deserto da Judéia era a planície de Jericó.

João vivera retirado, entre os essênios, dos quais guarda as características, inclusive o hábito da purificação pela água.

Havia três tipos de “ablução” entre os judeus: 1.ª) as prescritas pela Lei Mosaica em Lev.14:1-32 (em caso de lepra), em Lev. 15:1-33 (após as relações sexuais) e em Lev. 11:24-27 (após tocar um cadáver).

2.ª) os “batismos” (mergulhos) essênios, para iniciação de novos membros, que se tornavam “iniciados” ou “purificados” (catharói),

3.ª) O “batismo” dos prosélitos judeus, que vinham do paganismo, e que conhecemos através de uma discussão entre as escolas de Hillel e de Chamai, e que parece ter sido um rito bem firmado já um século antes de nossa era. No 1.º século de nossa era, por influencia da escola de Hillel, tornou-se o rito de iniciação por excelência.

João não permanece parado, mas percorre toda a circunvizinhança do Jordão, pregando “o mergulho da reforma mental”.

A palavra “batismo” significa realmente “*mergulho*”, e o verbo “batizar” tem o sentido exato de “*mergulhar*”. Não é possível outra interpretação, da letra que é bastante clara.

O termo vulgarmente traduzido por “arrependimento” (metánoia) tem o sentido preciso de “reforma mental” (metá e nóus). Não é, pois, um arrependimento no sentido de “chorar o mal que praticou”, mas sim a modificação radical dos pensamentos, da mente, e do comportamento: a *reforma mental*.

A expressão εἰς ἄφεσιν ἁμαρτιῶν, geralmente traduzida “para remissão dos pecados”, tem, na realidade, o sentido de “para rejeição dos erros”. Com efeito ἄφεσις é rejeição, repúdio, afastamento; e ἁμαρτιῶν tem o significado muito mais vasto que pecados”: é o erro em geral, qualquer erro. Pelos demais textos do Novo Testamento, verificamos que esse é o melhor sentido para essa expressão.

Interessante observar que Mateus emprega constantemente (31 vezes) “reino dos céus”, que nos demais evangelistas aparece como “reino de Deus” (que Mateus só usa 4 vezes). Ambas se equivalem. Como o nome Inefável não devia ser pronunciado, a ele se substituiu a palavra Céus, no plural (no hebraico, *shamaim* e no aramaico *shemata* só havia a forma do plural). Mateus, mais arraigadamente judeu, evitava o emprego do tetragrama, escrúpulo abandonado pelos outros escritores.

O texto é de Isaías (40: 3), extraído dos Septuaginta, e em Lucas aparece mais completo (40:3-5). Isaías referia-se literalmente à intervenção de Ciro, com seu edito de 538 A.C., considerado um messias, por haver salvo os israelitas do cativeiro da Babilônia. Mas Lucas emite a primeira parte do versículo 5, que, completo, diz: “e a Glória de Yahweh se manifestará e toda carne (todo homem) juntamente o verá”.

Marcos, sob o nome de Isaías cita no versículo 2 o texto de Malaquias (3:1), com o qual emenda a citação de Isaías.

O que diz Malaquias confirma que João Batista é a reencarnação de Elias. E as palavras de Isaías referem o que se costumava fazer para preparar o caminho dos reis que iam visitar as cidades de seu reino: tornar mais retas as veredas, aterrar os vales, aplainar os montes e outeiros, tirar as pedras do caminho, etc. Tudo isso pode ser interpretado moralmente, no sentido de preparar os homens para receber as verdades que Jesus viria pregar.

Mateus e Marcos dão-nos a descrição física do arauto. Usava uma veste de “pelo de camelo”. A palavra veste compreende as duas peças principais, a túnica e o manto. A túnica era presa aos rins por um cinto de couro.

Esse era exatamente o traje de Elias, que trazia um cinto de couro para prender a túnica de pelo de camelo (2.º Reis, 1:7-8) e além disso levam-nos a confirmar a crença de que João era realmente essênio.

Quanto à alimentação, fala-se em gafanhotos e mel silvestre. Os beduínos e nômades de Amman e de Petra ainda hoje utilizam esse alimento casualmente: tiram a cabeça, as patas e as asas, assam o gafanhoto sobre brasas, e dizem que não é desagradável ao paladar.

Mateus afirma que muitos eram mergulhados, “confessando seus erros”, coisa que se explica pela exaltação religiosa, não rara em movimentos de alto teor místico.

O estudo do simbolismo leva-nos a várias conclusões.

Em primeiro lugar verificamos que as anotações de datas e cronologias são dadas em relação a João, e não a Jesus. Com efeito, João representa a personalidade, que ainda está sujeita a tempo e espaço, ao passo que Jesus, a individualidade, transcende tudo isso e vive na eternidade sem datas e sem pontos de referência.

Anotemos de passagem o simbolismo de alguns dos nomes citados. Além de João (Yohânan = Yahweh é favorável), temos uma descrição rápida do ambiente em que João começou o ministério da pregação. O governador supremo o “César”, era a figuração de Roma, representada pelo Rio Tibre (Tiber - Tibérius) e seu representante, lançado como uma ponte (Pontius) armada (Pilatus = armado de “pila”, uma arma romana), dominava a religião (Judéia = louvor a Deus); Herodes, o idumeu (edom = vermelho, sangue), domina a região fechada (coração, Galiléia) e o amigo dos cavalos (Felipe) na região rude e árida (Traconites); mas aquele que dissipa a mágoa (Lisânias) governa a planície verdejante (Abilene). Como superiores religiosos oficiais a graça (Anás) dominado pelo opressor (Cai-fás). Esse o painel confuso da Terra, quando a grande personalidade de João inicia sua missão de

Precursor: uns poucos bem intencionados, mas a maioria vivendo, por ignorância, na maldade e no materialismo.

Nessa situação, vem ao arauto a “palavra de Deus (não se trata do Logos, palavra ativa, principio criador, mas de REMA, palavra discursiva, articulada, que dá ordens), incitando-o a dar início à ação.

A personalidade não é influenciada pelo Logos, que apenas atua na individualidade (coração).

João (a personalidade) falava ainda no deserto de individualidades, exortando as criaturas ainda no lano animalizado à reforma mental, a fim de renunciarem à inferioridade e renascem pela água, em nova personalidade (da mesma forma que o renascimento do corpo se efetua através do mergulho no líquido amniótico do ventre materno). O “mergulho”, pois é um renascer simbólico, como se a criatura entrasse no ventre materno da Mãe Terra e de lá saísse purificado dos erros das existências anteriores, nova criança, homem renovado.

Todas as arestas precisam ser aparadas, os excessos amputados, as deficiências preenchidas, retificadas as veredas das intenções, afastadas as pedras, embotados os espinhos, para que a personalidade possa elevar-se, vendo a salvação que vem de Deus e atingindo assim, através do ingresso no “reino dos céus”, isto é, do viver na individualidade, a capacidade de aprender os ensinamentos de Jesus.

Todos os que já estavam no plano do “louvor a Deus” (Judéia) e na “visão da paz” (Jerusalém) ouviram a voz a clamar e iam em busca do mergulho para o novo nascimento. Só quando a criatura atinge determinado grau de maturidade e que pode ouvir o apelo divino; porque toda reforma e toda melhoria em que vir de dentro para fora: o chamado deve ecoar no coração, para que este possa responder com honesta sinceridade.

INSTRUÇÕES DE JOÃO BATISTA

Mat. 3:7-10

Luc. 3:7-14

- | | |
|--|--|
| <p>7. Mas vendo João que muitos fariseus e saduceus vinham ao seu mergulho, disse-lhes: geração de víboras, quem vos recomendou que fugísseis da ira vindoura ?</p> <p>8. Dai pois frutos dignos de vossa reforma mental.</p> <p>9. E não queirais dizer dentro de vós mesmos: Temos como pai a Abraão; porque vos declaro que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão.</p> <p>10. O machado já está posto à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não dá bom fruto, é cortada e lançada ao fogo”.</p> | <p>7. Dizia então às multidões que saiam para ser mergulhadas por ele: “geração de víboras, quem vos recomendou que fugísseis da ira vindoura.</p> <p>8. Dai pois frutos dignos de vossa reforma mental e não comeceis a dizer dentro de vós: Temos como pai a Abraão: porque vos declaro que destas pedras Deus pode suscitar filhos à Abraão.</p> <p>9. O machado já está posto à raiz das árvores: toda árvore, pois, que não dá bom fruto é cortada e lançada ao fogo.</p> <p>10. Perguntava-lhe o povo: “Que havemos então de fazer”?</p> <p>11. Respondeu-lhes: “Aquele que tem duas túnicas dê uma ao que não na tem; e aquele que tem comida, faça. mesmo”.</p> <p>12. Foram também publicanos para serem mergulhados e perguntaram-lhe: “Mestre, que havemos de fazer”!</p> <p>13. Respondeu ele: “não cobreis mais do que aquilo que vos está prescrito”.</p> <p>14. Perguntaram-lhe também uns soldados: “E nós. que havemos de fazer”? Respondeu-lhes: “A ninguém façais violência, nem deis denúncia falsa: contentai-vos com o vosso soldo”.</p> |
|--|--|

Aqui entram em cena os fariseus e o saduceus. Estudemos quem eram.

FARISEUS - O que sabemos deles é tirado de Josefo (Bell. Jud.2, 8, 14; e Ant. Jud. 13, 5. 9 e 13, 10, 5-6: 17, 2, 4 e 18, 1, 2 e 4), e da Mishna (cfr. Schtírer *Gestichte des Jüdischen Volkes*, 2, págs. 384-388, Leipzig, 1898, onde estão os textos da Mishna).

Na época de Jesus eram cerca de seis mil. Seu nome primitivo parece ter sido *hassidim* (os piedosos), mas entre si se tratavam como *haberim* (os companheiros). Os adversários os chamavam depreciativamente “fariseus” (*phariseus*) que significa “os separados”. Tratava-se da separação das coisas e pessoas “impuras” (ou seja, dos pagãos e dos judeus infieis, que não davam muita importância às observâncias legais).

Além de obedecer rigorosamente à Torah, seguiam à risca a Mishna (tradição selecionada pelos escribas, compreendendo tanto a tradição jurídica (halacha) quanto à histórica (hagada).

Quanto às crenças acreditavam:

- a) na sobrevivência dos espíritos após a morte, tanto dos bons quanto dos maus;
- b) na ressurreição (ou seja, na reencarnação) dos justos, segundo as idéias de Platão; mas só os bons reencarnavam em novos corpos, conforme lemos em Josefo (Bell. Jud., 2, 8, 14) que era fariseu: “as almas são imortais; as almas dos justos passam, depois desta vida, *em outros corpos*, e as dos maus sofrem tormentos que duram sempre”.
- c) no livre arbítrio, embora não total, mas limitado pelo “destino” em certos pontos.

A separação, levada ao exagero, tornou os fariseus um grupo antipatizado. Além disso, tendo perdido a sinceridade inicial e cedendo às fraquezas humanas levavam a observância às coisas externas, muito atentos a que fossem vistos e aplaudidos pelos homens. Daí terem passado à história como protótipos dos que dão valor apenas às exterioridades, sem nenhum aprofundamento, e como sinônimo de hipócritas (a palavra hipócrita significa literalmente “ator”, ou seja, aquele que representa uma peça de teatro “escondido” (crites) “debaixo” {hipo} de uma personalidade diferente da sua personalidade real). Com efeito, além das 613 prescrições do código “mosaico”, havia numerosas outras tradições que escravizavam os fariseus. Vários tratados do Talmud e o 6.º *seder*, assim como o último, intitulado *Teharóth* da Mishna, compreendendo 12 tratados, enumeram as “infrações” possíveis. O receio de errar paralisava-lhes o espírito, e a religião tornava-se mesquinho formalismo. O homem passava a julgar-se um justo por suas próprias forças, obra de suas mãos, porque jejuava às segundas e quintas feiras e cumpria a lei ... Isso o levava a presunção, ao amor próprio, ao orgulho, fomentando de fato a hipocrisia, por se julgarem muito melhores e superiores aos outros.

SADUCEUS - Seu nome é provavelmente originário de Sadoc, sumo sacerdote da época de David (2.º Sam. 8: 17). Mais partido político do que grupo religioso, era constituído de personagens importantes influentes e não muito numerosos, que organizaram, em 200 A.C., um senado (*gerousía*), que tinha autoridade sobre toda a nação. Um século depois, sob Alexandre (77 - 68 A.C.), os fariseus conseguiram introduzir-se nesse conselho, que passou a denominar-se Sinédrio. Os fariseus opunham-se aos saduceus porque estes acatavam com subserviência as dominações estrangeiras, desde que não perdessem sua influência política; porque só aceitavam a lei escrita, recusando as tradições; porque não admitiam a sobrevivência do espírito, nem os anjos, ensinando que a alma morria com o corpo (Josefo, Bell. Jud., 2, 8, 14 e Ant. Jud. 18, 1, 4); porque ridicularizavam os rituais tão queridos aos fariseus, embora fossem mais rigorosos que eles nos julgamentos, exigindo pena do talião, para mostrar-se inflexíveis no cumprimento da lei.

Lucas, que é mais preciso nos pormenores, coloca na boca de João, como dirigida à multidão, a repreensão que Mateus esclarece ter sido específica para os fariseus e saduceus, que tinham ido procurá-lo à margem do Jordão.

Chama-os englobadamente “geração (filhos) de uma víbora”, serpente muito comum às margens do Mar Morto. A víbora é cheia de astúcia e veneno; ao invés de abrigar-se sob as areias, como alhures, fogia às enchentes imprevisíveis do Jordão vivendo sobre as árvores. A isso alude João, quando indaga quem lhes havia ensinado a fugir da “ira vindoura”, isto é, da ação do carma, que lhes era devido por seus erros e enganos. E pede-lhes não palavras e confissões (simples “arrependimento”), mas *frutos*, isto é, *obras* que lhes comprovem a *reforma mental*.

Depois, desilude-os quanto à esperança de obter vantagens só por seus títulos de “filhos de Abraão”. Vem isto esclarecer que não basta estar filiado a esta ou aquela doutrina religiosa, não bastam os privilégios de raça, mas só o merecimento é que vale, o *merecimento pessoal, individual*.

Alude a seguir às pedras, das quais Deus pode suscitar filhos a Abraão. A frase, para os que conhecem as leis da evolução, nada tem de absurda: todos os seres humanos já passaram, na fieira dos milênios,

pelo estágio do mineral, das “pedras”, e chegamos ao estado atual. E a evolução prossegue sempre. Os pagãos conheciam essa transformação, e a expressaram na “história de Deucalião e Pirra” (Deucalião era casado com Pirra. Julgando Zeus que os homens da idade de bronze estavam viciados, resolveu inundar a Terra com um dilúvio. Dele só escapariam os dois justos Deucalião e Pirra. A conselho de Prometeu, construíram uma “arca”, onde passaram nove dias sobre as águas, desembarcaram nas montanhas da Tessália. Chegou a eles Hermes, da parte de Zeus, oferecendo que escolhessem o que quisessem. Pediram que lhes dessem companheiros. Receberam a ordem de jogar por cima de suas costas “os ossos de sua mãe”. Pirra julgou isso uma impiedade, mas Deucalião compreendeu que se tratava de “pedras”, que são os ossos da “mãe” Terra. As pedras que Deucalião lançava tornavam-se homens e as que Pirra lançava tornavam-se mulheres. Ovídio, *Metamorfoses*, I, 125-415).

Continuando, aparece em frase vigorosa e imagem de rara felicidade literária, a figura do lenhador, com o machado já em posição de derrubada, para desarraigar as árvores que não produzem bons frutos, a fim de transformá-las em lenha. Não há tempo a perder: é hora de apressar-se, para que não seja tarde demais.

Lucas prossegue, exemplificando os ensinamentos de João, dando-nos três respostas típicas :

- a) *ao povo* - ajudar e servir, distribuindo o que for supérfluo, com os que necessitam. Para que duas túnicas, se só vestimos uma de cada vez? e tendo uma guardada em casa, veremos sem remorsos alguém que está nu a nosso lado? e tendo comida, deixaremos o nosso próprio eu em outro corpo a morrer à míngua?
- b) *aos publicanos* (cobradores de impostos) - não cobrar mais do que está prescrito, isto é, limitar-se à justiça .
- c) *aos soldados* - não fazer violência nem dar denúncia falsa, assim como satisfazer-se com o que ganha.

São, como vemos, ações externas, da personalidade, o mínimo que se pode exigir de quem deseje progredir. Embora nada disso constitua ascensão espiritual, todavia é a preparação para ela: o andaime não é a casa, mas sem aquele, esta não se ergueria do chão.

O que João pede é: *a)* divisão fraterna dos bens; *b)* justiça nas cobranças; *c)* energia sem violência; *d)* não caluniar ninguém; *e)* conformar-se sem ganância.

Aos humildes (povo, pecadores, soldados) dirige-se com brandura, bem diversa das invetivas contra os poderosos (saduceus) e os vaidosos (fariseus). Apresenta os conceitos de dever, sem exagerar nos direitos, sem prejudicar ninguém, sem abusos. Em resumo: caridade e justiça, como pregava Isaías: “dividir o pão com o faminto, abrigar os pobres sem teto, vestir os nus, não furtar-se aos deveres diante dos irmãos” (Is.58:7).

Há muita gente que procura iludir aos outros e a si mesmos, no caminho do progresso e da evolução espiritual. Os hipócritas (fariseus), em sua espiritualidade formalista externa, de rituais complicados e minuciosos, julgando-se superiores, correm pressurosos para serem os primeiros a usufruir as vantagens religiosas, a fim de receber os elogios do povo. E os que estão em posição de proeminência (saduceus), embora materialistas de convicção, ambicionam ser tidos como rigorosos no cumprimento da lei, para não perderem suas posições de mando e influência.

Ambas essas classes são severamente repreendidos por João, a quem não interessa “agradar”, mas sim pregar a Verdade prestes a chegar. Sua tarefa de Precursor estava acima das conveniências humanas. Não lhe importava angariar adeptos e bajuladores, nem número de criaturas nem a elevada posição social, ou religiosa, dos discípulos: sua missão era despertar os amadurecidos que aguardavam, no imo do coração, a voz de comando. O Arauto não se deixava levar de “respeitos humanos”,

mas falava abertamente, embora soubesse que estava sujeito a ser abandonado, e depois combatido e perseguido pelos grandes do mundo e da religião. Mas a Verdade tinha que ser proclamada desas-sombradamente, apesar das dolorosas consequências terrenas que pudessem advir daí.

O momento crucial estava à porta: o machado que derrubaria as vaidades ilusórias já estava à raiz das árvores, e se não houvesse sinceridade nos grandes, os pequeninos, humildes e ignorantes perante o mundo viriam tomar-lhes o lugar: embora “pedras”, ainda presas da letra, se transformariam em “filhos de Abraão”, em eleitos no “reino dos céus”. Os rebeldes e fingidos seriam lançado no fogo do carma da “ira vindoura”.

Mas todos os que demonstram real arrependimento e boa vontade eficiente de trilhar a nova senda, esforçando-se de alma e corpo, esses serão aproveitados, desde que substituam os erros do egoísmo pela caridade, da usura pela generosidade, do abuso pela benevolência, da violência pela cordialidade, da crítica acerba pela compreensão, da ambição desmedida pela conformação resignada.

ANÚNCIO DO MESSIAS

Luc.3:15-18	Mat. 3:11-12	Marc.1:'7-8
15. Estando o povo na expectativa e percorrendo todos em seus corações a respeito de João, se porventura não seria ele o Cristo, 16. disse João a todos “eu na verdade vos mergulho em água, mas vem aquele que é mais poderoso que eu, e não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias: ele vos mergulhará no Espírito santo e no fogo: 17. a sua pá ele a tem na sua mão para limpar sua eira e recolher o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível”. 18. Assim, pois, com muitas outras exortações, anunciava a Boa Nova ao povo.	11. “Eu na verdade vos mergulho em água para a reforma mental; mas aquele que há de vir depois de mim é mais poderoso do que eu, e não sou digno de levar-lhe as sandálias; ele vos mergulhará no Espírito santo e no fogo; 12. a sua pá ele a tem na sua mão e limpará bem a sua eira; e recolherá seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível”.	7. E ele pregava: “Depois de mim vem aquele que é mais poderoso que eu, diante do qual não sou digno de abaixar-me para desatar-lhe a correia das sandálias. 8. Eu vos mergulhei na água, mas ele vos mergulhará no espírito santo”.

Lucas esclarece a razão das explicações dadas por João: o povo aguardava ansioso o Messias, para libertá-lo do jugo romano. E crescia a desconfiança a respeito de João: não seria ele o messias?

O precursor explica singelamente que sua tarefa é apenas preceder o Messias, preparar-lhe o caminho, mergulhar na água simbolizando a purificação, para que depois venha a reforma mental. Nada mais. O que virá depois, o “outro”, é mais forte, mais poderoso que ele, e os mergulhará num espírito santo e no fogo.

Claramente elucida João que ele fala para a personalidade e que “outro”, mais elevado, falará para a individualidade. E dá suas características: ele se satisfaz com a mudança do pensamento, com a “reforma mental” (setenta anos antes, exclamava Cícero para Catilina: “*muta jam istam mentem*”, muda logo essa mentalidade!). Na personalidade, isso constitui o essencial. Mais tarde, quando já no rumo certo, depois de “rejeitados os erros”, então poderá chegar “outro” para ensinar o progresso “de dentro”. Só depois de arrasada a velha casa pelos demolidores, poderá vir o construtor para erguer o novo prédio.

O “outro” mergulhará a individualidade “num espírito santo”, fazendo-a sintonizar com os bons espíritos, e a fará penetrar “no fogo” da purificação (cfr. Is. 1:25; 4:4; Zac. 13:9; Mal. 3:2) que lhes queimará todas as impurezas; fogo do remorso que limpa, fogo da dor que resgata, fogo dos sofrimentos que corrige, fogo das provações que tempera, fogo do amor divino que purifica.

Tão grande é esse “outro”, que João se confessa indigno de “desatar-lhe as correias das sandálias”, revelando com isso o conhecimento de sua pequenez diante da grandeza de Jesus (embora fossem primos); e confirmando a exultação e o gáudio que ele, João, experimentou ainda no ventre materno, quando recebeu a visita de Jesus no ventre de Maria: era o velho profeta Elias, diante de Yahweh, um “homem” diante de seu “deus”. Jesus o classificaria, mais tarde, como “o maior ser” da personalidade (dentre os nascidos de mulher), embora o menor da individualidade (do “reino dos céus”) lhe fosse superior.

Com uma imagem, João prefigura Jesus: “tem a pá na sua mão”: é o Senhor, o Dono da Terra, comparada a uma *eira* (área de terreno liso e duro, onde se põem a secar os cereais para debulhá-los e limpá-los; realmente, este planeta é uma “eira” para provação e seleção de nossos espíritos). Prosseguindo na imagem, João mostra que o trigo (as criaturas humanas) de boa qualidade serão recolhidas ao celeiro, os frutos serão aproveitados; mas a palha (as personalidades transitórias, os corpos físicos, que só passageiramente revestem o “trigo” para depois serem abandonados) essa será queimada num “fogo inextinguível”. Com efeito, o fogo purificador do amor divino é eterno e inextinguível em todos os universos, destruindo tudo o que é inútil, transitório e portanto prejudicial: é a palha dos defeitos, dos vícios, dos maus hábitos, da vaidade e do orgulho, do personalismo enfatçado e separador. Enquanto os grãos de trigo, moídos pela dor, irão constituir uma só farinha, formando um todo coletivo maior.

E Lucas conclui dizendo que essas, que ele exemplificou, eram as pregações de João, ao anunciar à humanidade a Boa Notícia de que o Reino dos Céus (a era da individualidade) estava próxima, já ia começar com a chegada de Jesus à Terra na missão divina, com o advento do Senhor à Sua eira.

O esclarecimento de João é taxativo e indiscutível: ele se dirige à personalidade exterior, aos planos do quaternário transitório (corpo físico, etérico, astral e intelecto), pedindo nova direção para este último e mergulhando na água o corpo físico, para que dela renasça a nova criatura. Mas o “outro”, o Messias real, agiria na individualidade eterna, no trio superior, que ele mergulharia no espírito santificado e no fogo do Eu Supremo, colocando-o em contato com o Cristo Interno, com o Deus residente em cada um.

Jesus viria com a pá em sua mão: ao celeiro divino do Cristo recolheria os “maduros”, ao passo que os imaturos seriam lançados ao fogo inextinguível de novas encarnações expiatórias, até que atingissem pleno amadurecimento.

Vemos, pois, duas qualidades de fogo, embora sejam ambas o mesmo fogo”. Se aquele que mergulha no fogo divino está preparado, ficara inflamado pelo fogo do amor; se não no está, é consumido de dores e purificado dos carmas, queimando as impurezas. O mesmo se passa com o trigo: enquanto a palha é devorada pelo fogo, transformando-se em cinza, o grão moído, preparado e temperado é cozinhado pelo mesmo fogo, produzindo o saboroso e nutritivo pão que doura nossas mesas. O fogo é o mesmo: o efeito diferente depende da diversidade dos materiais que nele são colocados. Num provoca a destruição, noutro a criação de novas virtudes; num consome ilusões inúteis e vãs, no outro salienta as qualidades; num aniquila o mal que prejudica e atrasa, no outro prepara o alimento que sustenta e que, bem aproveitado, será assimilado ao Cristo (como o pão o é ao corpo), passando a constituir UM com Cristo, assim como Cristo é UM com Deus; ou seja, é recolhido ao celeiro”.

E João, como personalidade, SABE que por maior que seja, jamais poderá chegar aos pés da individualidade: e a expressão “desatar-lhe as correias de suas sandálias” exprime bem a idéia: por mais alto que esteja pela cultura e pelo conhecimento teórico nunca chegará ao limiar da individualidade, se não realizar o encontro íntimo, por meio do Cristo.

RESPOSTAS DE JOÃO

João, 1:19-28

19. Este é o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas, para perguntar-lhe: “Quem és tu?”
20. Ele confessou e não negou, e confessou: “Eu não sou o Cristo”.
21. Perguntaram-lhe eles: “Quem és então? És tu Elias?” Ele respondeu: “Não sou”. “És tu o Profeta?” Respondeu: “Não”.
22. Disseram-lhe pois: “Quem és? Para que possamos dar resposta aos que nos enviaram. Que pensas de ti mesmo?”
23. Ele replicou: “Eu sou a voz do que clama no deserto: endireitai o caminho do Senhor”, como disse o profeta Isaías.
24. Ora, eles tinham sido enviados pelos fariseus.
25. Perguntaram-lhe também: “Por que então mergulhas se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o Profeta?”
26. Respondeu-lhes João: “Eu mergulho na água; no meio de vós está quem “Vós não conheceis,
27. aquele que vem depois de mim, ao qual não sou digno de desatar a correia das sandálias”.
28. Isto passou-se em Betânia, além do Jordão, onde João estava mergulhando.

O mesmo episódio anteriormente narrado pelos sinópticos é trazido com variantes pelo evangelista João, com a autoridade que lhe conferia o fato de ter sido discípulo do Batista, e portanto de haver assistido às cenas. Ele traz seu testemunho ocular do interrogatório “oficial” por parte do Sinédrio, por intermédio de emissários credenciados. A delegação era constituída de sacerdotes (saduceus, que representavam a autoridade) e de levitas (o clero encarregado da polícia do Templo de Jerusalém).

A pergunta “quem és tu”? subentendia o acréscimo “és o Cristo”? E o evangelista coloca enfaticamente a resposta de João “confessou e não negou, mas confessou: não sou o Cristo”, ou seja não sou o Messias esperado. Falou a verdade sem reboços, não se fazendo passar, por quem não era.

Eles insistiram, perguntando-lhe se “era Elias”. A vinda do Messias estava condicionada à vinda de Elias, que o devia proceder, segundo as palavras do Antigo Testamento, em Malaquias “eis que envio meu mensageiro, ele há de preparar o caminho diante *de mim* (Yahweh)” (3:1), e “eis que vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia de Yahweh; ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais” (4:5-6). Os judeus o aguardavam *no sentido literal* (Cfr. Mateus, 16:14 e 17:10-13; Marcos, 9:12 e 15:35-36; Lucas, 1:17). Jesus diz claramente, falando de João Batista: “se quereis compreendê-lo, *ele mesmo é Elias* que tinha que vir” (Mat. 11:14); e mais: “declaro-vos que *Elias já veio* ... e os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista” (Mat. 17:11-13; cfr. Marcos, 9:13). De fato, o Batista viveu longo tempo no deserto, como Elias; vestia um manto de pelo de camelo, como Elias; usava um cinto de couro, como Elias.

Por que então diz João que “não é Elias”? Porque de fato João Batista não era Elias; ele FORA Elias em vida anterior, mas na atual não mais o era; era, sim, João Batista. A personalidade muda, de encarnação para encarnação: quando o ser (individualidade) reencarna, abandona por completo a personali-

dade anterior que morre (“uma só vez”, Hebr., 9:27) e assume nova personalidade (embora a possa “reassumir”, quando novamente libertado de seu corpo físico, como ocorreu com João Batista que, depois de desencarnar, reassumiu a personalidade de Elias e conversou com Jesus no Tabor, Mat. 17:3 e Marc. 9:4). Então, João Batista FOI outrora Elias, mas NÃO É MAIS Elias, é João. O comentador católico Monsenhor Louis Pirot, de quem muito nos servimos nestes comentários, escreve uma frase preciosa ao esclarecer a resposta do Batista: “mas enfim, tratava-se de Elias em pessoa e, nesse sentido, João Batista só podia responder negativamente” (“La Sainte Bible”, vol. 10, pág. 321). Embora desconhecendo a técnica da reencarnação, e por isso negando-a, Pirot acertou: a PESSOA (personalidade) de Elias era uma; a PESSOA (personalidade) de João Batista era outra, totalmente diferente. Todavia, a INDIVIDUALIDADE, o SER, ou o ESPÍRITO (não a alma!) de ambos era UM SÓ. Duas contas de um rosário são duas contas diferentes, mas o fio que as liga faz que elas sejam “um rosário” e “um fio” só. Outro exemplo: cada membro de nosso corpo é independente - o braço não é a perna - mas o que faz que eles formem parte de UM SER apenas, é nosso ESPÍRITO que os unifica num só corpo.

Aliás, são Gregório Magno (Homilia VII in Evangelium, Patr. Lat. t. 76 col. 1100) escreve: “Em outro local (Mat. 11:13-14), sendo o Senhor interrogado pelos discípulos quanto à vinda de Elias, respondeu: Elias já veio, e se quereis sabê-lo é João que é Elias. João, interrogado, diz o contrário: eu não sou Elias ... É que João era Elias pelo espírito que o animava, mas ele não era Elias em pessoa. O que o Senhor diz do espírito de Elias, João o nega da pessoa”. Conforme vemos, exatamente nosso ponto de vista, concordando plenamente com a tese reencarnacionista.

Vem a terceira pergunta, baseada na promessa de Moisés: “Yahweh, teu deus, suscitar-te-á do meio de ti (povo), dentre teus irmãos, um *Profeta igual a mim*: escutai-o” (Deut. 18:15). Seria João *esse* Profeta? Essa profecia foi aplicada a Jesus por Pedro (Atas, 3:22), por Estêvão (Atos, 7:37) e pelo povo judaico (João, 6:14 e 7:40). O Batista mais uma vez nega ser esse Profeta predito por Moisés.

A missão do sinédrio era “oficial”. Tinha, pois, o direito de argüir João. E pergunta-lhe como desfecho: “que dizes de ti mesmo”? João retruca citando Isaías (40:3): “sou a voz do que clama no deserto, endireitai os caminhos do Senhor”. Já estudamos esse trecho nos comentários aos sinópticos (Mat. 3:3; Marcos, 1:3 e Lucas, 3:4). Aqui é o próprio João que a aplica a si mesmo, oficialmente, diante da máxima autoridade civil e religiosa do povo israelita.

Neste ponto, o evangelista diz que a delegação fora enviada pelos fariseus, ciosos do cumprimento da Lei e da Tradição. Finalizado o interrogatório, tomam satisfações de seus atos: “se não és o Cristo, nem Elias, nem “o” Profeta, com que direito mergulhas tu”?

Como vemos, a crença da reencarnação de Elias era aceita como indiscutível, o que prova que a própria reencarnação em si também o era. Apenas, não conheciam ainda bem a sua técnica.

João esclarece que apenas “mergulha na água”, para excitar os sentidos à reforma mental, mas afirma solenemente que “o Messias *já está em Israel*”.

Informa o evangelista que esses fatos ocorreram em “Betânia” além do Jordão (não é a Betânia de Marta e Maria). Orígenes, que conhecia o terreno, quis corrigir os manuscritos para “Betabara”, para conformar-se à topografia da região.

Nesta cena, observamos a angústia que obceca os homens pela personalidade, pelo que cai sob os sentidos. Nada de interessar-se pelo Espírito. Querem firmar suas crenças externas nas ilusões passageiras do corpo, da pessoa, da filiação, das credenciais humanas.

Estes interrogatórios serão feitos a todos os que mergulharam no Espírito: “Quem és? que autoridade tens? quem te deu esse poder”?

Se houver um “diploma” conferido, está tudo legal. Mas há que ser um diploma material e humano. A Força Divina, para os homens comuns e para as “autoridades”, de nada vale: é indispensável a confirmação da autoridade “humana”.

O MERGULHO DE JESUS

Mat. 3:13-17	Marc. 1: 9-11	Luc. 3:21-22
13. Depois veio Jesus da Galiléia ao Jordão ter com João, para ser mergulhado por ele.	9. Naqueles dias veio Jesus de Nazaré da Galiléia, e foi mergulhado por João no Jordão.	21. Quando todo o povo havia sido mergulhado, tendo sido Jesus também mergulhado, e estando a orar, o céu abriu-se
14. Mas João objetava-lhe: “Eu é que preciso ser mergulhado por ti e tu vens a mim”?	10. Logo ao sair da água, viu os céus se abrirem e o espírito, como pomba, descer sobre ele.	22. e o espírito santo desceu como pomba sobre ele em forma corpórea, e veio uma voz do céu: “Tu és meu Filho amado, estou satisfeito contigo.”
15. Respondeu-lhe Jesus: “Deixa por agora; porque assim nos convém cumprir toda justiça”. Então ele anuiu.	11. E ouviu-se uma voz dos céus: “Tu és meu Filho amado, estou satisfeito contigo”.	
16. E Jesus tendo mergulhado, saiu logo da água; e eis que se abriram os céus e viu o espírito de Deus descer como pomba sobre ele,		
17. e uma voz dos céus disse: “Este é meu filho amado, com quem estou satisfeito”.		

Pela cronologia que estudamos, o Mergulho de Jesus deve ter ocorrido cerca de dois a três meses antes da Páscoa do ano 29 (782 de Roma), tendo Jesus perto de 35 anos (Santo Irineu, *Patrologia Graeca*, vol. 7, col. 783 e seguintes, diz que “no batismo” tinha Jesus 30 anos; no início de sua missão, 40 anos; e à sua morte, 50 anos; baseia-se em motivos místicos e em João 8:57). A expressão de Lucas “cerca de 30 anos” apenas serve para justificar que Jesus já tinha a idade legal (30 anos) para começar sua “vida pública”.

As igrejas orientais celebram, desde o 4.º século, a data do mergulho a 6 de janeiro, no mesmo dia em que comemoram a visita dos magos ou epifania (Duchesne, *Origines du culte chrétien*, 4.ª edição, páginas 263 e 264).

Pela tradição, parece que o ato foi celebrado na margem direita (ou ocidental) do Jordão, nas cercanias de Jericó.

Os “Pais” da igreja buscaram “razões” para o mergulho ou “batismo” de Jesus: para dar exemplo ao povo; por humildade; para autorizar o mergulho de João, aprovando-o; para provocar o testemunho do Espírito, revelando-se ao Batista; para santificar as águas do Jordão com sua presença e com os fluídos que saíam de seu corpo; para confirmar a abolição do rito judaico do “batismo”; para aprovar o rito joanino, etc.

João procurou evitar o mergulho de Jesus. O verbo *diekóluein* está no imperfeito de repetição: “esforçava-se por evitá-lo”, com várias razões, dizendo: “eu é que devo ser mergulhado por ti”.

João conhecia Jesus perfeitamente. Com efeito, sendo Isabel e Maria “parentas” (primas?), tendo Maria “se apressado a visitar Isabel” em sua gravidez, e com ela morando durante três meses, é evidente que as relações entre as duas famílias eram de intimidade, e Jesus e João se hão de ter encontrado várias vezes, embora, pela prolongada ausência de Jesus (dos 12 aos 35 anos) e pela estada de João no deserto, talvez se não tivessem *visto* nos últimos anos.

A resposta de Jesus é incisiva: “deixa por enquanto”. A necessidade, salientada por Jesus, de “cumprir toda justiça”, tem o sentido de “realizar tudo o que está previsto com justeza”, ou “fazer tudo direito como convém”.

E João anuiu, realizando o mergulho de Jesus, com o que demonstrou também verdadeira humildade (não a falsa humildade, que se recusa a ajudar um superior, dando-se “como indigno” ...): houve a tentativa de recusa sincera, mas logo a seguir, dadas as razões, houve anuência, sem afetação.

Agora chegamos aos fatos, que enumeramos para facilitar o comentário:

- 1) *Jesus mergulha* e sai imediatamente (eythys) da água. Aqui chamamos a atenção do leitor para o mergulho (batismo) que não era por aspersão nem por derramamento de água na cabeça, mas era realmente *mergulho*, tanto que Jesus “sai da água”, onde havia mergulhado totalmente (com cabeça e tudo), costume que se manteve na igreja católica até, pelo menos, o século XI, notando-se que só era conferido a pessoas adultas, acima da idade da razão. Cirilo de Jerusalém (*Catecismo*, 20,2) ao discursar aos recém “batizados”, diz: “à vossa entrada (no batistério) tirastes a túnica, imagem do homem velho que despistes. Assim desnudados, imitáveis a nudez de Cristo na Cruz ... coisa admirável: estáveis nus diante de todos e não tínheis acanhamento: éreis a imagem de nosso primeiro pai, Adão”. E na vida de João Crisóstomo (*Patrologia Graeca*, vol. 47, col. 10) Paládio escreve: “Era Sábado-santo. A cerimônia do batismo ia começar e os catecúmenos nus esperavam o momento de descer na água. Foi quando irrompeu um bando de soldados que invadiu a igreja para expulsar os fiéis. Corre o sangue e as mulheres fogem nuas, pois lhes não permitiram apanhar suas roupas”.

Lucas acrescenta: “estando Jesus a orar”, coisa que esse evangelista de modo geral registra (cfr. Luc. 5:16; 6:12; 9:18; 11:1; 22:24), talvez compreendendo o grande valor da prece e demonstrando que, em todas as ocasiões mais graves, Jesus elevava seu pensamento em prece.

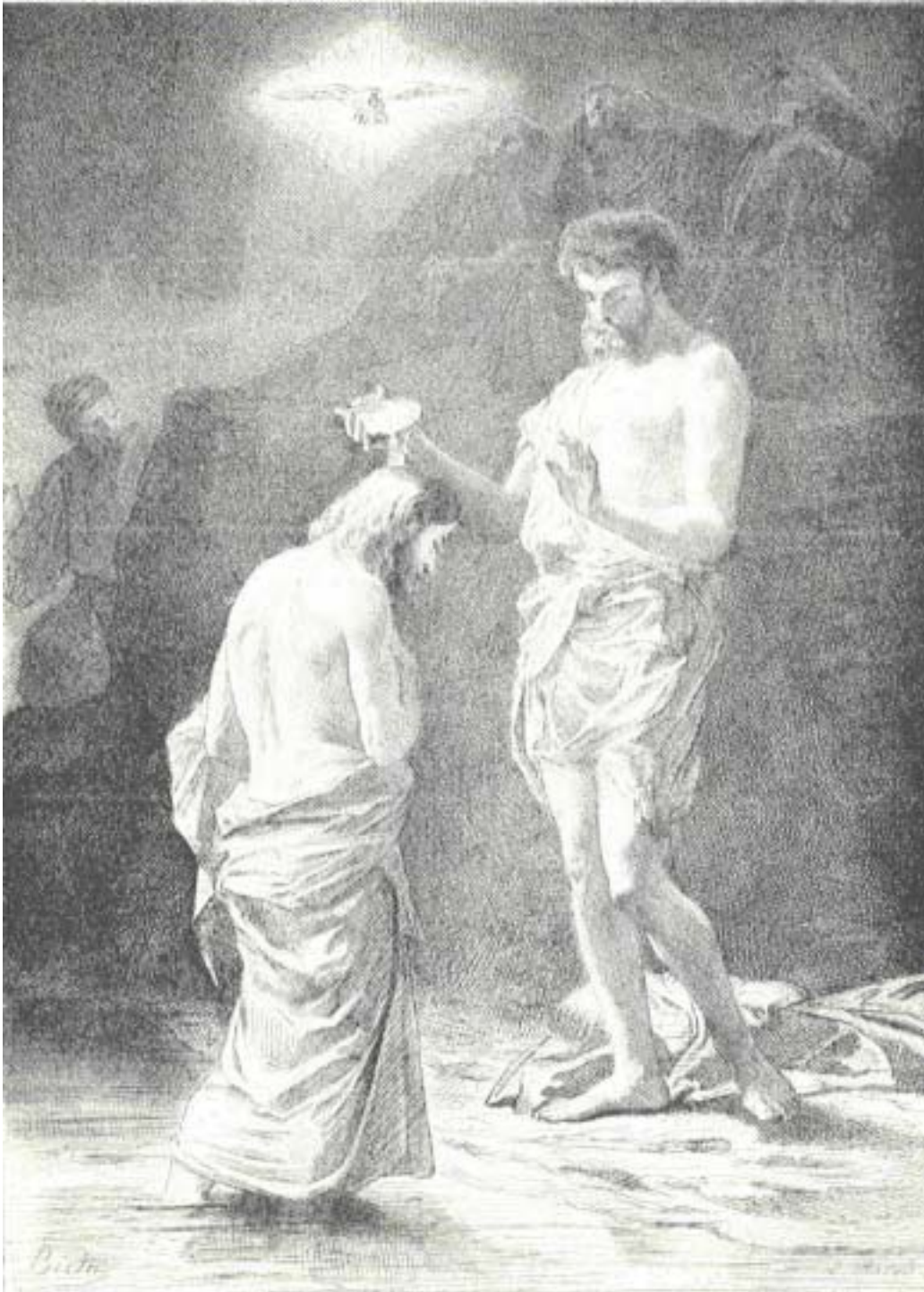


Figura “O MERGULHO DE JESUS” - Desenho de Bida, gravura de L. Massad

- 2) *os céus se abriam* - céus ou ar atmosférico. Como se abriam? Daria idéia de que algo tivesse sido visto por trás da abertura. O que? Ou seria apenas uma luz mais forte que tivesse aparecido, dando a impressão de abertura? Marcos usa a expressão “os céus se fenderam” ou “rasgaram” (mesmo termo que se emprega para roupa ou rede que se rompe), verbo que também hoje se diz: “um raio rasgou os céus”. Por aqui se vê que céu ou céus exprime a *atmosfera*, e não um lugar de delícias.
- 3) *é visto* o Espírito (Marcos e João), o Espírito de Deus (Mateus), o Espírito o Santo (Lucas). Mas de que forma foi percebido o Espírito?

- 4) “*com a forma* (Lucas: corporalmente) de uma pomba”. Os quatro evangelistas empregam a conjunção comparativa “*COMO*”. Nenhum deles diz que ERA uma pomba, mas que era *COMO* uma pomba. O advérbio “corporalmente” (*somatikó*) empregado por Lucas indica a razão de haver sido comparado o Espírito a uma pomba: era *a aparência do corpo de uma pomba*. Trata-se da *shekinah*, luz que desce em forma de V muito aberto: tanto assim que todas as figurações artísticas, desde os mais remotos tempos, apresentam uma pomba de frente, e de asas abertas, e jamais pouxada e de asas fechadas. Os artistas possuem forte intuição.



- 5) *descer sobre ele* (“e permanecer”, João). Todas essas ocorrências narradas (que numeramos de 2 a 5) são fenômenos físicos de vidência. A luz não estava parada, mas se movimentava, *descendo* sobre Jesus. Essa descida é que empresta a forma maior profundidade ao centro e maior elevação dos lados fazendo que pareça (imagem óptica bem achada) uma pomba em vôo. O Espírito desceu sobre Jesus, sem forma, como uma luz que descia. Nele penetrou e permaneceu. Mas *parecia*, ou *era* como uma pomba.
- 6) *e ouviu-se uma voz do céu*. A própria atmosfera vibrou noutro fenômeno físico de audiência, desta vez com rumor de voz humana, que emitiu um som e articulou palavras claras, audíveis e compreendidas: “este é meu Filho amado, com quem estou satisfeito”, isto é, que aprovei, que me agradou.

Tendo-o chamado “meu Filho”, deve supor tratar-se de um Espírito Superior ao de Jesus, que O amava como um pai ama o filho.

A expressão é de carinho. Comum ser dado e recebido esse tratamento por parte de pessoas que não são pais e filhos: sacerdotes assim tratam os fiéis, professores a seus alunos, superiores a seus subordinados, mais velhos a mais moços. E nas reuniões mediúnicas, então, é quase de praxe que assim os “espíritos” tratem os encarnados. Não significa, em absoluto, que a voz tenha sido de DEUS-PAI, simplesmente porque DEUS ABSOLUTO não é antropomórfico, não possui atributos humanos (em que idioma falaria Deus?).

Todos os fenômenos narrados são manifestações de efeitos físicos (vidência e audiência) que frequentemente ocorrem em reuniões espíritistas, com as mesmas características, percebidas por médiuns videntes e clariaudientes: céu que se abre, luzes que descem, vozes que falam. Para quem está habituado a assistir a essas cenas, elas se tornam naturais e familiares, embora sempre impressionem profundamente, pelas revelações que trazem. Autores antigos gregos e romanos, são férteis em narrativas desse gênero.

Quem percebeu esses fenômenos? Apenas João ou todos os presentes? Mateus e Marcos dão-nos a impressão de que só João viu e ouviu. Lucas nada diz: apresenta o fato. O evangelista João coloca as palavras na boca do Batista, como única testemunha ocular, não acenando à voz.

- 29. No dia seguinte, viu João a Jesus que vinha a ele e disse: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o erro do mundo!”**
- 30. Este é o mesmo de quem eu disse: Depois de mim vem um homem, que começou antes de mim, porque existia primeiro que eu ;**
- 31. eu não o sabia, mas para que ele fosse manifestado a Israel, é que eu vim mergulhar na água”.**
- 32. E João deu testemunho, dizendo: “Vi o Espírito descer do céu como pomba e permanecer sobre ele.**
- 33. Eu não o sabia, mas aquele que me enviou para mergulhar na água, disse-me: “Aquele sobre quem vires descer o Espírito e ficar sobre ele, esse é o que mergulha num espírito santo”.**
- 34. E eu vi e testifiquei que ele é o Escolhido de Deus.**

Mantivemos separado o texto de João, embora houvesse repetição de algumas cenas, porque a narrativa diverge dos sinóticos.

Em primeiro lugar, o evangelista que tanta importância dá à numerologia, assinala “no dia seguinte”, reportando-se ao interrogatório do sínédrio, coisa de que os outros não cogitam. Não há necessidade, cremos, de interpretar ao pé da letra. Diríamos: “na segunda etapa”. Mais adiante (versículo 35) ele repetirá a mesma expressão com o mesmo sentido, revelando então os três passos da evolução do caso:

Primeiro, o interrogatório da personalidade (João), estabelecendo seus limites reais; segundo, o mergulho na individualidade, que passa a agir através da personalidade; terceiro, a transferência dos discípulos (de João) que abandonam também a personalidade, para aderirem à individualidade (Jesus).

Mas voltemos ao texto.

João viu Jesus vir até ele. Essa narrativa é posterior ao mergulho de Jesus, contado logo após, como fato já vivido anteriormente (vers' 32, 33). E ele atesta diante dos discípulos: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o erro do mundo”.

Que significará “Cordeiro de Deus”? Seria uma alusão ao cordeiro pascal? ou ao “Servo de Yahweh” (*ebed YHWH*) segundo Isaías: “como um *cordeiro* levado à matança e como uma ovelha diante do tosquiador” (Is. 53: 7) ?

Ao cordeiro se atribuía a qualidade de “expiar os pecados do mundo”, coisa que jamais foi atribuída a Jesus (cfr. Strack-Billerbeck, *Kommentar zum neuen Testament aus Talmud und Midrasch München*, 1924, tomo 2, pág. 368). A semelhança com Isaías é mais aparente que real. Além disso, o verbo empregado por João “tirar o erro” (*airein*) para esclarecer a verdade, é bem diverso do utilizado por Isaías (*pherein*) “tomar sobre si o erro, para expiá-lo como vítima”. Nem pode admitir-se que, nessa época, se cogitasse de um Messias sofredor. Não obstante, alguns hermeneutas explicam, pelo sentido interno, que no momento da teofania (manifestação divina) do mergulho, João tenha compreendido todo o alcance da missão sacrificial de Jesus, tendo-lhe então aplicado a expressão “Cordeiro de Deus” no sentido exato de Isaías (veja capítulo 52:13-15 e 53:1-12).

Recordemos, de passagem que o latim AGNUS (cordeiro), como símbolo de pureza, aproxima-se de IGNIS (fogo) que, em sânscrito, língua-máter do latim, é AGNÍ com o sentido de fogo purificador, fogo do holocausto.

Logo a seguir, João repete a frase sibilina que costumava dizer a seus discípulos: “depois de mim vem um homem, que começou antes de mim, porque existia primeiro que eu”. Analisemo-la.

“Homem”, no sentido de macho, de varão (*ανηρ*). “Vem depois de mim” (*οπισω μου*), com significado temporal, isto é, aparecerá entre vós depois de mim”; e segue “que começou antes de mim”, quer dizer “nasceu na eternidade, tornou-se ser” (*γενονεν* , no perfeito) antes de mim (*εμπροσθεν μου*). Alguns interpretam “que me superou”, ou “que passou à minha frente”. E dá a razão: “porque existia primeiro que eu” (*οτι πρωτος μου ην*). Clara aqui a reencarnação, ou, pelo menos, a preexistência dos espíritos. Jesus, COMO HOMEM, existia antes de João: então, COMO HOMEM, tomou corpo. E a conclusão lógica é que, se ficar provado que UM SÓ homem existiu antes do nascimento, fica automaticamente provada a preexistência PARA TODOS. E se a preexistência de UM SÓ espírito for comprovada, ele só poderá nascer na Terra por meio da “encarnação”. E se pode realizar esse feito uma vez, poderá realizá-lo quantas vezes quiser ou de que necessitar para sua evolução.

Depois, concedendo uma explicação aos discípulos, o Batista revela-lhes por que fez essas afirmativas.

“Eu não o sabia, mas vim mergulhar na água para que ele fosse manifestado a Israel”.

As traduções vulgares trazem “eu não o *conhecia*”. Mas o verbo *ηδεν* do texto (mais-que-perfeito do perfeito presente do indicativo *οιδα* do verbo *ειδω* e portanto com sentido de imperfeito do indicativo), tem o significado primordial de “saber”, ou “estar informado”.

Então o Batista confessa que não tinha informação ou conhecimento total da missão de seu parente Jesus, mas que tinha vindo à Terra (reencarnado) para que ele, o Messias, pudesse manifestar-se. O testemunho do mergulho de Jesus era imprescindível para que João o reconhecesse como Messias, e como tal o apresentasse ao povo. Com isso, compreendemos melhor a frase de Jesus em Mateus: “deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda justiça”, isto é, ajustar-nos ao que está previsto.

E continuam os esclarecimentos, dando o motivo por que soube de que se tratava “vi o Espírito descer do céu COMO pomba e PERMANECER sobre ele”. O pormenor de que o Espírito (não “santo” nem de “Deus”, concordando com Marcos) “permaneceu” sobre Jesus, parece ser valioso e será repisado adiante.

Repete: “eu não o sabia”, e explica: “mas aquele que me enviou para mergulhar na água, disse-me”. A notícia de que “alguém” enviou João Batista à Terra (logo preexistência e reencarnação) é de suma importância e confirma as palavras do evangelista João, 1:6. Quem será esse “alguém” que enviou João à Terra? Acreditamos que o próprio Jesus (Yahweh) antes de encarnar, firmando-lhe na memória um fato típico que não seria esquecido: aquele sobre quem vires *descer o Espírito e permanecer sobre ele*, esse é o que mergulha num espírito santo” (em grego sem artigo). O sinal foi cumprido no mergulho de Jesus, que o evangelista supõe conhecido e dele não fala.

E conclui: “eu vi e testifiquei que esse é o Escolhido de Deus”. As traduções vulgares trazem “Filho de Deus”, lição dos manuscritos Borgianus (T), século 5.º; Freerianus (W), século 5.º; Seidelianus II (H), Mosquensis (VI) e Campianus (M) do século 9.º. Mas preferimos a lição o “Escolhido de Deus” (*Ο Εκλεκτος του Θεου*), porque é atestada por mais antigos e importantes manuscritos: Papyrus Oxhirincus (Londres, do século 3.º), pelo sinaítico (séc. 4.º), Vercellensis (séc. 4.º), Veronensis (séc. 4.º), e pelas versões siríacas sinaítica (séc. 4.º) e curetoniana (séc. 5.º), pela sahidica, assim como pela Vetus Latina (codex Palatinus, séc. 4.º), bem como por Ambrósio, que foi bispo de Milão no século 4.º.

Além disso, a expressão “Escolhido de Deus” é muito empregada no grego dos LXX e em o Novo Testamento (cfr. Is. 43:20; Ps. 105:4; Sap. 3:9; Tob. 8:15; Mat. 20:16; 22:14; 24:22, 24,31; Marc. 13:20, 22,27; Luc. 18:7; 23:35; João, 1:34 (este); Rom. 8:33 e 16:13; Col. 3:12; I Tim. 5:21; 2 Tim. 2:10; Tit. 1:1; 1 Pe. 1:1; 2:4, 6, 9; 2 Jo. 1, 13; Apoc. 17:14).

Temos, pois, razões ponderáveis para aceitar nossa versão, que dá a medida das coisas nesse momento: João viu e deu testemunho, de que Ele, Jesus, era o “escolhido de Deus” para a missão de Messias, o Enviado Crístico.

No mergulho de Jesus, encontramos farto material de estudo.

Diz a Teosofia que, no momento do mergulho, o “espírito” de Jesus saiu do corpo, deixando-o para que nele entrasse, como entrou, o “espírito” do Cristo, que aí permaneceu até o momento da crucificação.

A idéia está expressa de maneira incompreensível. Mas assim mesmo, através dessas palavras, percebemos a realidade do que houve.

Jesus, como personalidade, manifestou tão grande humildade, que se aniquilou a si mesmo. E o aniquilamento da personalidade, pela renúncia a qualquer vaidade e orgulho, foi tão grande, que não mais agiu daí por diante. E isso fez que, através de Jesus, só aparecesse e só agisse o seu Cristo Interno, isto é, a Sua individualidade Crística, o Eu divino. Essa é a meta de todas as criaturas: “quem quiser seguir-me, negue-se a si mesmo” (Mat. 16:24), anule sua personalidade, com a humildade máxima, e então poderá seguir a mesma estrada que Jesus, que a viveu antes para dar-nos o exemplo vivo e palpitante de humildade e aniquilamento.

João Batista é o protótipo da personalidade já espiritualizada.

Nasce antes de Jesus, o que exprime que a evolução da personalidade se dá antes da individualidade. João é “a voz que clama preparando o caminho para o Senhor”, ou seja, para a individualidade. Daí dizer (João, 3:30): “é necessário que Ele (Jesus, a individualidade) cresça, e que eu (João, a personalidade) diminua”. Não fora esse o sentido, haveria contradição com o que foi antes dito: “é tão grande, que não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias”. Se já era tão superior a João, porque teria que CRESCER? E se João era tão pequeno, por que teria que DIMINUIR? Não seria o caso de João dever progredir, aperfeiçoar-se, CRESCER, para tornar-se grande como Jesus? A meta não é o crescimento espiritual? Mas aí se trata é da oposição entre a personalidade e a individualidade: para que a segunda CRESCA só há um caminho: é fazer que a primeira DIMINUA até ANULAR-SE. Só assim podemos compreender essa frase de João. O intelecto iluminado de João percebe a Luz da Verdade, a Bondade do Amor e o Fogo do Poder de Cristo, e o anuncia como o “Cordeiro de Deus”, pregando a necessidade da metánoia, isto é, da “reforma mental”, a fim de perceber o “reino de Deus” que, diz ele, “se aproxima de vós”, ou melhor, porque estais prestes a penetrar os mistérios recônditos do Eu Supremo.

O conhecido “batismo” deve ser entendido no sentido real e pleno da palavra original grega: MERGULHO. Com efeito, é o mergulho consciente na presença de Deus dentro de nós, em nosso coração, mergulho esse que dá o desenvolvimento pleno à individualidade, ao Espírito.

João, a personalidade, só realiza o “mergulho na água”, isto é, o mergulho exterior; mas Jesus (a individualidade) veio exemplificar-nos o mergulho “no fogo” (AGNÍ) da Centelha de Deus em nosso coração - por isso, em nossos comentários acenamos à semelhança da raiz latina AGNUS (cordeiro), em grego “Amnós”, com o sânscrito “agní” - e “no Espírito”, ou seja, no Eu profundo, nosso verdadeiro Eu espiritual que é o Cristo Cósmico.

ESPÍRITO

Vamos aproveitar para esclarecer a distinção que fazemos das diversas acepções da palavra ESPÍRITO. Ora o escrevemos entre aspas e com inicial minúscula: o “espírito”, e queremos então referir-nos ao termo comum de espírito desencarnado, isto é, ao espírito da criatura que ainda está preso à personalidade, com um rótulo, ou seja, um NOME: por exemplo, o “espírito” de João, o “espírito” de Antônio, etc. . Doutras vezes escrevemos a palavra com inicial maiúscula: o Espírito, e com isso significamos a individualidade, ou seja, o trio superior composto de Centelha Divina, Mente e Espírito, mas sem nome, não sujeito a tempo e espaço. Então, quando o Espírito se prende à personalidade, passa a ser o “espírito” de uma criatura humana, encarnada ou desencarnada. O Espírito é o que está em contato com o Eu Profundo, enquanto o “espírito” está em contato com o “eu” pequeno, que tem um nome. Somos forçados a fazer estas distinções para que as idéias fiquem bem claras. Além

desses, temos o “Espírito” de Deus, ou o “Espírito” Santo, que é a manifestação cósmica da Divindade, também chamado o Cristo Cósmico, de que todos somos uma partícula, um reflexo; em nós, o Cristo é denominado “Cristo Interno” ou Centelha Divina, e é a manifestação divina em cada um de nós. Não se pense, entretanto, que a reunião de todas as Centelhas divinas ou “mônadas” das criaturas forme o Cristo Cósmico. Não! Ele está imanente (dentro de todos nós), mas é INFINITO e, portanto, é transcendente a todos, porque existe ALÉM de todos infinitamente. O mergulho de que falamos exprime, em primeiro lugar, o ENCONTRO do “espírito” (personalístico) com o seu próprio Espírito (individualidade), e depois disso, em segundo lugar, a absorção do Espírito no mais recôndito de seu EU profundo, ou seja, a UNIFICAÇÃO do Espírito com o Cristo Interno, com sua consequente INTEGRAÇÃO com o Cristo Cósmico.

Quando a criatura dá esse mergulho profundo, o Espírito de Deus “desce sobre ele e nele permanece”, porque a união é definitiva e absorvente. Para conseguir-se o mergulho, temos que ir ao encontro de Deus em nosso coração, mas também temos que aguardar que Deus desça a nós, ou seja, temos que esperar a “ação da graça”, para então realizar-se o Encontro Sublime.

A forma de pomba, percebida pelo Batista e por ele salientada, simboliza a paz interior permanente, essa “paz que o mundo não dá” (João, 14:27). E a Voz divina o revela aos ouvidos internos do mensageiro, como o “Filho Amado”, como o “escolhido”, confessando-se satisfeito com ele.

Esse mergulho foi compreendido por Paulo de Tarso. Escreveu ele: “todos quantos fostes mergulhados em Cristo, vos revestistes de Cristo” (Gál. 3:27). Desde que o homem mergulha em seu íntimo, passa a ser revestido do Cristo Interno, como foi Jesus. Quase que o interior se torna exterior, e a personalidade, ao anular-se, cede lugar à individualidade que começa a manifestar-se externamente: “não sou mais eu (personalidade) que vivo: é Cristo (individualidade) que vive em, mim” (Gál. 2:20). E acrescenta: “agora Cristo será engrandecido em meu corpo (personalidade), quer pela vida, quer pela morte, pois para mim o viver é Cristo, e o morrer (a personalidade) é lucro” (Filip. 1:20-21). E explica: “por isso nós, de agora em diante, não conhecemos a ninguém segundo a carne (a personalidade): ainda que tenhamos conhecido a Cristo segundo a carne, agora, contudo, não O conhecemos mais desse modo; se alguém está em Cristo, é nova criatura; passou o que era velho e se fez novo (2 Cor. 5:16-17). Esclarece mais: “pois morrestes (na personalidade) e vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Colo 3:3). E Pedro Apóstolo, localizando a Centelha divina no coração, aconselha: “santificai Cristo em vossos corações” (1 Pe. 3:15).

Nesse estado, após o mergulho interno no coração, a criatura passa a ser o “escolhido” ou o “Filho de Deus”, porque purificou (santificou) seu coração de todo apego personalístico (“bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”, Mat. 5:8), e estão com a “pomba” da paz divina permanente, pacificando-se e pacificando a todos (“bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados Filhos de Deus”, Mat. 5:9). E assim perdem o apego a pai, mãe, esposa, filhos e a si mesmos, e seguem ao Cristo Interno em seus corações (“quem ama - ou se apega - a seu pai ou mãe ou filho ou filha mais do que a mim (Cristo), não é digno de mim ... o que acha sua vida (personalística) perdê-la-á (porque morrerá um dia), mas o que perde (renuncia) sua vida (personalística) por minha causa, achá-la-á, Mat. 10:37-39).

O homem que atingiu esse ápice sublime, no mergulho dentro de seu Espírito e do Fogo da Centelha, “tira o erro do mundo”(liquidai seu carma) e, por seu exemplo de amor e de humildade, revela a todos o Caminho certo, o Caminho Crístico, que leva à Verdade e à Vida (João, 14:6).

Paulo ainda explica: “ou ignorais que todos os que fomos mergulhados em Cristo Jesus, mergulhamos na morte dele”? (Rom. 6:3). Quer dizer, os que tomam contato com a Individualidade, fizeram a personalidade perecer “crucificada na carne” (a Cruz é o símbolo do corpo - de pernas juntas e braços abertos - e exprime o quaternário inferior da personalidade: corpo denso, duplo etérico, corpo astral e intelecto). Por isso: “num só Espírito (Cristo) fomos todos nós mergulhados num corpo” (1 Cor. 12:13). A comparação do mergulho no Espírito é feita, exemplificando-se com o ato oposto, quando o “espírito” mergulha num corpo (reencarnação): assim como ao nascer o “espírito” mer-

gulha na carne, assim nós todos, embora ainda crucificados na carne, teremos que mergulhar a personalidade no Espírito e no Fogo, fazendo que essa personalidade se aniquile, se anule, pereça.

Com isso, com a anulação da personalidade, será tirado o “erro” do mundo, porque ninguém mais terá pruridos de vaidade, nem sentirá o amor-próprio ferido, nem se magoará, porque SABE que nada externo poderá atingir seu verdadeiro EU, que está em Cristo. Teremos o perdão em toda a sua amplitude, a ausência de raivas e ódios, reinando apenas o Amor e a Humildade em todos. O adversário será dominado. O adversário (diabo ou satanás) é a própria personalidade vaidosa e cheia de empáfia de cada um de nós. Liquidada a personalidade, acaba a separação e acaba o erro no mundo.

TENTAÇÃO DE JESUS

Mat. 4: 1-11	Luc. 4: 1-13	Marc. 1: 12-13
1. Então foi levado Jesus pelo espírito ao deserto para ser posto à prova pelo adversário. 2. E tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome. 3. Chegando o tentador disse-lhe: “se és filho de Deus, dize que estas pedras se tornem em pães”. 4. Mas Jesus respondeu: “Está escrito: “Não só de pão viverá o homem, mas de tudo o Que sai da boca de Deus”. 5. Então o adversário o levou à cidade santa e o colocou sobre o pináculo do templo, 6. e disse-lhe: “se és filho de Deus, lança-te daqui abaixo, porque está escrito: “a seus anjos ordenará a teu respeito, e eles te susterrão em suas mãos, para não tropeçares em alguma pedra”. 7. Tornou-lhe Jesus: “Também está escrito: não tentarás o Senhor teu Deus”, 8. De novo o adversário o levou a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e o apreço deles, 9. e disse-lhe: “tudo isto te darei se, prostrado, me adorares”. 10. Respondeu-lhe Jesus: “Vai para trás, antagonista, porque está escrito: ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele darás culto”. 11. Então o adversário o deixou; e	1. Cheio de um espírito santo, voltou Jesus do Jordão e foi levado com o espírito ao deserto, 2. durante quarenta dias, sendo experimentado pelo adversário. E nada comeu nesses dias; mas, passados eles, teve fome. 3. Então lhe disse o adversário: “se és Filho de Deus, manda que esta pedra se torne em pão”. 4. Respondeu-lhe Jesus: “Está escrito que não só de pão viverá o homem”. 5. E levando-o a uma altura, mostrou-lhe num relance de tempo todos os reinos habitados. 6. Disse-lhe o adversário: “dar-te-ei o domínio absoluto e o apreço deles, porque eles me foram entregues e os dou a quem eu quiser; 7. se tu, pois, me adorares, tudo será teu”. 8. Respondeu Jesus: “Está escrito: ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele darás culto”. 9. Então o levou a Jerusalém e o colocou sobre o pináculo do templo e lhe disse : “se és filho de Deus, lança-te daqui abaixo, 10. porque está escrito: “a os seus anjos ordenará a teu respeito para te guardarem,	12. Imediatamente o espírito o imliu para o deserto, 13. e ali ficou quarenta dias tentado pelo antagonista; e estava com as feras e os anjos o serviam.

eis que vieram os anjos e o serviam.	11. e “eles te susterrão nas mãos para não tropeçares em alguma pedra”. 12. Respondendo disse-lhe: “dito esta que não tentarás ao Senhor teu Deus”. 13. Tendo o adversário acabado toda sorte de tentação, apartou-se dele até ocasião oportuna.
--------------------------------------	--

Estudemos, inicialmente, três palavras que aparecem no texto, uma hebraica e duas gregas. E completaremos logo a seguir o estudo de um assunto que tem sido mal conduzido, por interpretações viciosas.

SATÃ ou SATANÁS - Em hebraico aparece (...) (satan) e em aramaico (...) (sitená), mas também se encontram as duas palavras iniciadas por samech: (...)

Essa palavra significa literalmente “o opositor, o antagonista, o adversário, ou seja A PESSOA QUE SE OPÕE.

Foi transliterado em muitos lugares para o grego σατανάς .

No entanto, desde os Setenta até o Novo Testamento, essa palavra aparece também traduzida em grego, por uma equivalente:

DIABO - que é o adjetivo διάβολος,ος,ον

O verbo grego διαβάλλω - composto da partícula διά (que exprime separação em duas ou mais direções) e o verbo simples βάλλω (que quer dizer “lançar, jogar, impelir”) - tem o sentido de “desunir, separar”; daí derivam outros sentidos, como “intrigar”, donde: “acusar, caluniar, opor-se”.

Esse verbo é usado, nestes trechos que estamos comentando, duas vezes na forma simples: βάλε - lança-te (Mat. 4:6 e Luc. 4:9) e uma vez no composto: ἐμβάλλει - impeliu (Marc. 1:12).

Desse verbo derivam:

- o substantivo διαβολή , ης (f.), que significa “divisão, desunião”, donde “intriga, acusação, calúnia”, e
- o adjetivo διάβολος,ος,ον com o sentido “que separa, que divide”, donde “adversário, opositor, provocador, acusador, caluniador”.

TENTADOR - Em grego é um verbo ζαρίζω (só conjugado no presente e no aoristo), cujo particípio presente é substantivado: o πειραζων . O verbo quer dizer “experimentar, tentar, pôr à prova” e o particípio tem o sentido de “o tentador”.

Concluimos, pois, que há sinonímia entre os dois primeiros, e sempre os traduziremos assim: “o antagonista” (satanás) ; “o adversário” (diabo) e “o tentador”.

Antes de prosseguir, todavia, expliquemos o sentido REAL atribuído pelo Novo Testamento às palavras “antagonista”, “adversário” e “tentador”.

Todos os três epítetos referem-se à PERSONALIDADE: é o quaternário inferior que, pela encarnação, estabelece a separação, a divisão, a desunião entre as criaturas, e que se opõe à espiritualização; é o adversário e antagonista da evolução, que tenta o homem para que volte sempre à matéria.

O Espírito (Cristo) é um só em todos (“um só Espírito há”, Ef. 4:4), porque o Foco Incendiado (Deus) é um só (“há um só Deus e Pai de todos”, Ef. 4:6). Quando as Centelhas se afastam do Foco, se esfriam ou congelam (por estarem distantes vibratoriamente do calor) e se cristalizam na matéria densa opaca (que é “trevas” por distanciamento vibratório do Foco de Luz). Então, as Centelhas ficam separadas umas das outras pelo corpo denso de que se revestiram, seja ele mineral, vegetal ou animal; não obstante, mesmo sendo a personalidade “o antagonista, o adversário”, continua sendo “Lúcifer”, ou seja, o “portador da luz”, porque tem dentro de si a Luz Divina. Divididas e separadas em corpos diferentes, estabelece-se toda a sequência de contrastes, egoísmos, vaidades, ciúmes, ódios, etc.

O trabalho evolutivo consiste na reunificação de todos em UM; em outros termos, no AMOR total entre todos, sem distinções e qualquer espécie. O que se opõe a esse AMOR-UNIÃO e a personalidade, que é o “antagonista” (satanás), o “adversário” (diabo), o “tentador”, que atrai o espírito para a separação, querendo sobrepujar os demais.

A personalidade é que, separada como está, distingue o “eu” do “tu”, opondo o “eu” a “todo o resto”.

Quando conseguirmos reunir, ou melhor, reunificar tudo NUM só Cristo (“para que sejam UM comigo, assim como sou UM contigo, Pai”, João, 17:22) teremos alcançado a meta da evolução. E então a personalidade (opositor, diabo, satanás, tentador) e sua consequência inevitável, a morte, estarão dominadas e vencidas: “a morte foi aniquilada pela vitória (cfr. Isaías, 25:8). Onde está ó morte a tua vitória? (cfr. Oséas, 13:14). Onde está ó morte o teu aguilhão (teu estimulante)? O aguilhão da morte é a queda (o erro, a involução na matéria), e a força da queda é a lei (da evolução)”, lemos em Paulo (I Cor.15:54-55).

No entanto, há outras palavras vulgarmente tidas como sinônimos de diabo e satanás, mas que nada têm que ver com esse sentido. Esclareçamos logo.

DEMÔNIO- Nada autoriza a confundi-lo com os termos acima.

O substantivo grego δαίμων, ονος (masc. e fem.) é simplesmente um *espírito desencarnado*, de homem ou de mulher, podendo ser bom (guia), regular (familiar) ou perverso (obsessor). A literatura grega é farta de exemplos dos três graus, embora os dois primeiros sejam os mais comuns, ao passo que nos Evangelhos o mais comum é o terceiro. Platão usa o adjetivo δαιμόνιος; ao lado do substantivo σοφία para exprimir “a sabedoria divina” ... (Crat, 396 d) e Herodoto (4, 126 e 7, 48) emprega o mesmo adjetivo ao lado de “homem”, no sentido de “homem excelente”. O próprio Platão (Ap. 40 a) refere que Sócrates dizia ter um “guia” (δαίμων) que o ajudava em todas as dificuldades da vida, aconselhando-o para o bem.

Os verbos δαιμονίζομαι e δαιμόνω significam “receber espírito”, ou “estar sob a ação de um espírito desencarnado”, fosse ele bom ou mau.

Do substantivo, deriva o adjetivo δαιμόνιος, ος (α), ον que significa “maravilhoso, extraordinário”; esse adjetivo é substantivado em το δαιμόνιον, para exprimir “espírito desencarnado”, ou seja, o ser que está na escala entre Deus e o homem. Observe-se que em o Novo Testamento só é usada essa forma do adjetivo substantivado, aparecendo o substantivo δαίμων apenas em Mat. 4:3.

Demônio, pois, é apenas um “espírito desencarnado”, com três graus de evolução: bons e regulares (nos autores profanos) e pouco elucidados (nos autores do Novo Testamento), Mas há ainda duas outras espécies de “espíritos” citados:

IMPURO – πνεῦμα ἀκάθαρτον com o sentido exato de “não-purificado” ainda, ou melhor, de “atrasado”, de não-evoluído.

MAU – πνεῦμα πονερόν , que preferimos chamar “sofredor”. Com efeito, πονερός tem esse sentido: “sofredor, infeliz, defeituoso”, donde passou a “mau”; tanto assim que o substantivo exprime “o sofrimento”, e daí “o mal” porque, segundo a concepção terrena, todo sofrimento é um mal. Mas ambos são derivados do substantivo πόνος , que quer dizer “esforço”, donde “fadiga”, e daí “sofrimento” (compare com o latim poena e o português “pena”).

SANTO - Quando, porém, o “espírito” é bom, esclarecido, ou melhor, iluminado, o Novo Testamento o chama “santo” (ἅγιος), isto é, puro, sadio, são.

Resumindo, temos as seguintes qualificações para os espíritos humanos desencarnados, de acordo com seus graus evolutivos:

- 1) - *santo* - sadio, bom, iluminado, superior a nós;
- 2) - *demônio* - regular, não-esclarecido, familiar, igual a nós;
- 3) - *sofredor* - que está sofrendo, mas esforçando-se por melhorar;
- 4) - *impuro*, isto é, atrasado - não evoluído ainda, e que se obstina no erro.

A estes, podemos acrescentar mais um termo: é um espírito humano desencarnado, já iluminado (santo) que tem *missão* especial: e um mensageiro, um encarregado de tarefa especial junto aos homens; denominado, então, ANJO.

Passemos, agora, aos comentários exegéticos dos trechos, procurando ater-nos à cronologia. das ocorrências.

- (1) Lucas diz que “Jesus voltou do Jordão cheio de um espírito santo” (em grego sem artigo; portanto, é indeterminado, um epíteto comum: um espírito bom, iluminado), e foi com o (com esse) espírito para o deserto. Aí temos mais uma vez a preposição grega *en*, com valor associativo, que comentamos nas págs. 32 e 80.
- (2) Mateus afirma simplesmente que “foi conduzido ao deserto pelo espírito” (agente da passiva, com a preposição “*hypó*”, que literalmente daria o sentido “sob um espírito”, podendo entender-se: conduzido sob a *influência* do espírito, ou ainda “incorporado”).
- (3) O “deserto” não foi localizado até hoje. Pela tradição seria o “Monte da Quarentena” (*Djebel Karantal*) a 4 quilômetros a nordeste da moderna Jericó, lugar ermo e cheio de grutas naturais. O deserto, segundo informam as Escrituras, era o local preferido dos espíritos atrasados (cfr. Mat. 12:43; Luc. 11:24; Isaías, 13:21 e 34:14; Bar. 4:35 e Tob. 8:3).
- (4) Temos a notícia do jejum de quarenta dias e quarenta noites. Não se trata de um hebraísmo essa repetição, mas salienta o narrador que Jesus não comeu nem de dia nem de noite; há razão para essa afirmativa, pois no oriente, depois de ocultar-se o sol, os jejuadores podiam alimentar-se, como ainda se usa hoje no Ramadan.
- (5) Por que *quarenta*? É um número simbólico e cabalístico, que vemos repetido no Velho Testamento: o dilúvio dura quarenta dias (Gên. 7:17); Moisés jejua no Sinai, por duas vezes, durante quarenta dias de cada vez (Deut. 9:9 e 9:18); os israelitas ficam 40 anos a peregrinar pelo deserto (Núm. 14:33) ; Elias jejua 40 dias (1 Reis 19:8); David e Salomão reinam quarenta anos cada um (1 Reis, 2:11 e 11:42) e outros passos ainda. Na própria vida de Jesus temos esse jejum e mais tarde sua permanência na Terra entre a ressurreição e a ascensão, durante quarenta dias (At. 1:3). Deve haver algum significado nesse número.
- (6) Depois assinalam os evangelistas que Jesus teve fome.
- (7) Aparece então o “tentador”. Discutem os hermeneutas se Lhe apareceu sob forma humana corpórea, se “pegou” mesmo a pedra com sua mão, ou se a cena se passou em “pensamento”. Na primei-

ra hipótese teríamos um fenômeno de materialização, e assim costumam representá-la os pintores. Na segunda, seria apenas um fato intelectual. Não discutiremos essas minúcias, pois o fato será esclarecido no comentário simbólico, compreendendo-se que se trata de “pensamentos”, que, aliás, nem sequer chegaram a tomar consistência, tão rapidamente foram esmagados pelo Espírito de Jesus.

(8) A seguir são enumeradas as “tentações”. Parece-nos mais lógica a sequência dada por Mateus:

I - de EGOÍSMO - transformar as pedras em pães, para saciar a própria fome. Trata-se do desejo animal de satisfazer à “fome”, isto é, aos apetites egoístas do quaternário inferior. A resposta de Jesus, extraída de Deuteronômio 8:3, faz-nos compreender que a alimentação espiritual da tríade superior também pode saciar essas “fomes”.

II - de VAIDADE – lançar-se de grande altura, confiando que Deus mandará “mensageiros” para ajudá-lo. O adversário apresenta-se com uma frase do Salmo 91:11-12, mas Jesus lhe responde com outra do Deuteronômio 6:16. É a tentação de ceder à vaidade de demonstrações taumátúrgicas, onde não haja necessidade delas, confiando em proteções “especiais” superiores.

III - de ORGULHO - usar qualquer meio bajulatório para obter fama e poder de domínio. Volta Jesus com um versículo do Deuteronômio 6:13, mostrando que Deus está acima de tudo e só a Ele podemos e devemos prestar culto, reverência e obediência, não devendo utilizar-nos de meios escusos para adquirir vantagens nem pessoais nem para grupos.

(9) Discute-se também se o “diabo” carregou Jesus em suas mãos, para levá-lo a Jerusalém, colocando-o sobre o pináculo do Templo; e se O *transportou carregando-O* para o cume da montanha; e pergunta-se qual seria essa montanha, “de onde se viam todos os reinos do mundo” ... As soluções oferecidas por alguns comentadores são lamentáveis do ponto de vista do bom senso. Acreditamos que a explicação não esteja na “letra” e sim no “espírito” ou seja, no sentido global das “tentações”.

(10) O sentido de “mostrou os reinos do mundo e o apreço deles” em Mateus; e a expressão: “dar-te-ei o domínio absoluto e o apreço deles”, podem resumir-se: “o domínio das criaturas, e o apreço ou fama que obteria entre elas”. A palavra grega δόξαν, derivada do verbo δυνεω tem vários sentidos: 1) *aparência*; 2) *opinião*; *crença*; 3) *doutrina*, *ensino* (por oposição a ἀλήθεια “verdade pura”; a γνώσις “conhecimento adquirido; e a ἐπιστήμη “ciência”); 4) *apreço*, *reputação*, donde 5) *glória*.

(11) Em Mateus, no final do episódio, Jesus usa uma expressão autoritária: “retira-te, antagonista”, que foram as mesmas palavras dirigidas a Pedro, quando este se opunha à revelação do sofrimento de Jesus (Marc. 8:33). O verbo grego *ὑπαγε* tem o sentido exato de “*retira-te submetendo-te*, *capitula*, *rende-te*, *subordina-te*”, porque é composto de *ὑπο* (para baixo) e *αγω* (agir, ir).

(12) A conclusão é que, afastado o adversário, os anjos apresentaram-se para servir a Jesus.

No trecho resumidíssimo de Marcos há um pormenor: Jesus, no deserto, “estava com as feras” e com os anjos, que O serviam. Na Palestina da época, as feras que perambulavam eram chacais, lobos, raposas, gazelas e, menos provavelmente, hienas, panteras e leopardos.

Mais alguns ensinamentos de profundo alcance, nesta lição da Boa Nova.

Após ter a individualidade (Jesus) realizado o Sublime Encontro ou Mergulho no Fogo, Cristo Interior, é ela levada para consolidar essa união no “deserto”, onde permanece em oração e meditação. Realmente, só no isolamento podemos conseguir uma fixação e vibrações em faixas tão delicadas de frequência tão elevada. Qualquer distração faria fugir a sintonia. E o burburinho ocasionaria distra-

ção. Por isso, quando o Momento Sublime se apresenta, o Discípulo é levado pelo Espírito (individualidade) ao isolamento, onde viverá em oração e meditação. Isso ocorria muito entre eremitas e cenobitas em tempos idos. Hoje ainda é frequente no Oriente. (Índia e Tibet) embora menos comum no Ocidente, onde existe, porém, nos conventos das Trapas.

O “deserto” exprime um lugar “sem habitantes”. O planeta Terra é de fato um local em que não são vistos os “espíritos”. Nesse sentido, é um deserto de espiritualidade, embora seja densamente habitado por criaturas físicas. Qualquer espírito elevado, que saia de seu “hábitat” natural no mundo dos espíritos e venha à Terra, penetra realmente num deserto e, como diz Marcos, “vive entre as feras”, embora “os anjos o sirvam”, ou seja, os “espíritos” bons jamais o deixem abandonado.

O número quarenta tem um significado especial: exprime o arcano do plano físico, sublinhando seu caráter material. Representa a esfera da concretização das formas nervosas, isto é, a materialização (encarnação) do astral e do etérico. “Quarenta” significa também a “luta do espírito com o mundo exterior”, ou seja, a realização da Mônada ou Centelha divina do lado de fora de si mesma. O discípulo, no Caminho, sabe, porém, que todos os estados materiais (o deserto) são efêmeros e cessarão um dia. E apesar de só haver dificuldades, sabe que essas dificuldades são momentâneas e não impedirão a ascensão que buscamos (cfr. Serge Marcotoune, “La Science Secrete des Initiés”, pág. 203 ss., éd. André Delpeuch, Paris, 1928).

Então, os quarenta dias no deserto, entre feras (mas servido pelos anjos) é a vida da Centelha divina no planeta Terra, entre criaturas involuídas.

E sua passagem pela Terra tem justamente a finalidade de “ser tentada”, ou melhor, ser “experimentada” através do “espírito” a que deu nascimento. Assim como em nossas escolas ninguém é promovido de ano sem prestar exames, assim na vida espiritual ninguém ascende de plano sem passar pelos “exames” das provas. E é exatamente por isso que se torna imprescindível a encarnação no plano físico. Com efeito, se a encarnação pudesse ser dispensável, acreditamos que muitos “espíritos” não viriam ao planeta, e evoluiriam diretamente no mundo espiritual (doutrina aceita por Swedenborg): uma vez abandonada a matéria, nunca mais a ela voltariam. A teoria pode ser sedutora, mas não corresponde aos FATOS comprovados. Ora, contra fatos não há argumentação filosófica que se sustente. E os fatos, cientificamente experimentados e comprovados, demonstram que o “espírito” vem à Terra a cada novo passo que tenha que conquistar. Como não podemos admitir que a Sabedoria da Vida obrigue a passos inúteis, concluímos que a única via de acesso a novos planos seja através da materialização temporária na Terra, com esquecimento do passado, para que, como nova criatura (nova personalidade), possa assumir a responsabilidade de seus atos, merecendo assim integralmente a melhoria a que fez jus (ou a consequência dolorosa de seus erros).

Uma vez na matéria, o Espírito (individualidade) está preso ao “tentador”, que pode chamar-se “diabo” ou “satanás”, mas é simplesmente a PERSONALIDADE, o quaternário inferior. E por mais consciente que esteja o Espírito (individualidade), as “tentações” (experimentações ou provas) são inevitáveis, porque são inerentes à própria personalidade, são a condição “sine qua non” da encarnação ou “crucificação” na matéria. O Espírito, com seu mergulho no quaternário, assume novo “eu”, um “eu” externo e pequeno, que é porém o “eu” que se manifesta consciente de si e que, por isso, assume a liderança da consciência. Esse “eu” menor (ou “espírito”) abafa o Espírito (individualidade) e o Eu Profundo, e passa a agir como se fora o único chefe, comandando o processo evolutivo: o “eu” menor quer agir por si e dirigir tudo, não tomando conhecimento de que exista outro “EU” superior a ele: é, por isso, o verdadeiro adversário ou antagonista do Espírito (individualidade) e do EU REAL, que se vê escondido e sediado no coração (embora em outra dimensão), forcejando por agir - o que nem sempre consegue. Dessa luta titânica entre o “eu” pequeno ou personalidade (o “espírito”) e o Espírito, ou individualidade, vai resultar o progresso. Se o “eu” pequeno vence, o Espírito derrotado terá que voltar mais tarde à matéria, com outro “eu” pequeno diferente, para ver se consegue conquistar a palma da vitória. E um dia obterá inevitavelmente o triunfo, embora demore séculos ou milênios nessa árdua batalha interna, tão bem descrita no Bhagavad-Gita.

Quando o “eu” pequeno se anula pela humildade, dando ansas à individualidade de dirigi-lo, a vitória do Espírito se afirma, e ele prossegue para o plano superior seguinte.

Dessa luta (tentação) dá-nos conta o relato evangélico.

Depois de “mergulhar” na água (de renascer através do mergulho no líquido amniótico) o Espírito é levado ao “deserto (aos embates da Terra) para ficar em contato com as “feras” (homens atrasados, pequenos “eus” ferozes e egoístas), permanecendo “quarenta” dias e quarenta noites (permanecendo na matéria) em jejum absoluto (em isolamento total do EU REAL). É aí que o Espírito encontra o antagonista personalizado (satanás, nosso próprio “eu” menor) que quer arrastá-lo a seus caprichos.

Surgem então as três “tentações” principais, as mais difíceis de vencer por qualquer pessoa (o arcano 3 representa a “obra completa”, e dá o resumo esquemático de um todo). Com efeito, as três provas citadas englobam os três aspectos da personalidade: as sensações (etérico), as emoções (astral) e o intelecto (mental concreto).

1.ª TENTAÇÃO - O egoísmo na luta da sobrevivência e do bem estar, da satisfação das necessidades básicas da criatura humana: a fome, o repouso, as ânsias fisiológicas do sexo, as angústias das sensações chamadas “físicas”, mas na realidade pertencentes ao duplo etérico. Então, o Espírito é instado a ceder aos desejos egoísticos dos sentidos do “eu” menor dando-lhe a “alimentação” que o satisfaça, simbolizada no “pão” que mata a fome. O ato de “matar a fome” faz bem compreender a índole dessa tentação, muito mais vasta que a simples fome estomacal: trata-se de SACIAR os instintos inferiores do etérico que se manifesta através do corpo denso.

Além disso, outro aspecto transparece: preso no mundo material das formas, o “espírito” (personalidade) tenta transformar as “pedras” (que exprimem os ensinamentos interpretados à letra) em “pão”, isto é, em alimento. Explicamos: o “espírito”, ao invés de adorar espiritualmente (“em Espírito de verdade”, Jo. 4:23 e 24), pretere a exteriorização material da religião, que lhe possa satisfazer aos sentidos físicos, aos instintos sensoriais, emocionais e intelectuais, e por isso transforma os vãos do espírito em “pães” materiais, visíveis e sensíveis, chegando ao clímax de pretender transformar o próprio Deus em pão. Todo seu espiritualismo reduz-se a liturgias e ritos, a atos externos e poderes ocultos de magia, de vaidade, de vestimentas diferentes e exóticas, de tudo o que satisfaça à “separação”, ao luxo, à ostentação da “pompa de satanás” (que é exatamente a vaidade das criaturas humanas), assim, a espiritualização nesse grau visa à elevação do próprio “eu” pequeno, em detrimento de todos os outros “eus”, julgados “outras” pessoas. E a criatura cega transforma os preceitos evangélicos, interpretados ao pé da letra (pedras) em satisfações egolátricas de instinto que lhes saciem a fome de vaidade (pães).

O combate a essa tentação é feito pela auto-disciplina, isto é, pela disciplina que o Espírito, guiado pelo EU REAL impõe ao “eu” menor, fazendo-lhe ver que o Homem (integral) vive de tudo o que vem de Deus, desse Deus residente no coração do homem, e não apenas das exterioridades transitórias da personalidade efêmera.

2.ª TENTAÇÃO - A vaidade própria do “eu” personalístico que se julga separado, diferente, e sempre (são raríssimas as exceções!) superior a todos os demais, é outra das mais difíceis provas a ser superada pelo “espírito” mergulhado na Cruz da personalidade (“cruz”, quatro pontas, significando o quaternário inferior).

“Lançar-se do pináculo do templo” (emoção de grandes efeitos mágicos) na certeza de que Deus o protege em tudo, mesmo nas loucuras insensatas de pretensões vaidosas, por um privilégio a que se julga “com direito”. De fato, o desenvolvimento do corpo astral aguça as emoções e as hipertrofia de tal forma, que elas empanam o raciocínio equilibrado, toldam a razão, fazem perder o senso das proporções” Nas criaturas emocionalmente desequilibradas vemos a ânsia de “operar milagres”; a rebelião contra a autoridade da Razão superior, a pretensão egocêntrica de que “ele” sabe e os outros

são ignorantes; a ambição de possuir poderes para comandar movimentos religiosos; o desejo de ser “chefe” espiritual ou religioso, nem que seja de um pugilo de criaturas que se fascinam por suas palavras, e as acompanham cegamente, tributando-lhes elogios a cada palavra que proferia, e que ele aceita, com gratidão, porque lhe acaricia a vaidade.

Essa a razão de vermos, desde que a história regista os acontecimentos da sociedade humana, essa constante fragmentação religiosa, que se opera logo após o desaparecimento do “Mensageiro” divino que as revelou. Numerosas são as criaturas que se julgam “taumaturgos”, com poderes sobre os “anjos” e, rebelando-se contra o meio ambiente, instituem a própria seita. Daí verificarmos que esses homens não defendem idéias novas, divulgando-as em estudos e pesquisas impessoais, mas antes, querem logo iniciar grupos novos e dissidentes, dos quais passam eles ser o chefe, o cabeça. Quantas “heresias” se multiplicaram nos primeiros séculos do cristianismo, quantas seitas pulularam nos meios evangélicos, quantos movimentos teosóficos e rosa-cruzes que se combatem, quantos milhares de “centros” espíritas se fragmentam do pensamento original, criando “inovações”, quase nunca com sentido lógico, quase sempre sem razão de ser; mas o móvel subconsciente e o desejo de “chefiar” alguma coisa, de “separar-se” do grupo, de concorrer demonstrando gozar de proteções especiais do mundo espiritual. Não é esta uma característica apenas das criaturas encarnadas: também os desencarnados que carregam para além do túmulo, no “espírito”, seus defeitos personalísticos, também eles gostam muito de criar seus “grupinhos”, onde possam pontificar, conseguindo no mundo astral o que não conseguiram na Terra; aproveitam médiuns invigilantes, e aí temos outra “facção” a surgir. É típico exigirem “separação”, proibirem estudos e leituras, colocando livros no índice particular, e garantindo que a “salvação” (ou pelo menos especiais privilégios) só se dará dentro daquele pugilo. Como isto se passa no mundo material, que é o mundo da divisão, é natural que arrastem após si todos os que sintonizam com o “separatismo”, cedendo à tentação de “atirar-se do pináculo do templo” da Verdade, para os labirintos barônticos do personalismo satânico.

Outro ângulo dessa tentação é a ambição de poderes mágicos, a crença de que “gestos” e atos físicos criem efeitos espirituais; a pretensão de dominar “espíritos” e elementais, sem pensar nos resultados que daí possam advir. Os poderes “ocultos”, que envaidecem e separam as criaturas, é aspecto importante dessa prova de fogo por que todos os que já desenvolveram o corpo emocional (astral) têm que passar.

O combate a essa tentação, isto é, a vitória sobre essa prova, esse “exame” - a que só é submetida certa classe de pessoas mais evoluídas que as da anterior tentação porque já desenvolveram o corpo astral - é realizada com a auto-renúncia do “eu” menor: “não tentarás o Senhor teu Deus” exprime, pois, “não quererás ser superior ao teu EU REAL, não pretenderás exigir dele favores especiais nem quererás impor-te a ele”. Renunciar à própria vaidade de querer ser chamado “pai” ou “mestre” (“a ninguém na Terra chameis vosso pai, porque só UM é vosso Pai: aquele que está nos céus; nem queirais ser chamados mestres, porque um só é vosso mestre: o Cristo” Mat. 23:9-10), esse Cristo Interno que está dentro de TODOS, e não apenas de alguns privilegiados.

Jesus deu-nos o exemplo típico dessa vitória: pregou um IDEAL, mas não chefiou nenhum movimento religioso; atendeu aos judeus, sem afastá-los de Moisés; socorreu à siro-fenícia, sem arrancá-la de seus ídolos; elogiou o centurião romano, sem exigir o seu repúdio a Júpiter; e, no exemplo da “caridade perfeita”, citou o samaritano, de religião diferente da Sua. E de tal forma renunciou à Sua personalidade, que o Cristo agiu plenamente através dele (“Nele habitou corporalmente toda a plenitude da Divindade” Col. 2:9) de tal maneira, que, durante séculos, foi Ele confundido com o próprio Deus. E isso foi conseguido com o Seu mergulho humilde nas águas da matéria, na Sua encarnação como ser humano: “aniquilou-se tomando a forma de servo, feito semelhante aos homens e, sendo reconhecido como homem, humilhou-se, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Filip. 2:7-8).

3.^a TENTAÇÃO - *Esta é a experimentação que as criaturas encarnadas (presas à personalidade, crucificadas no quaternário inferior) têm maior dificuldade em superar. Não é mais no duplo etérico, com as sensações; nem no astral, com as emoções, mas no mais terrível de todos os adversários, mai-*

or que os prazeres (sensações), maior que a vaidade (emoções): trata-se do INTELECTO, isto é, do ORGULHO de julgar-se melhor que os “outros”. Daí parte a oposição máxima, não mais no mesmo plano, de “ser diferente”, mas num plano “acima”, de ser superior. Todas as criaturas se julgam ACIMA DOS OUTROS. Pode tratar-se de um ignorante: há um ponto em que “não cede”, há sempre um aspecto em que “ninguém o iguala”. Por ínfima que seja a criatura, embora reconhecendo a superioridade de outrem num ou noutro pormenor, descobre sempre algo em que ninguém lhe é superior. Daí a crítica e o julgamento que sempre todos nos acreditamos autorizados a fazer.

E a ambição orgulhosa do mando ataca a todos, ao lado da ambição de posses materiais (riquezas) que lhes dê prestígio e superioridade no mundo material, para garantir-lhe a força da superioridade. Todos querem ter mais e melhor do que o vizinho. Se o não conseguirem, não importa: são “mais educados”, “mais generosos”, “mais inteligentes”, “mais fortes”, “mais saudáveis”, ou “gozam de amizades mais ilustres”, qualquer coisa se arrumará, pela qual eles “não se trocam” pelo fulano...

Comum é que o chefe religioso venha a ambicionar logo a seguir o domínio político, para ampliar sua ascendência sobre as massas e fazer crescer sua autoridade “carismática”, outorgada por Deus. Os meios para consegui-lo não lhe ferem o escrúpulo. E uma vez guindados ao poder, não mais desejam apelar. Nem sempre isso ocorrerá visando a uma nação: pode ser apenas pequeno grupo e até uma família reduzida. Isso explica o desgosto dos pais ao verem seus filhos crescerem e se independizarem. Daí a rebeldia dos filhos, em certa idade, sentindo também a “tentação” do mando, pretendendo derubar os pais do pedestal em que se encontram.

Provenientes desse “messianismo” do poder, os ditadores, da direita, da esquerda ou do centro cercearem a liberdade dos súditos, certos de que só eles, e os que os aplaudem, são “iluminados”, têm sabedoria e compreensão, constituindo “os outros” um rebanho sem espírito. Desconhecem que cada criatura tem Deus dentro de si: para eles, Deus está só com eles, porque eles são os “protegidos”, colocados “pela Divindade” acima de todos os mortais.

Não estamos falando de “alguns” homens, mas de TODAS AS CRIATURAS HUMANAS. Sem exceção, somos todos experimentados nesse setor.

Para superar essa “tentação” há um só remédio: o auto-sacrifício, não mais adorando a personalidade (satanás), mas unicamente cultuando a Deus que está DENTRO DE NÓS, como também DENTRO DE TODAS AS CRIATURAS: moços e velhos, homens maduros e crianças, mulheres e homens, brancos. e negros, ignorantes e sábios, santos e criminosos.

Quando compreendermos e “sentirmos” isso, sacrificaremos nosso personalismo, e ligaremos nosso “espírito” ao EU REAL. Colocaremos a personalidade em seu lugar, submetendo-a, como o fez Jesus: “rende-te, satanás”, submete-te à individualidade!

Prestar culto à personalidade (satanás) é IDOLATRIA, e praticar idolatria é, seguindo as Escrituras, pecar por adultério contra Deus. O Espírito tem que estar ligado ao EU REAL e não à personalidade; se ele se afasta do primeiro para ligar-se ao segundo, está cometendo adultério, está separando o que Deus uniu (“O que Deus uniu o homem não separe”, Mat. 19:6 e Mc. 10:9).

Só o sacrifício, com a submissão do “eu” menor, é que pode conferir a vitória sobre o orgulho da personalidade, que desejaria dominar e submeter a si a individualidade, pedindo: “adore-me!”

Quando, porém, o homem vence as três etapas, dominando as sensações, as emoções e o intelecto, ele vê que os anjos de Deus vêm servi-lo, e o “eu menor” (satanás o antagonista), se retira vencido, até o “momento oportuno”, porque outras provas ainda virão, todas elas ensinadas nos Evangelhos.

OS PRIMEIROS DISCÍPULOS

Luc. 3:23

23. Ora, o mesmo Jesus, ao começar seu ministério, tinha cerca de trinta anos.

João, 1 :35-42

35. No dia seguinte João estava outra vez com dois de seus discípulos

36. e, olhando para Jesus que passava., disse: “eis ali o Cordeiro de Deus”.

37. Ouvindo-o dizer isto, os dois discípulos seguiram a Jesus.

38. Voltando-se Jesus e vendo-os a segui-lo, perguntou-lhes: “Que buscais”? Disseram-lhe: “Rabbi (que quer dizer Mestre) onde moras”?

39. Respondeu ele: “Vinde e vereis”. Foram, pois, e viram onde morava, e ficaram aquele dia com ele; era mais ou menos a hora décima.

40. André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram João falar e que seguiram a Jesus.

41. Ele procurou ao alvorecer seu irmão Simão e lhe disse: “encontramos o Messias” (que quer dizer Cristo).

42. E o levou a Jesus. Olhando para ele, disse Jesus: “Tu és Simão, o filho de Jonas: tu serás chamado Cefas (que significa. Pedro).

A primeira frase de Lucas dá-nos conta da idade de Jesus ao iniciar seu ministério: “cerca de trinta anos”.

Estávamos nos primeiros meses do ano 29 de nossa era, isto é, 782 de Roma, e Jesus, que nasceu em 7 A.C. (747 de Roma), contava precisamente 35 anos. A anotação de Lucas visava apenas a esclarecer que Jesus já tinha a idade “legal” para sua vida pública, quer civil, quer religiosa.

No trecho de João, volta. como primeiras palavras, a expressão: “no dia seguinte”. Se começarmos a contar partindo do primeiro episódio (as respostas de João aos emissários do Sinédrio), o fato aqui narrado situa-se no 3.º dia. Será interessante notar que a sequência prosseguirá até o 7.º dia.

Observemos a cena. Trata-se dos dois primeiros discípulos que Jesus aceita (segundo a narrativa evangélica) e portanto da inauguração oficial de seu magistério na Palestina.

O evangelista foi testemunha ocular: dá-nos os pormenores. João, meio afastado, conversava com dois discípulos seus, quando viu Jesus passar a distância. Num desabafo de admiração, repete a frase da véspera: “vejam ali o Cordeiro de Deus”! Essa repetição constituiu um impacto no espírito dos dois que, apressadamente, se afastaram do Batista, fascinados pelo anseio de encontrar o melhor Mestre. E se o próprio mestre deles O indicava, podiam confiar com total segurança. Além disso, a Força Interna deles os impelia, e a de Jesus os atraía irresistivelmente.

Jesus volta-se espontâneo e, fixando-os com olhar penetrante que lhes perscruta o coração, pergunta:

- Que desejais?

Os dois entreolham-se. Que dizer? A primeira idéia é enunciada, daí subentendendo-se o resto:

- Mestre, onde moras?

O título “Mestre”, dito em hebraico-talmúdico, RABBI, era o título oficial reservado aos Doutores da Lei. Mas também se aplicava por delicadeza ou para demonstrar admiração por alguém mais sábio.

A resposta de Jesus: “vinte e vereis” correspondia à aceitação tácita dos dois novos discípulos. O narrador, que era um deles, continua com simplicidade: “eles foram e viram, e ficaram aquele dia com ele”. E para firmar que não foi uma conversa rápida e cerimoniosa, acrescenta o pormenor da hora do encontro: “era mais ou menos a hora décima”, isto é, dezesseis horas. Essa anotação da hora é comum em João (cfr. 4:52; 18:28; 19:14 e 20:19), o que nos revela, ainda uma vez, a preocupação de João com a numerologia, que atinge o clímax no Apocalipse.

Como se julgava inadmissível e desrespeitoso chegar a essa hora da tarde em casa de alguém e retirar-se para pernoitar em outro local, deduz-se que os dois passaram a noite entretendo-se com o Rabbi, de lá saindo só depois do nascer do sol.

Mas, quem eram os dois? De um, o narrador dá o nome: André (nome tipicamente grego, o que era comum na Galiléia “dos gentios”) e acrescenta para identificá-lo melhor: “irmão de Simão Pedro”. Simão é a helenização do hebraico *Shim'on* (“YHWH ouviu”). Eram ambos naturais da cidade de Bethsaida-Júlia (hoje El-Tell) a nordeste do Tiberíades (cfr. vers. 44). E o outro? Reza a tradição tratar-se do próprio evangelista João, em vista dos pormenores narrados (é o único a documentá-los). E em todo o seu Evangelho, ele jamais se cita.

Ao “despontar do dia” (em grego *πρωι*), André e João retiram-se. E o primeiro corre a buscar seu irmão Simão, anunciando-lhe o encontro do Messias.

Há três lições nos manuscritos:

- 1) Veronese (5.º séc.), Palatino (4.º-5.º séc.), a versão siríaca curetoniana e a sinaítica (3.º-4.º séc.) trazem *πρωι* (ao despontar do dia);
- 2) Vaticano (4.º séc.) Alexandrino (5.º séc.), Korodethi (7.º-9.º séc.), a “família” 1 e 13 e a Vulgata trazem *πρωτον* (em primeiro lugar).
- 3) Sinaítico (8.º séc.), Régio (8.º séc.), Freer III (4.º-6.º séc.) e o Sangaliense (9.º séc.) trazem: *πρωτος* (foi o primeiro).

Seguindo L. Pirot (“La Sainte Bible”, vol. 10, pág. 325) preferimos a primeira lição, por dois motivos:

1 - como acertadamente anota Pirot, é mais fácil a corrupção d

e	ΠΡΩΙΤΟΝΑΔΕΔΦΟΝ
para	ΠΡΩΤΟΝΤΟΝΑΔΕΔΦΟΝ
ou para	ΠΡΩΤΟΣΤΟΝΑΔΕΔΦΟΝ

do que vice-versa.

2 - porque temos, com a primeira leitura, a sequência dos acontecimentos:

- I - Testemunho de João aos emissários do Sinédrio (1.º dia)
- II - *No dia seguinte* a apresentação de Jesus aos discípulos (2.º dia)
- III - *No dia seguinte* a adesão de André e João a Jesus (3.º dia)
- IV - *No dia seguinte* o encontro com Simão Pedro (4.º dia)
- V - *No dia seguinte* Jesus parte para a Galiléia (5.º dia)
- VI - *No 3.º dia* (dois dias depois) as bodas de Caná (7.º dia).

E essa sequência revela ensinamentos simbólicos de valor inestimável, e João não podia perder a oportunidade de ensiná-los aos leitores de seu Evangelho.

O anúncio de André a Pedro é taxativo: “encontramos o Messias”.

A palavra Messias (μασσιας , helenização do hebraico משיח mashiah) só é empregada em o Novo Testamento duas vezes, e ambas por João o evangelista, neste passo e em 4:25. Em ambos, o evangelista se apressa em explicar que “Messias” se traduz por “Cristo”. Realmente.

Do verbo משיח (mosha - cfr. Moshe Moisés) que significa “ungir”, vêm o adjetivo e substantivo משיח (mashiah) que significa “o ungido” (para uma missão), ou seja, o Messias. Em grego, do verbo Χρίω , significando “ungir” (com óleo ou perfume) - provém o adjetivo Χριστος, η, ον , com o sentido de “ungido, untado”; e daí o substantivo ο Χριστος , “o ungido” com significação iniciática e simbólica: “o impregnado de divindade”. Assim como o óleo impregna e embebe os tecidos, assim o Cristo é o *embebido* de Deus, aquele cujas células todas estão permeadas da Divindade.

Simeão deixa-se levar a Jesus, que olha para ele com a mesma penetração (θεσμενος) e pronuncia suas primeiras palavras mudando-lhe o nome. O fato de mudar o nome de alguém revela autoridade e representa o início de nova função ou situação (cfr. Gên. 32:28; 17:5; 22:8; Is. 62:2, etc.). Começa citando o nome antigo completo: “tu és Simão Barjonas (filho de Jonas ou João, já que Jonas” e a abreviatura de “Yohanan”): tu serás chamado *Kefas*.

A palavra ιψός; é uma helenização do aramaico *Kephá*. proveniente do caldaico פִּימָץ (siríaco ܦܝܡܐ), do hebraico ִפֶּסֶס , que significa “pedra, rocha”, e só é usado no plural פְּסִיסִים (Jer. 4:29 e Job 30:6).

A exigência dos trinta anos para início da vida pública, baseava-se também num simbolismo numerológico: a completação do desenvolvimento da personalidade (3 X 10), embora se houvesse já de há muito esquecido a razão que havia feito escolher essa idade.

Aqui observamos o fato de um mestre indicar a seus discípulos (talvez os melhores que possuía) o caminho de outro mestre: completa ausência de ciúmes! Mas verificamos que é a personalidade (o intelecto iluminado, João) que compreende que, quando o discípulo chegou a determinado grau evolutivo, tem que ser entregue à individualidade (Jesus) para que continue o aprendizado.

Os discípulos percebem a insinuação da personalidade (João) e seu desprendimento, e voltam-se, sem titubear, para a individualidade (Jesus) perguntando-lhe: “Onde moras”? A sede da personalidade, eles bem o sabem, é o intelecto. Também sabem que, para ter esse desprendimento sem ciúme e sem vaidade, o intelecto já está iluminado, esclarecido nas grandes verdades. Dirigem-se pois à individualidade e lhe perguntam “onde mora”, porque ainda ignoram qual a sede desse novo plano. A resposta não poderia jamais ser o nome de uma rua nem o número de uma casa (observamos que os Evangelhos jamais disseram onde Jesus residia) porque a individualidade não tem sede no mundo físico. Daí poder Jesus dizer: “as raposas têm seus covis e os pássaros seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça” (Mat. 8:20). No mundo físico só a personalidade é situada e tem “casa”. Então a resposta de Jesus é perfeita: “vinde e vede”, isto é, aproximai-vos de mim (individualidade) e vereis qual meu pouso: o Espírito.

E os discípulos foram e viram sua elevação espiritual; penetraram no coração e descobriram o Espírito e “ali permaneceram”, em meditação, todo aquele dia.

Era mais ou menos a “hora décima”. Essa anotação numerológica não se refere aos novos discípulos, mas a Jesus, à individualidade. Os nove primeiros arcanos referem-se ao desenvolvimento do homem interno. O décimo exprime o início da atividade exterior. Não foi para ele mesmo que o evoluído viveu as etapas do Conhecimento Profundo e triunfou de uma série de provas. Uma vez atingido o ápice e superadas as “tentações”, ele precisa aplicar seu saber e sua experiência, levando outros pelo mesmo caminho. A anotação do evangelista, pois, tem todo o cabimento, no momento exato em que Jesus (a individualidade) recebe e aceita os primeiros discípulos, a fim de aplicar seus conhecimentos: para ele, soara a décima hora.

A João interessava assinalar quais os discípulos que seguiram Jesus. Cita-lhes os nomes. O primeiro, André, representa exatamente o HOMEM; o segundo, que era ele mesmo, é omitido; o terceiro, ao despontar da aurora do outro dia, é Simão (nome que significa: YHWH ouviu”, da raiz shama). Mas Jesus lhe muda o nome para Pedro, como representante daqueles que interpretam as Escrituras à letra, levados pela emoção. Ele adere de imediato à individualidade, embora, por falta de intelectualismo e do domínio das emoções, tenha de passar por muitas provas, nem sempre saindo vencedor. No entanto, em vista do desenvolvimento emocional, é escolhido para dirigir o Colégio Apostólico, que está fixado no Raio da Devoção, dirigido por Jesus.

O nome com que Jesus é apresentado corresponde exatamente à realidade: o CRISTO INTERNO, a parte espiritual impregnada da Divindade, ou CRISTO CÓSMICO, da qual a parte material é apenas a contraparte, a condensação ou materialização, dando origem à personalidade visível no plano físico e transitório na dimensão tempo e espaço.

VOLTA À GALILÉIA

João, 1:43-51

43. No dia seguinte, resolveu (Jesus) ir à Galiléia e encontrou Filipe, e disse-lhe: “segue-me”!
44. Ora, Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro.
45. Filipe encontrou Natanael e declarou-lhe: “encontramos aquele de quem Moisés escreveu na Lei e os profetas falaram. Jesus filho de José, o de Nazaré”.
46. Perguntou-lhe Natanael: “De Nazaré pode vir coisa boa?” Respondeu-lhe Filipe: “Vem e vê”.
47. Vendo Jesus Natanael aproximar-se, disse dele: “eis um verdadeiro israelita, em quem não há engano”!
48. Perguntou-lhe Natanael: “Donde me conheces?” Respondeu Jesus: “Antes de Filipe chamar-te, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira”.
49. Replicou-lhe Natanael: “Rabbi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel”!
50. Disse-lhe Jesus: “por dizer-te que te vi debaixo da figueira, crês? verás coisas maiores que estas”...
51. E acrescentou: “Em verdade, em verdade vos digo, que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”.

No dia seguinte (é o 5.º dia dessa sequência), Jesus resolveu regressar à Galiléia, juntamente com seus três novos discípulos: João, André e seu irmão Simão-Pedro. Voltavam os quatro para sua terra natal, ao norte da Palestina.

Aí o pequeno grupo encontra Filipe. Também é nome tipicamente grego, significando “amigo do cavalo”, embora corresponda, ao hebraico פֶּלְטִיֶּל (Phaltiel), que significa “libertação de El” (cfr, 2 Sam. 3:15). Filipe aderiu de imediato. Podia confiar em seus amigos e conterrâneos. E logo se enfervora com o que ouve do novo mestre, tentando arranjar outro prosélito. Vai chamar Natanael (mesmo significado que Teodoro = “dom de Deus”). O nome de Natanael não mais aparece em o Novo Testamento; por isso os comentaristas o identificaram com Bartolomeu (filho de Tolmai), que é sempre citado ao lado de Filipe em todas as listas dos apóstolos (Mat. 10:3; Marc. 3:18; Luc. 6:14).

Segundo informações do próprio João (21: 2), Filipe era natural da cidade de Caná da Galiléia (hoje, parece, Kefr-Kenna), que fica a 8 quilômetros de Nazaré, a aldeia de Jesus. Temos a impressão de que Natanael já conhecia Jesus, porque Filipe, ao anunciar-lhe o encontra “daquele de quem Moisés escreveu na Lei e os profetas falaram”, cita o nome familiar: “Jesus, filho de José”, esclarecendo “o de Nazaré”. Esses pormenores deviam recordar algo a Natanael que com isso o identificaria.

Conhecendo Jesus, um operário braçal que vivia em minúscula aldeola, Natanael indaga: “e de Nazaré pode sair algo de importante”? Filipe, porém, não procura fazer a apologia de Jesus: convida-o apenas a verificá-lo de visu. E Natanael aceita e vai.

O primeiro choque vem do primeiro contato, quando ouve Jesus anunciar ao grupo: “vejam um israelita em quem não há simulação”. Admirado com o elogio inesperado, Natanael indaga donde Jesus o conhece. Poderia ter tido informações. Mas o Rabbi quer revelar seu poder. Sabe que Natanael é pessoa íntegra, cumpridor de seus deveres religiosos, convicto de sua fé. E revela-lhe algo que o estarrece.

Mas o evangelista registra apenas uma frase simples: “antes que Filipe te chamasse, eu te vi debaixo da figueira”. Para nós, não faz sentido. Mas para Natanael deve ter constituído uma prova irretorquível, por aludir a algo que ele deveria estar fazendo debaixo da figueira, e a frase de Jesus deve ter tido significado profundo para ele, que exclama: “Rabbi, tu és o *Filho de Deus* (o Enviado especial), tu és o *Rei de Israel* (o Messias aguardado)”!

A resposta de Jesus vem ampliar de muito o horizonte mental dos cinco primeiros escolhidos para participarem da campanha de transfiguração do planeta.

Começa dizendo que a alusão à estada sob a figueira era de somenos importância e que muitas coisas, ainda mais extraordinárias, seriam por eles testemunhadas.

Passa então a esclarecer: “Em verdade, em verdade”, locução típica à o hebraico. Quando um israelita afirma, com força de juramento (*mas sem jurar*, para “não tornar em vão o nome de Deus), ele diz: *amén* (אמן) ou seja, “é verdade”. E quando quer solenizar sua palavra, usa a expressão אמך סלח (*amén selô*): “é verdade eternamente”.

Essa fórmula era com frequência empregada por Jesus, quando revelava fatos que desejava fossem compreendidos e lembrados por seus discípulos.

“Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo” é uma alusão indiscutível a Gên. 28:10-17, onde se narra o sonho de Jacob em Bethel, quando de partia para a Mesopotâmia.

Aqui aparece pela primeira vez o título que Jesus se atribuía de FILHO DO HOMEM, já usado por algum profetas (cfr. Dan. 7:13-14, etc.).

FILHO DO HOMEM

A expressão hebraica “filho de ...”, exprime o possuidor da qualidade da palavra que se lhe segue: “filho da paz” é o pacífico; “filho do estrangeiro” é o estrangeiro; nessa interpretação, “filho do homem” é o *homem*. No entanto, embora em alguns passos possa interpretar-se assim (por exemplo: “Deus não é como um *homem* que mente, nem como o filho do homem que muda”, Núm. 23:19) nem sempre essa expressão se conservou com esse sentido. Na época mais recente do profetismo, o significado se foi elevando, passando a designar algo de especial.

Observamos assim que Daniel (7:13) descreve a visão que teve do “Filho do Homem que vinha sobre as nuvens do céu”. Isaías fala: “feliz o Filho do Homem que compreende isto” (56:2). Jeremias afirma que o Filho do Homem não habitará a Iduméia” (49:18) nem Asor (49:33) nem Babilônia (50:40 e 51:43), significando que não terá participação com os pecadores. Ezequiel só é chamado por YHWH de “Filho do Homem” (em todo o livro de Ezequiel, 92 vezes). O sentido, dessa maneira, se foi restringindo até assumir o significado que, na época de Jesus, já se havia firmado: era o Homem que já se havia libertado do ciclo reencarnatório (“guilgul” ou “samsara”). Nesse sentido, “Filho do Homem” se opunha a “Filho de Mulher”, que representava o homem ainda sujeito às reencarnações, ainda não libertado da necessidade de nascer através da mulher.

O “Filho do Homem” é o Espírito que já terminou sua evolução, e que portanto se tornou o “produto do Homem”, o “fruto da humanidade”. Não mais *necessita* encarnar, mas pode fazê-lo, se o quiser. Não está preso ao “ciclo fatal” (*kyklos anánke*): vem quando quer. São os grandes Manifestantes da Divindade, os Mensageiros, os Profetas, os Enviados, os Messias, que descem à carne por amor à humanidade a fim de trazer revelações, de indicarem o caminho da evolução, *exemplificando* com sua vida de dores e sacrifícios, a estrada da libertação, que eles já percorreram, e que agora apenas perlustam para mostrar, como modelos, o que compete ao homem comum fazer por si mesmo. É o caso de Krishna, Buddha, Moisés, Ezequiel, Jesus, Maomé, Ramakrishna, Bahá'u'lláh e outros.

Em o Novo Testamento encontramos o título “Filho do Homem” aplicado por Jesus a ele mesmo na seguinte proporção: em Mateus, 31 vezes; em Lucas, 25 vezes; em Marcos, 14 vezes; em João, 12 vezes; apenas em João 12:34 o título lhe é dado pelo povo. No entanto, Jesus não o aplica a mais nin-

guém. E dá-nos ele mesmo a definição do que entendia pela expressão, quando diz: “ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu. a saber, o Filho do Homem” (Jo. 3:13), ou seja, só aquele que já subiu ao céu (que já se libertou da Terra, das reencarnações) é que, ao descer à Terra reencarnado, pode ser chamado “Filho do Homem”, como era seu caso. Esse tem *conhecimento próprio*, adquirido pela experiência pessoal, do que se passa nos planos superiores à humanidade, e portanto pode falar com autoridade.

Não sendo mais “Filho de Mulher”, mas “Filho do Homem”, podia ele dizer que João Batista era o *maior* entre os “Filhos de Mulher”, ou seja, entre aqueles que ainda estão sujeitos à reencarnação pela Lei do Carma. João era, realmente o maior entre os presos à “roda de Samsara”; mas o menor dos já libertos, era superior a ele; e Jesus era Filho do Homem, já liberto.

Interessante observar que, no resto do Novo Testamento, a expressão “Filho do Homem” aplicada a Jesus (que assim se denominava) só é encontrada na boca de Estêvão (Atos, 7:56) e em dois passos do Apocalipse (1:13 e 14:14). Explica-se o fato porque, fora da Palestina, sobretudo entre os gentios, a expressão podia ser interpretada ao pé da letra, e portanto traria sentido ridículo à pregação dos apóstolos sobre a pessoa de Jesus.

Depois de começar a admitir os discípulos na “hora décima”, ou seja, a exteriorizar o aprendizado evolutivo interno, Jesus resolve caminhar com os recém-vindos para um local de meditação, onde lhes possa dar as primeiras lições e a exemplificação viva.

Ao penetrar o “jardim fechado” (Galiléia) são citados mais dois nomes: Filipe, ou melhor Phaltiel, que significa a “libertação de El”, isto é, o Espírito que se liberta do domínio da matéria, a individualidade que se livra do jugo da personalidade, passando a utilizá-la como instrumento da evolução, e não a servi-la como escravo. Filipe chama Natanael (o “dom de Deus”), completando-se assim o grupo de cinco, que simboliza a personalidade mais a intuição: ANDRÉ, o “homem” (físico), o “outro” (sensações), PEDRO (emoções), NATANAEL (o intelecto, “dom de Deus”) e FILIPE (a intuição, intermediária entre a Mente e o Intelecto).

Como representante da intuição, Filipe convoca Natanael, o intelecto, com ele se comunicando. Agindo como legítimo intelecto comum, a primeira reação de Natanael é a crítica, e crítica com menosprezo.

Mas, em presença da individualidade, ao ouvir o conhecimento que ela tem do próprio intelecto, admira-se profundamente. De início, ao perceber o conceito em que é tido, de não ser falso nem fingido, o intelecto indaga: “de onde me conhece”? É o vício da pesquisa, que quer explicação de tudo. Mas ao ouvir a resposta final, entrega-se inerte, rende-se sem mais resistência.

A frase que causou o impacto é simples: “antes que Filipe te chamasse, eu te vi sentado sob a figueira”.

A figueira, abundantíssima em toda a bacia mediterrânea (e portanto também na Palestina) apodrece citada 56 vezes nas Escrituras (37 no Antigo e 19 em o Novo Testamento). Árvore que não produz frutos, mas apenas flores (embora flores “inclusas”) era muito apreciada e tido como símbolo de abundância. Suas flores tinham grande utilidade: como alimento dos mais delicados e saborosos, e como medicamento (usado como cataplasma em antrazes, úlceras e abscessos) com efeito curativo. A árvore floresce na primavera em grande profusão.

De modo geral a figueira é citada ao lado da vinha, da oliveira e da romã, com expressão esotérica. A figueira representa a floração interna das qualidades morais e espirituais, isto é, a evolução em si mesma, a transmutação da seiva interior da árvore nas flores da perfeição, não abertas para o exterior, mas inclusas ou fechadas em si mesmas, florescendo para o íntimo. A vinha simboliza a sabedoria espiritual (como afirmavam: in vino veritas, no vinho, a verdade). A romã representa a fecundidade sexual e sua consequência natural: o desenvolvimento mental. A oliveira exprime a paz, quer a externa, quer sobretudo a interna e profunda.

A figueira, uma das árvores mais antigas no conhecimento da humanidade, aparece desde as primeiras páginas da Bíblia. No profundo simbolismo do episódio adâmico, segundo o Gênesis (3:7), Adão e Eva cobriram suas partes sexuais com folhas de figueira (tradição conservada até hoje pelos pintores e escultores puritanos). O significado dessa idéia é que a parte material (animal) é superada (coberta) pelo aprimoramento da pujante força espiritual.

A expressão “sentar-se sob a figueira e sob a vinha”, ou seja, preparar-se interiormente pela aquisição da Virtude e da Sabedoria é empregada em 1 Reis, 4:26; em Miquéas, 4:4; em Zacarias, 3:10 e em 1 Macabeus, 14:12, para simbolizar a Virtude e a Sabedoria que haverá na “época messiânica”, isto é, no momento em que o homem se encontrará com o Messias ou Cristo Interno.

A frase de Jesus teve, portanto, sentido profundo, quando afirmou que, antes de ser avisado pela intuição, já ele (Cristo Interno) percebera o intelecto (Natanael) “sentado sob a figueira”, ou seja, buscando ansiosamente o encontro com seu Eu, aspirando ao contato - por meio do florescimento das virtudes - com o Cristo Interno, o Filho de Deus, o Rei da Humanidade (Israel).

O intelecto que tem boa vontade, e desejo sincero de evoluir, cede sempre diante da realidade, vencido e convencido.

Mas Jesus acrescenta que ele e os companheiros veriam o “céu aberto”, ou seja, penetrariam o segredo do “Reino dos Céus” que se abriria para eles, em seus corações, e, nesse encontro, seus Espíritos, os “anjos de Deus”, subiriam e desceriam em contatos sucessivos, iluminando o Filho do Homem, o “espírito” liberto totalmente das peias da matéria.

AS BODAS DE CANÁ

João, 2:1-11

1. No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galiléia, e achava-se ali a mãe de Jesus,
2. e foram convidados também Jesus e seus discípulos para o casamento.
3. Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: “Eles não têm mais vinho”.
4. Respondeu-lhe Jesus: “Que (importa. isto) a mim e a ti, mulher? Ainda não chegou minha hora”
5. Disse sua mãe aos serviçais : “Fazei o que ele vos disser”.
6. Ora, estavam ali colocadas seis talhas de pedra., das que os judeus usavam para as purificações, e continha cada uma duas ou três metretas.
7. Disse-lhes Jesus: “Enchei de água as talhas”. Eles as encheram até a borda..
8. Então lhes disse: “Tirai agora e levai ao presidente do banquete”. E eles o fizeram.
9. Quando o presidente do banquete provou a água tornada em vinho, não sabendo donde era (mas o sabiam os serviçais, que haviam tirado água), chamou o noivo
10. e disse-lhe: “Todo homem põe primeiro o bom vinho, e quando os convidados se embriagaram então lhes apresenta o mais recente; mas tu guardaste o bom vinho até agora”.
11. Jesus fez esta primeira demonstração em Caná da Galiléia, e manifestou sua doutrina, e seus discípulos acreditaram nele .

“No terceiro dia” equivale ao que hoje costumamos dizer: “dois dias depois”. Os gregos e romanos, ao estabelecer um lapso de tempo, começavam contando o próprio dia do início. Assim a relação entre um caso ocorrido, por exemplo, no dia 4 e outro no dia 6, este era dito: “no terceiro dia”, considerando-se o próprio dia 4 como o 1.º, o dia 5 como 2.º e O dia, 6 como 3.º dia. Hoje costumamos dizer: “dois dias depois”, sem fazermos conta do dia inicial. Assim, Jesus desencarnou na sexta-feira. e ressuscitou “no terceiro dia” isto é. “dois dias depois”, no domingo .

Estamos, pois, no sétimo dia, a contar do primeiro episódio.

O casamento realizou-se na ,cidade de Caná “de Galiléia” (para distingui-la de Caná “de Aser”), a cidade natal do discípulo recém-chegado Natanael.

De quem teria sido o casamento? Nenhuma indicação. Qualquer suposição jamais poderia passar além de mera hipótese. Entretanto, Maria ali se achava como pessoa independente, como amiga da família, e não na qualidade de mãe de Jesus. Este é que parece ter sido convidado pelo único motivo de ser seu filho, e ali aparece com seus discípulos, como “convidados”.

As festas das “bodas” (*mishtitha*, em aramaico) duravam uma semana e os convites eram amplos. Daí, por vezes, as previsões das quantidades de comida e bebidas poderem falhar. Pelo que transparece da narrativa, Maria observou essa dificuldade em relação ao vinho. com sua sensibilidade feminina de dona de casa.

Com a autoridade oriunda de amiga da família, toma as providências indispensáveis para contornar a dificuldade, recorrendo a alguém que ela sabia poder remediar a situação: avisa a Jesus que o vinho

acabara e, de imediato, dirige-se aos serviçais ordenando-lhes que obedecam a Jesus. Pelo que se percebe, parece mesmo tratar-se de pessoa da família, com a autoridade reconhecida pelos serviçais que lhe obedecem.

Consideremos a resposta de Jesus, analisando-a em seus pormenores:

1) *Que nos importa isso a mim e a ti”?*

As traduções correntes dão: “que tenho eu contigo”? Como se Jesus afirmasse nada haver entre ele e sua mãe, o que redundaria num desaforo ou, pelo menos, numa indelicadeza. Ora, o sentido do grego (e do latim, que traduziu muito bem o original) não é esse.

Começemos pelo latim, mais acessível. A tradução “*quid mihi et tibi*” corresponde literalmente ao original grego. Trata-se de dois dativos de interesse, ou dativos “éticos”, construídos em paralelo. Encontramos um exemplo dessa construção em Plauto (*Rudens*, 1307): “*Sed quid tibi est*”? (mas que te importa?). Se o sentido fosse o das traduções vulgares, o latim teria uma construção diferente (*quid mihi tecum est*), como vemos ainda em Plauto (*Men* 323: “*quid tibi mecum est rei*”? (que é que tens comigo?) e em Ovidio (*Tristes*, 2, 1, 1): “*quid mihi vobiscum est*”? (que é que eu tenho convosco?). Então, se a expressão fosse esta, o latim teria um elemento em dativo e o outro em ablativo com *cum*, e jamais dois dativos em paralelo.

Construção semelhante em grego, cujo texto original reza: τί ἐμοί καί σοί ; (que importa a mim e a ti?). Encontramos, com um elemento, a expressão desse dativo ético em Aristófanes (*Lys.* 514 e *Caval.* 1198) : τί δέ σοί τοῦτο ; (que te importa isso?) e no mesmo Aristófanes (*Assembléia*, 520:521) τί δέ σοί τοῦτο ; – ὅτι μοί τοῦτ’ ἐστίν (que te importa isso? o que isso me importa?).

Essa mesma construção aparece ainda no Antigo e em o Novo Testamento várias vezes. Em todos os passos, é mais natural e conforme ao contexto a interpretação “que importa a mim e a ti”? (conforme traduz sistematicamente F. Vigouroux, “*La Sainte Bible Polyglote, in locis*”). Uma vez, apenas, é pedido o sentido “que há entre ti e mim”, quando em juízes 11:12 se pergunta: “que há entre ti e mim, que vens contra mim destruir minhas terras”?

Em todos os demais passos (cfr. 2 Sam, 16:10 e 19:22; 1.º Reis, 17:18; 2.º Reis, 3:13; 2.º Crôn, 35:21) o sentido é “que importa a mim e a ti”. Inclusive em o Novo Testamento, no mesmo episódio narrado pelos três sinópticos (Mat. 8:29; Marc. 1:24 e Luc. 4:34) a frase *poderia* significar “que tens tu conosco”? (tradução vulgar). Mas o sentido interno rejeita-o, pela continuação: “Filho de Deus” (Mat.) ou “Jesus de Nazaré” (Mr, e Lc.). Se os espíritos obsessores vêm no Mestre o “Messias”, reconhecendo-Lhe a autoridade de Filho de Deus, não podiam perguntar-lhe o que “Ele” tinha com eles; seria um absurdo: logicamente, se era o “Senhor” que ali estava, cabia-lhes obedecer-Lhe. O segundo sentido “que importa a ti e a nós” é mais aceitável, como se dissessem: “que importa a ti e a nós o que ele (o obsequiado) está sofrendo”? Como se salientassem que o sofrimento dele era cármico, e que se eles se aproveitavam disso, nenhuma importância tinha, nem para eles, nem para o Messias Santo, o Filho de Deus. Parece-nos, pois, claro que o sentido se impõe como interpretação lógica: “que importa a ti e a nós, com o que se passa”? Jamais uma oposição entre os dois interlocutores (a não ser no passo supracitado de Juízes 11: 12).

2) “mulher”

A palavra “mulher” nada tinha de ofensivo nem de menos respeitoso entre os orientais, os gregos e os romanos, tanto quanto nada tinha de desrespeitoso a palavra “homem”. Se a semântica variou com o tempo, emprestando ao termo sentido depreciativo, culpa disso não cabe aos que o empregavam com todo o respeito naqueles idos. Hoje diríamos “senhora” (termo desconhecido naquela época). A palavra “mulher” era usada como tratamento de mulher casada, em oposição a “parthenos” (virgem), e denotava mesmo carinho e consideração (cfr Teócrito, 15:12 “olha, mulher, como ele te observa”!).

3) “minha hora ainda não chegou”.

A terceira consideração referente a essa expressão visa a salientar, segundo os intérpretes, que não havia soado o momento de Jesus iniciar sua missão carismática na Judéia.

Maria, na realidade, não interpretou assim a resposta de Jesus (que teria sido uma recusa), tanto que dá ordens aos serviçais, e ordem taxativa: obedeçam ao que ele mandar. E a própria atuação de Jesus contradiz esse sentido, pois ele assume o comando da situação e manda encher de água seis (atenção ao número!) talhas de pedra, que serviam habitualmente para as abluções rituais dos israelitas. Nem eram vasilhas próprias para vinho: eram “tinhas” ou “tonéis” em que os judeus se lavavam as mãos, os pés, os pratos, etc. Cada talha continha duas a três “metretas”.

A “metreta” correspondia a um pé cúbico; dependia, então, do comprimento do pé (nas ilhas do Egeu valia 35,3 litros, mas em Esparta 74 litros). As medidas gregas principais eram o *cotile* (0,2047 lt, pouco menos de um copo); o *xeste* (2 *cotiles*, 0,4094 lt); o *hemicoos* (8 *cotiles*, 1,6376 lt), o *coos* (16 *cotiles*, 3,275 lt) e a *metreta* (192 *cotiles*, 39,294 lt). As talhas tinham, pois, de 75 a 120 litros (de duas a três metretas). Notem que João está sempre a citar números: de *duas* a *três* metretas.

Uma vez cheias as talhas até a borda, Jesus manda que levem o novo vinho ao presidente do banquete, para que seja provado. Vem a cena da admiração, por causa da qualidade do produto. O texto é bastante claro, devendo notar-se apenas que vinho “recente” era considerado inferior, já que o bom vinho era o velho.

A tradução que apresentamos do versículo 11 é a interpretação literal do grego. Compreendemos *σημειον* como “demonstração”, e não “milagre”. O sentido da palavra grega, de fato, é “sinal” como marca distintiva, ou “prova” que demonstra alguma coisa, ou “símbolo” (por exemplo, o tridente é o símbolo de Netuno). *Εδωκεν* é a doutrina, a crença, o julgamento, particularmente o ensino filosófico (é o mesmo radical do verbo *δωκεω*, que significa “ensinar”).

Grandes e profundos ensinamentos.

Observemos, de início, a sequência da manifestação dos ensinamentos relacionados pelo evangelista.

1.º dia (1.ª época) - a resposta de João Batista aos emissários do Sinédrio, exprimindo a personalidade pura, com todas as exigências “burocráticas” de uma sindicância.

2.º dia (2.ª época) - A apresentação de Jesus (a individualidade) aos discípulos, pelo Batista (a personalidade).

3.º dia (3.ª época) - Os discípulos de João seguem Jesus: abandono da personalidade para confiar-se à individualidade.

4.º dia (4.ª época) - Agrega-se à entrega a emoção (Simão) que tem o nome mudado para “pedra” ou “rocha”, porque aí se baseará o desenvolvimento da era de “Pisces” (raio devocional), que é o emotivo, dirigido por Jesus.

5.º dia (5.ª época) - Interiorização no “Jardim fechado” (Galiléia), levando consigo o intelecto (Nata-nael) e a intuição (Filipe).

6.º dia (6.ª época) - Meditação do ser unido a todos os seus veículos.

7.º dia (7.ª época) - As bodas ou o casamento do “espírito” reencarnado com o Espírito Eterno, em união mística, profunda e perene.

É deste último passo que trata o presente trecho evangélico, narrando-nos os pormenores que cercaram esse “casamento” entre os dois, essa Unificação perfeita.

As bodas realizam-se em Caná. “Qanáh” significa “cana” ou “caniço”, a planta que nasce reta para o alto, como uma flecha que está para disparar verticalmente. É a flecha da oração que elevará as vibrações, partindo do “Jardim fechado”.

Aproximando-se a hora do sponsalício, da união total, íntima e profunda, em que “os dois serão uma só carne” (Gên. 2:24), a intuição (Maria) adverte a individualidade (Jesus) de que os discípulos (os convidados ao banquete espiritual) “não têm vinho”, isto é, ainda não possuem o conhecimento pro-

fundo do sentido das Escrituras. E a individualidade retruca que não é esse o caminho, e que “ainda não chegou sua hora”, ou seja, o momento do contato. Diz mais, que a intuição não deve dirigir-se a ela (individualidade): “que temos nós com isso?” mas sim à personalidade, aos veículos inferiores, aconselhando-os a obedecer à individualidade, para que ela possa agir.

Compreendendo a advertência, a intuição volta-se para os veículos interiores (os serviços), que são o corpo físico e o duplo etérico (sensações), as emoções e o intelecto, que servem ao Espírito, à individualidade.

O Espírito, então, observa que ali se encontram seis talhas de PEDRA.

Esclareçamos o sentido dos termos.

PEDRA exprime a interpretação literal das Escrituras: Moisés recebeu os mandamentos gravados em pedras (Êx. 24:12,. 31:18, etc.).

ÁGUA simboliza a interpretação alegórica dessas mesmas Escrituras, o sentido extraído da letra: Moisés feriu a pedra e dela saiu água (Êx. 17:6).

VINHO é a Sabedoria profunda, o sentido simbólico (místico) e espiritual, que inebria os sedentos da Verdade, e que alegra o coração (Mente) da criatura (Salmo, 104:15) juntamente com a música, a mais sublime das artes (Eccli. 40:20).

Quando a doutrina não é pura, Isaías o revela com estas palavras: o teu vinho está misturado com água” (Is.1:22).

A narrativa evangélica é bastante clara: tomando as Escrituras Sagradas (talhas de pedra), Jesus manda que os serviços (a personalidade) as encham de “água (de interpretações alegóricas). Eles o fazem. E o fazem bem, enchendo “até a borda”. Esgotam os assuntos e as interpretações de que são capazes. Nesse momento, quando a personalidade está preparada, chega a individualidade (Jesus) e transforma a água em vinho, ou seja, transforma os ensinamentos alegóricos, em ensinamentos simbólicos, místicos, espirituais, cheios de sabedoria. Revela-lhes o que há de oculto na Palavra Sagrada.

Depois de fazê-lo, manda que levem essa Sabedoria (que proveio do coração), ao intelecto (o presidente do banquete), a fim de ser por este examinada, provada, saboreada e julgada racionalmente.

O intelecto maravilha-se diante daquela Sabedoria e mostra ao candidato à união (o noivo) que normalmente os homens não agem assim: o comum é dar-se aos convivas (às criaturas) uma boa doutrina, até que eles se embriaguem com ela (se fanatizem), e depois, então, quando querem aprofundar mais, colocam-lhe entre as mãos o vinho ordinário (ensinamentos medíocres) que são aceitos sem discernimento nem critério da razão, porque eles já estão embriagados e fanatizados.

Neste caso, porém, houve o inverso: foram sendo distribuídos vinhos mais ordinários (doutrinas simples e ingênuas) e só no final lhes é dada a Sabedoria profunda. O evangelista nota que o intelecto (o presidente do banquete) não sabia de onde provinha aquela sabedoria, mas sabiam-no os serviços (a personalidade), que haviam colhido apenas a água da interpretação alegórica.

E realmente, ainda até hoje, o intelecto não se deu conta de que a Sabedoria Profunda vem do coração; e quando se diz isso, ele reluta em aceitar, porque, diz. “o coração é apenas um aglomerado de células musculares, propulsoras de sangue” ... Como se o cérebro, intermediário do intelecto que raciocina, não fosse apenas um conglomerado de células nervosas ... O intelecto ainda ignora que “cérebro” e “coração” são apenas pontes, e que, na realidade, o intelecto pertence ao “espírito” (personalidade) e a Mente pertence ao Espírito (individualidade).

O bom vinho que os convivas beberam, foi bebido exatamente na união mística, quando os segredos da amada são revelados ao amante, numa união total, em que o vinho permeia todas as células, levado pelo sangue: assim a Sabedoria penetra e impregna todos os escaninhos do ser, quando a criatura atinge a Consciência Cósmica.

E o evangelista salienta em conclusão: esta foi a primeira demonstração da individualidade à personalidade (aos discípulos) revelando-lhes a Doutrina profunda. E os discípulos acreditaram. Depois da união do Espírito com o “espírito”, este se convence e se entrega incondicionalmente à evidência dos acontecimentos.

ESTADA EM CAFARNAUM

João, 2:12

12. Depois disso, desceu ele a Cafarnaum com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos; e não ficaram ali muitos dias.

Em alguns manuscritos aparece *Capernaum*. Mas os testemunhos mais antigos, inclusive de Josefo, trazem Capharnaum, que significa “cidade do Consolador” (literalmente NAHUM é a forma intensiva, que corresponde ao sufixo “oso”. isto é, rico em, cheio de; por exemplo: *raham*, rico de piedade ou piedoso; *hannum*, rico de graça ou gracioso; *nahum*, rico de consolação ou consolador). Cafarnaum ficava à margem leste do lago de Tiberíades.

Jesus desceu de Caná (a mais de 200 metros acima do mar) para Cafarnaum (a 200 metros abaixo do nível do Mediterrâneo). Com ele veio toda a sua família. A citação de Maria e dos irmãos de Jesus, confirma que o casamento de Caná foi de elemento das relações de Maria, que levou os seus parentes. Dos irmãos de Jesus conhecemos quatro: Tiago, José, Simão e Judas (Mat.13:55, onde se diz que também tinha “irmãs”, mas não lhes cita os nomes). Com eles vieram os novos discípulos de Jesus (André, João, Pedro, Filipe e Natanael).

Não se demoram em Cafarnaum: aí ficaram “alguns dias”, preparando-se para seguir para Jerusalém, a fim de comemorar a Páscoa .

A descida do local do Encontro (o “caniço” apontando para o céu, do “Jardim fechado”) para a “cidade do Consolador”, simboliza a necessidade de levar a consolação recebida do Alto, para a planície da vida, para aqueles que, embora não maduros, têm também fome de luz. Quem encontrou a Luz deve levá-la aos que estão em trevas, com amor e sem egoísmo. Dela receberá cada um na medida de sua capacidade.

VIAGEM A JERUSALÉM

(Para a Páscoa, abril de 29 A. D.)

João, 2:13

13. Estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém.

A Páscoa “dos judeus”, como anota João, era uma das festas que obrigava a todos os homens a visitar o Templo de Jerusalém.

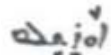
Estamos no ano 29 da era cristã (782 de Roma).

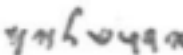
A expressão “subir a Jerusalém” era a usual, porque realmente a Cidade Santa ficava a 780 metros acima do Mediterrâneo.

Jerusalém significa “visão da paz” (se ligarmos a primeira parte IERU à raiz *râ’âh*, ver); ou “a posse da paz” (se a ligarmos a *yârash*, possuir); este último nome poderia ter-lhe sido aplicado por Salomão “o pacífico”. Mas a inscrição das tábuas de Tell el-Amarna e as inscrições cuneiformes do Prisma de Taylor e do Cilindro C de Senaqueribe, trazem IR-SA-LI-IM-MU, (1) assim como o siríaco traz (2) (*urishlem*) e o árabe (3) (*urishalam*). Neste caso, o primeiro elemento UR (em hebraico *ir*) significa “cidade”. Teríamos, então, “cidade da Paz”. As antigas moedas da época reproduzem Yerusalém (4) , isto é, (5) e Yerusalaim (6) , istoé, (7).

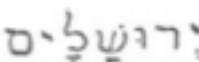
(1) 

(5) 

(2) 

(6) 

(3) 

(7) 

(4) 

O grego transcreve ora Ἱερουσαλήμ , ora Ἱεροσόλυμα que o latim verte por *Jerusalém* ou *Hierosolyma*.

O primitivo nome da cidade era JEBUS (cfr. Josué 15:8 e 18:16, 28; Juízes, 19:10, 11, e 1 Crôn. 11:4,5).

A primeira referência à páscoa diz: *pesah hu la-YHWH*, que significa “a passagem de YHWH”. Em aramaico tomou a forma *pashha*, que o grego transliterou *πασχα* e o latim *pascha*. Só era permitido comer pão “ázimo”, isto é, sem fermento, donde ser a festa chamada “festa dos ázimos”. E a comida era cozida sem sal nem azeite. Imolava-se um cordeiro que devia ser todo comido pela família, antes de terminar a festa.

A Páscoa era celebrada no mês de *Nisan*, no 14.º dia .

O ser que recebeu a Luz precisa peregrinar, mas sem esquecer jamais os locais que lhe tragam Paz. De vez em quando necessita subir vibracionalmente para não perder contato durante a “passagem do EU interno”, a “páscoa de YHWH”.

EXPULSÃO DOS EXPLORADORES

(Em Jerusalém, abril de 29 A.D.)

Mat. 21:12-13**Luc. 19: 45-46**

12. Jesus entrou no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam, derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam as pombas,
13. e disse-lhes: “Está escrito, minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a fazeis covil de salteadores”.
45. Tendo entrado no templo, começou a expulsar os que ali vendiam, dizendo-lhes:
- 46 “Está escrito: minha casa será casa de oração, mas vós a fizestes um covil de salteadores”.

Marc. 11: 15-17**João, 2: 14-17**

14. E chegaram a Jerusalém. Entrando ele no templo, começou a expulsar os que ali vendiam e compravam, e derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam as pombas,
15. e não permitia que ninguém atravessasse o templo
16. levando qualquer objeto, e ensinava dizendo: “Não está escrito que minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? mas vós a fizestes um covil de salteadores”.
14. Encontrou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas, e também os cambistas sentados;
15. e tendo feito um azorrague de cordéis, expulsou a todos do templo, as ovelhas e os bois, derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas e virou as mesas.
16. E disse nos que vendiam as pombas: “Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai uma casa de negócio”.
17. Então se lembraram seus discípulos de que está escrito : “O zelo de tua casa me devorará”.

Interessante observar que João coloca o episódio no início da vida pública de Jesus; Mateus e Lucas o citam no domingo em que Jesus entra triunfalmente em Jerusalém, e Marcos na segunda-feira seguinte, pela manhã. Quando se realizou realmente? Ou será que a cena se repetiu duas vezes? Não há possibilidade de solucionar a questão com segurança absoluta, Mas *parece*, como pensam muitos exegetas, que a razão está com João. No libelo acusatório da quinta-feira seguinte, a última acusação (“finalmente”, Mat.26:60) é a de que Jesus falara da destruição do Templo e de sua reconstrução em três dias. Ora, se o episódio se houvesse verificado quatro ou cinco dias antes, que “se recordava” de havê-lo

ouvido dizer isso. Os três sinópticos só falam de Jesus em Jerusalém nessa época: natural que, por comodidade, tivesse aí colocado o episódio.

Os vendedores permaneciam no ádrio do templo (*hierô*), único local em que podiam penetrar os gentios (isto é, os não-judeus), e não dentro do templo propriamente dito (*naós*). Alinhavam-se as mesas no pórtico, como de uso nas vias públicas, e vendiam bois, ovelhas, pombos, farinha, bolos, incenso, óleo, sal e vinho. Além disso havia os cambistas, que trocavam dracmas gregas, e denários romanos, por siclos judeus, únicas moedas aceitas como ofertas. A troca era feita com ágio (“*cóllybos*”).

Todos, vendedores e cambistas, contribuíam com percentagens para os sacerdotes, e Rabbi Simeão Ben Gamaliel queixa-se dos altos preços extorsivos cobrados pelos vendedores do Templo.

Marcos anota que Jesus protestou também contra a travessia do Templo, a carregar pacotes. Esse costume foi condenado no Tratado *Barakoth* do Talmud. Com efeito, para evitar uma volta grande, o povo se acostumou a carregar suas cargas atravessando o Templo de leste a oeste.

Marcos é o único evangelista que traz as citações completas. A de Isaías (56:7) segundo os LXX: “minha casa será chamada casa de oração para todas as nações”. E a de Jeremias (7:11), quando esse profeta exorta os israelitas a melhorarem suas vidas; pois se continuassem a roubar, a matar e a mentir, entrando no Templo com seus crimes, “esta casa, que é chamada de meu nome, se tornaria a vossos olhos um covil de salteadores”.

Outro argumento a favor de João, colocando a expulsão no início da vida pública, é que o fato constitui uma confirmação das palavras do Batista (“entre vós está aquele de quem não suspeitais”, Jo, 1:26) e da profecia de Malaquias (3:1): “depois disso, o Anjo do Testamento, que esperais impacientemente, fará sua aparição no Templo”.

Segundo João, Jesus faz um chicote de cordinhas (é usado o diminutivo) ou cordéis, para enxotar os animais (não poderia fazê-lo com carícias!); mas aos homens dirige a palavra candente, derrubando as mesas donde caíram as moedas dos cambistas.



Figura – “A expulsão dos exploradores”, quadro de BIDA, gravura de FLAMENG.

Para uma ação desse tipo, não houve necessidade de “milagre”: a intervenção repentina e inesperada, com autoridade, desconsertou-os, e eles obedeceram sem reação, inibidos de espanto.

Muito mais tarde é que os discípulos se lembraram das palavras do Salmo (69:9), citadas segundo os LXX, no futuro: “o zelo da Tua casa me devorará “.

---:---:---:---:---

O fato da expulsão dos “exploradores” do Templo, bem aceito pela teologia católica, quer romana, quer reformada, sofre grandes restrições no ambiente espiritista. Convictos da bondade de Jesus, de seu amor para com os pecadores e humildes, não querem admiti-Lo violento. Parece-nos haver confusão entre violência e energia, entre bondade e complacência. Pode e deve haver bondade enérgica, frequentemente indispensável na educação de crianças rebeldes, sem que haja violência. A moleza de caráter (muitas vezes chamada “benevolência”) pode em certos casos constituir até crime. Cruzaríamos os braços diante de um bandido que estivesse para assassinar um bando de crianças, e se tivéssemos força capaz de detê-lo sem matá-lo? E nossa convivência, sob a capa cômoda da “caridade”, não seria cumplicidade?

Não se alegue que Jesus “perdeu a linha”, porque nenhum evangelista deixa supô-lo. Repreender com severidade, derrubar uma mesa de cambista, pegar um feixe de pequenas cordas para enxotar animais, é um gesto de justa indignação que supõe grande elevação espiritual diante da profanação de um lugar sagrado. Vem isto provar-nos que não devemos - nem podemos - pactuar com o abuso, sobretudo de negociar nos lugares destinados à oração.

Quanto ao “chicote” de cordéis, não é necessário supor-se uma “figura”, dizendo que era o chicote “da palavra”. Não se diz no Evangelho que Jesus *espancou* os exploradores, mas apenas que *fez* o chicote, com ele *espantando* os animais, que não podiam entender as palavras candentes que dirigiu aos homens.

O episódio não pode ser posto em dúvida, quando vem narrado nos quatro evangelistas. E em muitas outras ocasiões podemos observar o retrato de um Jesus másculo e forte. Jamais o vemos fraco e covarde. Seria inadmissível que um Espírito, com a autoridade de Jesus que criou o planeta, aqui chegasse com um caráter mole e efeminado. A força moral de Jesus, assim como sua energia, é bem confirmada pelas palavras duras com que enfrentava os enganadores do povo, que faziam da religião simples degraus para subir no conceito popular e para adquirir prestígio e honrarias, ou posição política, ou riquezas e isenção de obrigações.

Desse fato, narrado pelos quatro evangelistas, deduzimos um ensinamento valioso. Trata-se da autoridade e severidade com que devemos tratar nossos veículos inferiores, quando nos querem eles levar por falsos caminhos, para a fraude, para a simonia.

A individualidade não pode consentir que a personalidade transforme o Templo de Deus, de nosso Pai, em “covil de salteadores”, onde, se acoitem vícios e enganos, a hipocrisia e a “venda” das coisas que devem servir para o sacrifício à Divindade; não podemos vender nosso “espírito” por favores em benefício de nossa comodidade e nosso conforto.

Quantas vezes a personalidade acha “natural” fraudar o Templo de Deus, trocando a justiça e a retidão por lucros incontestáveis de sensações e emoções! Quantas vezes permitimos que a animalidade assuma o papel principal, acima da espiritualidade. Quantas vezes consentimos em constituírem nossos veículos inferiores um aglomerado de vendilhões e exploradores das coisas sagradas, comprando prazeres sórdidos com sacrifício de nossas potencialidades sacrossantas, seja nas sensações, seja nas emoções, seja no intelectualismo viciado!

Jesus ensina-nos a agir prontamente, com rapidez, energia e autoridade, com severidade e zelo, mostrando-nos que jamais podemos compactuar com essas profanações do Templo de Deus. Exemplifica-

mos que, se necessário, usemos de um chicote de cordas para expulsar o animalismo, a covardia, o comodismo, a falsidade, a agiotagem dos “cambistas” que trocam o Reino dos Céus pelos bens da Terra; que sacrificam as riquezas imperecíveis por gozos momentâneos e ilusórios; que nos atrasam a caminhada e aprofundam no solo, pelo qual caminharemos, espinhos dolorosos que colheremos nas estradas futuras.

Energia, sim, rigor, intransigência, autoridade irretragável, dureza incompaciente com todos os veículos inferiores que devem servir ao Espírito, e não escravizá-lo a seus caprichos, a seus prazeres, a suas loucuras” Mesmo sem violência contra eles, jamais fraquejar nem amolecer: a energia deve ser varonil e autoritária.

DISCUSSÃO COM AS AUTORIDADES

João, 2:18-23

- 18. Perguntaram-lhe pois os judeus: “que sinal nos mostras, pois que fazes essas coisas”?**
- 19. Respondeu Jesus e lhes disse: “derrubai este Templo e em três dias o reerguerei”.**
- 20. Replicaram-lhe, então, os judeus: “há quarenta e seis anos é construído este Templo, e em três dias o levantas”?**
- 21. Mas ele se referia. ao Templo de seu corpo.**
- 22. Quando pois ressuscitou dentre os mortos, lembraram-se seus discípulos de que ele dissera isso, e creram na Escritura e na palavra que Jesus dissera.**

Ao passar o primeiro impacto da confusão, os sacerdotes e policiais do Templo vão tomar satisfações. Não Lhe pedem documentos, mas “um sinal”.

Responde Jesus com um enigma, uma figura ou alegoria, muito em voga entre os Doutores da Lei: “quando tiverdes destruído este Templo, em três dias o reerguerei”.

O sentido literal parecia referir-se ao templo de pedra, e nesse sentido foram citadas essas palavras pela testemunha de acusação (Mat. 26:61 e Mr. 14:58), e a esse propósito os soldados judeus farão sarcasmos no Gógota (Mat. 27:40 e Mr. 15:29), voltando na acusação contra Estêvão (At. 6:14). Em todos esses lugares, diz-se que Jesus afirmou que “ele” destruiria o templo”. Mas, segundo o relato de João, suas palavras não foram essas.

Referia-se Jesus ao seu corpo, o “Templo de Deus” (“Não sabeis que sois o Templo de Deus e o Espírito Santo habita em vós”?, 1 Cor.3:16; “é santo o Templo de Deus, que sois vós”, 1 Cor.3:17; “vós sois o Templo do Deus vivo”, 2 Cor.6:16, etc.).

Realmente o enigma é obscuro.

Os judeus retrucam : “este templo há 46 anos é reconstruído”. De fato, o templo estava sendo reconstruído, com grande esplendor, pela generosidade de Herodes, que iniciou a obra no 18.º ano de seu governo, em 19 A.C. (735 de Roma, cfr. Josefo, Ant. Jud. 15:11:1). Na época da narrativa, estávamos no ano 29 (782 de Roma) e se tinham passado exatamente 46 anos do início da reconstrução. (Os trabalhos prolongaram-se até o tempo do procônsul Albino, em 62-64, cfr. Josefo, Ant. Jud.20.9.7). E esta é mais uma indicação precisa da cronologia da vida terrena, concordando com Lucas 3:2; que coloca o mergulho de Jesus no 15.º ano do governo de Tibério como César (29 A.C. Ou 782 de Roma).

A frase de Jesus causa ainda maior estupefação porque trabalhavam na reconstrução do templo dezoito mil operários, que ficaram ao desemprego ao terminarem as obras (cfr. Josefo, Ant. Jud. 20.9.7). Como um homem sozinho podia fazer esse trabalho, e em três dias? E que sinal seria esse que teria necessitado, primeiro, que se demolisse o templo, coisa absurda só de pensar? A inverossimilhança sustou qualquer julgamento precipitado. É um desses enigmas que só será compreendido depois de realizado, como anota João: só depois da ressurreição compreenderam-no os discípulos, de que estava Jesus falando.

Esta sequência vem confirmar integralmente nossa interpretação do trecho anterior: a “expulsão” não é do templo de pedra, mas é do Templo de Deus, o templo construído para ser chamado “do Senhor”, ou seja, o corpo humano, a personalidade. A isso se referia Jesus, disso falaram os quatro evangelistas alegoricamente, como João explica quando fala da “destruição do templo”. Mas nem

todos conseguem penetrar o sentido profundo, só sabem ler literalmente, embora o próprio evangelista o explique logo a seguir.

Quando os judeus pedem um sinal de que tem autoridade, Jesus não lhes dá. Apenas faz uma afirmativa que os confunde, fazendo-se passar por inconsequente ou quase louco. Em linguagem vulgar diríamos “não deu confiança” a quem não tinha autoridade para pedir-lhe satisfações.

Assim também deve ocorrer com os discípulos. Quando o Espírito, nosso Eu Profundo, exigir de nós sacrifícios e restrições aos veículos inferiores, quase sempre estes se rebelam, sobretudo o intelecto, que pede “razões” e não quer entender. O Espírito, consciente de si, pode responder-lhe: “se esse templo (esse corpo) for destruído, eu o reerguerei em novo nascimento; em três dias”, no sentido de rapidamente (como dizemos hoje: “em três tempos”).

Isso sucede quando, para obras mais altas, exigimos de nós mesmos sacrifícios maiores, arriscamos nossas vidas para beneficiar o próximo; quando sentimos o impulso de atender doentes contagiosos e de pôr em risco nossos bens materiais, ou nosso ganha-pão, para resistir a uma falha de caráter, num abastardamento de nossa integridade moral; quando o Espírito nos impele a tudo sacrificar, quase sempre o intelecto procura obstar a esses atos de heroísmo e “loucura” e, infelizmente, quase sempre o intelecto vence o coração ... arrasta-nos ao erro, quando deveríamos arrostar a morte (como o fizeram os mártires dos primeiros séculos do cristianismo), contanto que não traíssemos nossa fé.

A lição permanece: se o templo for destruído, o Espírito o reará logo. Mas se o “espírito” for sacrificado, teremos a desgraça: “não temais os que matam o corpo, mas não podem matar o “espírito”; temei antes os que podem matar o corpo e o espírito na geena” (Mat .10:28).

OS PRIMEIROS ENTUSIASTAS

João. 2:23-25

- 23. Estando ele em Jerusalém, na festa da Páscoa, ao verem as demonstrações que dava, creram em seu nome.**
- 24. Mas o próprio Jesus não confiava neles, porque conhecia a todos.**
- 25. e não precisava que alguém lhe desse testemunho do homem. pois ele mesmo sabia o que havia no homem.**

Esses três versículos de João dão-nos conta da impressão que o ensino de Jesus teve sobre a multidão.

Em vendo as curas inexplicáveis que praticava e ao ouvir as palavras de sabedoria que de sua boca provinham, *muitos* do povo acreditaram nele. É a massa imatura, que não tem a capacidade dos discípulos nem a obstinação incrédula das autoridades, e deixa-se levar pelo entusiasmo dos fatos externos. como o trigo que ondula com a aragem.

A festa da páscoa não se refere ao dia principal (*pascha*), mas à sua continuação (*eorté*). Durante esses dias, Jesus permaneceu em Jerusalém falando de público, às ondas sucessivas dos peregrinos que chegavam, e agindo diante deles.

O povo admira-se e acredita. Mas é a fé externa e fraca (como assinala João em 4:48, em 6:2 e em 6:14). Essa fé, baseada em coisas externas, sem o amadurecimento interno é abalada por qualquer vento, esturricada por qualquer sol (cfr. a parábola do semeador).

Bem o sabe Jesus. Ninguém precisa adverti-lo disso. Ele vê o íntimo, lê os corações, sabe “o que está no homem”. Não se ilude com os aplausos fáceis, com os elogios corriqueiros, e por isso não confia neles, nem lhes revela o “segredo do Reino”, que só pode ser desvelado aos maduros, àqueles cuja fé nasce de dentro para fora. A pregação é feita de acordo com a necessidade e a capacidade dos ouvintes.

Para nós a lição é preciosa. Nada de acreditar em qualquer recém-chegado, por mais entusiasmado que nos pareça e que se diga. Nada de abrir-lhe nosso coração: “não deis as coisas santas aos cães, nem lanceis vossas pérolas aos porcos” (Mat. 7:6).

Na interpretação profunda compreendemos bem porque muitos permanecem “às portas do templo” (profanos) sem nele conseguirem penetrar. Fundamentam sua fé em fatos. São católicos porque testemunharam um milagre, ou confessam-se espíritas porque assistiram a um fenômeno de materialização ou à manifestação extraordinária de um “espírito”, mas não porque o coração os leve a isso. É uma aceitação intelectual, por não conseguirem explicar certos fatos, mas nada lhes nasce do âmago do ser. Imaturos ainda, apegam-se a fatos externos. Mas basta uma decepção, provocada por uma imperfeição num sacerdote ou num médium, para abjurarem sua fé e se tornarem descrentes ...

As afirmações evangélicas pedem um exame nosso interno: seremos ainda profanos, ofuscados pela exterioridade dos fenômenos?

Daí o Espírito que habita em nós, nosso Eu Profundo, que nos conhece, não precisar de nenhum testemunho de nosso intelecto, de nenhuma confissão de nossa personalidade. Ele conhece o que existe no homem, e por isso aguarda pacientemente de cada personalidade o momento azado. Por que certas criaturas se sentem chamadas e respondem? Por que outras não se sentem chamadas pela Voz Interior? O Espírito sabe que não adianta chamar as personalidades ainda imaturas, surdas à Sua voz.

Daí a desnecessidade do proselitismo. Lancemos a semente: “quem tiver ouvidos de ouvir, ouvirá” . Ninguém chegará nem antes nem depois da hora que lhe é própria: “O Espírito age onde quer” (Jo.3:8).

ÍNDICE REMISSIVO

- 1.ª *TENTACÃO*, 122
2.ª *TENTACÃO*, 122
3.ª *TENTACÃO*, 123
A INSPIRAÇÃO, 7
ABREVIATURAS, 4
ÁGUA, 136
ANJO, 119
ANJOS E PASTORES, 60
ANÚNCIO A MARIA, 37
ANÚNCIO DO MESSIAS, 103
APRESENTAÇÃO, 71
ASTRO, 79
BODAS DE CANÁ, 133
CÂNONE, 2
CÂNTICO DE SIMEÃO, 73
CÂNTICO DE ZACARIAS, 49
CIRCUNCISÃO, 70
CÓDICES, 3
COLAÇÃO, 4
Comentários Exegéticos, 119
COPISTAS, 4
CURVA INVOLUÇÃO-EVOLUÇÃO, 26
CUSTOS LINEARUM, 4
DEMÔNIO, 118
DIABO, 117
DISCUSSÃO COM AS AUTORIDADES, 144
EGOÍSMO, 120
Epístolas Paulinas, 2
Epístolas Universais, 3
ÉPOCA DA CHEGADA, 79
ESPÍRITO, 113
ESQUEMA DA MISSÃO DE ESQUEMA, 11
ESTADA EM CAFARNAUM, 138
EVANGELHO, 2
EVOLUÇÃO ANIMAL-HOMINAL, 85
EXPULSÃO DOS EXPLORADORES, 140
FARISEU, 99
FARISEUS, 99
FILHO DO HOMEM, 130
FUGA PARA O EGITO, 83
GENEALOGIA DE JESUS, 65
HAPAX LEGÓMENA, 4
HARMONIZAÇÃO, 4
IMPURO, 119
INSTRUÇÕES DE JOÃO BATISTA, 99
INTERPOLAÇÃO, 4
INTERPRETAÇÃO, 8
INTRODUÇÃO, 2
INTUIÇÃO, 19
JOÃO, 7
LIÇÃO, 4
LÍNGUA ORIGINAL, 6
Livro Profético, 3
Livros históricos, 2
LUCAS, 7
MANIFESTAÇÃO CRÍSTICA, 22
MANUSCRITOS, 3
MARCOS, 6
MASSACRE DOS INOCENTES, 87
MATEUS, 6
MAU, 119
MERGULHO DE JESUS, 107
MINISTÉRIO DO PRECURSOR, 94
Mulher, 134
NASCIMENTO DE JESUS, 57
NASCIMENTO DE JOÃO, 47
NOMES E NÚMERO, 79
O CRISTO, 21
O PRÓLOGO DE LUCAS, 16
ORGULHO, 120
OS EVANGELISTAS, 6
OS SINÓPTICOS, 7
OS TEXTOS, 5
PASSO, 4
PEDRA, 136
Pomba, 110
PREDIÇÃO DO NASCIMENTO DE JOÃO, 32
PRIMEIROS DISCÍPULOS, 125
PRIMEIROS ENTUSIASTAS, 146
PRINCIPAIS MANUSCRITOS, 5
QUADRO - QUATERNÁRIO INFERIOR, 20
QUADRO - TRÍADE SUPERIOR, 19
REGRESSO DO EGITO, 89
RESPOSTAS DE JOÃO, 105
RESSURREIÇÃO, 8, 100
REVELAÇÃO A JOSÉ, 53
ROLOS, 3
SALTO, 5
SANTO, 119
SATÃ ou SATANÁS, 117
SIGLAS, 5
SIMBOLISMO CÓSMICO, 93
TENTACÃO DE JESUS, 116
TENTADOR, 117
TESTAMENTO, 2
VAIDADE, 120
VARIANTE, 5
VIAGEM A JERUSALÉM, 139
VINHO, 136
VISITA A ISABEL, 43
VISITA AO TEMPLO, 91
VISITA DOS MAGOS, 77
VISITA DOS PASTORES, 63
VOLTA À GALILÉIA, 129
VULGATA, 6
YHWH, 19, 21, 30, 31, 33, 34, 35, 48, 49, 89, 111, 126, 127, 130, 139
ZACARIAS E ISABEL, 30